

ORGANIZADORAS

Laura Wottrich (Coord.)

Nísia Martins do Rosário

# EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO



ORGANIZADORAS

Laura Wottrich (Coord.)

Nísia Martins do Rosário

# EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO



| São Paulo | 2022 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2022 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2022 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

## CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

### Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

*Universidade La Salle, Brasil*

Adriana Flávia Neu

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

*Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil*

Aguimário Pimentel Silva

*Instituto Federal de Alagoas, Brasil*

Alaim Passos Bispo

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Alaim Souza Neto

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Alessandra Knoll

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Alessandra Regina Müller Germani

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Aline Corso

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Ana Rosângela Colares Lavand

*Universidade Federal do Pará, Brasil*

André Gobbo

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Andressa Wiebusch

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Andreza Regina Lopes da Silva

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Angela Maria Farah

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Anísio Batista Pereira

*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Antonio Edson Alves da Silva

*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

*Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil*

Arthur Vianna Ferreira

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Bárbara Amaral da Silva

*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Bernadette Beber

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

*Universidade do Vale do Itajaí, Brasil*

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Caio Cesar Portella Santos

*Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil*

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Carlos Adriano Martins

*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Carlos Jordan Lapa Alves

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Caroline Chioquetta Lorenset

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Cássio Michel dos Santos Camargo  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil*

Christiano Martino Otero Avila  
*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

Cláudia Samuel Kessler  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Cristiane Silva Fontes  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Daniela Susana Segre Guertzenstein  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Daniele Cristine Rodrigues  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Dayse Centurion da Silva  
*Universidade Anhanguera, Brasil*

Dayse Sampaio Lopes Borges  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Diego Pizarro  
*Instituto Federal de Brasília, Brasil*

Dorama de Miranda Carvalho  
*Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil*

Edson da Silva  
*Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil*

Elena Maria Mallmann  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Eleonora das Neves Simões  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Eliane Silva Souza  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Elvira Rodrigues de Santana  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Éverly Pegoraro  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Fábio Santos de Andrade  
*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Fabrcia Lopes Pinheiro  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Felipe Henrique Monteiro Oliveira  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Fernando Vieira da Cruz  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Gabriella Eldereti Machado  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Germano Ehlert Pollnow  
*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

Geymeesson Brito da Silva  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Handherson Leylton Costa Damasceno  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Hebert Elias Lobo Sosa  
*Universidad de Los Andes, Venezuela*

Helciclever Barros da Silva Sales  
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

Hendy Barbosa Santos  
*Faculdade de Artes do Paraná, Brasil*

Humberto Costa  
*Universidade Federal do Paraná, Brasil*

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges  
*Universidade de Brasília, Brasil*

Inara Antunes Vieira Willerding  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Ivan Farias Barreto  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Jaziel Vasconcelos Dorneles  
*Universidade de Coimbra, Portugal*

Jean Carlos Gonçalves  
*Universidade Federal do Paraná, Brasil*

Jocimara Rodrigues de Sousa  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Joelson Alves Onofre  
*Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil*

Jónata Ferreira de Moura  
*Universidade São Francisco, Brasil*

Jorge Eschriqui Vieira Pinto  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Juliana de Oliveira Vicentini  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Julierme Sebastião Morais Souza  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Junior César Ferreira de Castro  
*Universidade de Brasília, Brasil*

Katia Bruginiski Mulik  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Laionel Vieira da Silva  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Leonardo Pinheiro Mozdzenski  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Lucila Romano Tragtenberg  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Lucimara Rett  
*Universidade Metodista de São Paulo, Brasil*

Manoel Augusto Polastreli Barbosa  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho  
*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil*

Marcio Bernardino Sirino  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Marcos Pereira dos Santos  
*Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México*

Marcos Uzel Pereira da Silva  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Maria Aparecida da Silva Santandel  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Maria Cristina Giorgi  
*Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

Marina Bezerra da Silva  
*Instituto Federal do Piauí, Brasil*

Michele Marcelo Silva Bortolai  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Mônica Tavares Orsini  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Nara Oliveira Salles  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Neli Maria Mengalli  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Patricia Biegging  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Patricia Flavia Mota  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Raul Inácio Busarello  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Roberta Rodrigues Ponciano  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Robson Teles Gomes  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Rodiney Marcelo Braga dos Santos  
*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

Rodrigo Amancio de Assis  
*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Rodrigo Sarruge Molina  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Rogério Rauber  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Rosane de Fatima Antunes Obregon  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Samuel André Pompeo  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Sebastião Silva Soares  
*Universidade Federal do Tocantins, Brasil*

Silmar José Spinardi Franchi  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Simone Alves de Carvalho  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Simoni Urnau Bonfiglio  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Stela Maris Vaucher Farias  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Tadeu João Ribeiro Baptista  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno  
*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil*

Taiza da Silva Gama  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Tania Micheline Miorando  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Tarcísio Vanzin  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Tascieli Feltrin  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Tayson Ribeiro Teles  
*Universidade Federal do Acre, Brasil*

Thiago Barbosa Soares  
*Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

Thiago Camargo Iwamoto  
*Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil*

Thiago Medeiros Barros  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Tiago Mendes de Oliveira  
*Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil*

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Vania Ribas Ulbricht  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Wellington Furtado Ramos  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Wellton da Silva de Fatima  
*Instituto Federal de Alagoas, Brasil*

Yan Masetto Nicolai  
*Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

## PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

### Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton

*Universidade Luterana do Brasil, Brasil*

Alexandre João Appio

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Bianka de Abreu Severo

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Carlos Eduardo Damian Leite

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Catarina Prestes de Carvalho

*Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil*

Elisiene Borges Leal

*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

Elizabeth de Paula Pacheco

*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Elton Simomukay

*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Francisco Geová Goveia Silva Júnior

*Universidade Potiguar, Brasil*

Indiamaris Pereira

*Universidade do Vale do Itajaí, Brasil*

Jacqueline de Castro Rimá

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Lucimar Romeu Fernandes

*Instituto Politécnico de Bragança, Brasil*

Marcos de Souza Machado

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Michele de Oliveira Sampaio

*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Pedro Augusto Paula do Carmo

*Universidade Paulista, Brasil*

Samara Castro da Silva

*Universidade de Caxias do Sul, Brasil*

Thais Karina Souza do Nascimento

*Instituto de Ciências das Artes, Brasil*

Viviane Gil da Silva Oliveira

*Universidade Federal do Amazonas, Brasil*

Weyber Rodrigues de Souza

*Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil*

William Roslindo Paranhos

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

## PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbidia Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Sketchepedia, Rawpixel.co, Visnezh - Freepik.com
Tipografias	Swiss 72, Andreas, Sofia Pro
Revisão	Agnaldo Alves
Organizadoras	Laura Wottrich (Coord.) Nísia Martins do Rosário

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E96

Experiências metodológicas na comunicação / Laura Wottrich (Coordenador), Nísia Martins do Rosário (Organizador). – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-551-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95514

1. Comunicação. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. 4. Linguística. I. Wottrich, Laura (Coordenador). II. Rosário, Nísia Martins do (Organizador). III. Título.

CDD 302.2

Índice para catálogo sistemático:

I. Comunicação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

[livro@pimentacultural.com](mailto:livro@pimentacultural.com)

[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



2 0 2 2

# SUMÁRIO

**Prólogo a *Experiências Metodológicas na Comunicação* ..... 12**  
*Jorge A. González*

**Apresentação**  
**A aventura de uma metapesquisa ..... 25**

## PARTE I

### **Experiências de uma metapesquisa metodológica**

#### Capítulo 1

**Metapesquisa e metodologia:**  
**apontamentos iniciais..... 34**  
*Laura Wottrich*  
*Nísia Martins do Rosário*

#### Capítulo 2

**Caminhos de uma metapesquisa metodológica..... 52**  
*Laura Wottrich*  
*Pâmela Craveiro*

#### Capítulo 3

**Entrevista enquanto Método de Pesquisa:**  
**usos e explicitações no campo comunicacional ..... 75**  
*Tatiana Vargas*  
*Eloisa Beling Loose*



Capítulo 4

**Análise de Conteúdo:**

perspectivas teóricas e metodológicas

no campo da Comunicação ..... 103

*Everton Cardoso*

*Maria Clara Sidou Monteiro*

Capítulo 5

**Observação:**

gesto fundamental do pesquisador,

da herança etnográfica às abordagens

plurimetodológicas ..... 123

*Dulce Mazer*

*Pedro Silva Marra*

Capítulo 6

**Pesquisa Bibliográfica na Comunicação:**

a leitura do campo e sua problemática ..... 144

*Marcio Telles*

*Dora Assumpção*

Capítulo 7

**Análise(s) de discurso(s)**

**como procedimento metodológico:**

Linguística e outros diálogos necessários

para a pesquisa em Comunicação ..... 157

*Paula Viegas*

*Taiane Volcan*

Capítulo 8

**Experimentando a metodologia  
e o seu aprendizado:**

relato de duas bolsistas de Iniciação Científica ..... 184

*Giovanna Parise*

*Isabelle do Pilar Mendes*

**PARTE II**

**EXPERIÊNCIAS DO CAMPO**

Capítulo 9

**Um método, uma História e uma Escrita:**

confluências reflexivas..... 205

*Marialva Barbosa*

Capítulo 10

**Abrangência e Alcance –**

dimensões na relação teórico-metodológica ..... 226

*José Luiz Braga*

Capítulo 11

**O tempo do método:**

passagens da teoria à metodologia  
na pesquisa em Comunicação ..... 251

*Luís Mauro Sá Martino*

Capítulo 12

**Buscando o diálogo**

entre as teorias e os métodos..... 265

*Vera Veiga França*

Capítulo 13

**O lugar estratégico das metodologias  
na transformação do mundo..... 284**

*Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre*

Capítulo 14

**A pesquisa da pesquisa  
como práxis metodológica  
na construção de investigações  
comunicacionais..... 310**

*Jiani Adriana Bonin*

Capítulo 15

**A metapesquisa no âmbito  
dos estudos de recepção brasileiros:  
experiência em desenvolvimento..... 327**

*Nilda Jacks*

Capítulo 16

**La producción social de sentido sobre  
la producción social de sentido:  
de un marco epistemológico a un modelo  
metodológico mediado por la metainvestigación..... 343**

*Raúl Fuentes Navarro*

Capítulo 17

**Sobre el potencial decolonial para un  
cambio de modelo epistémico en Comunicación:  
una apuesta desde América Latina ..... 357**

*Erick Rolando Torrico Villanueva*

Capítulo 18

**\*descolonizaREterritorializar\* as metodologias:**

micropolíticas críticas e problematização da  
experiência na investigação com

comunicadores indígenas ..... 371

*Lisiane Aguiar*

**Sobre os autores e as autoras ..... 390**

**Índice Remissivo ..... 398**

## PRÓLOGO A *EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO*<sup>1</sup>

Jorge A. González

CEIICH-UNAM-México

Dos colegas de una generación más joven, de un país distinto al mío, de otra circunstancia concreta me convidan a escribir unas palabras para la edición de este libro.

Es un honor para mí aprovechar esta oportunidad y lo agradezco.

No haré un proemio de la obra, precisamente porque todo el sentido básico de lo que este libro expone pretende generar los materiales y las condiciones de un acercamiento crítico a los estudios dentro del campo de la comunicación. Intentaré en pocas páginas señalar algunas zonas de atención, de convergencia y divergencia del núcleo fundante de esta *empresa*.

Es una *empresa*, en todo lo amplio de su significado, porque más allá de contentarse con sumar colaboraciones individuales y publicarlas para tener “un libro más”, lo que cada lector está por leer es el fruto de un proceso de planeación, organización y coordinación no solo eficiente, sino también muy escaso porque se centra en una de las debilidades más pronunciadas del campo de estudios de la comunicación (y otras regiones de producción académica) que ha sido --y desafortunadamente sigue siendo-- lo que suele nombrarse bajo la conocida etiqueta de “metodología”. Para bien o para mal, la metodología parece ser algo crucial en todo trabajo científico.

1 Dedicado a **CMKP** en su año del Tigre, en agradecimiento por su enorme calidad humana y compromiso social.

Sin embargo, cuando hablamos de la palabra *metodología*, señalamos –como bien apunta el texto— no hacia un más o menos tedioso recetario o hacia un probado algoritmo de acciones secuenciadas a realizar, sino a una zona en la que convergen y se interrelacionan diversos elementos y cuya convergencia pretende conducirnos a un destino. Desde luego, no hay modo de desarrollar una metodología sin comprender que su sentido pleno es la planeación (clara, pero *fluida*), la ejecución (precisa, pero con *jogo de cintura*) y la valoración (*inclinamente*, pero amorosa) de una estrategia para *construir* observables y hechos en función de un objetivo teóricamente plausible<sup>2</sup>. En cualquier trabajo académico con aspiraciones de científicidad sabemos que sin teoría no hay metodología. No son conjuntos disjuntos. Tampoco son “etapas” a superar o cumplir. Toda metodología, la que sea, *depende* de una teoría, es decir, depende del tipo de interpretación que utilizamos para volver inteligible un recorte cualquiera de lo real. Enunciar sin más esta relación de dependencia entre la teoría y la metodología puede sonar elegante y hasta convincente si la dejamos en la vasta zona de la interpretación especulativa.

Con ello me refiero a aquella que no tiene la necesidad de contrastar que lo que logra decir sobre la parte “del mundo” que estudia, tiene una similitud cercana, quizás imprecisa, con aquello que está sucediendo, sucede o ha sucedido en “ese mundo”.

Desde una perspectiva *filosófica* fue Gastón Bachelard quien colocó, como muy bien lo refieren algunos de los trabajos de este libro, el papel clave del sujeto en la construcción del conocimiento: “*Rien ne va de soi. Rien n’est donné. Tout est construit*” (“Nada es evidente, nada está dado, todo es construido”), pero fue Jean Piaget con su epistemología genética, quien se encargó de pasar de la elegante y visionaria especulación de principios de siglo XX a la *construcción científica*,

2 [https://www.cervantesvirtual.com/portales/mario\\_benedetti/237061\\_estrategia/](https://www.cervantesvirtual.com/portales/mario_benedetti/237061_estrategia/)  
Ver también: González, J. A. y Krohling-Peruzzo, C. (2019)

es decir, rigurosa, contrastable, documentada y experimental en las primeras cuatro décadas de su trabajo, de los procesos de construcción de conocimiento en la especie humana.

Bachelard abrió una visión del camino desde la filosofía especulativa. Piaget recorrió ese camino, lo corrigió, lo pavimentó y reorientó esa deslumbrante intuición a partir del rigor de una ciencia positiva que bautizó como epistemología genética. Parte de su secreto se esconde también en su metodología: “prepararse para esperar lo inesperado” (Piaget dixit).

Una ciencia “positiva” no es necesariamente una ciencia *positivista*.

Ésta, considera que la realidad como tal “existe” y es “evidente”, (ahí está, solo hay que saber escucharla, medirla, clasificarla) y se puede conocer de modo directo a través de los sentidos.

Aquella otra, (la ciencia positiva), requiere de una posición mucho más cauta y humilde, porque su versión interpretativa de los enigmas, los problemas, los sinsentidos que estudia, debe proporcionarnos elementos de contrastación empírica que son fruto, por una parte, de la disciplina intelectual, del rigor lógico y metodológico de las operaciones y los resultados que genera; y por otra parte, es también fruto de esquemas interpretativos y tomas de posición que están lejos de ser puramente racionales y lógicos componentes de una teoría. Si lo vemos en detalle, la frase citada de Bachelard es profundamente contraintuitiva, porque “todos” sabemos que las cosas “ahí están”, por tanto, son “evidentes”, obvias, todas y todos podemos verlas con plena claridad. En una gran parte de la tradición científica anglosajona, especialmente en la perspectiva clásica del estudio de la comunicación difundida con escasa precisión como “escuela funcionalista”, se usa el término “evidencia” (Rafa Pérez dixit<sup>3</sup>) y también en el lenguaje de los procesos jurídicos que vemos dramatizados por la televisión.

3 “Evidencias”: <https://www.youtube.com/watch?v=eQHLRCY6WIo>

“No hay evidencia suficiente”, decían los científicos contratados por el Big Tobacco para negar, o por lo menos poner en duda las constataciones empíricas de que el tabaco y los añadidos químicos que le agregan para producir adicción, de que el consumo de ese producto genera directamente cáncer.

A la inducción deliberada de mentiras para sostener las ganancias por las ventas de un producto nocivo, Robert Proctor (2012) le llama *agnostología*. De manera asombrosa, las mismas estrategias usadas en la industria mortífera del tabaco pasaron al ámbito de los comestibles ultraprocesados (Monteiro, et al. 2019). Azúcar, grasa y sal son copiosos componentes de las formulaciones químicas de la comida “chatarra”. La ciencia, o al menos un sector de ella, ha demostrado con creces los daños profundos a la salud pública que generan los alimentos coloridos y divertidos, refrescantes y burbujeantes (Barruti, 2019). Toda ciencia se genera en espacios controversiales en los que los contendientes no siempre cuentan con los mismos contingentes (Nudler, 2004).

Ese término y otros tales como “objetividad” y “datos” emanados de mediciones estrictas e “imparciales”, realizadas con instrumentos de precisión, están cargados de pre-interpretaciones empiristas. La epistemología genética mostró con suficiencia la falsedad de los supuestos del empirismo sobre el conocimiento (García, 2006).

Esa es parte de la razón por la que Piaget y su epistemología científica poseen una visibilidad distorsionada que el campo científico le construyó como “pedagogo”, “psicólogo infantil” y su obra fue reducida a “las cuatro etapas” del desarrollo cognoscitivo del niño.

El lenguaje de la investigación y sus socorridos manuales está repleto de certidumbres y lugares comunes que Bertrand Russel alguna vez llamó el “sentido común científico” (que ironiza con la sentencia de que el conocimiento científico es *opuesto* y repelente al del sentido común). Nada hay más alejado de la investigación y de los procesos



de conocimiento. Hoy en día sabemos que mucho de lo que nos enseñaron y aprendimos sobre la ciencia es inexacto y en muchas ocasiones, directamente falso.

No es posible preguntar, observar, describir, medir, estimar, apreciar, organizar, jerarquizar e interpretar cualquier recorte de lo real sino a partir de relaciones previas, de esquemas preexistentes. La medición más rigurosa y objetiva, es siempre una forma de imputación desde las determinaciones del sujeto sobre el recorte que estudia. Por eso muchas veces lo que se nos quiere pasar como descripción, es una prescripción.

No podemos separar el punto de vista (sea éste consciente o no) de la información específica que generamos.

La construcción, reconstrucción y vigilancia plausible de todas estas actividades es el resultado de una metodología. El punto de vista perturba al objeto y por ello sabemos que ningún objeto es “evidente”. El problema está en no ser consciente de ello y no saber qué derivaciones tendrá esa perturbación inicial en el resultado de nuestro trabajo científico.

La metodología está por ello siempre relacionada con una toma de posición sobre el objeto. *Vive y vivirá siempre infectada* –aunque en estos tiempos suene horrible-- por un posicionamiento y una interpretación de las que no es posible desmarcarse.

A este conjunto de preguntas *preguntables* Piaget y Rolando García le llamaron *Marco Epistémico* (1982) que orienta y condiciona el tipo de investigación y el tipo de ciencia que se hace en un espacio y tiempo concretos, aunque no *determina* el contenido de las investigaciones. Al usar la historia de las ciencias como laboratorio, la epistemología genética logra establecer los mecanismos constructivos de todo tipo de conocimiento. Desde los procesos de la infancia humana,

hasta la generación controversial de las teorías de cada disciplina, la construcción del conocimiento muestra una *continuidad funcional* y una serie de rupturas y procesos de desorganización y *reorganización permanente* de las estructuras de conocimiento. No es este el lugar para adentrarnos en estos fascinantes menesteres.

La metodología se puede entender como un momento estratégico de toda teoría (González y Krohling-Peruzzo, 2019). Sí además se quiere sustentar empíricamente lo que planteamos, entonces algo similar sucede con las preguntas, las técnicas, los instrumentos, las unidades de observación, las unidades de análisis, la producción y clasificación de los observables, su jerarquización, los procedimientos de análisis e interpretación.

Detrás de un hecho investigado y registrado, hay una cadena de interpretaciones y tomas de posición que nos permiten diferenciar lo que antes no podíamos y simultáneamente, al conocerlas, podemos integrar esas nuevas diferenciaciones en configuraciones más poderosas, con mayor capacidad de explicación. Al hacerlo, entonces podemos actuar mejor sobre nuestro mundo, especialmente sobre los problemas que vivimos y que no queremos que continúen. Conocer, es actuar sobre el mundo y solo actuando sobre el mundo, lo conocemos. Podemos conocer cada vez más y mejor y con ello ampliamos exponencialmente nuestra capacidad para transformar ese mundo. Conocer es poder.

La perspectiva adoptada por este texto me parece muy interesante por varias razones.

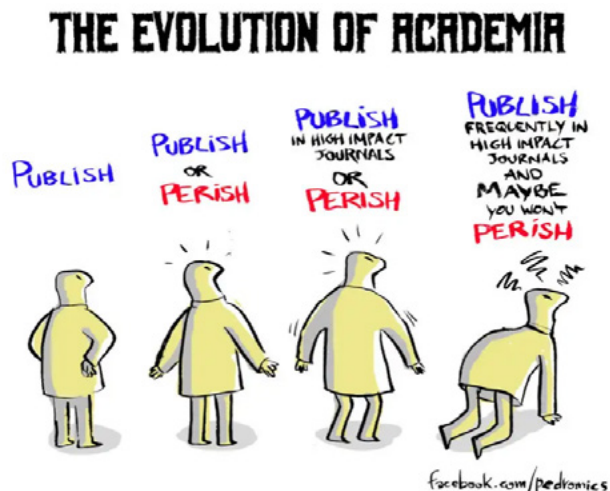
Primero, porque se concentra en *investigar las investigaciones* reportadas en las disertaciones y tesis de un conjunto calificado de programas de posgrado en Comunicación en Brasil y al hacerlo abre una vía de acceso a la comprensión de algunos componentes del campo comunicacional de ese país.

Salvo contadas excepciones, no es muy frecuente dedicar talento y recursos para este tipo de trabajo que está *concebido y diseñado para servir a otros*.

Uno de los resultados del neoliberalismo a escala mundial ha sido el de imponer un sistema de evaluaciones a la productividad científica que fue dócilmente acatado dentro de los sistemas educativos nacionales y que implicó la reducción de la educación al *training* y de la formación al pragmatismo de las *competencias*.

Bajo estas políticas, en la práctica se convierte a los estudiantes en *clientes*, a las profesoras y profesores en *promotores de mercancías* y la investigación en *productividad para la innovación*. Y eso se premia.

Figura 1 – La evolución de la academia



Fonte: <https://ecolatino.blog/2019/05/17/de-los-vicios-de-la-academia/>

Lo que alguna vez llamé “peiperismo hacia el éxito” (publicar por publicar para no morir) orienta el horizonte de las acciones de generaciones de jóvenes y no tan jóvenes que hacen ciencia. Por eso, lo que

en este libro se nombra como *metapesquisa* me parece un acierto para tener una imagen detallada de la orientación de este crucial campo de estudios. Entendemos que no todos quienes hicieron una tesis de posgrado en comunicación ocuparán las posiciones de investigación en las Universidades y Centros especializados.

Pero cada vez es más fuerte la presión por publicar compulsivamente.

Cuando domina la lógica de la ganancia, los colegas se convierten —“*foi sim querer querendo*” (Chaves dixit) —en competidores ansiosos y expertos contra otros, y como los estímulos y acceso al capital simbólico dependen de existir y persistir en un sistema cerrado y comercializado de publicaciones<sup>4</sup>, la conducta más común, es restringir el acceso a los preciosos “datos” o tener una cultura de información bajísima y en la práctica, políticamente miope<sup>5</sup>.

En pocas palabras, la valoración de la carrera académica y la agenda científica del mundo depende de los intereses de unos inversionistas que apuestan en la bolsa de valores de Londres.

Me parece que este libro y toda la producción previa que incluye las cinco sesiones en línea, el diseño del software para las bases de datos, la organización para la captura de la información está diseñado en una lógica contraria. Eso me llena de gusto.

4 El original Institute for Scientific Information fue absorbido en la marea neoliberal por Clarivate Analytics. ([https://es.wikipedia.org/wiki/Clarivate\\_Analytics](https://es.wikipedia.org/wiki/Clarivate_Analytics))

5 Permítaseme una anécdota personal: Cuando en 1993, dos años después de haber diseñado el Sistema Nacional de Información Cultural para el gobierno de México, iniciamos la etapa de generación de información pública sobre las prácticas culturales en el siglo XX varios colegas con amplísimo reconocimiento nacional e internacional me cuestionaban: *¿vas a generar información para otros? ¿quién va a interpretar todos esos datos?* A pesar de que la mayoría trabajábamos en instituciones públicas, costaba mucho trabajo pensar la construcción de sistemas de información como un servicio público al que todas y todos tenemos derecho.

No basta hablar de las consecuencias de adoptar acríticamente el pensamiento colonizado. Tenemos que realizar acciones que colaboren a acotarlo y en lo posible, desmontar las bases materiales y simbólicas de su poder.

La propuesta completa parte de la creación de las bases y el acceso a sistemas de información que permitan entender qué se estudia, con cuáles preguntas, mediante cuáles técnicas e instrumentos se genera el conocimiento específico de ese campo en el seno de las instituciones de formación de especialistas en comunicación.

No siempre tenemos la oportunidad de aprender de todas las vicisitudes de un proceso como este. El uso intensivo de este sistema de información, con todas las correcciones y mejoras que la participación de colegas del campo pueda generosamente aportar, hará posible contar con una perspectiva más autónoma para orientar la energía de la investigación hacia zonas intocadas, poco trabajadas o emergentes que no siempre coinciden con los intereses editoriales del gran negocio de la ciencia publicada.

También significa la oportunidad de salir de las elecciones facilistas en las que muchas veces se mueve la decisión sobre qué necesita ser estudiado, porque detrás de ello están problemas concretos que tienen consecuencias que se expresan en dolor, discriminación, violencia, racismo, empobrecimiento, explotación, despojo, hambre, y en lo que toca directamente a la comunicación, costos en la dimensión simbólica de la salud y la convivialidad. Por eso tenemos que aprender a conversar y así plantearnos *para quiénes* producimos qué tipo de conocimiento. Y esta es otra de las claves centrales de la investigación.

He señalado en diversos espacios y textos la dificultad que las ciencias de la comunicación han tenido para desarrollarse como una disciplina científica con un dominio, un método y un objeto preciso. Unos, se aferran a decirnos que no hay tal objeto ni disciplina, que lo

que estudia está en el cruce de varias perspectivas y que con la agregación de ellas basta.

Otros sostienen que sí hay un objeto preciso de estudio y que no se necesita recurrir a otras disciplinas para conocerlo.

En cualquiera de los dos extremos que nos encontremos, sabemos que una teoría científica potente no puede estar inspirada solo en conceptos *sexys*, en modas intelectuales o metáforas periodístico-literarias que no tienen forma de someterse a contrastaciones empíricas y al paso del tiempo, se van quedando, como la moda misma, en el olvido a pesar tener centenas y miles de referencias acumuladas.

Para poder modificar esta mascarada de nuestro oficio, tenemos que transformar las estructuras de formación de nuevas generaciones llenas de talento y de deseo por colaborar en la transformación de lo que les toca vivir del mundo<sup>6</sup>. Por eso mismo, necesitamos una perspectiva conceptual que sea capaz de representar cómo se ha transformado su objeto en el tiempo. En la ciencia, solo podemos explicar *desde* una teoría. Esa perspectiva conceptual que configura nuestra capacidad de interpretación está enmarcada, lo sepamos o no conscientemente, por diferentes y a veces encontradas *tomas de posición* frente a los problemas que nos hacen la vida menos alegre y cada vez *menos* vida.

Pero hay todavía más.

Si los enunciados y planteamientos de una deseable y posible teoría de comunicación, que no es sino una matriz lógicamente rigurosa y empíricamente fundada para la interpretación de los objetos a estudiar, no nos es capaz de derivarse en formas e instrumentos procedimentales, dicho de otro modo, “metodológicas”, entonces esa “teoría”, a pesar de lo elegante que parezca y centenas y miles de las citas y referencias

6 Prácticamente en toda América Latina, los grados y los posgrados en comunicación tienen mayoría de jóvenes mujeres interesadas en su formación científica y productiva.

en revistas indexadas en el cuartil 1 o 2 de *más alto impacto*, no tiene mayor poder heurístico para conocer el mundo. Es una pseudo-teoría, que genera pseudo-observables y pseudo-hechos (García, 1981).

Si carece de ello, también carece del poder para habilitarnos la acción que necesitamos sobre los problemas específicos que nos aquejan.

Una iniciativa como la que este libro y sus colaboraciones plantean al lector, puede ser la clave para desincentivar el mal-oficio de investigar como si todo estuviera “a fojas cero”, como si no camináramos sobre “hombros de gigantes”, como si nuestra genial ocurrencia no tuviera atrás el recorrido de un largo y sinuoso camino (Paul McCartney dixit) que pueda impedirnos caer en el socorrido oficio de la improvisación, de la adhesión a las modas y la aglomeración ocurrente en torno temáticas académicamente correctas y atrayentes. Citar solo por citar una obra, un autor, una escuela (aunque en realidad ignoremos su estructura y sus detalles de forma supina), invisibilizar el trabajo previo de otras y otros para subirse y ser parte de la navegación de las constelaciones de *supernovas* del campo.

Inútil, seca y estéril ciencia *yerma* (García Lorca dixit).

Necesitamos entonces percibir y discutir con la mejor claridad posible las tres dimensiones del desarrollo de toda ciencia.

El estudio de **(a)** los *procesos* de comunicación, precedido por la investigación de **(b)** las *estructuras de elementos y relaciones* que se modifican en el tiempo y que subyacen al **(g)** estudio de las *propiedades y características observables* de las acciones y hechos que recorta el dominio de la ciencia de la comunicación.

Necesitamos una disciplina de la comunicación que pueda ser capaz de **describir** (diferenciar con detalle e integrar con inteligencia lo que antes de investigar, no podíamos hacer), **comprender** (establecer relaciones causales que nos muestran precisamente que lo que

describimos, depende de un cierto arreglo de relaciones estructurales que deben ser construidas) y finalmente, sea capaz de **explicar** (generar una representación **(a)** de cómo se transforman las estructuras **(b)** y de la relación de esos dos momentos con respecto a lo que alcanzamos a **(g)** describir y volver observable de nuestro objeto que tiene, para decirlo de forma elegante y precisa, propiedades “deícticas”, es decir, todos nuestros objetos siempre deben estar situados en el espacio y en el tiempo. No trabajamos con esencias ni sustancias.

En fin, sigo convencido de lo pertinente de esta propuesta de conformar y consultar públicamente los fundamentos de “las ideas (y las herramientas) metodológicas en la comunicación”, porque fija las plataformas de despegue de una necesaria reflexividad aterrizada en el tiempo y en el espacio, en los agentes y en sus prácticas dentro de sociedades tan concretas como históricamente desiguales e injustas. Tal y como son Brasil, México, Bolivia, Guatemala y tantas otras de lo que ahora le llaman “sur profundo”.

Seamos realistas, exijamos lo imposible (Ernesto Guevara dixit). Pero esto no es posible. *Tenemos que hacerlo posible* (Rolando García dixit).

Lo mismo que en cualquier otro campo de producción científica.

Enhorabuena por esta publicación y larga vida a este proyecto.

Entre Villanueva del Gállego,  
Bureta y Comala, julio de 2022.

## REFERENCIAS

BARRUTI, S. **Mala leche**: Por qué la comida ultraprocesada nos enferma desde chicos, Buenos Aires: Planeta, 2019.



GARCÍA, R. **Draught & Man. V.1 Nature Pleads not guilty.** Oxford: Pergamon Press, 1981.

GARCÍA, Rolando. Epistemología y teoría del conocimiento. **Salud colectiva**, v. 2, p. 109-122, 2006.

GONZÁLEZ, J. A.; KROHLING PERUZZO, C. **Arte y oficio de la investigación científica. Cuestiones epistemológicas y metodológicas.** Quito: Ciespal, 2019.

MONTEIRO, C. A. et al. Ultra-processed foods: what they are and how to identify them. **Public health nutrition**, v. 22, n. 5, p. 936-941, 2019.

NUDLER, O. Hacia un modelo de cambio conceptual: espacios controversiales y refocalización. **Revista de filosofía**, v. 29, n. 2, p. 7-19, 2004.

PIAGET, J.; GARCÍA, R. **Psicogênese e história das ciências.** Petrópolis: Vozes, 2011.

PROCTOR, Robert N.; PROCTOR, Robert. **Golden holocaust: origins of the cigarette catastrophe and the case for abolition.** Univ of California Press, 2012.

## APRESENTAÇÃO

### A AVENTURA DE UMA METAPESQUISA

Como aprendemos a fazer pesquisa? Não existe certamente uma única resposta para isso, primeiramente porque a indagação precisa ser situada. Aprendemos e fazemos pesquisa sempre a partir de algum lugar, cujas fronteiras e pontes limitam ou ampliam, de alguma forma, nossos trajetos. Então, como aprendemos a fazer pesquisa na Comunicação? Esse recorte não facilita – na verdade, complexifica – qualquer tentativa de resposta. Afinal, esse espaço social no qual nos inscrevemos – o Campo da Comunicação – é heterogêneo e marcado por diferentes perspectivas epistemológicas e disciplinares.

No entanto, perguntar sobre essa pergunta é importante para refletir acerca do conhecimento que construímos e compartilhamos. E a busca por resposta torna-se um problema eminentemente metodológico. Não referente às metodologias de ensino, que também são importantes. Mas porque diz respeito à tomada de consciência do pesquisador em relação ao seu lugar (histórico, social, epistemológico) e às decisões que realiza no percurso de uma investigação. Pensar sobre o aprendizado de pesquisa passa, então, pelo cultivo dos modos de fazer, de refletir e de vivenciar uma investigação – de uma práxis metodológica. Um processo dinâmico, sinuoso e que nunca está acabado.

Nesse trajeto, somos incitados, a partir de processos de objetivação e subjetivação, a nos inscrevermos no curso de produção do conhecimento de um campo. Ou seja, a dialogar. A ideia de diálogo – em sua etimologia, como o “significado que atravessa” – é central para entender as páginas que seguem. Existem muitas dimensões de diálogo em um campo de pesquisa – com os pares, na relação orientador/a-orientando/a, com o campo de conhecimento de forma mais abrangente – e é essa última dimensão o ponto de partida deste livro.

Estabelecer o diálogo e constituir pontes com as pesquisas realizadas em nosso campo de conhecimento é crucial para a prática de pesquisa. Um diálogo que pode ser realizado desde um nível mais micro, a partir dos trajetos de cada pesquisador, no contato com as investigações contemporâneas e antecedentes, quanto em um nível macro, buscando reconhecer de forma mais abrangente os trajetos e traçados desenvolvidos antes de nós.

É aí que situamos a nossa proposta. Este livro é resultado de uma metapesquisa, um percurso de compreender como as pesquisas em Comunicação abordam e desenvolvem a dimensão metodológica. Uma aventura e tanto, afinal, embora exista um certo reconhecimento sobre a necessidade e importância de discutir a metodologia na pesquisa em Comunicação, não identificamos investimentos no sentido de mapear, de modo mais abrangente, como a metodologia se inscreve na prática das investigações atualmente.

Foi esse então o objetivo de nosso projeto, intitulado “A análise da metodologia na consolidação da prática de pesquisa na Comunicação”, financiado pelo Edital Universal do CNPq (MCTIC/2018) e desenvolvido no período de três anos. O projeto envolveu a análise da constituição metodológica de teses e dissertações publicadas pelos Programas de Pós-Graduação de referência no campo da Comunicação, entre 2013 e 2018. Um total de 1877 trabalhos que foram fichados, analisados e debatidos<sup>7</sup>. Sem pretensões de estabelecer qualquer marco ou tendência metodológica, buscamos com esse movimento capturar indícios de como a metodologia é considerada e realizada em nosso campo, na intenção de estimular o diálogo sobre o tema em um nível mais abrangente<sup>8</sup>.

7 O fichamento e análise dos trabalhos teve participação Andrielly Sene (UFMT), Dulce Mazer (UFRGS), Dora Assumpção (UFRGS), Geovanne Flores (UFRGS), Giovanna Parise (UFRGS), Isabelle do Pilar Mendes (UFRGS), Ivanna Felizardo (UFMT), Lara Brum (UFRGS), Maria Clara S. Monteiro (UFRGS), Mylena Machado (UFMT), Pâmela Craveiro (UFMT), Paula Coruja (UFRGS), Paula Viegas (UFRGS), Tatiana Vargas (UMinho).

8 Reconhecendo que, há pelo menos 35 anos, o debate é realizado em nosso campo, a começar pelo Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação, cujas primeiras edições aconteceram em 1987, 1988 e 1990, respectivamente. Também mencionamos o Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação, ocorrido em 1995, 1996 e 1997.

Uma das dimensões do diálogo se deu na organização da Base de Ideias Metodológicas na Comunicação<sup>9</sup>. A base de dados<sup>10</sup> disponibiliza essas informações coletadas na pesquisa para a comunidade em geral através de um sistema de busca, com foco na metodologia. Ao ampliar o acesso aos dados, o objetivo foi estimular pesquisadores, especialmente os estudantes, a (re)conhecer os trajetos metodológicos possíveis.

Uma outra dimensão do diálogo se concretiza com este livro. Na primeira seção, *Experiências de uma metapesquisa metodológica*, apresentamos nosso percurso e discutimos alguns achados. Nos capítulos 1 e 2, são indicadas as balizas conceituais, os caminhos metodológicos e os resultados gerais desse investimento. A partir do terceiro capítulo, são exploradas as estratégias metodológicas mais mobilizadas nos trabalhos analisados, nos textos *Entrevista enquanto Método de Pesquisa: usos e explicitações no campo comunicacional*, de autoria de Tatiana Vargas e Eloísa Loose, *Análise de conteúdo: perspectivas teóricas e metodológicas no campo da Comunicação*, escrito por Maria Clara Sidou Monteiro e Everton Cardoso; *Observação: gesto fundamental do pesquisador, da herança etnográfica às abordagens plurimetodológicas*, de autoria de Dulce Mazer e Pedro Marra; *Pesquisa Bibliográfica na Comunicação: A leitura do campo e sua problemática*, redigido por Marcio Telles e Dora Assumpção e, ainda, *Análise(s) de discurso(s) como procedimento metodológico: Linguística e outros diálogos necessários para a pesquisa em comunicação*, de autoria de Paula Viegas e Taiane Volcan. Cada capítulo foi feito no diálogo entre uma integrante do projeto, que participou da coleta e análise dos trabalhos, e um convidado, com aderência teórica/empírica à estratégia metodológica debatida.

9 A Base de Ideias Metodológicas na Comunicação pode ser acessada em [www.ufrgs.br/lemedacomunicacao](http://www.ufrgs.br/lemedacomunicacao).

10 A base foi construída em parceria institucional com o Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa (CEDAP/UFRGS), fundamental para sua implementação. O CEDAP busca dar suporte para pesquisas científicas, tecnológicas, artísticas e culturais realizadas na Universidade, visando à gestão, preservação e uso científico e cultural de seus ativos digitais de pesquisa, natos ou decorrentes da digitalização.

As informações coletadas a partir da metapesquisa são o ponto de partida dos capítulos, estimulados a discutir as articulações entre o exercício metodológico no campo – através da análise das estratégias acionadas pelas pesquisas – e as reflexões teóricas. Embora todos os capítulos tenham sido alicerçados em algumas balizas comuns, naturalmente eles são delineados com base nas experiências e contribuições de seus autores, com autonomia para iluminar, a partir do contato com as informações, o que eles consideraram mais instigante. A seção fecha com o texto *Experimentando a metodologia e o seu aprendizado: relato de duas bolsistas de iniciação científica*, escrito por Isabelle do Pilar Mendes e Giovanna Parise, bolsistas do projeto, que falam sobre as afetações e percursos do aprendizado da metodologia a partir da sua própria prática de pesquisa.

A segunda seção do livro, *Experiências do campo*, estabelece uma outra dimensão de diálogo com os pares. Os resultados obtidos a partir da metapesquisa provocaram uma série de problematizações, cujo debate seria tão mais interessante se realizado de forma coletiva. Para isso, convidamos pesquisadores com trajetória significativa e aderência à temática da metodologia no campo da Comunicação para refletir sobre o tema conosco, um movimento que resultou na realização do Simpósio de Experiências Metodológicas na Comunicação, em dezembro de 2021. Organizado de forma remota<sup>11</sup>, o Simpósio teve 567 inscritos, vinculados a 128 instituições e situados em todas as regiões do Brasil e em outros oito países (Hungria, Equador, Bolívia, Portugal, França, Estados Unidos, Moçambique e México), indício de que as questões que nos instigam não são restritas aos interesses do projeto, mas afetam outros pesquisadores e estimulam um diálogo mais amplo. Durante dois dias, foram realizados seis painéis com a participação de treze palestrantes, que foram, então, convidados a

11 Os painéis do Simpósio estão disponíveis para visualização no canal do YouTube do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, com acesso em: [https://youtube.com/playlist?list=PLzBxt8Uz6FsNRYR5-jLHNBGqB1FEob\\_jK](https://youtube.com/playlist?list=PLzBxt8Uz6FsNRYR5-jLHNBGqB1FEob_jK)

sistematizar suas reflexões e experiências para este livro. Comum a todos os painéis, foram apresentadas duas perguntas provocadoras: Frente à pluralidade de visadas e objetos, é possível considerar que existem matizes metodológicos específicos ao nosso campo? Considerando o percurso histórico constituinte de nossas práticas investigativas, de que modo o fortalecimento da dimensão metodológica pode contribuir para o conhecimento comunicacional?

A metodologia na história da pesquisa em Comunicação foi o tema do primeiro painel, que considerou a metodologia da pesquisa uma dimensão articuladora do conhecimento comunicacional e, por isso, presente em seu desenvolvimento. As indagações direcionadas foram três. No decurso da constituição do campo comunicacional, qual o papel histórico da metodologia em seu desenvolvimento? De que forma a dimensão metodológica articula-se com o eixo do Ensino, no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação? Desse painel, temos o artigo de Marialva Barbosa intitulado *Um método, uma História e uma Escrita: Confluências Reflexivas*.

O segundo painel concentrou-se em abordar a metodologia na teoria da pesquisa em Comunicação levando em conta o entrelaçamento das dimensões da teoria e da metodologia, bem como as questões que seguem: De que modo as tessituras teóricas historicamente produzidas no campo comunicacional incidem (ou não) na configuração de metodologias? Como articular teoria e metodologia, a partir de uma perspectiva comunicacional, na prática de pesquisa? José Luiz Braga, Luís Martino e Vera França são os painelistas que trouxeram seus artigos para o livro, respectivamente titulados como: *Abrangência e Alcance – dimensões na relação teórico-metodológica*; *O tempo do método: passagens da teoria à metodologia na pesquisa em Comunicação*; *Buscando o diálogo entre teorias e os métodos*.

A metodologia e o lugar da pesquisa na Universidade foi o tema do terceiro painel, que deu importância à realização da dimensão da metodologia a partir das condições institucionais, políticas, sociais e culturais em que o conhecimento científico é produzido e se legitima. A seguir as questões que incitaram os painelistas: De que modo a configuração histórica do campo da comunicação, em termos geopolíticos, incide na conformação dos horizontes metodológicos possíveis? Como a instância metodológica, ao ser reduzida a um saber-fazer técnico, pode amesquinhar as possibilidades de abordagem dos fenômenos comunicativos? Como as condições políticas e institucionais de produção do conhecimento e sua legitimação no âmbito da Universidade contribuem para o fortalecimento ou enfraquecimento da práxis de pesquisa? Nessa perspectiva, o artigo *O lugar estratégico das metodologias na transformação do mundo*, de autoria de Efendy Maldonado, traz reflexões relevantes para esse tema.

Ao considerar que a dimensão da metodologia é visibilizada também a partir dos olhares realizados em direção ao que é produzido no próprio campo de pesquisa, o painel Metodologia e Metapesquisa na Comunicação foi protagonizado por Jiani Bonin, Nilda Jacks e Raul Fuentes Navarro, os quais foram instigados com as seguintes perguntas: De que forma a metapesquisa possibilita compreender as especificidades do conhecimento comunicacional? Qual é o atual estatuto de realização das metapesquisas em nosso campo? Quais são as dificuldades e potencialidades da metapesquisa na compreensão da especificidade da pesquisa comunicacional? Em um âmbito macro, de que modo a metapesquisa se configura como um estímulo à reflexividade e constituição de culturas de pesquisa? Em um âmbito micro, como a metapesquisa pode ser apropriada por pesquisadores em seus trajetos investigativos? As reflexões compartilhadas pelos autores estão sintetizadas respectivamente nos seguintes artigos: *A pesquisa da pesquisa como práxis metodológica na construção de investigações comunicacionais*; *A Metapesquisa no âmbito dos estudos de recepção*

*brasileiros: experiência em desenvolvimento; La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: de un marco epistemológico a un modelo metodológico mediado por la metainvestigación.*

O sexto painel, Metodologias, Obstáculos e Rupturas, considerou que a dimensão da metodologia é fundante de uma empreitada de pesquisa e também configurada a partir das múltiplas disputas em torno do que deve – ou não – ser legitimado como conhecimento científico. As interpelações para os painelistas foram as seguintes: De que forma a metodologia pode restringir ou potencializar a análise dos fenômenos no âmbito da Comunicação? Como olhares dissidentes, decoloniais e contra-hegemônicos instituem percursos metodológicos na pesquisa em Comunicação? Quais são os obstáculos para a configuração de metodologias transformadoras? Quais são as rupturas possíveis dos saberes hegemônicos e como isso incide na configuração, delimitação e apresentação dos percursos metodológicos em nossos processos de pesquisa? Erick Torrico e Lisiane Aguiar apresentam suas considerações sobre esse tema nos artigos: *Sobre el potencial decolonial para un cambio de modelo epistémico en Comunicación: Una apuesta desde América Latina* e *\*descolonizaREterritorializar\*as metodologias: micropolíticas críticas e problematização da experiência na investigação com comunicadores indígenas.*

Como o leitor pode perceber, a aventura desta metapesquisa suscitou mais perguntas do que respostas. E é nesta chave que sugerimos a leitura das páginas que seguem, como um estímulo ao questionamento dos delineamentos metodológicos vivenciados na pesquisa em Comunicação, na articulação com as experiências de cada pesquisador. Afinal, o diálogo só se torna significativo a partir do reconhecimento dessa dimensão, a da experiência. Não como a validação de um lugar incontestável do saber – o que poderia dar a entender associações comuns ao termo, como “expert” ou “perito”. Preferimos os sentidos associados à etimologia da palavra – do latim,



*experientia* – como aquilo que aprendemos a partir do que acontece conosco. É assim que as experiências metodológicas compartilhadas a seguir – de uma metapesquisa, de pesquisadores sobre estratégias metodológicas mais abordadas pelo campo, de estudantes que estão se iniciando na prática investigativa, de pesquisadores de referência no debate do tema – podem ser entrelaçadas aos trajetos particulares de quem cruzar por aqui, fazendo seguir por novos e diversos caminhos o diálogo sobre a prática de pesquisa na Comunicação.

Boa leitura!

As organizadoras,

outono de 2022

Parte



**EXPERIÊNCIAS  
DE UMA METAPESQUISA  
METODOLÓGICA**

# 1

Laura Wottrich  
Nísia Martins do Rosário

**MetAPESQUISA**  
**e METODOLOGIA:**  
apontamentos iniciais

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.01

A ciência está sempre em movimento. As reflexões, os tensionamentos e os posicionamentos sobre ela, nas últimas décadas, buscam a atualização de alguns paradigmas a partir de outras perspectivas e algumas rupturas. Os deslocamentos de olhares permitem que outras teorias e metodologias sejam incorporadas ao campo, ampliando as instâncias de reflexão e as possibilidades de problematização dos objetos. Nessa via, as teorias passam a ser entendidas como tendências, mais do que como leis; o método, sobretudo, como “fazer o caminho enquanto se caminha”, como diz Morin (2003); as ciências reconhecem as variáveis como incontroláveis, além da dinamicidade dos objetos/fenômenos; a representação do objeto é abolida em seu determinismo, o qual o isola das diversas conexões que o engendram, ignorando as processualidades; o sujeito pesquisador está envolvido, inevitavelmente, com seu contexto histórico e social. O investigador é, portanto, segundo Marre (1991, p. 4) “[...] aquele que para fazer progredir a ciência, renuncia às grandes filosofias do devir histórico, para se instalar na descontinuidade, na ruptura, no corte epistemológico a ser operado”.

Essas ideias, contudo, não perdem de vista o rigor científico – no sentido de buscar precisão, aprofundamento e exatidão nos processos – e trazem à tona as complexidades e as multiplicidades que atravessam as pesquisas. A ciência, nessa perspectiva, se faz em uma rede complexa que envolve processualidades, dinamicidade, relatividades, transdisciplinaridade, objetividade, intersubjetividade e elementos incontroláveis. Cabe aos pesquisadores ficarem atentos e disponíveis para o debate e o compartilhamento daquilo que forem descobrindo e tensionando acerca desse cenário que se atualiza constantemente.

O tensionamento que se torna relevante, a partir disso, diz respeito, por um lado, a que não há unanimidade acerca das visões sobre a ciência – até mesmo porque elas são múltiplas –, e isso pode ser um ótimo indicativo, gerador de debates, de trocas, de percursos outros e de abertura de trilhas. Aceitar problematizar as perspectivas teóricas e

metodológicas que se inserem no campo é, sem dúvida, positivo para o avanço das pesquisas e, conseqüentemente, do conhecimento produzido. Por outro lado, se não há uma única forma de fazer ciência, há alguns percursos que foram desenvolvidos pela comunidade científica antes de nós, cuja apropriação nos auxilia a enfrentar a multiplicidade de visadas convocadas no campo científico e, também, a compreender como nos situamos dentro dele.

Nesse contexto de abertura e reconhecimento, voltamos nossa atenção para a dimensão metodológica, como uma instância articuladora das processualidades inscritas em uma prática investigativa particular, mas que também nos ajuda a ampliar a percepção sobre as formas como vivenciamos a pesquisa na Comunicação.

O aprendizado em torno da metodologia, longe do que dão a entender os manuais e orientações de ordem prescritiva, é um processo múltiplo, construído a partir de nossa posição como sujeitos, de nossa relação com o trabalho científico e também a partir das condições mais amplas em que estamos inseridos. Entre os pesquisadores que se iniciam na prática científica, especialmente no âmbito dos cursos de graduação, não é incomum ver aplicada a chamada “Lei do Instrumento” (BAUER; GASKELL, 2013), segundo a qual um jovem aprendiz que só conhece o martelo pensa que tudo deve ser tratado a marteladas.

É assim que as escolhas metodológicas algumas vezes operam, de forma mecanizada ou irrefletida. Frente à necessidade de se iniciar na prática de pesquisa e investir um fenômeno do mundo da cientificidade, os estudantes, por vezes, podem eleger procedimentos desvinculados do substrato teórico e epistemológico que matiza os objetivos da investigação. Ou, ainda, escolher instrumentos à revelia do que seus objetos de pesquisa demandam para serem investigados, em uma visão que limita as escolhas metodológicas a prescrições e a operações formais.

Não se trata, claro, de um problema ou equívoco pessoal. As formas como vivenciamos a dimensão metodológica em uma pesquisa são marcadas pela nossa concepção sobre o que é ciência, sua constituição, modos de operar e de elaborar o conhecimento. Podemos considerar que se trata de uma questão coletiva, constituída no curso histórico de desenvolvimento de um campo científico.

Investigar como se dá esse processo e engendrar mecanismos de reflexão sobre a prática metodológica pode ser, então, uma via de enfrentamento e de discussão desse cenário. Pelo menos, esse foi o ponto de partida que norteou o desenvolvimento do projeto “A análise metodológica na consolidação da prática de pesquisa no campo da Comunicação”, que teve como objetivo central investigar a constituição metodológica das pesquisas no campo da Comunicação a partir da pesquisa metodológica em teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) da área e cujo desenvolvimento será detalhado nesta primeira seção. Para apresentar o percurso desenvolvido, iniciamos com uma breve exploração das três balizas conceituais que nortearam o projeto: a noção de campo da Comunicação; a noção de metodologia da pesquisa e a noção de metapesquisa.

O campo acadêmico da Comunicação é aqui tomado como “[...] um conjunto de instituições de nível superior destinadas ao estudo e ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação” (LOPES, 2003a, p. 278). Pode ser compreendido a partir da sua estrutura, dado que se configura em um discurso científico, quanto a partir do seu processo, no momento em que também se efetiva como uma prática.

No campo da Comunicação, organizam-se alguns subcampos, como o científico, relativo às práticas de produção do conhecimento, no qual se enquadra a pesquisa acadêmica; o educativo, dedicado às formas de reprodução do conhecimento do campo, que se estrutura sobretudo através das universidades e de seus estatutos disciplinares

e, por fim, o subcampo profissional, dedicado especificamente a como esse conhecimento é transposto ao mercado de trabalho. O subcampo científico é o lugar onde as epistemes, teorias e metodologias circulam com mais vigor, um espaço institucionalmente referendado de produção do conhecimento, mas que se sustenta a partir do diálogo (mais ou menos próximo) com outros subcampos, como o educativo, no qual são formados os agentes desse campo, configurando um lugar importante para sua reprodução.

Entre a produção e a reprodução, na atribuição da autoridade científica, a dimensão metodológica ganha expressividade, isso porque a reprodução do campo orienta-se pela produção de conhecimento balizada em uma perspectiva metodológica de organização do mundo. Afinal, “[...] Uma perspectiva científica é sempre uma perspectiva teórico-metodológica e uma problemática teórica traz sempre acoplada uma problemática metodológica – que são as estratégias elaboradas ao longo do processo de construção/investigação de um objeto” (LOPES, 2004, p. 31).

A aderência empírica à discussão sobre o subcampo científico da Comunicação ocorreu, no projeto, a partir das teses e das dissertações defendidas pelos seus PPGs. É necessário justificar esta escolha: um dos marcos da estruturação da atividade científica na comunicação sob a lógica de campo (BOURDIEU, 1994) é a institucionalização dos PPGs, cujo desenvolvimento tornou-se uma instância fundamental para legitimação do conhecimento comunicacional.

Do surgimento dos primeiros PPGs na área até os dias de hoje, o campo da Comunicação desenvolveu-se e espalhou-se em solo brasileiro, em um processo de amadurecimento motivado por inúmeras discussões e disputas internas sobre as especificidades do objeto comunicacional, sobre os limites disciplinares da área e sobre o que, de fato, é possível nomear como “Pesquisa em Comunicação”.

Após um período de expansão na primeira década dos anos 2000, os PPGs da área se estabeleceram e se consolidaram, proporcionando abordagens diversas sobre os fenômenos comunicacionais. Neste cenário, tornam-se uma instância indicadora do estado do campo, assim como também forjam seu desenvolvimento, visto que é através da formação de novos pesquisadores que a comunicação “[...] pode não somente se reorientar para avançar em sua legitimação para ganhar maior autonomia e poder, senão que poderá gerar explicações mais plausíveis e orientadoras das transformações em curso no mundo” (NAVARRO, 2003, p. 38). A existência desses espaços de formação indica o investimento institucional na pesquisa acadêmica, uma esfera de legitimação reconhecida e partilhada socialmente que evidencia as qualificações científicas prestigiadas e quais questões são relevantes para a área. Configura-se, desse modo, uma instância interessante para compreender de que modo o conhecimento é produzido.

É a partir desse olhar em torno dos processos e práticas que chegamos à noção de metodologia da pesquisa que exercitamos. Não são poucos os deslizamentos existentes nas abordagens da metodologia da pesquisa em Comunicação. Seria objetivo fadado ao fracasso estabelecer uma única concepção de metodologia, e essa constatação é uma noção constitutiva deste livro, ou seja, de entender a metodologia como uma experiência.

Significa, nas palavras de Morin (2003, p. 25) “[...] aceitar caminhar sem caminho, fazer o caminho ao caminhar”. Tomar a metodologia como uma experiência que nos convoca a problematizar o método. Em tom provocador, Morin propõe aceitar uma perspectiva científica que abarque a dúvida da dúvida, aceitando a confusão e resistindo à “simplificação mutiladora”. Para ele, o mais importante é reaprender a aprender, o que implica repensar o próprio método e requer reorganização do sistema mental. Em outros termos, é o que González (2007) se refere como uma “atitude de dúvida permanente” que precisa ser cultivada em uma pesquisa.



Ora, isso transforma as práticas de pesquisa, exigindo do investigador, primeiramente, conhecimento dos processos metodológicos do campo e, paralelamente, requer postura crítica sobre o próprio percurso com avaliação constante deste (BONIN, 2011; BRAGA, 2011, LOPES, 2003b). Em acréscimo, demanda comprometimento metodológico, ou seja, entender a relevância da explicitação do trajeto e da problematização dos procedimentos de investigação, tendo em vista o compartilhamento de saberes e experiências e o avanço do campo.

Nesse processo, as questões metodológicas são fundamentais, uma vez que, conforme Lopes (2003c), refletem as considerações da ciência acerca dela mesma. Assim, o pesquisador opera sobre a atitude crítica, a ética e a consciência de suas ações científicas, configurando-se em um sujeito que empenha seu tempo muito mais na busca do conhecimento do que do reconhecimento, que está comprometido com os interesses do entorno social, com as demandas cidadãs e educacionais e que, tanto quanto possível, se descompromete com as normas e teores apenas burocráticos (ROSÁRIO, 2013).

Considerando esse “lugar do método”, a vivência de pesquisa organiza-se a partir de uma práxis. Com base na epistemologia histórica, essa práxis não se define por um conjunto de regras, de enunciados formais, de prescrições ou de manuais. A práxis científica<sup>12</sup> configura-se a partir da posição dos pesquisadores como sujeitos históricos do conhecimento, em diálogo/incorporação/tensionamento com as matrizes sociais, culturais, históricas e epistemológicas de seu próprio tempo.

A práxis não pode ser anterior ao sujeito – forma-se no seu processo de tomada de consciência e sedimentação das experiências investigativas – e, para que possa apreendê-la, a dimensão metodológica é central. A consciência, domínio e exercício da metodologia assumem um caráter formativo para a pesquisa (BONIN, 2011), mas que só

12 Consultar Maldonado (2001, 2011) e Pinto (2020).

alcança sua intenção quando assumido desde esse “lugar” de articulação entre teorias e experiência. Lopes (2003c) sintetiza essa posição com as duas abordagens em torno da metodologia: metodologia da pesquisa, voltada ao estudo de suas lógicas, epistemologias, enquadramentos e processualidades históricas; e metodologia na pesquisa, aquela que se realiza no percurso efetivo de uma investigação. A partir da noção de práxis, enfatizamos sua indissociabilidade.

Por isso, considerando nosso interesse na dimensão formativa dos pesquisadores, em vez de investir no delineamento de uma noção sobre metodologia, iluminamos a ideia de uma práxis metodológica, na qual a metodologia se realiza a partir da tomada da consciência do pesquisador em torno de sua construção na vivência investigativa. A metodologia “[...] só adquire significação concreta no ato real pelo qual se defrontam a razão humana e a natureza objetiva, e se trava a empresa de penetração e captação intelectual das propriedades das coisas pelo pensamento indagador” (PINTO, 2020, p. 357). Ou seja, sendo uma práxis, precisa ser compreendida como uma dimensão que orienta a construção de uma pesquisa, corporificada em fazeres e saberes que “[...] dão feição ao objeto do conhecimento, que se inscrevem em lógicas atuantes na *captura e fabricação pensada deste objeto*”. (BONIN, 2013, p. 44, grifo da autora).

A ideia de uma práxis metodológica configurada a partir da tomada de consciência do pesquisador não é algo trivial, pelo menos se observarmos o decurso histórico do desenvolvimento do conhecimento científico, matizado pelo formalismo metodológico e pela “cultura do receituário”. Ou seja, a práxis metodológica necessita ser estimulada no percurso formativo dos pesquisadores, e para isso podem ser acionadas algumas estratégias mais ou menos conhecidas e discutidas pelo campo científico. Uma delas é o cultivo da reflexividade como uma tomada de consciência em torno do próprio lugar do pesquisador e da deliberada realização de processos de objetivação em torno do conhecimento que cria. Ou seja,

[...] implica o saber do por que age da maneira que age, não apenas em função de uma tabela subjetiva de valores, mas sobretudo em função da *situação objetiva* onde vive, como homem obrigado a vencer constantemente a contradição da ignorância, que também pode se chamar, indiferentemente, a contradição do conhecimento (PINTO, 2020, p. 503, grifo nosso).

A tomada de consciência sobre essa situação objetiva onde vive passa por compreender a historicidade do campo do conhecimento e seus atravessamentos epistemológicos, políticos e subjetivos (WOTTRICH, 2021). No estímulo à reflexividade, algumas estratégias podem ser convocadas na prática de uma pesquisa. Uma delas é o diálogo com o campo em que se insere, uma articulação que pode se realizar em distintas dimensões, as quais estão articuladas à discussão sobre metapesquisa.

De forma simples, a metapesquisa é a pesquisa sobre a pesquisa, propõe-se a desenvolver estudos sobre os referenciais teóricos-epistemológicos e/ou metodológicos das investigações já realizadas em determinado campo ou área. Em outras palavras, ela busca construir um conhecimento, do ponto de vista científico, que explique processos de um conjunto de pesquisas. Mainardes (2018, p. 306) afirma que ela tem o objetivo de “[...] avaliar e melhorar a eficiência das práticas de pesquisa para gerar resultados de pesquisa mais confiáveis e úteis. Inclui a análise de métodos, formas de apresentar dados, reprodutibilidade, avaliação e incentivos”. Pela metapesquisa, é possível mapear as produções, identificar o que está sendo continuado, apontar tendências, analisar a qualificação dos estudos, reconhecer as linhas teóricas preponderantes, distinguir metodologias e seus usos. O prefixo *meta* indica posição posterior, mudança, transcendência e reflexão sobre si, sendo esse último significado o que mais se alinha ao termo *metapesquisa*. Essa perspectiva traz um ponto de vista interdisciplinar para fortalecer a ciência e viabilizar os seus avanços.

Não se pode esquecer que, conforme afirma Braga (2011), o objetivo da pesquisa é produzir conhecimento acadêmico e científico de várias ordens e em conexão com o campo. Nessa via, sabe-se que tal construção de conhecimento, para promover a qualificação da área, necessita, de parte dos investigadores, o exame constante de sua própria pesquisa, mas, também, a avaliação do conjunto da produção do campo – no sentido de apreciação, observação, análise de dados, crítica e reflexão. Braga (2011, p. 26) argumenta que é próprio da pesquisa acadêmica estar sujeita “[...] à crítica da comunidade de reflexão e investigação”. O papel da metapesquisa está, justamente, nessa camada que possibilita reunir informações, avaliar o pensamento científico e desenhar o cenário de determinada área por meio da reflexão crítica e acadêmica. Essa trajetória permite, ainda, ajudar a confeccionar um saber específico sobre o campo e tomar consciência do território em questão. Dessa forma, a metapesquisa vai investigar o que já foi estudado, retirando daí um compilado das teorias, dos métodos, dos dados, das temáticas, ou dos resultados que atravessam a coleção selecionada. A finalidade é – por meio das regularidades, continuidades e mesmo das linhas de fuga – refletir sobre os processos de investigação de um domínio demarcado.

Em outras palavras, o avanço do campo está conectado à visibilidade das conexões, articulações, costuras e engendramentos necessários para a construção das pesquisas; ao mesmo tempo, encaminha para uma dimensão de partilha de informações e apreciação da área. Além de servir à avaliação da pesquisa, Mainardes (2018, p. 306) observa que, nas Ciências Sociais e Humanas, a metapesquisa pode auxiliar a distinguir “[...] características, tendências, fragilidades e obstáculos para o desenvolvimento de um campo ou temática de pesquisa. Em geral, abrange a análise de aspectos teórico-epistemológicos, metodologias, estilos de argumentação, nível de coerência interna, reflexividade ética, etc.”. O autor sustenta que não há equivalência entre metapesquisa e revisão de literatura, estado da arte, estado do conhecimento ou revisão

sistemática, sendo esses últimos entendidos como práticas direcionadas à produção de projetos de pesquisa. A metapesquisa, por sua vez, é a pesquisa que se volta, fundamentalmente, para um conjunto de investigações, procurando examiná-lo em profundidade e pode envolver a metateoria, o metamétodo, a meta-análise.

Embora não existam consensos estabelecidos sobre a nomenclatura ou a amplitude de uma metapesquisa (JACKS, 2018), o conhecimento constituído em sua realização convoca um movimento crítico frente ao que foi inicialmente observado, em um tratamento de segunda ordem (GONZÁLEZ, 2007) das informações.

Ao voltar o olhar para o subcampo científico da comunicação no Brasil, precisamos ter bem claras as suas especificidades, algumas relacionadas a uma cultura científica em termos mais amplos, outras relacionadas a processos sócio-históricos particulares, tais como: a estreita relação entre pesquisa e pós-graduação; a variedade de linhas epistêmicas que habitam o campo; a diversidade de procedimentos metodológicos empregados e que tem origem, em grande parte, em outras áreas de conhecimento; as diferentes graduações utilizadas para a abordagem do método nos trabalhos acadêmicos. Também não podem escapar os desafios relativos à extensão do território comunicacional, ao pouco financiamento de pesquisas, à consolidação do subcampo e à fragmentação deste, conforme colocado por Fuentes Navarro (2007). Por outro lado, o subcampo científico da comunicação tem considerado, cada vez mais, a pertinência da metapesquisa em um contexto de crescimento da área e a conseqüente necessidade de análise de si mesmo, buscando o autoconhecimento e a autoavaliação. Configura-se, assim, a demanda por reflexões aprofundadas sobre os caminhos que estão sendo traçados, o modo como esse subcampo está se consolidando e a qualidade do que está sendo produzido. Fuentes Navarro (2007, p. 166) argumenta que a metapesquisa é uma

[...] especialidade indispensável para o reconhecimento dos processos de institucionalização, profissionalização e legitimação dessa área acadêmica, e [serve] para subsidiar 'mapas' heurísticos que facilitem, aos agentes responsáveis pelo seu gerenciamento e desenvolvimento, a interpretação crítica que a determina.

A relevância da metapesquisa voltada às metodologias da comunicação está, também, na possibilidade de abordar e promover o debate sobre o próprio método e como ele é utilizado, descortinando, assim, aspectos e elementos do subcampo científico que, até certo ponto, não são considerados e investigados em sua profundidade e amplitude. Assim, em primeiro lugar, é preciso reconhecer com Lopes (2003b) a complexidade do objeto da Comunicação e a necessidade da sistematização das práticas científicas. Esse caminho se completa com o que a autora chama de metodologia *da* pesquisa, como um espaço em que se estudam os métodos de uma ciência ou de um campo determinado, configurando-se como uma teoria metodológica. Essa perspectiva fornece elementos importantes para a metapesquisa apresentada nessa obra. Lopes (2003c, p. 99, grifo da autora) afirma que como “[...] estudos dos procedimentos de investigação, a Metodologia da Pesquisa se apresenta como ‘lógica reconstruída’, isto é, seu objetivo é realizar *reconstruções metodológicas* dos processos de investigação”.

Ao escrever sobre as práticas metodológicas na construção de uma pesquisa, Bonin (2011) indica caminhos possíveis para o descortinamento metodológico, atentando para, entre outras categorias, a riqueza das teses e dissertações defendidas e que conformam um material amplo e instigante sobre a área da Comunicação. Para montar o cenário investigativo da metodologia em uma pesquisa, são necessárias diversas estratégias de busca dos trabalhos a serem estudados, não só no banco de teses da Capes, mas nos repositórios de bibliotecas e dos próprios programas de pós-graduação. Na sequência, está o aprofundamento da análise pela “desconstrução metodológica”

como recurso que implica desvendar reflexivamente o percurso das pesquisas. Para isso, a autora propõe buscar entender a arquitetura do trabalho com relação ao modo como foi organizado na formulação da problematização, dos objetivos, dos eixos teóricos e metodológicos e dos procedimentos escolhidos e aplicados. Ainda, nesse movimento, está incluída a pesquisa metodológica, com a instauração de processos de estudo, reflexão, tensionamento e apropriação de propostas metodológicas realizadas em pesquisas concretas para extrair delas “elementos que possibilitem arquitetar arranjos metodológicos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando” (BONIN, 2011, p. 38).

Esses movimentos de reconstrução e pesquisa metodológica são vinculados a um nível “micro” da metapesquisa, ou seja, realizados pelos pesquisadores em seus trajetos de problematização e descoberta. Nesse contexto, quanto menor for o conjunto de informações disponível para reconhecer as práticas metodológicas experimentadas em determinado campo do conhecimento, maior poderá ser a dificuldade para reconhecer as perspectivas e caminhos que podem estimular o próprio trajeto. Por isso, a metapesquisa metodológica considerada em um nível “macro”, mais abrangente, como a que exercitamos aqui, pode se tornar uma aliada importante para o reconhecimento do que outros trabalhos já propuseram em termos de metodologia, e também um convite à reflexividade.

Observamos que uma pergunta tão ampla quanto necessária sobre “Quais caminhos metodológicos adotamos na pesquisa em Comunicação?” não encontra fácil resolução. Ainda são escassos os investimentos em metapesquisa (em sentido amplo) na direção de conhecer e discutir as estratégias metodológicas dos trabalhos<sup>13</sup>, embora haja um reconhecimento, no âmbito dos investimentos encontrados, sobre a

13 Em texto recente, Peruzzo (2018) comenta sobre a necessidade de investir na compreensão das estratégias metodológicas mobilizadas pelas pesquisas do campo da Comunicação.

ainda frágil exposição metodológica das investigações na Comunicação<sup>14</sup>. Assim, inserido na discussão sobre metapesquisa que abordamos anteriormente, o projeto enfrentou o desafio de identificar as estratégias metodológicas convocadas pelo campo da Comunicação.

Antes de apresentar o percurso metodológico norteador do trabalho, cabe ainda trazer uma questão sensível que paira em torno do investimento de metapesquisa realizado. A identificação e a análise das estratégias metodológicas mobilizadas em pesquisas do campo pode levar à consideração de um “dever-ser” do método, ou seja, de que existiria uma forma correta, adequada ou modelar de apresentação da dimensão metodológica em uma pesquisa. Uma concepção que, no limite, se aproximaria de uma visão formal e idealista de metodologia, na qual, mais do que a vivência metodológica, importaria uma concepção quase epistolar sobre sua estrutura. Felizmente, não faltam opositores a essa visão, que podem ser representados pelo livro de título autoexplicativo assinado por Paul Feyerabend, *Contra o método*<sup>15</sup> (2011a), ou ainda nas discussões mais contemporâneas vinculadas a epistemologias pós-modernas (BARBOSA, 2020), as quais questionam, na esteira dos enfrentamentos historicamente travados com correntes do empirismo científico, concepções desencarnadas, universais e sem sujeito de metodologia.

No entanto, a afirmação dessa posição sem considerar a práxis metodológica também pode levar, no limite, a uma atitude com efeitos

14 Isso demonstram Jacks, Meneses e Piedras (2008), Jacks (2014) e Jacks *et al.* (2017) ao empreender análise sobre as pesquisas no âmbito dos estudos de recepção brasileiros dos anos 1990 até 2015. A fragilidade metodológica é apontada como uma lacuna a ser enfrentada para o desenvolvimento da área. Embora seja evidentemente um recorte de análise frente às temáticas e áreas mobilizadas no campo comunicacional, ajudam-nos a refletir sobre o estatuto da metodologia em nossas pesquisas de modo mais amplo.

15 Sobre a recepção de *Contra o método* no Brasil, é oportuna a reflexão trazida por Lucia Santaella (2001, p. 192): “No contexto da cultura acadêmica brasileira, nas áreas das humanidades, onde já imperam certas negligências com os rigores do método, uma tal defesa não faz tanto sentido quanto ela pode fazer nos países com culturas acadêmicas mais exigentes do que a brasileira”.



deletérios à própria construção do conhecimento, com, por exemplo, a supressão, nos relatos de pesquisa, dos caminhos metodológicos e opções assumidas pelo pesquisador. Se percebemos a metodologia como uma camisa de força, não restaria outra opção que não nos livrarmos dela, advogando por um processo livre e autônomo de pesquisa. Trata-se de uma solução marcada pelo mesmo problema de origem, de tomar a metodologia em sua dimensão prescritiva e formal. Daí a necessidade de cultivar a metodologia como uma práxis, fundamentalmente inscrita em um percurso investigativo e que, devido a isso, necessita ser explicitada, tensionada, articulada à processualidade de cada pesquisa em particular.

Em livro-diálogo com sua obra mais famosa, Paul Feyerabend (2011b) resgata críticas realizadas pela comunidade científica na ocasião do lançamento de *Contra o método* e reitera que sua crítica mira sobretudo o conjunto de regras formais que seria alçado à posição de fiador absoluto da confiabilidade dos dados apresentados em uma investigação: “Os comentários que fizemos até aqui não significam que a pesquisa é arbitrária e desgovernada”. O autor completa: “Existem padrões, mas eles surgem do próprio processo de pesquisa, e não de visões abstratas de racionalidade. É preciso engenhosidade, tato, conhecimento de detalhes para chegar a uma avaliação bem fundamentada dos padrões existentes e para inventar novos” (2011b, p.123). Aqui, a partir de latitudes e premissas epistemológicas e políticas distintas sobre o papel da ciência, podemos aproximar a reflexão de Feyerabend ao que comenta o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto: para ele, no processo metodológico, há invenção permanente e conservação contínua.

Na práxis metodológica, em chave dialética, o pesquisador atua simultaneamente como um revolucionário e como um conservador, “[...] revolucionário não apenas pelo que inventa de novo mas ainda pelo que escolhe do velho para conservar” (PINTO, 2020, p. 375).

Para saber o que conservar e o que transformar, é importante conhecer o que tem sido feito no campo do conhecimento com o qual o pesquisador dialoga e tensionar essa análise com a construção do próprio objeto de pesquisa.

Entendendo a importância da criação dessas condições de reconhecimento, a pesquisa foi estimulada por dois interesses centrais, compreender como a metodologia se realizava nas teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros, no esforço de diálogo e de tensionamento com a literatura; mas também identificar o espaço atribuído à discussão metodológica nesses trabalhos, no sentido de capturar alguns indícios da configuração da práxis, inscrita nos relatórios. Passemos, pois, à explicitação do nosso percurso.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BAUER, Martin.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.

BONIN, Jiani. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. *In*: MALDONADO, Efendy. *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu – sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

BRAGA, José Luis. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisão. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011a.

FEYERABEND, Paul. **A ciência em uma sociedade livre**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011b.

FUENTES NAVARRO, Raul. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa. **Matrizes**, n.1, out. 2007.

FUENTES NAVARRO, Raul. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

GONZÁLEZ, Jorge. Primera parte. Por una cultura de conocimiento. *In*: GONZÁLEZ, J. A.; AMOZURRUTIA, José Amuzurrutia; MAASS, Margarita. **Ciber-cultur@ e iniciación en la investigación**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

JACKS, Nilda. Reflexividade à vista! *In*: MATTOS, Maria Angela; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. (org.). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018.

JACKS, Nilda; MENESES, Daiane.; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda. **Meios e Audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa.; JOHN, Valquíria.; PIENIZ, Mônica. **Meios e Audiências III**: reconfigurações nos estudos de recepção e de consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. *In*: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003b

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003c.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 1, 2004.

MAINARDES, Jefferson. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 303-319, nov./dez. 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Teorias da comunicação na América Latina:** enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón. São Leopoldo: Editora da Unisinus, 2001.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. *In:* MALDONADO, E. *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação:** olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARRE, Jacques. **A construção do objeto científico na investigação empírica.** Porto Alegre: UFRGS, 1991. (mimeo)

MORIN, Edgar. **O método 1:** a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PERUZZO, Cicilia. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. **Comunicação e sociedade**, n. 33, p. 25-40, 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

ROSÁRIO, Nísia Martins. De la metodología transformadora a las transformaciones de la investigación. *In:* MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani.; ROSÁRIO, Nísia Martins. (org.). **Metodologías de investigación en comunicación.** Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa. 1. ed. Quito: Editorial Quipus, CIESPAL, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

WOTTRICH, Laura. Atravessamentos metodológicos da pesquisa em Comunicação. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 44, n. 2, p. 21-33, 2021.

# 2

Laura Wottrich  
Pâmela Craveiro

## CAMINHOS DE UMA METAPESQUISA METODOLÓGICA

A metapesquisa metodológica teve como recorte 12 Programas de Pós-Graduação (PPGs) da área de Comunicação, filiados<sup>16</sup> à Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), que obtiveram notas 5, 6 e 7 na avaliação quadrienal<sup>17</sup> de 2013 a 2016, empreendida pela Capes<sup>18</sup>. São programas de referência nacional e internacional (nota 6 e 7) e avaliados como muito bons (nota 5). Esse recorte foi feito pelo desejo de mapear PPGs considerados de excelência na área, conforme critérios adotados pelo Órgão<sup>19</sup>. Implícita a essa escolha, pairou a indagação de como os trabalhos originados nesses Programas realizavam e comunicavam, em seus relatórios, a dimensão metodológica.

Em um primeiro momento, foi realizada a consolidação do *corpus* total do trabalho, a partir de busca no Portal Sucupira, em cotejamento com os relatórios inseridos no sítio eletrônico dos Programas. Decidiu-se compor um *corpus* de corte longitudinal, tomando o primeiro ano da avaliação quadrienal (2013) e avançando até o período em que a coleta de dados foi realizada (2018). Assim, buscamos construir um *corpus* representativo de um período de tempo um pouco mais ampliado, que pudesse indicar pistas importantes sobre os modos como a metodologia era realizada nas pesquisas. A partir desse processo, excetuando os trabalhos indisponíveis ou cuja divulgação não foi autorizada pelos autores, chegou-se a um *corpus* de 1877 pesquisas, conforme distribuição abaixo:

- 16 Entidade expressiva do campo, congrega PPGs em prol do fortalecimento e da qualificação da área da Comunicação no país. Os PPGs filiados à Compós representam, nesse sentido, um grau elevado de institucionalidade e de comprometimento com o desenvolvimento do conhecimento na área.
- 17 A avaliação se relaciona aos processos de permanência dos PPGs, em um sistema com critérios padronizados e públicos, com objetivo de contribuir para a qualidade e para o desenvolvimento da Pós-Graduação brasileira e também fornecer um retrato da situação desse âmbito de formação no respectivo quadriênio (CAPES, 2017).
- 18 Ao todo, foram avaliados 44 PPGs da área da Comunicação nesse quadriênio (CAPES, 2017).
- 19 Sem negligenciar, evidentemente, os questionamentos em torno dos critérios de produtividade e suas implicações para o conhecimento que é produzido pelo campo (VOGEL, 2015).

Quadro 1 – Corpus do mapeamento

IES	PPG	NOTA	
ESPM	COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO	5	88
PUCRS	COMUNICAÇÃO SOCIAL	5	231
UERJ	COMUNICAÇÃO	5	116
UFBA	COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA	5	152
UFF	COMUNICAÇÃO	6	149
UFPE	COMUNICAÇÃO	5	182
UFRGS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	5	201
UFRJ	COMUNICAÇÃO	7	235
UFSM	COMUNICAÇÃO	5	116
UNISINOS	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	6	179
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS	5	77
UFMG	COMUNICAÇÃO SOCIAL	6	145
TOTAL			1877

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

Com o *corpus* consolidado, passamos para a elaboração da ficha de análise dos trabalhos, realizada em rodadas sucessivas de discussões com o grupo de pesquisadores envolvidos no projeto. A ficha foi estruturada a partir da proposição do modelo metodológico de Lopes (1990), considerando que uma pesquisa se estrutura em alguns níveis e fases específicas. Entendemos a abordagem dos níveis da pesquisa como um ângulo de entrada para captura das informações, considerados os devidos arranjos que direcionaram nosso olhar analítico a partir do interesse na dimensão metodológica e também o limite qualitativo da análise frente a um conjunto extenso de observáveis. São considerados níveis da pesquisa as dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica.

A epistemologia é tratada como uma perspectiva, um olhar para os modos como o conhecimento é organizado e produzido. As práticas científicas, como um sistema articulado e institucionalizado, são historicamente determinadas, a partir da proposição de Bachelard (2000). A compreensão da ciência a partir de seu contexto histórico é um movimento que gera inúmeras e profundas implicações à visão e à prática da pesquisa, em especial, acarreta a negação de uma categoria universal ou homogênea de verdade científica. Fazer ciência, nesse sentido, é – situado em determinado contexto social e histórico – romper com o conhecimento usual, com o senso comum. Os princípios de cientificidade de determinada área operam internamente à prática científica (LOPES, 1990). Assim, o trabalho de pesquisa é uma prática que ultrapassa o saber cotidiano através de operações metodológicas específicas que constroem os objetos do conhecimento (BACHELARD, 2000).

A instância epistemológica representa uma postura de vigilância permanente em relação a todas as etapas da pesquisa, é a crítica a partir desse “olhar epistemológico” que organiza os critérios de validação interna da ciência (LOPES, 2004). Através dessa postura, pode-se desnudar as diversas vinculações com paradigmas, teorias, quadros de referência e modelos explicativos que a abordagem de um ou de outro objeto do conhecimento carrega.

Na construção da análise, essa instância materializou-se na eleição de um fenômeno do mundo como um objeto científico, em um processo de ruptura epistemológica. Interessou-nos a identificação de uma postura de vigilância epistemológica no trabalho, explicitada sobretudo no âmbito da construção da problemática de pesquisa e dos objetivos. Também exploramos as subáreas da pesquisa, um processo tentativo de identificar a aderência das pesquisas com determinadas discussões no escopo mais amplo do campo comunicacional. As subáreas na perspectiva aqui adotada não são territórios com fronteiras



rígidas e sim articuladas a ângulos de entrada (BRAGA, 2011a), os quais revelam como são constituídos os objetos de estudo em função do enfoque dado nas teses e dissertações. A identificação das subáreas ocorreu de modo constante no decorrer do processo de fichamento dos trabalhos, a organização foi objeto de discussão entre o grupo e revisitada de modo a eliminar arestas e potencializar o delineamento da análise. Foi, também, abordado o objeto empírico dos trabalhos, na tentativa de capturar a construção do objeto de pesquisa a partir das angulações realizadas pelos pesquisadores.

A instância teórica se refere, numa definição ampla, do quadro teórico de referência forjado na e para a investigação. É, assim como na instância epistemológica, uma tomada de posição relacionada ao objeto, aos objetivos e à problematização da pesquisa. Braga (2016) aponta quatro possibilidades de acionamento da instância teórica no processo de pesquisa: o primeiro é a teoria como uma visão de base, como fundamento. Neste escopo, a teoria opera como uma fundamentação do estágio inicial da pesquisa, que culminará na tessitura do projeto de investigação. O segundo acionamento é a teoria como um conhecimento estabelecido. Trata-se de cotejar determinada teoria a partir de sua potencialidade explicativa em relação ao objeto, ao contexto, à proposta da investigação. Comumente, é o preconizado nos manuais da área como um “quadro teórico de referência”. A teoria como ação metodológica é o terceiro acionamento possível. Muitas vezes perceptível de forma sutil nos relatórios de investigação, são as reflexões que subjazem à construção da questão de pesquisa e dos objetivos, e também o conjunto de conceitos que orientam a incursão propriamente metodológica (no sentido operativo) para escolher as formas de analisar o objeto. O quarto acionamento é, por fim, a teoria produzida pela própria pesquisa.

Nem todos os acionamentos são visíveis em uma investigação, e nem todas as investigações os enunciam claramente, a depender

da problemática e das opções do pesquisador no percurso. No fichamento, foi abordado especificamente o segundo acionamento teórico, relativo ao quadro teórico de referência.

Situado entre um âmbito teórico e outro operativo, a instância metódica dá conta da objetivação dos quadros de análise “[...] através dos quais são ordenados e articulados os conceitos, elementos e variáveis, numa espécie de arquitetura do discurso” (LOPES, 1990, p. 110). Na análise, mapeamos as modalidades de enunciação da metodologia no projeto, se o/a autor/a expunha, em alguma parte do trabalho, sua processualidade metodológica e de que modo era realizado esse investimento. Ainda no entendimento da instância metódica, explorou-se se os trabalhos primavam por uma abordagem quantitativa, qualitativa mista ou se ainda não a explicitavam.

Por fim, temos a instância técnica, o espaço das “teorias em ato” (Bachelard), onde a perspectiva metodológica se materializa em operações e procedimentos específicos. É o espaço em que as informações são coletadas e transformadas em observáveis que servem ao delineamento da problemática e desenvolvimento da pesquisa. Não foi consolidada *a priori* uma listagem das estratégias metodológicas possíveis no âmbito das investigações. Foi sugerida uma lista inicial, a qual foi revisada e ampliada durante a metapesquisa. Essa decisão buscou consolidar um gesto de abertura à diversidade de estratégias que o *corpus* poderia apresentar, assim como para as inovações nesse âmbito propostas nas investigações. Cabe mencionar que não foi pretensão do projeto esgotar as estratégias metodológicas possíveis, uma “floresta de métodos”, como define Santaella (2001), múltipla em termos de vinculação metódica, teórica e epistemológica, mas iluminar o conhecimento sobre os trajetos metodológicos realizados pelas pesquisas. Exploramos, ainda, quais teorias acionadoras da metodologia foram mobilizadas pelos autores, no sentido de identificar quais substratos teóricos são priorizados.

Quadro 2 – Instâncias da pesquisa e dimensões de análise

Epistemológica	Problema de pesquisa/problematização Objetivos de pesquisa Subárea de pesquisa Objeto empírico
Teórica	Quadro teórico de referência (três conceitos centrais do trabalho)
Metódica	Apresentação da metodologia
Técnica	Estratégias metodológicas mobilizadas Teorias acionadoras da metodologia

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

A partir do delineamento e operacionalização analítica dessas instâncias, foi elaborado o instrumento de coleta de dados, que passou por fase de testes e foi posteriormente revisado. No período de dois anos, o grupo dedicou-se, então, à leitura, fichamento e análise dos trabalhos com base nesse instrumento, com a realização de reuniões periódicas para polir arestas e alinhar as possíveis dúvidas. O trabalho foi dividido por regiões: primeiramente, foram analisados os relatórios desenvolvidos por PPGs da região Sul<sup>20</sup>, posteriormente, da região Sudeste e, por fim, da região Nordeste.

Para realização dos fichamentos, os relatórios foram consultados na íntegra, com foco nas dimensões indicadas no instrumento. Foi reservado um espaço para que o pesquisador pudesse indicar eventuais dúvidas ou questões para a análise da equipe responsável pela consolidação das informações. Passado o período de fichamento, os dados foram reunidos em planilha no formato excel e consolidados em uma base. Um processo permeado por dificuldades, a começar pelo acesso aos relatórios de pesquisa, cuja consolidação muitas vezes passou por uma comparação entre as informações disponíveis na plataforma Supcupira, nos sítios dos PPGs, com eventuais contatos em alguns Programas para obter trabalhos sem acesso por razões de ordem técnica ou

20 Uma primeira análise foi apresentada em 2020 no GP de Teorias da Comunicação da Intercom (WOTTRICH *et al.*, 2020).

procedimental. Um outro desafio se deu na realização do trabalho em rede, no contexto da pandemia de covid-19, com pesquisadoras situadas em diversas regiões do país e no exterior, o que demandou atenção redobrada e revisão constante do planejamento inicial.

Os fichamentos foram realizados a partir das informações explicitadas nos relatórios. Ou seja, tentamos capturar, sempre que possível, as dimensões de interesse a partir de sua enunciação no texto. Desse modo, tentamos evitar produzir inferências com base nas informações apresentadas de modo tácito, um cuidado importante para o projeto, visto que nosso interesse estava em compreender justamente a explicitação da práxis metodológica nos trabalhos.

Esse traçado, brevemente retomado nessas páginas, sofreu desvios de rota, modulações, ajustes que aconteceram no ritmo próprio de nosso contato e intimidade com o conjunto de informações que objetivávamos desbravar. Algumas dimensões que pareciam muito estáveis foram posteriormente subsumidas da análise, enquanto outras ganharam maior relevo e projeção. Inicialmente, a pesquisa se propunha a empreender dois movimentos, um de ordem quantitativa e outro qualitativa, em diálogo com outras experiências de metapesquisa (MATTOS; BARROS; OLIVEIRA, 2018; JACKS *et al.*, 2017; JACKS, 2014; JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). No entanto, o investimento para fichamento dos trabalhos, organização da base e discussão dos resultados quantitativos foi tamanho que nos levou a circunscrever a discussão aos achados gerais a partir de um enfoque mais quantitativo. A exploração de ordem mais qualitativa foi estimulada a partir das discussões sobre as estratégias metodológicas mais mobilizadas pelo campo, o que o leitor encontra do capítulo 3 em diante. Há ainda um amplo conjunto de dados para a discussão, referente às instâncias epistemológica, teórica, metódica e técnica, que temos a expectativa de esmiuçar futuramente.

Compartilhado o nosso percurso, passamos à apresentação dos achados, com enfoque quantitativo. Reiteramos que esses

dados, em si mesmos, não fornecem indicativos sumários de como a instância metodológica se realiza. Sua apresentação é realizada com a expectativa de dois movimentos: (i) possibilitar aos leitores o reconhecimento do delineamento metodológico na Comunicação a partir das pesquisas produzidas em nosso campo, empreendimento necessário, mas ainda escasso; e (ii) estimular os pesquisadores a fazer a discussão dessas informações a partir de sua situacionalidade e angulações epistemológicas e teóricas no campo, o que, no final das contas, não deixa de ser um estímulo à própria reflexividade metodológica defendida nas páginas anteriores. Na descrição, são esmiuçadas a instância epistemológica (problematização/objetivos, subárea de pesquisa), a instância metódica (apresentação da metodologia) e a instância técnica (estratégias metodológicas mobilizadas). Optamos por não apresentar os dados relativos à instância teórica em termos quantitativos, pois entendemos que sua exploração, dada a diversidade conceitual identificada (mais de duas mil entradas conceituais), demanda uma discussão mais aprofundada, no sentido de empreender agrupamentos, delinear movimentos e voltar aos trabalhos para discutir os acionamentos realizados, o que não se tornou compatível com um enfoque mais generalista, pelo menos não no tempo de que dispúnhamos. Interessam-nos as vinculações entre as escolhas teóricas e o desenvolvimento metodológico, amarrações tecidas dos mais diversos jeitos, considerando que o campo da Comunicação não se configura a partir de uma sedimentação consensual dos aportes teóricos, enraizados em tradições (BRAGA, 2011b).

Na dimensão epistemológica, atentamo-nos para a configuração de uma problemática de pesquisa e dos objetivos. São diversos e desiguais os pesos atribuídos a essas dimensões em uma pesquisa, como discutido em outro momento (WOTTRICH *et al.*, 2021). Não nos interessou compreendê-las estritamente em sua formalização, pois isso significaria consolidar, em maior ou menor medida, uma visada prescritiva, como um *checklist* de tópicos que situariam o trabalho como científico ou não. Importou sua dimensão heurística, reveladora

das injunções realizadas pelo pesquisador em processos de aproximação, delimitação e foco sobre o fenômeno que eleger para analisar. Por isso, mais do que a escolha de uma pergunta/questão de pesquisa, buscamos identificar os movimentos de problematização associada a outros elementos processuais da investigação (BRAGA, 2016).

Não há consenso sobre a relação entre o problema/problemática da investigação e os objetivos de uma pesquisa, suas ordens de articulação, abrangência e finalidades. Muitas vezes, essas dimensões são consideradas intercambiáveis ou até mesmo dispensáveis. Há distintos olhares teóricos sobre a questão, de manuais a discussões epistemológicas mais densas, desde diferentes tradições disciplinares (WOTTRICH *et al.*, 2021). A forma como entendemos essas dimensões passa pelas maneiras como ela é mobilizada em nosso próprio território, a Comunicação, a partir de teorizações e experiências. Por isso, o que trazemos na sequência se baseia nesse diálogo com os pares.

Desde esse lugar – o subcampo científico da Comunicação –, a dimensão da problematização tem centralidade, pois é a partir dos movimentos gerados em sua constituição que angulamos nossa abordagem do fenômeno analisado, em articulação com a teoria e com o cenário empírico (LOPES, 2003a; BRAGA, 2005, 2016; BARBOSA, 2020). É no próprio exercício sempre tentativo e aproximativo da problematização que o objeto de pesquisa se constitui, por isso, a ação de perguntar é em si um movimento fundamental da práxis metodológica, a partir dele configuramos as bordas do que nos dedicamos a investigar. Como argumenta Braga (2011b), se temos um bom problema de pesquisa, as demais atividades e dimensões do fazer investigativo articulam-se com facilidade ao seu redor.

Além dessa vinculação epistemológica da problematização, ela também existe em um nível “tático”, pois diferentes perguntas nos levam a diferentes caminhos de pesquisa (SANTAELLA, 2001; BRAGA, 2005; MARTINO, 2018). Apresentar a dimensão da problematização nesse nível possui algumas implicações, afinal, propor uma questão de pesquisa

significa assumir um compromisso em discuti-la. Comunicar uma ou mais perguntas de pesquisa é considerar que elas podem ser enfrentadas e debatidas nos marcos epistemológicos, teóricos e empíricos da própria investigação. Tanto em um nível epistemológico, quanto em um nível tático, “Perguntar sobre as perguntas” se torna uma forma de reconhecer, objetivar e inscrever as decisões e recortes delineados no curso de uma pesquisa. Daí a afirmação sobre a importância dessa dimensão.

Existem muitas confusões sobre a relação da problemática/problema com os objetivos de uma pesquisa, e não temos a intenção de enfrentá-las: sua explicitação poderia render um bom debate teórico, mas pouco serviria a nossa intenção com este texto. Isso porque, muitas vezes, a discussão parece ocupar-se dos aspectos formais/estruturais que delimitariam uma ou outra dimensão, mas não se centram em estabelecer suas distinções e similaridades a partir do modo como elas existem, são encarnadas nas pesquisas.

De qualquer forma, importa dizer que os debates teóricos em torno dos objetivos costumam ser menos acalorados do que os direcionados à problemática. E isso parece ter uma explicação, pois os objetivos – do latim, *objectus* – significam algo que é lançado diante dos nossos sentidos. Não ocasionalmente, é comum vermos associada ao objetivo a ideia de um alvo, o objetivo seria então aquilo que desejamos alcançar ao fazer uma investigação (SANTAELLA, 2001). Nessa concepção, os objetivos teriam a finalidade de indicar o propósito de uma investigação, de forma mais ou menos complexa/operacional, extensa/lacônica, abstrata/empírica, associados a uma problemática. Quando pensados no âmbito de sua operacionalidade, comumente há a divisão entre objetivo geral e objetivos específicos, esses últimos considerados a partir de seu caráter mais instrumental. Importa considerar que a constituição dos objetivos de pesquisa é estimulada pela problematização do objeto (BRAGA, 2011b) e costuma indicar o caminho a ser percorrido e seus desdobramentos.

Ao analisar como essas dimensões são mobilizadas nas teses e dissertações, vemos que a problematização pôde ser capturada em 1323 trabalhos. Nas outras 564, não foi identificada, o que corresponde a cerca de 43% das investigações. Já a menção aos objetivos da pesquisa é significativamente mais expressiva: 1801 pesquisas os explicitam de alguma forma, apenas 76 pesquisas não o consideram (4,2%). Em relação aos objetivos específicos, 920 pesquisas os mencionam, e em 957 não foram identificados, mais de 50% do total. Em um olhar abrangente, observamos que a dimensão do objetivo de pesquisa adquire maior expressividade do que a da problematização nos relatórios analisados.

Há uma nítida diferença sobre a importância que atribuímos a essas dimensões, na teoria, e o modo como estão inscritas nessas pesquisas. Com base no recorte analisado, podemos indagar o porquê a dimensão da problematização não ser tão priorizada e o que isso revela, em termos das implicações metodológicas, teóricas e epistemológicas, sobre nossos modos de constituir o conhecimento na Comunicação. Cabe aventar se a ausência de trajetos identificáveis inscritos nos relatórios em mais de 40% das investigações poderia levar ao risco comentado por Braga (2011b), de dispersar ângulos, ideias e construções sobre um objeto, sem que isso escoe na indagação propositiva de um ou mais problemas do conhecimento.

Seguindo o trajeto de análise, identificamos 86 subáreas das pesquisas. Cada trabalho poderia ser considerado em até duas subáreas distintas. A identificação dessa dimensão não buscou ser exaustiva ou esgotar as angulações possíveis no campo, uma tarefa por demais pretensiosa, cuja impossibilidade é notável pela diversidade de temas e abordagens que constituem o conhecimento comunicacional. Por outro lado, o movimento tentativo de sua identificação pode ser revelador, em alguma medida, de algumas aderências temáticas e das possibilidades de interface exercitadas pelo campo. Por isso, devem ser tomadas menos em um sentido organizativo e mais como um estímulo





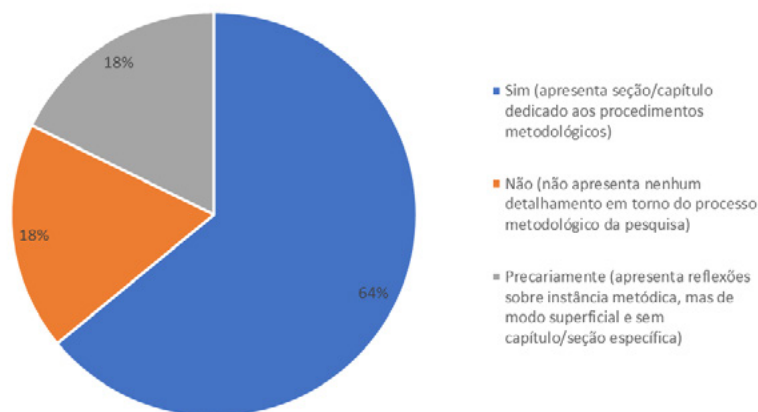
Entre as subáreas mais identificadas, revela-se certa marca habilitacional ou profissionalizante, como identificou Romancini (2006) em relação à classificação à época vigente da área da Comunicação no CNPq, considerando sua aderência a cursos específicos da graduação (jornalismo, cinema, relações públicas e publicidade). Por uma via, isso estimula a reflexão sobre os tensionamentos existentes entre uma formação científica e outra de cunho mais profissionalizante (SIGNATES, 2018). Mas, por outra via, também evidencia as relações entre os subcampos científico e educativo. Embora possuam especificidades, é evidente que as dinâmicas presentes em um e outro espaço se cruzam, chocam e produzem implicações significativas para o conhecimento constituído na Comunicação. Além da marca disciplinar, as subáreas indicam a aderência a alguns temas específicos, como entretenimento, televisão e música. As relações de gênero aparecem como um dos dez temas mais abordados, o que revela o crescente aumento do interesse do campo da Comunicação em discutí-las (TOMAZZETTI, 2020). Há ainda os estudos sobre internet<sup>21</sup>, os quais adquirem evidente protagonismo, também associados a outras subáreas relacionadas.

Em relação à instância metódica, interessou-nos mapear como a processualidade metodológica foi inscrita nos relatórios, se havia um espaço dedicado à sua exploração, se a metodologia era apresentada precariamente, de modo mais superficial, sem um aprofundamento em torno das escolhas realizadas pelo pesquisador, ou ainda se não havia quaisquer indícios de inscrição metodológica nos trabalhos. Tateamos a existência dessa dimensão a partir dos modos como ela foi apresentada nas pesquisas, pois cabe lembrar que “investigamos para comunicar” (GONZÁLEZ, 2007, p. 81) e isso abrange mais do que iluminar os achados, também inscrever a processualidade metodológica na própria

21 Seguindo a abordagem de Pieniz, Silva e Matos (2017) e Pieniz e Wottrich (2014), adotamos o termo “internet” para agrupar os estudos, com ciência das limitações dessa denominação. Buscamos utilizá-la, no entanto, sem excluir sua interface com outras subáreas correlacionadas, como “cultura digital” e “convergência”, as quais foram incluídas, e não subsumidas na subárea “internet”, por considerar que abordam dinâmicas singulares em seu escopo.

investigação, em suas diversas modulações. Em 1235 pesquisas (82%), a metodologia é apresentada, sendo que 64% delas dedica um espaço específico à discussão e 18% a abordam de forma mais tangencial. Em 342 trabalhos (18%) não identificamos quaisquer delineamentos.

**Figura 2 – Apresentação dos procedimentos metodológicos**



Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

Os achados não se referem à qualidade da apresentação metodológica, afinal, é possível dedicar várias páginas apresentando a metodologia em uma perspectiva formalista apartada da discussão teórica e do próprio cenário empírico, ou ainda escrever laudas esparsas, mas que expressem ao leitor de forma competente as tomadas de decisões, inscrições e processualidades realizadas, convocando a reflexividade epistêmica mencionada no capítulo anterior. Somam-se a isso as complexidades das vinculações epistemológicas e teóricas, trabalhos com objetos, assuntos e abordagens diferentes convocam armações metodológicas igualmente distintas, por isso, elas devem ser consideradas no âmbito de sua coerência interna, qualitativamente.

Dito isso, embora a análise dessa instância não possa ser conclusiva, nos possibilita pensar que o subcampo científico possui uma reflexividade metodológica inscrita nos trabalhos, cultivada no decurso do tempo. O cenário que encontramos hoje, a partir de nosso recorte, parece diferir do apontado por Lopes nos anos 1990: “[...] é importante salientar que essas opções [as metodológicas] são normalmente tomadas com um baixo grau de consciência por parte do investigador. No caso das pesquisas de Comunicação Social, esse fato se expressa, em princípio, por uma quase ausência de explicitação da estratégia metodológica que sustenta a investigação” (LOPES, 2003b, p. 101).

Avançando na exploração da instância metódica, desbravamos se os trabalhos possuíam uma aderência à abordagem qualitativa, quantitativa, se as misturavam ou ainda se não as mencionavam. A diferenciação (muitas vezes, a polarização) entre um enfoque e outro é querela antiga, fala das disputas próprias do campo científico e, ao longo do século 20, tornou-se muitas vezes uma “polêmica verborrágica e improdutiva” (BAUER, GASKELL, 2013, p. 9), se considerarmos que são, na verdade, abordagens que se cruzam e complementam. Mais da metade dos trabalhos, 1084 (58%), não enuncia se a pesquisa possui enfoque quantitativo ou qualitativo. Entre os que enunciam, há predominância de abordagem qualitativa em 572 pesquisas (30% do *corpus* total) e mista em outras 217 (12%). A abordagem quantitativa é apresentada em apenas quatro pesquisas. Explicitar a adesão a uma ou a outra abordagem não parece ser uma preocupação para a maior parte das pesquisas analisadas, o que pode revelar um traço constitutivo da forma como experimentamos a metodologia em nosso campo. Essa questão dialoga com as angulações constituídas historicamente na busca do conhecimento comunicacional (BRAGA, 2011a), na relação em si mesmo epistemológica de nossa inscrição nos percursos investigativos e também com os modos como nos situamos na acalorada discussão sobre a relação “sujeito-objeto” que permeia a história da ciência.

Em relação à instância técnica, com a clareza de que não é possível dissociá-la da instância metódica, exploramos as estratégias metodológicas mobilizadas pelos trabalhos. A arquitetura mais rudimentar ou sofisticada das estratégias foi identificada em 1728 trabalhos (92%), apenas em 149 pesquisas não conseguimos capturar quaisquer indícios dos procedimentos mobilizados.

A pluralidade epistemológica e teórica do campo da Comunicação naturalmente também recai sobre as estratégias metodológicas. Elas nascem do objeto, considerando que esse é um sistema de relações expressamente construído a partir das decisões que vão sendo tomadas pelo pesquisador no decurso do tempo, no diálogo (e, por que não dizer, também no conflito) entre a problematização, as abordagens teóricas e o fenômeno analisado. Mas isso não significa que as estratégias metodológicas sejam sempre inéditas, afinal, quando criamos uma estratégia, trazemos muitas vezes conosco aportes de estratégias antecedentes, seja para afirmá-los, seja para recusá-los. Novo, nesse caso, será nosso modo de mobilizá-las, um percurso guiado pela problematização específica de cada pesquisa.

Nesse processo de delineamento das estratégias, as teorias acionadoras da metodologia ganham importância. Elas nos amparam em, pelo menos, duas dimensões: na relação estabelecida entre a metodologia e o quadro teórico de referência (instância teórica) e na indicação de possíveis caminhos (estratégias), de cunho mais ou menos operacional, para a coleta, análise e tratamento das informações. Nessa segunda dimensão, tornam-se um aporte valioso ao indicar as vinculações teóricas e possibilidades operativas de cada estratégia em particular. Há uma vasta literatura, sobretudo em manuais de pesquisa, que abordam as especificidades de determinadas estratégias e as formas possíveis de realizá-las. A diversidade é tamanha que se torna impossível estabelecer qualquer lista exaustiva.

Para entrar nessa densa “floresta de métodos” (SANTAELLA, 2001) na análise das teses e dissertações, fizemos dois movimentos complementares e síncronos: com base na consulta da literatura, listamos as estratégias metodológicas mais conhecidas e mencionadas. No curso da análise, essa lista foi complementada, revista, ampliada, com base no contato com os trabalhos e na identificação das estratégias mobilizadas por eles. Isso resultou na identificação de mais de 50 estratégias diferentes, mencionadas por 1728 pesquisas (92%). Abaixo, indicamos as estratégias metodológicas mais mobilizadas, considerando sua aparição em, pelo menos, 50 trabalhos:

**Quadro 3 – Estratégias metodológicas apresentadas nos trabalhos**

<b>Estratégias Metodológicas</b>	<b>Trabalhos</b>
Entrevista	436
Pesquisa Bibliográfica	286
Observação	260
Análise de Conteúdo	223
Análise de Discurso	210
Estudo de Caso	192
Análise Fílmica/Análise de Audiovisual	187
Pesquisa Documental	157
Etnografia	124
Questionário	90
Cartografia	83
Análise de Imagem	52
Análise Semiótica/Semiológica	52
Netnografia/Etnografia Virtual	50

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

A exploração dos resultados em torno das cinco estratégias metodológicas mais mobilizadas pelos trabalhos será realizada nos próximos

capítulos. No entanto, uma apreciação preliminar revela a importância dada à entrevista e à observação como recursos de produção e levantamento de informações. Ambas apresentam a vantagem da diversidade de tipologias e modalidades (DUARTE, 2009; FLICK, 2009), o que propicia flexibilidade na exploração dos objetos comunicacionais. No caso da entrevista, possibilita “[...] um momento privilegiado de encontro comunicacional intersubjetivo” (MARTINO; LOPES; SOUZA, 2017, p. 79). Por sua vez, a observação proporciona um contato direto entre pesquisador/a com a realidade estudada por meio do “[...] acompanhamento sistemático da interação entre pessoas” (MARTINO, 2018, p. 135). A pesquisa bibliográfica foi outra estratégia metodológica recorrente, tendo sido identificada em 286 investigações. Fundamental para qualquer investigação científica – pois permite o levantamento e a análise crítica de referências teóricas já publicadas sobre a temática estudada (MARCONI; LAKATOS, 1999) –, foi mencionada como única estratégia acionada ou como uma das etapas do trabalho científico. Em diálogo com os achados de Quadros, Asmann e Lopez (2014), observamos o uso considerável da Análise de Conteúdo entre as investigações do campo. Presente em 223 trabalhos, é empregada combinada ou não com outros métodos, para estudar os mais diversos objetos. Verificamos ainda a proeminência da articulação da Análise de Discurso para discutir condições históricas, sociais e políticas dos discursos da mídia. A sua presença em 210 trabalhos evidencia como essa estratégia teórico-metodológica encontrou terreno fértil na investigação em Comunicação (MARTINO, 2018).

As estratégias indicadas no quadro 3 possuem distintas complexidades, algumas convocam imediatamente um aporte teórico, enquanto outras podem ser entendidas num nível mais estrito de sua operacionalidade. Elas podem ser mobilizadas em diferentes fases da investigação, com diversas intencionalidades (coletar, analisar, interpretar).

A combinação de mais de uma estratégia foi realizada em 45% dos trabalhos. Associar dois ou mais procedimentos, em chave multimetodológica, é uma rota oportuna para enfrentar a complexidade dos objetos na Comunicação em sua relação com outros saberes e disciplinas (LOPES, 2004).

Em 312 trabalhos (cerca de 16%), foram identificadas estratégias metodológicas singulares, não inventariadas de modo sistemático na literatura e que iluminam movimentos de tensionamento, apropriação e diálogo na configuração de estratégias articuladas às demandas dos contextos investigativos específicos. A diversidade e potencialidade das estratégias e combinações entre elas fica evidente nessas pesquisas, com a constituição de novos trajetos metodológicos possíveis.

No debate sobre estratégias metodológicas, cabe evitar elogiar a criação e criticar a repetição, ou vice-versa. Na verdade, essa é uma questão vazia, pois é possível usar estratégias inéditas, mas com pouca coerência interna e aderência ao cenário investigado; ou repetir estratégias já conhecidas de modo competente e articulado à problemática da pesquisa. Não há “boa” ou “má” estratégia, mas bons ou maus acionamentos.

Então, o que seria um “bom” acionamento metodológico? A resposta parece se direcionar para o rompimento do formalismo, ou seja, não “decalcar” as estratégias dos manuais e inseri-las de forma irrefletida na investigação, sem entender como essa escolha se relaciona com a problemática, com o quadro teórico de referência e com o cenário analisado. E isso passa por compreender que mesmo a dimensão mais instrumental da metodologia é lugar de criação contínua, um espaço por excelência para compor, desmontar, tensionar, ampliar as possibilidades de estratégias a partir daquelas já conhecidas. Ao dialogar com os aportes metodológicos antecedentes, “Podemos complementá-lo[s] – e tensioná-lo[s] produtivamente – pelo esforço de manter articulações dinâmicas entre os diferentes componentes



de nossa pesquisa” (BRAGA, 2011b, p. 10). Os próximos capítulos seguem a prerrogativa desse diálogo, ao discutir as estratégias metodológicas mais mobilizadas nos trabalhos analisados, explorando sua constituição e relação com as teorias acionadoras da metodologia e aportes do campo da Comunicação e de outros campos.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- BAUER, Martin.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRAGA, José Luis. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. *In*: MOURA, Claudia; LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.
- BRAGA, José Luis. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011a.
- BRAGA, José Luis. A prática da pesquisa em comunicação-abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**. 2011b.
- BRAGA, José Luis. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, v. 10, n. 3, p. 288-296, 2005.
- BRAGA, José Luis. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, n. 10/11, p. 219-236, 2004.
- CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO SUPERIOR. **Relatório da Avaliação Quadrienal 2017** – Comunicação e Informação. Brasília, 2017.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: BARROS, Antonio.; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZÁLEZ, Jorge. Primera parte. Por una cultura de conocimiento. *In*: GONZÁLEZ, J. A.; AMOZURRUTIA, José Amuzurrutia; MAASS, Margarita. **Ciber-cultur@ e iniciación en la investigación**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

JACKS, Nilda.; MENEZES, Daiane.; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda. **Meios e Audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JACKS, Nilda.; PIEDRAS, Elisa.; JOHN, Valquíria.; PIENIZ, Monica. **Meios e Audiências III**: reconfigurações nos estudos de recepção e de consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 1990.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. *In*: Maria Immacolata Vassalo (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a.

Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2003b.

Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 1, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINO, L. M. S.; LOPES, A. G.; SOUZA, V. R. P. A entrevista na pesquisa em comunicação: reflexões metodológicas sobre duas experiências práticas. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 3, 2019.

MARTINO, Luis Mauro de Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MATTOS, Maria Angela; BARROS, Ellen Joyce Marques; OLIVEIRA, Max Emilianio. (org.). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018.

PIENIZ, Monica.; WOTTRICH, Laura. Receptores na Internet: desafios para o contexto de trânsito das audiências. *In*: JACKS, Nilda. **Meios e Audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PIENIZ, Monica.; SILVA, Ronei., MATOS, Ludmila. Sujeitos em trânsito na internet. *In*: JACKS, Nilda.; PIEDRAS, Elisa.; JOHN, Valquíria.; PIENIZ, Mônica.

**Meios e Audiências III**: reconfigurações nos estudos de recepção e de consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

QUADROS, Mirian.; ASSMANN, Gabriela; LOPEZ, Debora Cristina. A análise de conteúdo nas pesquisas brasileiras em comunicação: aplicações e derivações do método. *In*: BARICHELO, E.; RUBLESCKI, A. (org.). **Pesquisa em comunicação**: olhares e abordagens. Santa Maria: Facos – UFSM, 2014.

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da comunicação no Brasil**: institucionalização e capital científico. 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. **E-Compós**. 2018.

TOMAZETTI, Tainan Pauli A map of the dissidents: the gender studies in theses and dissertations in communication of Brazil (1972-2015). **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 43, p. 57-81, 2020.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. **Avaliação da Pós-Graduação Brasileira**: análise dos quesitos utilizados pela CAPES e das críticas da comunidade acadêmica. 2015. 184p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WOTTRICH, Laura.; MAZER, Dulce.; MONTEIRO, Maria Clara Sidou; CRAVEIRO, Pamela Saunders; VIEGAS, Paula. A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região Sul. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43., 2020, Salvador. **Anais[...]** São Paulo: Intercom, 2020.

WOTTRICH, Laura.; MAZER, Dulce.; MONTEIRO, Maria Clara Sidou; CORRUIJA, Paula; SILVA, Ronei; DA COSTA, Sarah. O lugar do problema e dos objetivos na pesquisa em comunicação. *In*: Pôrto Jr., G. (org.). **Comunicação e jornalismo**: metodologias para se pensar a docência, o ensinar e o pesquisar [recurso eletrônico]. Vol. I: Pensar e problematizar. 1. ed. Palmas TO: Ed UFT, 2021. p. 15-42.

# 3

Tatiana Vargas  
Eloisa Beling Loose

**ENTREVISTA ENQUANTO  
MÉTODO DE PESQUISA:**  
usos e explicitações  
no campo comunicacional

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.03

## INTRODUÇÃO

No âmbito do projeto de pesquisa “A análise metodológica na consolidação da prática de pesquisa no campo da Comunicação” (CNPq/Edital 2018), este capítulo resulta da exploração dos dados sob o enfoque dos trabalhos que mencionaram a entrevista como procedimento metodológico. A entrevista é um método de coleta de dados amplamente utilizado nas Ciências Sociais (DUARTE, 2015; GASKELL, 2015; GIL, 2008; TRIVIÑOS, 1987). No campo da Comunicação não é diferente: utilizada como estratégia metodológica isolada ou combinada com outras, como observação participante, aplicação de questionários ou pesquisa documental, a entrevista é acionada para obtenção de dados que possam subsidiar as discussões provocadas pelo problema de pesquisa.

O objetivo deste capítulo é refletir sobre os usos e as formas de apresentação das entrevistas enquanto procedimento metodológico em dissertações e teses da área da Comunicação. Sob uma perspectiva panorâmica, debatemos como a entrevista é mobilizada pelos pesquisadores na descrição metodológica dos trabalhos, aspecto fundamental para que a reprodutibilidade científica possa ocorrer, quais são as subáreas temáticas que mais fazem uso dessa estratégia e quais são os autores mais referenciados para embasar sua escolha.

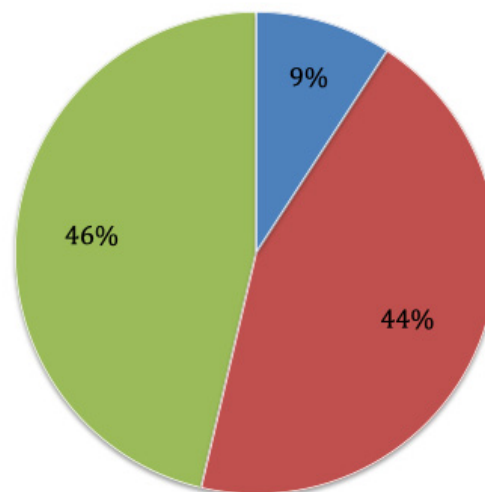
Na primeira parte apresentamos os dados da pesquisa e do recorte deste capítulo. Na sequência, discutimos as subáreas de pesquisa que mobilizam a entrevista, definidas pelos analistas do projeto, e os dispositivos metodológicos e referências citados pelos autores. Ao final, propomos uma discussão teórica sobre a entrevista enquanto método de coleta de dados no campo da Comunicação e tecemos algumas considerações a partir da análise empreendida.

## APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS

A base geral de dados do projeto contém 1877 trabalhos relativos a Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil considerados de referência no campo (notas 5, 6 e 7) entre os anos de 2013 e 2018. Deste total, 436 mencionaram a entrevista como procedimento metodológico, o que representa 23,21% do total dos trabalhos analisados na pesquisa. Entre esses trabalhos, 260 são dissertações de mestrado e 176 são teses de doutorado; 202 deles são de programas da Região Sul, 194 da Região Sudeste e 40 da Região Nordeste. O gráfico 1 ilustra a proporção dos trabalhos que mencionam a entrevista como método em razão da distribuição geográfica.

Gráfico 1 – Distribuição dos trabalhos analisados por região

● REGIÃO NORDESTE ● REGIÃO SUDESTE ● REGIÃO SUL



Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados da pesquisa (2022).

Nas instruções definidas pela coordenação deste projeto de pesquisa, foi recomendado que, após a leitura dos trabalhos, os analistas sinalizassem, a partir de sua interpretação, no máximo, duas subáreas temáticas de pesquisa para cada dissertação ou tese. Em relação ao *corpus* geral, mais de 80 subáreas foram identificadas em toda pesquisa, sendo a subárea de *jornalismo* a mais mencionada, seguida da de *internet*.

Nos trabalhos que mencionaram a entrevista como método, os analistas identificaram três subáreas predominantes que podem ser desmembradas em 163 combinações diferentes, como, por exemplo: *jornalismo e internet*, *publicidade e memória*, *relações públicas e movimentos sociais*, *cinema e educação*, entre outras. Lembra-se que tais classificações não correspondem a categorias excludentes, mas sim a uma tentativa de mapeamento dos temas predominantes decorrentes da leitura integral dos trabalhos.

Em nosso recorte de dados, das 163 subáreas identificadas, 56 apontam o *jornalismo* como principal área. Para além destes, somam-se mais 14 trabalhos que mencionam a relação entre *jornalismo* e *internet*, seguidos de uma série de combinações do jornalismo com outras diversas áreas, tais como *rádio*, *televisão*, *convergência* e *entretenimento*. A subárea da *internet* é a segunda mais selecionada pelos analistas com 39 incidências. Acrescidos a estas, os dados mostram diferentes encadeamentos temáticos da *internet* principalmente com as áreas do *consumo*, *movimentos sociais* e *entretenimento*. A subárea das *relações públicas* foi definida em 17 trabalhos e a estes podem ser adicionadas algumas poucas menções de ligações às subáreas da *internet*, *comunicação comunitária*, *política* e *territorialidades*. A tabela 1 apresenta os totais das incidências das subáreas predominantes com suas respectivas combinações<sup>22</sup>:

22 As combinações referem-se à menção das subáreas predominantes com outras subáreas, como acontece, por exemplo, com *jornalismo* e *cultura popular*; *internet* e *acontecimento*; *relações públicas* e *comunicação comunitária*.

Tabela 1 – Incidências e combinações de subáreas  
no recorte de dados sobre entrevista

<b>Subáreas predominantes no recorte sobre entrevista</b>	<b>Incidências da subárea</b>	<b>Combinações com outras subáreas</b>	<b>Total</b>
Jornalismo	56	48	104
Internet	39	53	92
Relações Públicas	17	7	24

Fonte: Elaborada pelas autores com base nos dados da pesquisa (2022).

Em 44 trabalhos analisados, a entrevista foi utilizada como único procedimento metodológico. Portanto, em 392 trabalhos houve a predominância de uma abordagem plurimetodológica, no sentido de integração de métodos de coleta e/ou de análise. Nota-se que os autores optaram por associar diferentes procedimentos à entrevista, e isto é esperado quando se trata de método de análise, porém revela uma estratégia ampliada de pesquisa quando se propõe a obter dados diferentes de pesquisa. Segundo Coutinho (2013), esta é uma tendência das últimas décadas, que nega a obrigatoriedade de uma opção metodológica unívoca e busca articular diferentes possibilidades, entendendo a complementaridade das abordagens. A perspectiva plurimetodológica ou de integração metodológica é uma estratégia de pesquisa flexível que busca responder ao problema de pesquisa e ao próprio desenvolvimento da investigação. Podemos refletir também que essa abordagem pode ser implementada com o uso da técnica da triangulação metodológica, especialmente no que diz respeito aos métodos de coleta de dados. Triviños (1987, p. 138) refere que “[...] a técnica de triangulação tem o objetivo de abranger a máxima amplitude na descrição, explicitação e compreensão do foco em estudo”. O autor menciona ainda que uma abordagem metodológica ampla é adequada ao estudo dos fenômenos sociais, pois a diversidade de métodos de coleta e de análise pode ser importante para “[...] contemplar processos



e produtos centrados nos sujeitos; elementos produzidos pelo meio; e processos e produtos gerados pelas estruturas sociais, econômicas e culturais do macroorganismo social em que está inserido o sujeito” (TRIVIÑOS, 1987, p. 139 ).

## INSTÂNCIA METÓDICA E TIPOS DE PESQUISA

Sobre a forma de exposição do processo metodológico, a maioria dos trabalhos apresenta um capítulo ou seção dedicada às escolhas metodológicas, uma parte menciona de forma superficial e sem um espaço específico no decorrer do documento, e a minoria não apresenta nenhum detalhamento sobre o processo. Veja os dados da tabela 2 sobre a apresentação da instância metódica:

**Tabela 2 – Explicitação da instância metódica**

<b>Exposição do processo metodológico</b>	<b>Quantidade de trabalhos</b>
Não (não apresenta nenhum detalhamento em torno do processo metodológico da pesquisa)	41
Precariamente (apresenta reflexões sobre instância metódica, mas de modo superficial e sem capítulo/seção específica)	64
Sim (apresenta seção/capítulo dedicado aos procedimentos metodológicos)	331
Total geral	436

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

No âmbito geral do recorte sobre entrevistas, foi possível notar que alguns trabalhos optam por fazer um tratamento genérico da abordagem metodológica, sem que haja a apresentação ou justificação do tipo de método de análise dos dados. É o caso, por exemplo, dos trabalhos que referiram apenas a entrevista como procedimento metodológico sem

especificar a forma de análise. Tal constatação já tinha sido apontada em estudos anteriores, como o conduzido por Strelow (2011), ao se debruçar sobre a pesquisa em Jornalismo entre 2000 e 2010: 46,2% dos trabalhos negligenciavam o debate metodológico; além disso, tal aspecto é evidenciado com mais frequência quando tratam dos procedimentos de análise (e não de coleta), sendo bastante citadas a análise de discurso e análise de conteúdo. Ainda de acordo com a pesquisadora, foi identificado que os autores dos trabalhos não fazem clara distinção entre teoria e método.

No que refere à menção sobre o tipo de pesquisa, em 37% dos trabalhos, os autores não apresentam esta informação. Destes não enunciados, os analistas deduziram que 87% são de cunho qualitativo, 12% são de tipologia mista (quali-quantitativa) e 1% quantitativo. A predominância de pesquisas qualitativas, seja nos trabalhos que mencionaram explicitamente ou naqueles deduzidos pelos analistas, fornecem alguns indícios sobre as características dos objetos teóricos ou dos contextos sobre os quais as pesquisas em Comunicação despertam mais interesse nos seus pesquisadores. De acordo com Lopes (2004), as condições de produção da ciência, no que tange o campo da Comunicação, têm-se traduzido por um enorme interesse pelo contexto social ou macrosocial da produção científica, um raro interesse pelo contexto institucional e um crescente interesse pelo contexto discursivo. Sendo assim, a análise dos fenômenos sociais, bem como as análises discursivas, em seus mais variados enfoques, tipologias, epistemologias ou posições enunciativas, constituem uma tendência que convoca os estudos de tipo qualitativo.

Linares e Costa (2019) ainda reforçam este argumento quando referem que, no campo dos estudos de Comunicação, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, surgem novas abordagens científicas e metodológicas, novos instrumentos de pesquisa e formas de interpretação dos significados, novas características analíticas do relacionamento social produzidas entre os que produzem e os que recebem a informação. Os autores pontuam que isto amplia as possibilidades de acesso à subjetividade do indivíduo enquanto processo científico

de interpretação das mensagens e narrativas midiáticas, o que estimula a construção de rigor metodológico e a compreensão das práticas midiáticas, de produção, distribuição e recepção como relações subjetivas ligadas a diferentes contextos (LINARES; COSTA, 2019). Portanto, com base neste cenário, podemos refletir sobre a conjuntura através da qual as pesquisas em Comunicação definem suas tipologias e desenvolvem seus percursos metodológicos.

## AS SUBÁREAS PROEMINENTES E SUAS COMBINAÇÕES COM OUTRAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Os dados do nosso recorte sobre entrevista apresentam as subáreas temáticas sinalizadas pelos analistas durante a leitura dos trabalhos. A nuvem de palavras abaixo aponta para uma diversidade de subáreas e combinações entre estas.

Figura 1 – Nuvem de palavras das subáreas e suas combinações no recorte sobre entrevista



Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

A visão geral sobre as subáreas de pesquisa mais presentes em nosso recorte não é reveladora dos argumentos que embasaram a escolha da entrevista como procedimento metodológico. Contudo, podemos perceber a amplitude temática do campo da Comunicação, o potencial de elaboração de conexões entre temas e objetos e de possibilidades de discussões sobre os fenômenos comunicacionais (e seus entrelaçamentos diversos) que se mantêm em permanente transformação, sobretudo com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação.

Para além do uso da entrevista enquanto método de pesquisa, que ultrapassa largamente as fronteiras do campo da Comunicação, é preciso mencionar que a realização de entrevistas é algo familiar na prática profissional dos comunicólogos, sobretudo na área do Jornalismo. Para o exercício da profissão, a entrevista se faz fundamental para apurar as informações, um dos primeiros passos para a construção dos relatos jornalísticos. De acordo com Marocco (2012, p. 145), “[...] a entrevista é uma ferramenta do cotidiano do jornalista, apropriada para operar nos níveis epistemológico, metodológico e de tratamento de dados”.

Na literatura sobre a produção de notícias ou reportagens, é comum encontrarmos detalhes de como se preparar para uma entrevista; como escolher e contatar os entrevistados; como observar os limites e benefícios das entrevistas face a face, por telefone ou e-mail, a postura que o repórter deve ter em relação à fonte de informação (inclusive muito debatida nas disciplinas de ética jornalística); avaliar a necessidade de fazer anotações ou usar o gravador, dentre outros aspectos associados a como proceder no ato da entrevista (ver, por exemplo: FLORESTA; BRASLAUSKAS; PRADO, 2009; PEREIRA JUNIOR, 2009). Apesar de algumas preocupações se assemelharem na pesquisa científica, é preciso sublinhar que os objetivos e as circunstâncias são muito diferentes.

Os jornalistas utilizam as entrevistas não apenas para coletar dados novos, mas, muitas vezes, para checar informações obtidas por

outras fontes. Além disso, o planejamento das entrevistas realizadas no dia a dia dos repórteres é realizado sempre sob restrição de tempo. A lógica de produção das notícias, baseada no factual, acelera o processo e impede que os profissionais tenham muito tempo para organizar ou escolher os entrevistados. Logo, a urgência de publicar o quanto antes os acontecimentos, que muitas vezes são inesperados, torna a entrevista um procedimento rotineiro orientado para resultados imediatos.

Travancas (2012) assinala que, como método de pesquisa, a entrevista pode ser agendada com antecedência e a postura do pesquisador não é a de confronto, como quando jornalistas questionam as fontes, buscando cumprir seu papel fiscalizador do poder. Também vale lembrar que as entrevistas jornalísticas diárias costumam ser diretas, enquanto na pesquisa abre-se mais espaço para a escuta, sem tantas preocupações com a duração da interação.

Embora as entrevistas jornalísticas não sejam preparadas e realizadas com o rigor científico exigido nas investigações e partam de problematizações (e, conseqüentemente, objetivos) diferentes, é interessante notar como a subárea do *jornalismo* foi aquela que mais empregou a entrevista como forma de coleta de dados. A proximidade com as discussões sobre o modo de fazer uma entrevista e experiências anteriores podem ser pressupostos de um maior interesse por esse método de pesquisa que outras subáreas.

Sobre as associações das áreas predominantes com outras, no caso deste recorte de dados, as pesquisas de Jornalismo concentram mais da metade dos trabalhos analisados na área *jornalismo*, sem menção a detalhamentos sobre meios ou suportes (TV, rádio, internet, fotografia ou cinema) ou abordagens específicas (identidade, gênero, cultura digital, cultura popular, convergência, consumo, comunicação pública ou popular); há alguns trabalhos, em proporção menor, que apontam para especialidades temáticas do Jornalismo, como educação, literatura e tecnologia, por exemplo. A ênfase na associação

entre as subáreas *jornalismo* e *internet*, que aparece como a segunda mais recorrente nesse *corpus*, reforça uma tendência já vislumbrada por pesquisadores que se dedicaram ao estado da arte das pesquisas em Jornalismo. O inventário realizado por Pereira e Wainber (1999), a respeito das pesquisas em Jornalismo entre 1983 e 1997, já sugeria um acréscimo das investigações nessa área em decorrência da emergência da *internet* e do próprio jornalismo on-line. Strelow (2011), em pesquisa posterior, reforça esse interesse, destacando aspectos da convergência tecnológica. Hoje, em um cenário transmídia, as práticas jornalísticas se misturam à cultura digital e se articulam, cada vez mais, às novas tecnologias, sendo discutidas não apenas como o exercício do Jornalismo se dá na web, mas também como características jornalísticas são incorporadas por outros campos e setores, acarretando uma série de estudos que extrapolam as suas fronteiras, como é o caso do debate sobre desinformação e pós-verdade.

A subárea da *internet* pode gerar conexões abrangentes com outras diversas subáreas identificadas nesta pesquisa, inclusive na pesquisa em Jornalismo e em Relações Públicas. Por ser um espaço/meio de circulação de informações, diferentes perspectivas comunicacionais podem ser mobilizadas a partir da *internet*. Em nosso recorte de dados sobre os trabalhos que utilizaram a entrevista como estratégia metodológica, a subárea *internet* aparece associada em maior número de vezes com as subáreas da *cultura digital*, *consumo* e *movimentos sociais*.

Cultura digital ou cibercultura, em sua amplitude temática, pode ser abordada relativamente ao campo da Comunicação através de diferentes enfoques, tais como: os estudos de documento e memória, nomeadamente pela noção de preservação da memória social e arquivos digitais em contextos institucionais; a difusão de conhecimentos a partir das tecnologias de informação e comunicação; a dualidade presente em conceitos como material e discursivo, objetos e espaços, atual e virtual, entre outros (DODEBEI, 2011). Algumas referências bibliográficas

bastante utilizadas nesta área são Lev Manovich, Manuel Castells, Pierre Levy e Mark Poster (DODEBEI, 2011). O consumo de produtos culturais em meio digital é outro tema já explorado especialmente no que concerne à cultura livre, com alguma discussão sobre direitos de autor (FOLETTTO, 2021) e sobre os impactos da digitalização nas formas de produção e consumo de produtos midiáticos (SHUM, 2009).

Um outro tema complementar ao consumo digital é a discussão sobre a partilha de práticas de consumo em redes sociais, com a reflexão sobre o conjunto de novas dinâmicas de comunicação que se desenvolveram a partir da popularização das tecnologias de informação e comunicação (SATO, 2016). Os estudos sobre consumo e cultura digital são estudados também de forma relacionada, como é o caso de Lievrouw (2014) e Lemos (2020), que argumentam sobre a importância dos objetos digitais (redes sociais e outras interfaces) como mediadores da formação social e mencionam o pouco avanço do campo da Comunicação nas pesquisas sobre a agência dos objetos digitais enquanto produtos de consumo. Segundo os autores, estudos alternativos poderiam complementar os estudos relativos às relações intersubjetivas, contextuais, apropriações sociais e significativas mais comumente exploradas no processo de entendimento destes fenômenos comunicacionais. A partir disso, seria possível notar que, nas abordagens sobre cultura digital, prevalece o teor culturalista em detrimento do [...] “caráter social e material intrínseco da tecnologia da comunicação como igualmente definitivo e determinante para a pesquisa em comunicação e mídia” (LIEVROUW, 2014, p. 24).

Pela ótica dos estudos sobre internet com enfoque nos movimentos sociais, sobressaem as pesquisas a respeito da apropriação das tecnologias de informação e comunicação nos processos de mobilização política, sobretudo em função da capacidade de mobilização massiva (ver, por exemplo: PEREIRA, 2011; BERNARDES; BARBOSA, 2017). Duas posturas distintas são particularmente importantes na

construção do fluxo de comunicação dos movimentos sociais: desenvolver repertórios de ação para conseguir a atenção dos meios de comunicação massiva para as suas causas; e desenvolver os seus próprios meios de comunicação para dar conta das suas demandas organizacionais, investir no relacionamento com o público-alvo, organizar ações coletivas e também aplicar as suas próprias estratégias para chamar a atenção dos meios de comunicação massiva (PEREIRA, 2011). A Internet, como o principal sistema de informação e comunicação da atualidade, amplia o escopo das possíveis práticas comunicacionais dos movimentos sociais contemporâneos, bem como de outras formas de organização social.

A subárea das *relações públicas* aparece predominantemente relacionada com a da *internet*. De uma forma geral, esta ligação é facilmente percebida pela presença das novas tecnologias de informação e comunicação nos fluxos de comunicação das empresas, organizações não governamentais e instituições; no relacionamento destas com seus públicos (*stakeholders*) e na construção de imagem, o que é estudado em relações públicas também através do conceito de reputação organizacional (ver, por exemplo: BERENS; VAN RIEL, 2004; MENDES, 2013). Dreyer (2019) afirma que as relações e interações configuram a base da produção teórica e da atividade de relações públicas na contemporaneidade. O crescimento do acesso às redes digitais, por parte das pessoas, cria expectativa de que as organizações vão manter um retorno comunicativo, abre espaço e autonomia para a manifestação das opiniões e o desenvolvimento de conteúdos, o que geram uma demanda para as empresas e organizações no sentido de repensarem suas estratégias de comunicação e relacionamento em ambiente digital (DREYER, 2017, p. 17). O desenvolvimento destas relações e interações requer um processo duradouro de comunicação e produção de conhecimento em relação a estes públicos. “As organizações, mais do que nunca, não poderão prescindir de uma comunicação viva e permanente, sob a ótica de uma política de relações públicas” (KUNSCH, 2007, p. 42).



Em todas estas abordagens de pesquisa nas subáreas *jornalismo*, *internet* e *relações públicas* em associação com outras subáreas, o estudo das experiências, modos de pensar e agir dos sujeitos podem constituir o foco de análise no conjunto deste amplo espaço de possibilidades. Se nas pesquisas que envolvem comunicação e internet predominam estudos com teor culturalista (foco no sujeito e no simbólico) com menos estudos sobre a dimensão material da tecnologia, podemos depreender que é possível que os objetos empíricos convoquem a implementação de metodologias que acionem, talvez com mais frequência, métodos de coleta de informações como a entrevista, o grupo focal e a observação, que envolvem o contato direto entre pesquisador e pesquisado.

É de referir novamente que as subáreas prevalentes nos trabalhos que compõem este recorte dos dados não configuram argumentos suficientes para justificar a escolha da entrevista como procedimento metodológico. Inclusive porque, para tanto, seria necessário analisar também se foram ou não aplicadas outras estratégias de coleta junto à entrevista, quais foram elas e a partir de qual ou quais bases epistemológicas a escolha da entrevista foi pensada. Pensar estas subáreas de forma relacionada pressupõe reconhecermos a incapacidade de mapearmos todas as possibilidades, visto que as dinâmicas comunicacionais estão em constante transformação, o que amplia consideravelmente a diversidade temática e o potencial dialógico do campo comunicacional no âmbito dos estudos em Jornalismo e Relações Públicas.

## DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS E REFERÊNCIAS

Como já mencionamos, quando as entrevistas são citadas como procedimentos metodológicos, nem sempre é feita uma clara distinção entre métodos de coleta e análise, existindo casos em que só se pontua

a forma de obtenção de dados. Dos 436 trabalhos analisados, 10,09% citam somente a entrevista como dispositivo metodológico e há muitas outras situações em que ela é citada junto com outros métodos de coleta de dados, principalmente a observação. Mencionar apenas métodos de coleta pode ser visto como uma não preocupação em sistematizar o passo a passo da pesquisa e, talvez, como falta de conhecimento sobre o fato de que um método de coleta pressupõe um método de análise. Nesse sentido, há inúmeras opções e perspectivas que dependem das questões e dos objetivos da pesquisa, assim como das bases epistemológicas que a orientam. A falta de explicitação metodológica e epistemológica tem implicações na clareza e confiabilidade da discussão proposta pelo trabalho e, portanto, na reprodução do conhecimento científico.

É também sintomático o fato de que, em vários casos, as entrevistas foram referidas nas teses e dissertações sem embasamento teórico, como se a explicitação da forma de obtenção de dados falasse por si só. Na leitura de cada trabalho, o analista deste projeto de pesquisa poderia identificar até três referências para cada dispositivo metodológico que fosse definido explicitamente pelo autor. No caso do recorte sobre a entrevista, os dados mostram a existência de 316 incidências sobre o uso do método. No entanto, dentre estas incidências, em 164 casos o analista considerou que não era possível identificar ou ainda constatou a ausência de referência. Ou seja, como referências bibliográficas citadas claramente pelo autor como suporte para o uso de entrevista, temos apenas 152 incidências. Algumas das referências indicam a opção por uma literatura abrangente sobre pesquisa qualitativa, pesquisa científica em Ciências Sociais ou sobre a construção do conhecimento social, como são os casos de: Antônio Gil em *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*; Mirian Goldenberg em *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*; Rosana Guber em *Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*; Maria Michel em *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*; Maria Cecília de Souza Minayo e Suely Ferreira Deslandes em *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.

Os autores mais citados (referência a um capítulo ou ao livro como um todo) são: Jorge Duarte e Antônio Barros (32 citações), Martin W. Bauer e George Gaskell (15) e Augusto Nivaldo Silva Triviños (5). As demais referências são citadas de uma a, no máximo, quatro vezes, a exemplo de temas e autores referidos no parágrafo anterior. Destaca-se que dos autores mais referenciados, apenas a obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, organizada por Duarte e Barros é orientada para as pesquisas no campo comunicacional, sendo apenas um dos capítulos, justamente o escrito por Duarte (jornalista e relações públicas com mestrado e doutorado em Comunicação), centrado na entrevista de profundidade. Talvez essa seja a razão desse tipo de entrevista em particular aparecer mais vezes, em detrimento de outras classificações (é o único capítulo que traz no título a palavra “entrevista”). É nela que o entrevistador poderá identificar com detalhes a visão de mundos dos entrevistados. Neste caso em específico, alinhado com a perspectiva da coletânea, Duarte exemplifica o uso das entrevistas em diversas pesquisas comunicacionais, sendo este o principal diferencial em relação aos outros textos.

Em uma das obras mais citadas, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, de George Gaskell e Martin W. Bauer, há um capítulo (Gaskell, 2015) sobre entrevistas individuais e grupais que traz uma discussão sobre as diferenças entre pesquisas acadêmicas e comerciais, mostrando como essas últimas estariam associadas a uma orientação pragmática; como as entrevistas grupais seriam mais utilizadas pela agilidade na captura dos dados em comparação às entrevistas individuais e como as primeiras poderiam gerar dados a partir de processos de convergência e divergência, assim como sobre as interações entre os participantes, uma proposta que extrapola a experiência individual, característica das entrevistas de profundidade.

Na mesma obra, Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer apresentam um capítulo sobre entrevista narrativa, baseado na ideia de reconstrução de acontecimentos a partir dos relatos dos informantes,

destacando o “contar histórias” como um procedimento de coleta de dados não estruturado e de profundidade. Logo, nesse caso, a entrevista é entendida como uma estratégia para gerar histórias.

Por fim, Uwe Flick tem um capítulo sobre entrevista episódica no livro de Bauer e Gaskell (2015), que foi desenvolvida a partir dos contextos situacionais a fim de permitir a comparação dos conhecimentos cotidianos sobre objetos ou processos entre grupos sociais. De acordo com o autor, as entrevistas episódicas geram dados de diferentes tipos: narrativas de situação, episódios repetidos, exemplos, definições subjetivas e proposições argumentativo-teóricas.

Nesses três capítulos, é possível encontrar uma discussão teórica e a própria conceituação dos diferentes tipos de entrevista, assim como aspectos de ordem prática, ou seja, o como fazer a entrevista desde o planejamento até indicações de como proceder com a análise de dados. Pontos fortes e fracos do método são elencados, assim como exemplos para aplicação.

Já a obra *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*, de Triviños (1987), traz aspectos gerais ou princípios sobre como realizar a entrevista, privilegiando o modelo semiestruturado. Um dos pontos evidenciados pelo autor é o entendimento de que este (como outros procedimentos de coleta de dados) são dependentes da perspectiva teórica mobilizada previamente, sendo sua realização o momento da “teoria em ação” (Ibid, p. 152). Em outras palavras, as escolhas pelos métodos devem ser coerentes com as bases epistemológicas elegidas pelo pesquisador.

Para além destas referências mais citadas, há dois grupos temáticos de referências que somam alguma representatividade e podem demonstrar que os trabalhos pertencentes ao *corpus* possuem orientações epistemológicas específicas ou recorrentes para o campo da Comunicação. São os casos das referências sobre entrevista/métodos na área de jornalismo (oito incidências) e das referências sobre métodos

no contexto da abordagem etnográfica (seis incidências). Se considerarmos que citações de referências sobre história oral<sup>23</sup> também podem ser somadas ao grupo sobre etnografia, temos mais quatro referências que indicam o uso da entrevista neste contexto. Aqui, podemos apenas referir que estes dois grupos, com o seu comedido destaque, ajudam a compor um tecido diversificado de métodos de coleta, utilizados em conjunto com a entrevista, e de bases epistemológicas no domínio do campo da Comunicação. As 152 referências bibliográficas presentes no *corpus* justificam o embasamento para o uso da entrevista não somente através de literatura geral sobre pesquisa em Ciências Sociais ou Comunicação, como já mencionamos anteriormente, mas também através de literatura nas áreas do jornalismo, etnografia, etnopesquisa, antropologia, sociologia, estudos de cultura, entre outras áreas ou campos que dialogam frequentemente com o campo da Comunicação.

Sobre os procedimentos metodológicos, entre as 436 incidências, foram identificadas pelos analistas 207 combinações da entrevista com diferentes métodos de coleta e métodos de análise. Em 183 combinações, a entrevista está associada à observação e outros métodos de coleta e de análise, tais como análise hermenêutica, pesquisa documental, estudo de caso, entre outros. Em 61 combinações, a entrevista está associada à análise de conteúdo e outros métodos de coleta e de análise. Os dados da pesquisa apontam para uma grande quantidade de métodos associados à entrevista. Na maioria dos casos, as entrevistas estão associadas a métodos para analisá-las, sobretudo análise do discurso (mencionada em 27 trabalhos) e análise de conteúdo (citada em 61 trabalhos). Em cinco trabalhos, foram identificadas a combinação de entrevistas com os dois métodos de análise de dados mais citados. Além desses dois métodos de análise, também foram identificados métodos de análise fílmica/audiovisual/de imagem/

23 A história oral ou a história de vida, assim como os grupos focais, entendidos por alguns autores como entrevistas coletivas, poderiam ser contempladas no debate metodológico sobre entrevistas, porém, neste estudo, foram analisadas separadamente.

semiótica em 17 situações, destacando uma vertente de estudos orientadas para linguagem não textual. De forma menos representativa, com até três menções, apareceram análise hermenêutica, análise de enquadramento, análise de narrativa, análise cultural, análise histórica e método genealógico. A análise comparativa com entrevista ou ainda somado a outros métodos de coleta de dados apareceu sete vezes. Há ainda 154 incidências de combinações entre métodos que aparecem uma única vez. Essas observações sinalizam para a diversidade de possibilidades existentes no campo comunicacional, ainda que elas figurem com menos espaço em relação aos métodos de análise já bastante mobilizados para pesquisas centradas em produtos comunicacionais (que independem das entrevistas).

## ENTREVISTA: MÉTODO DE COLETA DE DADOS

O objetivo da utilização da entrevista no âmbito de uma investigação é obter informações ou dados acerca do que as pessoas conhecem, compreendem, fazem, esperam ou creem. Como pontua Martino (2018, p. 113), “[...] é uma conversa orientada para a busca de informações específicas relacionadas aos objetivos de pesquisa”. Nesse processo de interação social (GIL, 2008), sobretudo informações de caráter subjetivo são recolhidas, como opiniões, percepções, vivências e interpretações a respeito de determinada realidade ou objeto. Diferentemente da aplicação de questionários, as entrevistas permitem esclarecimentos adicionais a partir das respostas, justamente porque há uma escuta simultânea dos relatos (COUTINHO, 2013). Embora seja um instrumento recorrentemente utilizado em pesquisas qualitativas, é preciso sublinhar que essas últimas podem ser executadas a partir de outros métodos, não existindo uma vinculação obrigatória entre tais escolhas (DUARTE, 2004). As entrevistas geram informações que não

visam à quantificação ou representação estatística, sendo valorizadas pela “intensidade nas respostas” (DUARTE, 2015). Dentre as vantagens dessa estratégia metodológica está a flexibilidade, já que o investigador pode ajustar e esclarecer aos informantes os significados das perguntas, e a possibilidade de identificar os silêncios, a postura e todo gestual (em maior ou menor grau, a depender das circunstâncias da entrevista).

Gil (2008) também discorre sobre as limitações da entrevista: desde custos para realizá-las de modo presencial até aspectos ligados à postura dos sujeitos entrevistados (fornecimento de respostas falsas, falta de motivação para participar da entrevista, incapacidade, etc.). Como forma de amenizar os possíveis efeitos das limitações, alguns pontos podem ser pensados previamente à realização da entrevista no âmbito da pesquisa qualitativa, entre estes: 1) planejar a entrevista com base na ideia de que ela é um evento comunicativo por si só e, portanto, não se pode ter como certo o seu resultado (BRIGGS, 1986); 2) associar ferramentas diversificadas de investigação, como observação, conversas informais, diários de campo, à entrevista (BRIGGS, 1986; POUPART, 2008); 3) verificar a relação de causalidade entre as falas e as condutas dos sujeitos entrevistados (POUPART, 2008); e 4) demonstrar clareza na apresentação dos objetivos da entrevista e abertura ao diálogo e à escuta (POUPART, 2008), de modo a enfraquecer o que Chang *et al.* (2013) refere como possíveis impactos ligados às relações de poder entre os envolvidos durante a interação na pesquisa. Estes quatro pontos mostram-se complementares e são fundamentais também para outros métodos de recolha de informações em âmbito qualitativo. Outros aspectos devem ser refletidos conforme a natureza da pesquisa e o contexto da aplicação do método.

Neste sentido, a realização de entrevistas depende de uma fase preparatória, tanto de conhecimento do investigador em relação ao contexto do entrevistado e daquilo que se está investigando, quanto em relação às próprias perguntas que serão feitas e como se dará essa formulação. O planejamento da entrevista, embora nem sempre citado

nos trabalhos finais, envolve uma série de estratégias de aproximação e convencimento dos entrevistados, afinal conceder uma entrevista não é algo trivial: “É preciso levar em consideração que uma pessoa está cedendo seu tempo para contribuir com a pesquisa e, de alguma maneira, também formula expectativas a respeito dos resultados” (MARTINO; LOPES; SOUZA, 2019, p. 70).

Também aqui é preciso observar quais são os critérios que justificam a escolha deste e não daquele sujeito, assim como o número de entrevistas que serão necessárias para responder de forma robusta ao problema de pesquisa. A inclusão do quadro descritivo dos informantes, do roteiro aplicado e, em alguns casos, das transcrições das entrevistas como apêndices do trabalho garantem maior transparência dos bastidores da pesquisa. As decisões tomadas pelo pesquisador ao longo da investigação precisam ser explicitadas e justificadas de modo a manter o rigor científico. Duarte (2015) afirma que a entrevista exige apresentação do marco conceitual no qual se origina, além dos critérios já citados e dos aspectos associados à realização, para que a pesquisa tenha validade e possa estabelecer os limites de suas contribuições. Freitas Silva *et al.* (2006) sistematizaram os tipos de entrevista acionados na pesquisa qualitativa, com suas respectivas classificações e características, considerando os anos de publicações. A partir desse esforço, pode-se notar que apesar de nomenclaturas diferentes, a maioria dos autores apontam a possibilidade de fazer uma entrevista estruturada (ou padronizada), onde as mesmas perguntas são direcionadas para diferentes entrevistados, possibilitando maior controle das respostas; uma não estruturada ou livre, guiada pela espontaneidade do entrevistado; ou ainda uma que considere a mistura das duas tipologias (semiestruturada), que mescla perguntas padronizadas com outras, que possibilitam mais liberdade de resposta. Há autores (GIL, 2008; COUTINHO, 2013) que classificam as entrevistas a partir de como ela é mediada (face a face, por telefone ou por internet) ou ainda se ela é realizada individualmente ou em grupos (o que



costuma ser denominado de grupos focais). Destaca-se, no campo da Comunicação, a entrevista individual em profundidade, conceituada por Duarte (2015, p. 62) como: “[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”.

Após definição do tipo de entrevista a ser realizada, do planejamento e da coleta das informações propriamente dita, as informações (que geralmente são gravadas) devem ser transcritas para posterior fase de análise de dados. A literatura na área recomenda que as anotações sejam feitas na hora e/ou que a gravação seja feita, porque a nossa memória pode falhar, impedindo ou distorcendo as informações fornecidas no ato da entrevista. Os procedimentos adotados devem ser éticos e previamente comunicados aos sujeitos-entrevistados.

O processo da entrevista pode ser pensado a partir de uma perspectiva construtivista e do empreendimento de um processo colaborativo entre os atores envolvidos. O material produzido pela entrevista pode ser considerado como uma co-construção da qual tomam parte tanto o entrevistador quanto o entrevistado (POUPART, 2008, p. 246). O modo como os relatórios de pesquisa descrevem a experiência dos atores é também considerado como largamente dependente da orientação dos pesquisadores, dos enfoques e dos processos de escrita empregados. A relação entre o que dizem os entrevistados e o que se pretende que eles digam não é, portanto, tão simples, ou, preferindo-se, é ainda mais complexa (POUPART, 2008, p. 246).

Por fim, chega-se à etapa de interpretação dos dados coletados. Quando o volume de informações for muito grande ou quando o pesquisador julgar que necessita de auxílio para explorar os dados de forma visual e comparativa, por exemplo, é possível fazer uso de softwares para organização de dados qualitativos, sobretudo no caso de pesquisadores com pouca experiência. Para tanto, existem os softwares disponibilizados livremente e os que devem ser utilizados sob

licença. O NVIVO é um dos softwares proprietários mais utilizados. Como exemplos de softwares livres, conforme Schlosser, Frasson e Cantorani (2019, p. 542), estão AQUAD 7, Cassandre, Digital Replay System, Iramuteq, KH Coder, KNIME, entre outros.

A entrevista é parte da metodologia empregada, mas não pode se encerrar nela mesma. Duarte (2015), ao falar da descrição e análise dos resultados, destaca o uso de categorias para sistematizar o conjunto de informações obtidas por meio das entrevistas.

Respostas em aberto e plenas de significados, que por sua vez difíceis de serem apreendidos e fixados “objetivamente”, prestam-se, facilmente, a interpretações excessivamente subjetivas (superinterpretações, diria Umberto ECO, 1993) e à “ilustração” de teorias consolidadas. É fundamental, portanto, que programas de Pós-Graduação destinados a formar pesquisadores ensinem a fazer e a analisar entrevistas e que mantenham seus pesquisadores mais experientes, acompanhando esse aprendizado de perto (DUARTE, 2004, p. 217).

Existem diferentes métodos de análise de textos que podem ser mobilizados para compreender o que foi obtido pelos informantes. Como no caso do procedimento de coleta, a escolha deve ser justificada e ser coerente com as referências teóricas e epistemológicas que norteiam a pesquisa. A interpretação desses dados pode derivar nas conclusões da investigação ou ainda ser uma etapa intermediária, no caso do emprego de vários procedimentos de coleta de dados, exigindo, assim, cruzamentos com as análises construídas a partir de aplicação de questionários, pesquisa documental ou observação, por exemplo.

Tais questões fomentam formas de alargar o debate metodológico sobre a entrevista, muitas vezes inserida nos trabalhos acadêmicos sem o devido cuidado, seja na descrição de suas etapas, seja na articulação com as preposições teóricas. Nosso olhar abrangente sobre os usos das entrevistas não nos permite detalhar quais são as tipologias mais usadas ou tratar das observações derivadas dessa relação

entre o pesquisador e o informante, por exemplo, porém dá pistas de que o desenvolvimento deste método de coleta de dados, no campo comunicacional, ainda carece de aprofundamento nas explicitações de seu uso, sobretudo quando observamos as referências utilizadas.

## CONCLUSÃO

A partir do mapeamento das entrevistas nas teses e dissertações em Comunicação podemos afirmar que a entrevista, embora mobilizada com certa frequência enquanto método de pesquisa, é referenciada sem muito embasamento e, muitas vezes, apartada de seus métodos de análises, algo fundamental para que a explicitação de como se deu a investigação seja possível. O fato de 10% dos trabalhos apontarem como único método a entrevista, desconsiderando que ela representa um procedimento de coleta de dados (portanto, não dá conta do processo metodológico por inteiro), sinaliza para uma ênfase maior sobre os usos, limitações e complementações de cada método no campo da Comunicação.

Soma-se a isso a falta de literatura específica sobre entrevistas em pesquisas comunicacionais ou mesmo o desconhecimento de obras, consideradas ainda recentes, que se debruçam sobre o tema, como o debate da entrevista na prática e na pesquisa, coordenado por Beatriz Marocco (2017). Observou-se que as obras das Ciências Sociais e Humanas, que apresentam de forma geral os métodos, seguem sendo as mais utilizadas. Nota-se também o pouco uso de obras em língua estrangeira, principalmente em língua inglesa em que há uma produção científica bastante ampla. Nesse sentido, é válido lembrar que não apenas livros e capítulos específicos sobre metodologia podem ser utilizados como suporte para justificar o uso de determinado método. A realização de buscas frequentes através de palavras-chaves,

em pelo menos inglês, espanhol e português, por exemplo, poderá ser produtivo no sentido de encontrar estudos em formato de artigos que não necessariamente tem o método como o centro da discussão, mas que podem ser importantes para a reflexão e o conhecimento sobre diferentes processos metodológicos, inclusive na comparação entre áreas de estudo.

Em relação às subáreas que mais acionam as entrevistas, destaca-se o *jornalismo*, possível de ser justificada pela suposta familiaridade do pesquisador com o procedimento da entrevista, aprendida e utilizada no processo de apuração de informação jornalística.

Para estudos futuros, a fim de aprofundar a discussão das entrevistas no campo comunicacional, sugere-se um olhar direcionado para como a preparação das entrevistas é apresentada nos trabalhos, assim como quais são os tipos mais acionados combinados com suas bases teóricas; outra abordagem interessante seria observar como os pesquisadores da área discutem o método de coleta, avaliando vantagens e desvantagens da escolha.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BERENS, Guido; VAN RIEL, Cees. Corporate associations in the Academic Literature: three main streams of thought in the reputation measurement literature. **Corporate Reputation Review**, n.7, p. 161-178, 2004. DOI: 10.1057/palgrave.crr.1540218

BERNARDES, Francine; BARBOSA, Célia. A internet nos movimentos sociais e nas manifestações massivas no Brasil. *In*: 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2011, **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/index.htm>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CHANG, Heewon; Ngunjiri, Faith; Hernandez, Kathy-Ann. **Collaborative autoethnography**. California: Left Coast Press, 2013.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas**: teoria e prática. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2013.

DODEBEI, Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **Datagramazero - Revista de Ciência da Informação**, v. 12, n. 2. abril 2011. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2011/04/pdf\\_15b7c5a842\\_0016272.pdf](https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/04/pdf_15b7c5a842_0016272.pdf) . Acesso em: 1º abr. 2022.

DREYER, Bianca. **Relações Públicas na contemporaneidade**. São Paulo: Summus, 2017.

DREYER, Bianca. **As relações e interações como princípios inerentes às relações públicas**: uma proposição teórica com diretrizes práticas para a disciplina. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015. p. 62-83.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, n. 24, p. 213-225, 2004.

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p.114-136.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia; PRADO, Magaly (org.). **Técnicas de reportagem e entrevista em Jornalismo**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva. 2009.

FOLETTTO, Leonardo. Cultura livre na internet: do software livre aos comuns. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 12, p. 181-198, junho 2021.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 64-89.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 90-113.

KUNSCH, Margarida. Comunicação organizacional na era digital: contextos, percursos e possibilidades. **Signo e Pensamiento [online]**, Bogotá, v. XXVI, n. 51, p. 38-51, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-48232007000200005](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232007000200005). Acesso em: 29 mar. 2022.

LEMOS, André. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia [online]**, São Paulo, n. 43, p. 54-66. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532020143970>. Acesso em: 1º abr. 2022.

LIEVROUW, Leah. Materiality and Media in Communication and Technology Studies: An Unfinished Project. *In*: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo; FOOT, Kirsten. (Ed.). **Media Technologies**. Essays on Communication, Materiality, and Society. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 21-51.

LINARES, Ronaldo; COSTA, António Pedro. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa no campo da comunicação. **Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación**, [S. l.], n. 44, p. 7-9, 2019. DOI: 10.12795/Ambitos.2019.i44.17. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Ambitos/article/view/8737>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. XXVII, n. 1, p.13-39, jan./jun. 2004.

MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

MAROCCO, Beatriz. Entrevista como dispositivo de revelação do saber jornalístico. *In*: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p.145-161.

Martino, L. M. S.; Lopes, A. G.; Souza, V. R. P. A entrevista na pesquisa em comunicação: reflexões metodológicas sobre duas experiências práticas. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 3, 2019. <https://doi.org/10.5902/2317175838788>.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Métodos de pesquisa em comunicação - projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MENDES, António. Reputação organizacional e Relações Públicas: contributos para o esclarecimento da hierarquia entre os conceitos. **Comunicação Pública [online]**, v. 8, n. 13, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.483>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/483>. Acesso em: 1º abr. 2022.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia:** métodos de investigação na imprensa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, Marcos Abílio. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. *In: IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA*, 2011, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro. Disponível em: <http://compolitica.org/novo/anais2/anais-2011/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SATO, Silvio Koiti. Abrindo a embalagem na rede: reflexões sobre consumo e cultura digital a partir dos unboxing vídeos. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO*. 2016, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo: ESPM/FAAP, 2016.

SCHLOSSER, D. F.; FRASSON, A. C.; CANTORANI, J. R. H. Softwares livres para análise de dados qualitativos. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v. 12, n. 1, p. 539-550, 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfrpr.edu.br/rbect/article/view/9550>. Acesso em: 1º abr. 2022.

SHUM, Lawrence. O meio digital e a produção midiática. **Revista Cibertextualidades**, Porto, Universidade Fernando Pessoa, ano 3, n. 3, p.131-140, 2009.

Silva, Grazielle Roberta Freitas; Macêdo, Kátia Nêyla de Freitas; Rebouças, Cristiana Brasil de Almeida; Souza, Ângela Maria Alves e. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 2, p. 246-257, 2006.

STRELOW, Aline. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. *Intexto*, v. 2, n. 25, p. 67-90, 2011.

TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no Jornalismo e na Antropologia: pesquisando jornalistas. *In: MAROCCO, Beatriz (org.)*. **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p.15-30.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WAINBERG, Jacques A.; PEREIRA, Manuel L. P. Estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 1983-1997. *Revista Famecos*, v. 6, n. 11, p. 27-37, 1999.

4

Everton Cardoso  
Maria Clara Sidou Monteiro

**ANÁLISE DE CONTEÚDO:**  
perspectivas teóricas e metodológicas  
no campo da Comunicação

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.04



## INTRODUÇÃO

A pesquisa em Comunicação coloca uma série de desafios e questões que estão diretamente relacionadas às possibilidades e às escolhas metodológicas feitas em cada projeto ou trabalho, bem como aos recortes e objetivos. É nesse sentido que a Análise de Conteúdo (AC) é um dos caminhos possíveis para propostas que tenham como meta realizar coleta de dados de cunho quantitativo e, a partir disso, avançar na direção de formulações inferenciais de viés qualitativo.

De modo muito geral, a AC é tida como uma aproximação metódica com relação a objetos que se encontram dispersos e cujas dimensões são difíceis de se apreender a partir de uma visada rápida e superficial. De acordo com Krippendorff (2018), representa uma possibilidade de se coletar indícios não observáveis na superfície dentro de uma coleção. Mas, para além desse processo inicial de coleta e organização de dados, é o momento da interpretação disso tudo que se coletou que vai oferecer uma leitura mais ampla e precisa de uma determinada realidade, aproximando-se do caráter indiciário proposto por Braga (2008) para a Comunicação<sup>24</sup>.

É nesse sentido que se resolve uma discussão que há muito ronda a AC: a de que seria um método quantitativo – isso, em geral, encarado como um aspecto negativo. Formas mais recentes de uso e discussões sobre a aplicação da metodologia, porém, têm apontado que, no fundo, essa desvalorização da AC parte de um equívoco de que o método se resumiria a organizar um processo de coleta e organização de cifras e produção de gráficos e tabelas. Ignora-se, assim, toda a possibilidade interpretativa que os dados podem oferecer se tomados como indícios que, iluminados por um marco teórico, são

<sup>24</sup> No trabalho referido, Braga (2008) se debruça sobre trabalhos de pesquisa que utilizam estudo de caso como método. Esse olhar que ele lança, no entanto, é amplo o suficiente para dar conta da pesquisa em Comunicação, de modo geral, como bem sinaliza o texto.

capazes de levar a um conjunto de inferências acerca de determinados produtos ou processos comunicacionais e toda a teia de sentidos e elementos que se estrutura ao redor deles. A AC, portanto, se configura como um gesto interpretativo da realidade, uma leitura de fenômenos comunicacionais que pode – e deve – conter abstrações e teorizações.

Entre as principais possibilidades abertas por essa opção metodológica está a de trabalhar com dados que estão dispersos em uma quantidade grande de documentos – sejam estes de que formato ou natureza forem. E, conforme aponta Bauer (2002), uma das qualidades da AC seria precisamente a possibilidade de reduzir a complexidade desses objetos de estudo. É nesse sentido que o autor afirma que a classificação do material permite que se acessem algumas características desse conjunto de modo mais preciso e que seriam inacessíveis em uma leitura flutuante.

O planejamento e a implantação de procedimentos que são repetidos em cada documento analisado são garantias de que se possa identificar presenças, padrões, constâncias e predominâncias, bem como o oposto disso tudo – ausências, divergências e ocorrências esporádicas. Uma abordagem menos metódica, por outro lado, deixaria o estudo sujeito às percepções e vieses de quem está fazendo a leitura e análise. Quando devidamente categorizado, então, um conjunto numeroso de elementos – amostra cuja natureza e características serão debatidas mais adiante – torna-se possível de ser observado e avaliado.

Outra possibilidade que se apresenta com a aplicação da AC é fornecida por Fonseca Júnior (2006): permite que se elabore conhecimento profundo a respeito de processos comunicacionais em suas múltiplas nuances e dimensões. Pode, por exemplo, servir para produzir conhecimento sobre os agentes, processos de produção e efeitos de sentido que não seriam visíveis apenas com uma observação imediata dos produtos da Comunicação.

Seja utilizada sozinha, seja combinada com outros métodos de investigação, o fato é que a AC permite que se desenhem percursos que levam à organização de dados cuja credibilidade está garantida justamente pelo rigor empregado nesses passos. Além disso, essas cifras são replicáveis e válidas na medida em que os procedimentos são verificáveis e acessíveis. Ou seja, tão importante quanto os resultados que se venha a obter é o caminho para se chegar até eles<sup>25</sup>. O método, então, consiste em uma interpretação sistemática e pública que permite, entre muitos movimentos possíveis, o levantamento de índices, a construção de panorâmicas e o estabelecimento de comparações entre diferentes objetos (GOLIN; CARDOSO; SIRENA, 2015).

Tendo isso em vista, o objetivo deste capítulo é problematizar a presença da Análise de Conteúdo como estratégia metodológica em pesquisas em Comunicação no Brasil. Para isso, tomou-se por base as 1.877 teses e dissertações que fizeram parte da investigação “A análise metodológica no aprendizado e consolidação da prática de pesquisa no campo da comunicação”. Dentro desse montante, 223 trabalhos utilizaram a AC como método principal e foram, por isso, tomados para esta discussão. Além disso, este texto busca apresentar algumas questões relevantes sobre a metodologia e sua aplicação.

## ANÁLISE DE CONTEÚDO APLICADA NA COMUNICAÇÃO

Ao analisarmos os 223 trabalhos que compõem o *corpus* selecionado para a elaboração deste capítulo, deparamo-nos com 132 teses e dissertações que abordaram a Análise de Conteúdo com base no livro

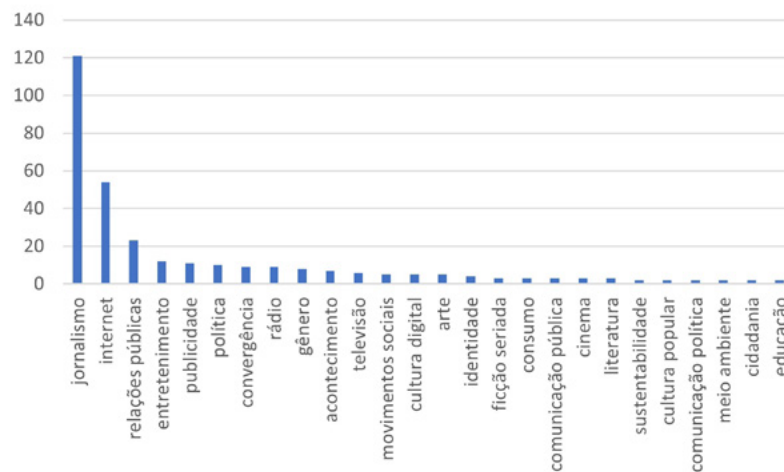
25 É importante já desde o princípio enfatizar a importância do registro e da apresentação clara e detalhada de todos os passos da pesquisa, desde como e em que condições foi realizada a coleta inicial do material a ser analisado, bem como todas as adições, exclusões e outras opções que sejam feitas no percurso. Além disso, é fundamental que se justifiquem essas escolhas, obviamente sempre segundo o problema e os objetivos do estudo.

homônimo de Laurence Bardin, mostrando um predomínio da já clássica obra produzida nos anos 1970 pela pesquisadora francesa. Em segundo lugar, presente em 43 pesquisas, temos o texto da autora Heloiza Herscovitz, capítulo intitulado “Análise de conteúdo em jornalismo” e incluído no livro *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, cuja primeira edição é de 2007. Os livros *Análise de conteúdo clássica: uma revisão* e *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, ambos de Martin Bauer, foram citados em 21 investigações. Demais autores que aparecem como referências metodológicas da AC foram Wilson Fonseca Júnior (12 trabalhos), Klaus Krippendorf (7) e Christian Kolmer (2). Além desses, 40 trabalhos não apresentaram nenhum autor sobre AC nas referências.

A relevância da Análise de Conteúdo como método de pesquisa está presente em diferentes áreas, inclusive na Comunicação. Com base na pesquisa que proporcionou a discussão deste livro, a AC foi indicada como principal método pelos autores de 223 teses e dissertações no conjunto de 1877 trabalhos oriundos dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Comunicação do Brasil com notas 5 e 6 na última classificação feita pela Capes. Os PPGs da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul se destacaram com a maior quantidade de pesquisas publicadas com a AC, com 50 e 53 investigações cada.

Um dos motivos da presença da Análise de Conteúdo nas investigações do campo comunicacional pode ser o fato de ser considerada, segundo Flick (2004, p. 204), “[...] mais fácil de controlar do que os outros métodos de análise de dados”. Como nossa área ainda é relativamente nova em comparação às outras ciências, como as Exatas, os pesquisadores estão atravessando os métodos em busca do delineamento metodológico da Comunicação. Assim, a AC se apresenta como alternativa para os nossos objetos empíricos, diversos em suas especificidades, e que precisam ser categorizados.

Figura 1 – Subáreas de pesquisa



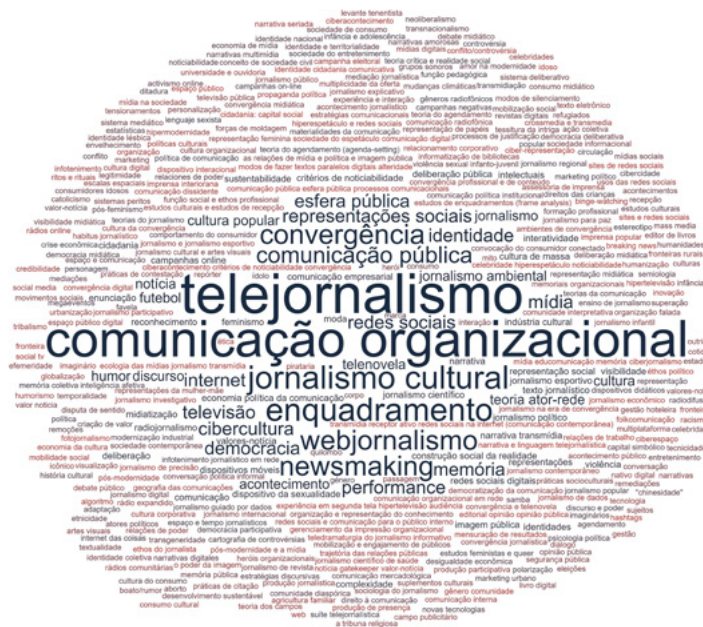
Fonte: CARDOSO; MONTEIRO, 2022.

Ao observarmos a figura 1 com as subáreas de pesquisa, percebemos a preponderância do jornalismo com a maior parte dos trabalhos que priorizaram na Análise de Conteúdo como método principal. Em seguida, temos investigações que abordaram temáticas relacionadas à internet. É importante ressaltar que pesquisas poderiam se encaixar em mais de uma subárea, como exemplo temos as teses e dissertações sobre o jornalismo on-line.

Sobre a instância teórica dessas investigações, representadas pela figura 2, percebemos que o telejornalismo está presente como base para 12 trabalhos, seguido por 11 pesquisas voltadas para comunicação organizacional. Outras abordagens incluem jornalismo cultural, convergência, webjornalismo, comunicação pública e mídia. Lembramos que essas são representações teóricas citadas na construção dos capítulos nos trabalhos que utilizaram a Análise de Conteúdo. A instância teórica é feita pelo cruzamento de abordagens com intuito

de compreender objetos comunicacionais complexos. Por isso, precisamos também discutir sobre os assuntos e objetos empíricos que demandaram dos pesquisadores o entrelaçamento com a AC.

Figura 2 – Nuvem de palavras das instâncias teóricas

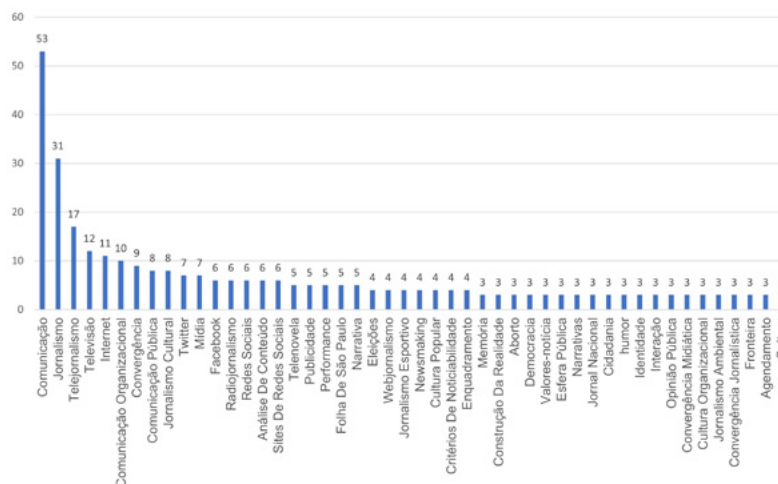


Fonte: CARDOSO; MONTEIRO, 2022.

Com base na busca por palavras-chave nos trabalhos com AC, representada na figura 3, percebemos uma tentativa de afirmação do campo da Comunicação. Isso é estratégico, pois ao colocarem a palavra Comunicação associada à Análise de Conteúdo, os motores de busca apresentarão os trabalhos como resultado, tornando o método uma forte opção metodológica para a compreensão dos objetos empíricos. Novamente, vemos o Jornalismo e, mais especificamente,

o Telejornalismo como assuntos abordados sob o olhar desse método. Podemos afirmar que os meios de comunicação são temáticas que acabam analisadas pelos seus conteúdos produzidos e midiaticizados. Esta ligação é presente também nos objetos empíricos.

Figura 3 – Palavras-chave



Fonte: CARDOSO; MONTEIRO, 2022.

É importante enfatizar, nesse aspecto, que toda pesquisa é, no fundo, uma contribuição para o campo de estudos em Comunicação e, portanto, deve ser projetada tendo isso em vista. Para tal, é fundamental que se faça um bom estado da arte, seja de trabalhos com temáticas próximas, seja de estudos com procedimentos metodológicos semelhantes. Além do mapeamento de possíveis referências teóricas a serem mobilizadas na discussão, é a partir disso que quem está planejando consegue vislumbrar as contribuições tanto às áreas mais específicas como à grande área de conhecimento. Desenhando-se, desse modo, projetos cuja relevância advém da confluência dos interesses mais pessoais com as necessidades da pesquisa como um todo, preenchendo lacunas ou mesmo problematizando interpretações construídas previamente.





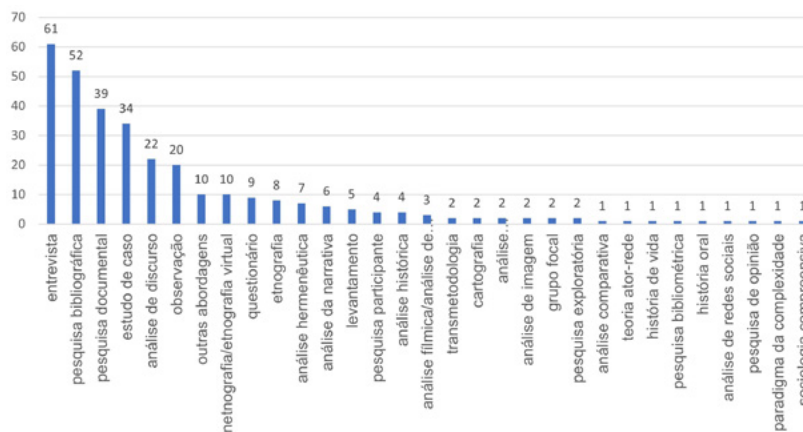
deve pelo fato de este método proporcionar a categorização do *corpus* (FLICK, 2004) a fim de trazer uma estrutura esquemática e analítica tão necessária para o campo comunicacional.

É preciso ter sempre presente, porém, que a construção de um objeto de pesquisa pressupõe mais do que tomar um elemento da realidade empírica. É, antes, uma construção conceitual e abstrata. Parte-se, por isso, de um marco teórico que ao mesmo tempo serve de base para a elaboração da pesquisa em si e de substrato para a discussão a ser travada e que resultará em avanços teóricos – seja pela revisão, reformulação ou reafirmação do que antes já se pensara sobre o mesmo objeto. É nesse sentido que uma moldura teórica bem construída – tendo ela também sido confrontada com o estado da arte – pode levar a resultados de pesquisa bastante promissores. E isso não exatamente do ponto de vista da organização de dados, mas do percurso reflexivo que vem depois disso.

Ao tentar dar conta dessa multiplicidade de possibilidades que se abre no campo de pesquisa em Comunicação, é frequente que se recorra a uma combinação de métodos e técnicas de pesquisa de modo a coletar indícios de maneira mais ampla e, portanto, chegar a uma leitura aprofundada da realidade empírica. No caso dos trabalhos selecionados para esta pesquisa, percebe-se uma variedade grande de combinações<sup>26</sup> da AC com 31 procedimentos diferentes complementares acionados por autores. De modo predominante, as técnicas de entrevista e pesquisa bibliográfica vêm sendo utilizadas como estratégias de coleta de indícios que dialogam com aqueles obtidos a partir da AC propriamente dita. Contribuem, pois, para a elaboração de um contexto que permite angular o olhar e seguir por um processo inferencial que seja capaz de dar conta de aspectos relevantes do objeto de estudo.

26 Essas informações foram possíveis de esmiuçar por meio dos capítulos metodológicos publicados em 190 teses e dissertações do escopo voltado para análise de conteúdo. Ainda nesta linha, avaliamos que 144 trabalhos foram denominados como quali-quantitativo por considerarem essa como uma característica do método.

Figura 5 – Procedimentos metodológicos secundários



Fonte: CARDOSO; MONTEIRO, 2022.

Krippendorff (2018) sinaliza que o contexto que se mapeia para inserir uma AC tem diferentes dimensões: dentro do próprio texto há um contexto – uma palavra dentro de uma frase, está dentro de um parágrafo, este dentro do texto e assim por diante; o próprio texto está inserido num contexto comunicacional maior – as condições de produção, a cultura profissional, as relações econômicas, os gêneros textuais, os tipos de produtos, entre outros elementos; e há um contexto da análise em si, expresso pelo marco teórico que se delineia para o projeto e que gera o eixo de problematização e os objetivos. Essas técnicas e métodos combinados com os processos que categorizam conteúdos, portanto, contribuem para que se possa cercar o objeto de estudo e estabelecer conexões que, sem isso, não seriam possíveis de se vislumbrar.

Cardoso e Vainfas (1997), por exemplo, examinam a aplicação de AC em estudos de cunho histórico: o processo inferencial deve estar inserido num contexto construído pelos pesquisadores e que busca reproduzir o universo simbólico no qual se inserem os discursos analisados.

A riqueza dessa construção, portanto, está em permitir o aprofundamento das abordagens e, adicionalmente, em viabilizar que cada pesquisa seja única. Um contexto construído com rigor metodológico e explicitado no trabalho, então, confere credibilidade e lança sempre olhares únicos sobre cada objeto.

Como bem adverte Bauer (2002), a Análise de Conteúdo não pode ser tomada como um reflexo, uma imagem que apenas repete os objetos empíricos. Ela é, assim como qualquer método, um gesto de interpretação operado por quem está desenvolvendo a pesquisa. Na mesma linha, Krippendorff (2018) pondera que os textos não são objetos planos e opacos, mas transparentes e plenos de camadas de sentidos e de relações com outros documentos.

Estão inseridos e são marcados por circunstâncias, significados e conexões, o que faz com que seus traços não sejam qualidades objetivas e intrínsecas, mas relacionais. Os sentidos de um texto, portanto, são resultantes de um processo que, além da instância de produção, inclui a de recepção e todos os fatores que incidem sobre esse processo – sejam eles sociais ou individuais. É por isso que se pode afirmar que os sentidos são tão múltiplos quanto um texto pode ser polissêmico.

No processo de análise, que inclui tantos fatores, emerge uma leitura das muitas possibilidades de leitura gerada pelos indícios coletados e que permitem aproximar-se de valores, atitudes, simbolismos e visões de mundo subjacentes ao processo comunicacional concretizado por textos e outros produtos. A Análise de Conteúdo, portanto, sempre se constitui como uma confluência de sentidos atribuídos por quem conduz a investigação com aqueles sociais do objeto, ou seja, compartilhados por grupos. Os contextos, portanto, são determinantes para os resultados.

## PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Ainda que, como já discutido, cada pesquisa tenha seu desenho próprio a partir da problematização proposta, há um conjunto de passos típicos da Análise de Conteúdo que são importantes de se observar. Inicialmente, em geral se recomenda um olhar inicial para o material. A pré-análise, como traz Fonseca Júnior (2006), consiste em uma leitura flutuante cujo princípio central é conhecer os textos com que se vai trabalhar. Nesta etapa, recomenda-se coletar impressões e fazer apontamentos de modo mais livre. Estes depois servirão de base para escolhas a serem feitas no decorrer do processo e mesmo para a delimitação do problema e dos objetivos<sup>27</sup>.

Decorrente dessa leitura e dessas definições iniciais também é a escolha de qual tipo de pesquisa se pretende seguir, como propõe Bauer (2002). Para o autor, é possível que se estructurem investigações de diferentes caracteres. São possíveis, por exemplo, estudos mais descritivos, ou seja, que se centram em trazer elementos de um determinado objeto, esmiuçando suas características e lógicas. Nesse sentido, é possível, por exemplo, inserir um objeto específico dentro de uma categoria – um jornal específico entre todos os jornais, ou pelo menos o que se entende por jornal – ou mesmo de se identificar o que torna esse objeto diferente dos demais, único. Estudos desse gênero, portanto, contribuem para os processos de conceituação.

27 Mesmo que o problema e os objetivos gerais e específicos possam ser ajustados no decorrer da pesquisa, conforme se vai aprofundando tanto no levantamento teórico quanto na organização dos dados, é fundamental que haja um norte minimamente estabelecido, sob pena de o estudo resultar inconsistente por falta de um rumo claro. Em caso de reparos ou redirecionamentos é preciso que se tenha em conta o impacto disso em tudo que já se produziu e que se venha a produzir, para que o resultado não seja de conclusões incongruentes ou inconsistentes.

Também são possíveis investigações comparativas, em que um mesmo conteúdo pode ser analisado em contextos diferentes – uma mesma temática em veículos de comunicação diferentes, por exemplo. Neste caso, é importante que se busque manter paralelos comparáveis entre os objetos, ou seja, que se aja de modos semelhantes no tratamento de cada um para que, ao compará-los, existam parâmetros bem estabelecidos. Ainda são possíveis estudos longitudinais, que abarquem um período longo. Estes são capazes de mostrar tendências, regularidades e irregularidades, dando uma dimensão historicizante do tratamento dos conteúdos e, portanto, do objeto. E, claro, há sempre a possibilidade de combinar diferentes abordagens e delinear pesquisas que sejam capazes de apreender indicadores socioculturais.

A partir desse primeiro contato com os objetos e levando em consideração o rumo central do estudo, prossegue-se à seleção das unidades de análise, à composição da amostra, à codificação, à categorização, à produção de inferências e à redação do relato. No caso das unidades de análise, são os objetos concretos mesmo. Exemplos disso seriam cada edição de uma publicação, uma seção de um determinado periódico ou um gênero textual ou um autor dentro de uma coleção. Essa escolha, atrelada ao eixo de problematização, vai estabelecer o recorte da pesquisa.

No caso da composição da amostra, ou seja, o conjunto de textos ou documentos a serem analisados, Bardin (2011) propõe quatro regras: exaustividade, o que quer dizer se todos os elementos que compõem o recorte composto estão incluídos; homogeneidade, se é composta por documentos de mesma natureza; pertinência, ou seja, a adequação das unidades de análise aos objetivos, ao objeto e aos procedimentos escolhidos; e representatividade, quando a amostra selecionada permite que possam generalizar os resultados para o todo. É importante ponderar, entretanto, que amostras muito heterogêneas exigem que se aumente a amostra em termos quantitativos. Para a

composição de uma amostra quando não se pode incluir toda a coleção de objetos, há algumas estratégias possíveis. As mais conhecidas são a amostragem aleatória – quando se realiza algum tipo de sorteio – e semana, mês ou ano composto<sup>28</sup>.

Nesse sentido, devem ser considerados os objetivos de cada projeto, sobretudo em termos de abrangência e profundidade. Uma amostra mais robusta, por exemplo, permite analisar tendências dentro de uma coleção, podendo abranger décadas e levando o estudo para uma visada mais generalizante. Por outro lado, uma amostra mais enxuta pode permitir que se explorem aspectos mais específicos, detalhes e elementos menos perceptíveis. É claro que fatores mais práticos também devem ser ponderados, como a capacidade de realização do projeto em termos de recursos humanos, estrutura e prazo de execução.

Feitas essas escolhas, sugere-se a elaboração de um instrumento de pesquisa, que bem pode ser um formulário ou uma tabela. Nele devem estar as categorias a serem analisadas e os respectivos códigos. Se uma categoria é o tema predominante no texto, por exemplo, deverá haver opções de preenchimento do tema. Isso valeria para o local a que o tema se refere, ao posicionamento do autor ou autora e assim por diante. É sempre importante, no entanto, que se deixe espaço para que o analista registre códigos que não foram contemplados na elaboração do instrumento, pois podem sinalizar algo interessante ou inesperado.

De acordo com Fonseca Júnior (2006, p. 294), esse processo de codificação nada mais é que a “[...] transformação dos dados brutos de forma sistemática, seguindo regras de enumeração, agregação e classificação”. É nesse momento, portanto, que quem vai realizar a

28 Uma semana composta de um jornal, por exemplo, é formada tomando a edição de segunda-feira da semana 1, de terça-feira da semana 2, de quarta-feira da semana 3 e assim por diante. Já um ano composto de uma revista seria formado pelo mês de janeiro do ano 1, fevereiro do ano 2, março do ano 3 e assim sucessivamente. Esse tipo de amostragem permite driblar eventuais edições especiais ou mesmo a recorrência de temáticas por um tempo excessivo na pauta. Mas, claro, esses efeitos devem ser considerados, afinal muitas vezes eles não chegam a ser um problema.

análise dos textos propriamente começa a fazer os registros a partir das categorias que respondem à problemática central.

Ao se proceder à codificação do material, Bardin (2011) recomenda que se fique atento para regras de enumeração, ou seja, o modo de contagem dos códigos: a presença ou ausência no *corpus*; a frequência com que aparece na amostra; a frequência ponderada, ou seja, concedendo pesos diferentes para a aparição de elementos diferentes segundo sua relevância; a intensidade com que aparecem; a tendência de ocorrência na coleção; em que ordem aparecem; ou se aparecem simultaneamente com outros códigos.

A seguir, a pesquisa deve seguir para a categorização dos dados codificados, que nada mais é que a condensação, o refinamento das categorias por reagrupamento a fim de tornar os dados mais sintéticos. Por exemplo, no caso de referências geográficas, pode-se codificar a partir da cidade, mas depois agrupar por estados ou países, de modo a obter dados mais apropriados para a discussão que se queira fazer. Se a intenção for discutir a questão a partir de uma perspectiva nacional, por exemplo, uma discussão por estados pode ser a mais apropriada. No entanto, é prudente que, ao se desenvolver o instrumento de pesquisa, se pense que é mais fácil agrupar dados que separá-los – no caso geográfico, se codificado por cidade, depois pode-se agrupar por estado; mas se codificado por estado, torna-se impossível desmembrar isso posteriormente sem ter de refazer a análise.

O conjunto final de categorias, então, deve ser elaborado tendo em vista não só o referencial construído, mas também o processo inferencial que se pretende levar a cabo posteriormente. É nesse sentido que Bardin (2011) aponta que é importante que o conjunto de categorias obedeça a alguns princípios: devem ser excludentes, ou seja, só é possível pertencer a uma; têm homogeneidade, o que quer dizer que devem ser de um mesmo gênero; têm de ser pertinentes com relação ao material analisado e aos objetivos da pesquisa; devem ser rigorosas e objetivas; e precisam

fornecer material fértil para a discussão. O fim dessa fase, portanto, é gerar uma nova informação sobre o objeto de pesquisa a partir de sua transformação em um conjunto de indícios inteligíveis (BAUER, 2002).

Finalmente, chega-se ao processo de produção das inferências, que nada mais é que a interpretação do material já tratado, uma elaboração teórica a partir do que se encontrou em relação e em tensão com o levantamento teórico. A meta central desta fase, então, é fazer o percurso inverso que se fizera no trabalho até então: se, antes, partiu-se da teoria para se produzir uma análise de algo empírico, agora, tomam-se os resultados da análise empírica como base para a reelaboração da teoria e do conhecimento. É, pois, o momento de contribuir para o avanço do conhecimento comunicacional.

O conjunto de inferências, inclusive, pode ter alcance e amplitude variáveis. É possível que se empreenda uma discussão bastante específica, analisando as marcas, traços, características e ausências do objeto de modo mais restrito, mas ao mesmo tempo abre-se a possibilidade de fazer formulações mais gerais sobre fenômenos comunicacionais. Não se pode perder de vista, porém, que essas inferências que extrapolam o caso específico têm suas limitações, visto que são elaboradas a partir de um gesto interpretativo de quem pesquisa. Deriva, assim, do referencial teórico e de um processo de elaboração intelectual que sempre conterà o problema de pesquisa – ou pelo menos idealmente o conteria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já descrito anteriormente, é um engano bastante comum pensar-se que o processo de AC se encerra quando os dados coletados são organizados, quantificados e transformados em gráficos, tabelas ou mesmo texto que os apresentem. É a partir desse processo



que o gesto de quem pesquisa mais uma vez se torna fundamental: faz-se o percurso inverso àquele que deu origem à pesquisa. Se o princípio de tudo está em estabelecer um marco teórico, o fim está justamente em retornar a esse arcabouço para que dele advenha o tensionamento sobre o objeto empírico. Ou seja, os dados coletados por meio da categorização e quantificação precisam ser discutidos em contraposição às questões que foram anteriormente levantadas e teorizados a partir delas. É aqui, como bem pontuam diversos autores, que se dá o processo de produção de conhecimento e de reelaboração do que antes de pensava acerca desse objeto. É dessa “[...] operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada”, então, que saem as contribuições ao campo de pesquisa (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 284).

Nesse sentido, os trabalhos aqui analisados escolheram a AC como método capaz de ajudar na compreensão dos seus diversos objetos e contextos, principalmente no âmbito do Jornalismo. As investigações buscaram na Análise de Conteúdo a possibilidade de categorização sem perder de vista o empírico, assumindo a difícil tarefa de elaborar conhecimentos que possam ser aplicados no futuro dentro do campo comunicacional.

Apesar da sua forte presença nas teses e dissertações investigadas, percebemos a predominância de poucos referenciais teóricos sobre a AC, e ainda em alguns trabalhos, a ausência total. Porém, para implementar a Análise de Conteúdo de acordo com os objetivos de cada pesquisa é necessária a reflexão teórico-metodológica, a fim de avaliar se ela é o melhor caminho para compreensão do fenômeno social. Por isso, é indispensável o diálogo com mais autores, que argumentam teoricamente sobre o método, inclusive no campo da Comunicação. Exemplos de referências possíveis são os livros *Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no Jornalismo*, que discute o papel da AC em relação com diversos objetos empíricos (JORGE, 2015),

e *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*, que pretende oferecer orientações detalhadas para uma utilização mais adequada da metodologia (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

Por fim, reafirmamos o papel fundamental do rigor metodológico, seja no levantamento teórico, no estabelecimento dos eixos de pesquisa, na seleção do material, na elaboração da análise, na computação dos dados e na discussão e formulação de inferências. Este é um desafio a ser assumido pelas investigações, evidenciando a AC como uma aliada na definição dos próximos objetos comunicacionais.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.

CARDOSO, C.; VAINFAS, R. História e análise de texto. *In*: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 375-400.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 1981.

FONSECA JUNIOR, W. C. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

FRANÇA, V. O objeto e a pesquisa em Comunicação: uma abordagem relacional. *In*: MOURA, C.; LOPES, M. I. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

GOLIN, C.; CARDOSO, E.; SIRENA, M. Jornalismo e sistema de cultura: construção de panorâmicas, índices e padrões comparativos entre periódicos.

*In:* JORGE, T. M. (org.). **Notícia em fragmentos**: análise de conteúdo no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015. p. 186-203.

JORGE, T. M. (org.). **Notícia em fragmentos**: análise de conteúdo no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis**: an introduction to its methodology. 4. ed. London: Sage Publications, 2018.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.



Dulce Mazer  
Pedro Silva Marra

**OBSERVAÇÃO:**  
gesto fundamental  
do pesquisador,  
da herança etnográfica  
às abordagens plurimetodológicas

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.05

## A OBSERVAÇÃO COMO POSTURA INTRÍNSECA AO PESQUISADOR

O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais (GIL, 2008), presente em diversas abordagens epistêmicas. Ele pode ser considerado um modo primitivo e até impreciso de dar a conhecer, sendo, porém, fundamental na construção de hipóteses e na descrição de realidades. Na definição do dicionário Priberam da Língua Portuguesa, observar é olhar atentamente para algo, examinar e refletir<sup>29</sup>. Para Angrosino (2009), a observação é o ato de perceber as atividades e as relações sociais em um campo por meio dos cinco sentidos como procedimento científico, a fim de organizar um conjunto de informações e produzir conhecimento de modo sistematizado. Intuitiva, indutiva e essencialmente qualitativa, a observação é o processo primevo e intrínseco ao fazer investigativo, uma vez que está baseada no interesse singular por fenômenos ou sujeitos observados e na necessidade de agrupar informações sobre eles, caracterizando-se ainda como abordagem ou aporte epistêmico no modo de adentrar um cenário científico desconhecido.

Ainda que pareça uma ferramenta singela e presente na rotina de qualquer sujeito curioso, as definições científicas sobre observação detêm inúmeros sentidos e usos. A observação pode ser direta ou simples, como aquela realizada em uma coleta de dados. Mas pode também explicitar a participação do pesquisador como sujeito na pesquisa, ou no cotidiano observado, como no caso da observação participante no contexto etnográfico. De todo modo, é na pretensa simplicidade do ato de observar e sua complexidade real que baseamos a discussão a seguir, além, obviamente, do conjunto de trabalhos analisados para a reflexão sobre experiências metodológicas na comunicação.

29 "Observação". *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [on-line], 2008-2021, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/observa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Sabemos que os métodos implicam algo mais que protocolos de ação e técnicas de levantamento, tratamento e análise de dados de pesquisa. Os métodos envolvem pensar esses protocolos e técnicas a partir de uma questão de pesquisa, de pressupostos e hipóteses, de perspectivas teóricas e de conceitos, a fim de que estes mesmos protocolos e técnicas atendam a determinados objetos e objetivos de pesquisa de maneira adequada. Um método, portanto, deve observar as especificidades de certos problemas, dentro de uma determinada ciência, um campo epistêmico, de tal forma que surgem dificuldades para nos apropriarmos deles, sobretudo quando são transpostos de um campo a outro. Mesmo um autor autodeclarado anarquista metodológico, como Feyerabend (2011, p. 37), que afirma que o “único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale”, argumenta também que a ciência não é um corpo único e coeso de conhecimento, amparado por métodos comuns todos baseados em uma só e mesma racionalidade. Diferentes campos científicos são criados a partir de premissas e práticas de pesquisa bastante diferentes e, por vezes, radicalmente contraditórias entre si. Este fato, contudo, não invalida a eficácia e os resultados conflitantes obtidos por campos distintos da ciência em áreas diferentes da existência, pelo contrário, faz parte de um processo democrático de crítica científica não só por ela mesma, mas também por outras formas de saber, sejam eles estéticos, tradicionais ou localizados (FEYERABEND, 2017). No entanto, aponta a necessidade de cautela e rigor do pesquisador quando realiza transposições metodológicas entre diferentes campos.

Como ponto de partida, compreendemos que, por um lado, as obras referenciais da área de metodologia para a comunicação, sejam os livros consultados durante uma pesquisa, sejam as publicações sobre o ensino metodológico ou a orientação ao modo de pesquisar, não apresentam bibliografias extensivas ou incluem definições aprofundadas sobre o método observacional. Por outro lado, a observação está presente em distintas epistemologias, além de descrita como parte de

manuals sobre a metodologia da pesquisa usados em programas de pós-graduação em comunicação (WOTTRICH *et al.*, 2021). A seguir, apontaremos alguns indícios sobre a observação encontrados empiricamente e uma breve reflexão sobre eles.

## APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Do total de 1.877 textos, a observação está presente exclusivamente ou associada a outras ferramentas metodológicas em 260 trabalhos, sendo 106 teses (40,8%) e 154 dissertações (59,2%). Ao examinarmos esses dados por região, vemos que nos programas do Sul do país, 137 produções (52,7%) utilizaram a observação, enquanto na Região Sudeste foram 93 (35,8%) e no Nordeste foram 30 os estudos dessa natureza (11,5%). Os trabalhos de referência empírica que empregaram a observação abordados neste capítulo estão concentrados, portanto, na Região Sul, nos programas POSCOM/UFMS (43), PPGCOM/UNISINOS (40), PPGCOM/UFRGS (33), PPGCOM/PUCRS (17) e PPGCOM/UTP (4); no Sudeste, PPGCOM/UFRJ (33), PPGCOM/UERJ (23), PPGCOM/ESPM (17), PPGCOM/UFF (13) e PPGCOM/UFMG (7), e no Nordeste, nos programas PPGCOM/UFPE (17) e POSCOM/UFBA (13).

## SUBÁREAS PESQUISADAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO: ALGUNS ACHADOS

Em suas distintas linhas de pesquisa, os estudos nos programas de excelência estiveram articulados a áreas e temas diversos, de acordo com as principais palavras-chave citadas nos trabalhos: Comunicação (58); Jornalismo (23); Midiatização (15); Redes Sociais (15); Consumo (13); Facebook (11); Gênero (10); Identidade (10); Juventude (10) e Comunicação e Consumo (10).

No entanto, como indica o gráfico a seguir, as principais subáreas acionadas nos trabalhos que empregaram a observação, do total de mais de 80 identificadas no *corpus*, foram as seguintes: Internet aparece em 91 trabalhos; Jornalismo, em 52; Entretenimento, em 21; Consumo, em 17; Convergência, em 15; Ficção Seriada, Publicidade, Música e Rádio, em 12 e Territorialidades, em 10 teses e dissertações<sup>30</sup>.

**Gráfico 1 – Nuvem com as subáreas identificadas no *corpus* em destaque por evidência.**



Fonte: Elaboração dos autores (2022).

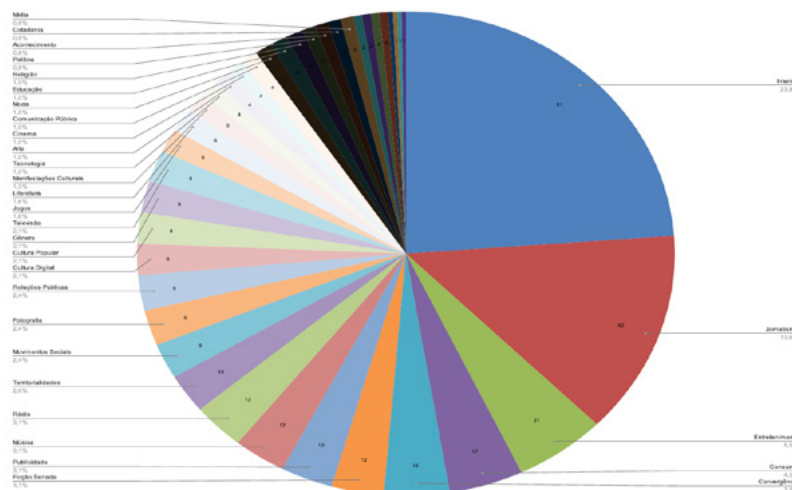
Em relação às subáreas, como escolhas ajustadas aos problemas contemporâneos da comunicação, podemos deduzir que, relacionadas aos múltiplos métodos de pesquisa coordenados, os estudos

<sup>30</sup> Em nove trabalhos, as subáreas acionadas foram: Movimentos Sociais, Fotografia, Relações Públicas. Em oito, foram temas de interesse Cultura Digital, Cultura Popular, Gênero e Televisão. Em seis apareceram os Jogos e a Literatura. Manifestações Culturais aparece em cinco trabalhos. Tecnologia, Arte, Cinema, Comunicação Pública, Moda, Educação e Religião aparecem em quatro estudos cada. Em três foram abordados: Política, Acontecimento, Cidadania e Mídia. Em apenas dois surgem a Subjetividade, Movimentos Culturais, Produção Científica e Educomunicação. Dança, Acessibilidade, Comunicação Comunitária e Comunicação Digital foram subáreas identificadas em apenas um trabalho cada.



subdivididos entre Internet, Jornalismo, Entretenimento, Consumo e Convergência, principalmente, apontam aos autores das teses e dissertações a necessidade de se apropriarem de processos clássicos de investigação e combiná-los entre si, a fim de validar seus processos investigativos sobre temas atuais.

**Gráfico 2 – Percentual das subáreas identificadas no *corpus* por evidência.**

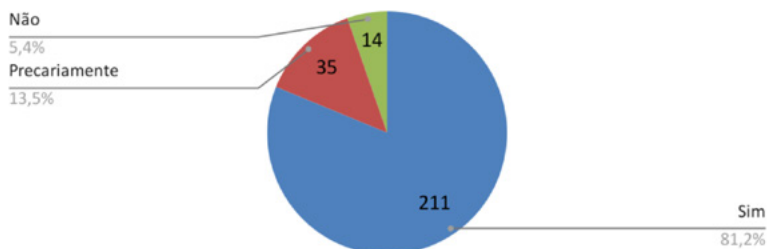


Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Os trabalhos, em geral, possuem seção ou capítulo próprio sobre a instância metódica. São 81,2%, ou 211 estudos que se dedicaram a apresentar ou discutir os procedimentos metodológicos.

Os demais, 5,4% (14 trabalhos), não apresentam nenhum detalhamento em torno do processo metodológico da pesquisa e alguns, 13,5% (35 trabalhos), apresentam a metodologia precariamente, com algumas reflexões superficiais sobre instância metódica, porém sem capítulo/seção específica.

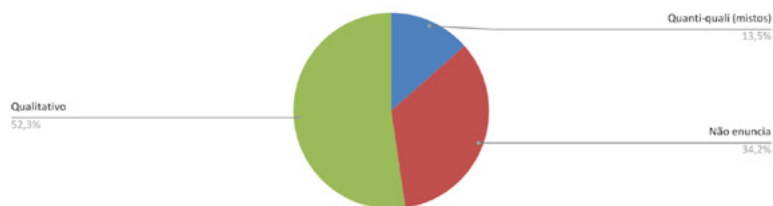
Gráfico 3 – Percentual de trabalhos que apresentam seção metodológica.



Fonte: Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Em relação à perspectiva, portanto, mais de um terço, 34,2% dos autores, não indica se os encaminhamentos se dão pela via qualitativa ou quantitativa. Por isso, além dos trabalhos em que o autor enuncia a orientação dada à pesquisa, nossas análises incluem aquelas identificadas no ato da coleta de dados (deduzida).

Gráficos 4 – Orientação dos autores quanto à perspectiva de seus trabalhos: qualitativos, quanti-qualitativos, ou não enunciados.

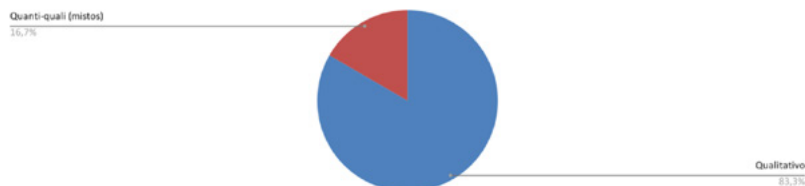


Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Os autores que enunciam sua perspectiva o fazem da seguinte forma: pesquisa qualitativa 53,3% e investigação quanti-qualitativa (mista), 13,5%. Como dito, na leitura dos trabalhos, porém, nos deparamos com contradições, desde nossa interpretação, quanto às definições da pesquisa, a partir daquilo que é descrito no texto, desde seu planejamento ao modo de desenvolvê-la. Deduzimos, assim, que a maioria dos autores

desenvolve pesquisa qualitativa (83,3%) e uma minoria (16,7%) emprega métodos e técnicas qualitativos e quantitativos ao mesmo estudo.

**Gráficos 5: Perspectivas deduzidas sobre os trabalhos: qualitativos ou quanti-qualitativos (mistos).**



Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Talvez em virtude de o método observacional ser essencialmente qualitativo, empregando por vezes a técnica de modo subjetivo, não identificamos estudos quantitativos no conjunto dos 260 textos. Assim, ao compararmos as abordagens anunciadas em teses e dissertações àquelas deduzidas na coleta de dados, notamos que, apesar de nem todas o enunciarem, a maioria das pesquisas acaba mesmo sendo de base qualitativa.

## AUTORES E CONCEITOS ACIONADOS NO EXERCÍCIO DA OBSERVAÇÃO

Por uma perspectiva, os autores mais acessados para a definição de observação indicam como fazê-la de modo geral em uma pesquisa científica e são encontrados em manuais de metodologia, nos quais ela é apenas uma das ferramentas possíveis.

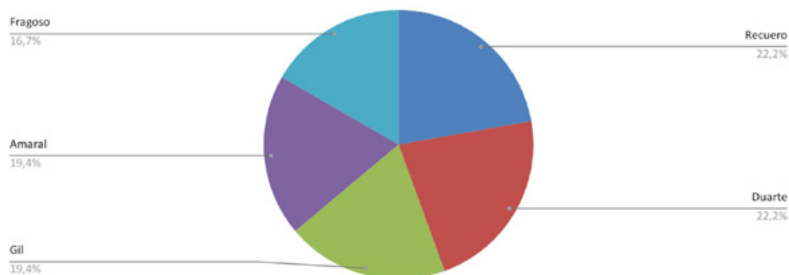
Citado em 22,2% dos trabalhos que realizam observação, conforme o gráfico a seguir, Duarte (DUARTE; BARROS, 2006, 2007, 2011) apresenta obra acionada no campo da Comunicação com capítulos

que abordam variados métodos e técnicas, com a participação de autores especializados. Dois capítulos se destacam quanto às orientações ao método observacional: “Fazendo etnografia no mundo da comunicação”, de Isabel Travancas, e “Observação participante e pesquisa-ação”, escrito por Cicilia Peruzzo. No primeiro, a autora resgata as definições clássicas do fazer etnográfico, com breve destaque à observação, no qual Travancas discute questões sobre a objetividade e o engajamento do pesquisador. No segundo texto, Peruzzo elucida discrepâncias entre observação participante, pesquisa participante e pesquisa-ação, o que não iremos detalhar, em razão de que a autora já o fez. Interessa-nos, porém, destacar algumas características predominantes que se assemelham às definições sobre o método observacional encontradas no âmbito desta pesquisa. Peruzzo considera que a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador “[...] no ambiente natural de ocorrência do fenômeno” (PERUZZO, 2005, p. 125) com sua presença constante no ambiente observado, assumindo ou vivenciando a alteridade, a fim de compartilhar informações e conhecimento de modo sistemático. Para ela, na Comunicação a observação participante é uma modalidade da pesquisa participante, destacando a origem etnográfica da abordagem, sendo até mesmo denominada “investigação etnográfica” (2005, p. 136). Essa confluência, segundo a autora, foi recentemente chamada de “[...] etnografia de mídia, etnografia de audiência ou etnografia de recepção” (2005, p. 135). A perspectiva observacional adotada no capítulo em discussão resulta em orientações baseadas na história do método, sua potencialidade e seus usos no Brasil, bem como nos estudos de Comunicação, sugerindo condutas metodológicas aos pesquisadores que identificam a necessidade da incorporação do método observacional.

Gil (1999, 2002, 2006, 2007, 2008, 2010, 2011), com 19,4% de recorrência entre os estudos que fizeram observação, tem como principais obras citadas um manual sobre métodos e técnicas de pesquisa social (2008) e outro para a elaboração de projetos de pesquisa (2002).

Na primeira obra, o tema recebe atenção do autor em capítulo próprio, apontando que a observação é sempre utilizada na coleta de dados de modo conjugado ou exclusivamente, podendo ser considerada um método investigativo e servindo sempre a um objetivo de pesquisa. O autor ainda diferencia três tipos de observação: simples, sistemática e participante. Ainda que Gil não associe a observação participante diretamente à etnografia, nem em uma caracterização histórica, nem em uma discussão epistemológica, notamos que as características apontadas sobre a observação participante se assemelham àquelas já descritas na antropologia sobre a pesquisa etnográfica. A observação de um campo ou grupo estudado é considerada por Gil como “observação direta” (2002, p. 53), empírica ou imediata, referindo-se ao processo realizado pelo próprio investigador em campo, não cabendo interpretações de terceiros sobre os fenômenos observados – somente as do pesquisador e as dos sujeitos envolvidos da pesquisa. Gil afirma ainda que “[...] há investigações em ciências sociais que se valem exclusivamente do método observacional” (2008, p. 16), como também constatamos no *corpus*.

**Gráficos 6 – Autores cujas obras e conceitos sobre observação foram referenciadas com mais frequência.**



Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Em outro conjunto de estudos também significativo, como indica o gráfico acima, a observação é mencionada em 16,7% dos

trabalhos através de Recuero, Fragoso e Amaral (2011). As autoras são referidas sobretudo no estudo de meios, processos e produtos digitais como parte de etnografias virtuais, à luz de Hine (2000). Vale retomar aqui o interesse dos autores do *corpus* pelos temas relacionados à cultura digital em destaque nas subáreas adotadas.

A obra de referência das três autoras discute métodos de pesquisa para internet e, por isso mesmo, é hoje a publicação mais empregada nos estudos dessa natureza, no *corpus* que trata sobre a observação na pesquisa em Comunicação, ainda que os estudos neste conjunto não sejam, em sua maioria, resultantes de etnografia. Publicado em 2011, o livro também detalha pesquisas qualitativas na internet com a problematização das adaptações do método etnográfico. O conceito de observação, neste contexto, se origina na etnografia, proveniente da descrição densa (GEERTZ, 1989) e do saber ver, saber estar e saber descrever (WINKIN, 1998), em atos descritivos organizados, segundo as autoras (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011). Outras obras recorrentes nesse percurso são de Recuero (2005, 2009, 2012, 2016) e Amaral (2010) e se referem à observação sobre os usuários e suas práticas sociais. São estudos sobre conversações em rede e etnografias virtuais, particularizando processos de levantamento de dados e de observações de relações sociais em espaços (campos) virtuais.

## A OBSERVAÇÃO COMO ACESSO PLURIMETODOLÓGICO E SUA IMPORTAÇÃO DA ETNOGRAFIA

Um aspecto que chama atenção é que, dos 260 trabalhos levantados, apenas 15 enunciam a observação como o único método, sendo 4 teses e 11 dissertações.

Um olhar mais detalhado sobre estas dissertações e teses mostra uma variedade de empregos das palavras “observação” e “observar”. De um lado, o termo é utilizado como parte do texto corrente, com o sentido de afirmar, destacar, notar. Desta forma, estes trabalhos, ao iniciarem uma citação direta ou indireta, afirmam que determinado autor observa, bem como utilizam o termo para introduzir uma descoberta ou ponto de destaque do próprio pesquisador. De outro lado, o termo observação designa também uma diversidade de “métodos”, que, por vezes no corpo do texto, parecem mais designar técnicas de levantamento e tratamento de dados da pesquisa. Esta multiplicidade de usos da palavra “observação” aponta para certa desatenção para com o princípio de precisão terminológica – fundamental ao trabalho científico – que pode confundir o leitor destas teses e dissertações: o autor se refere ao processo de pesquisa que efetivamente realizou junto ao *corpus* delimitado? Ou a alguma constatação recolhida ou tomada em um momento anterior ou posterior à investigação realizada? Ou ainda a alguma descoberta de outro pesquisador de referência?

Tomada como aspecto metodológico nestas 15 teses e dissertações, a observação indica sobretudo dois tipos de protocolos de pesquisa e técnicas de levantamento, tratamento e análise de dados. A primeira é o que alguns pesquisadores no *corpus* adotado denominam observação sistemática, que consiste na inspeção cuidadosa e detida de produtos midiáticos tão diversos quanto plataformas de jornalismo colaborativo ou regulamentos de concursos fotográficos, a fim de localizar nessas produções determinados aspectos relevantes para o problema de pesquisa elaborado na tese ou dissertação. Para realizar essa tarefa, os pesquisadores elaboram uma ficha em que tais aspectos são elencados e, a partir da leitura atenta dos produtos midiáticos, preenchem esta tabela, seja informando se aquele aspecto escolhido está presente ou não, seja descrevendo brevemente como o aspecto aparece no objeto analisado. O que esses pesquisadores chamam de observação sistemática remete, em alguns elementos, ao método da

análise de conteúdo, na medida em que elege palavras-chave relevantes para o problema de pesquisa elaborado e as busca no conjunto delimitado, observando seu número, contexto ou forma de ocorrência, para assim produzir inferências. Outros pesquisadores procedem o trabalho de pesquisa de maneira semelhante, porém sem o emprego da expressão observação sistemática.

Já o segundo grupo de teses e dissertações que apontam apenas a observação em seus aspectos metodológicos, aproxima-a da observação participante e da etnografia. São pesquisas que realizam trabalho de campo em redações de jornal, comunidades virtuais, cidades fronteiriças, entre outros, e que também se utilizam de técnicas básicas da etnografia, como o relato em diários ou notas de campo, as entrevistas em profundidade e semiestruturadas, e a pesquisa documental, ou em fontes secundárias, com estudo em arquivos, mapas, um processo sistemático de construção de dados (ANGROSI-NO, 2009). Assim, a observação etnográfica pode ser realizada em um campo de pesquisa, uma comunidade, uma aldeia, um conjunto social, coletando informações entre os sujeitos investigados através de um livro de anotações ou um diário de campo, por exemplo.

A proximidade da observação como método de pesquisa nos estudos de Comunicação com a etnografia torna-se ainda mais evidente quando nos voltamos para os 245 trabalhos restantes que realizaram uma abordagem plurimetodológica. Neles, a observação é mais associada às seguintes técnicas e métodos, em ordem decrescente: entrevista (179), a principal ferramenta associada à observação; pesquisa bibliográfica (62); etnografia (59); estudo de caso (56); pesquisa documental (41); questionário (38); outras abordagens (21); análise de conteúdo (20); análise de discurso; netnografia/etnografia virtual (ambas com 15); cartografia; diário de campo (ambas com 8); pesquisa participante (6); levantamento (5); análise de redes sociais (4); análise fílmica; história oral; grupo de discussão; história de vida; análise



semiótica/semiológica; pesquisa exploratória; pesquisa da pesquisa/estado da arte (todas com 3); teoria ator-rede; análise da imagem; análise histórica; método genealógico; pesquisa de campo; análise hermenêutica; análise cultural (todos com 2); análise audiovisual; análise comparativa; análise das mediações; grupo focal; análise de enquadramento e transmetodologia (todos com 1).

Com menor incidência, foram utilizadas outras abordagens (24), sendo consideradas nesse conjunto os vieses teóricos como a Teoria das Mediações, em um estudo, e a Teoria Ator-Rede, em dois. Interessa apontar que há certo transbordamento do que pode ser entendido como metodologia e do que trata das teorias que apoiam tais estudos. Ademais, chama atenção que haja no conjunto ferramental outras epistemologias como a semiótica, a semiologia e a hermenêutica, que por vezes são identificadas como aportes teóricos, por outras são adaptações e experimentações metódicas de suas afirmações epistêmicas. Chama atenção também a menção à antropologia que, através da etnografia, como dito, se destaca no *corpus* quanto às importações e adaptações.

Embora seja considerado uma ferramenta de apoio ao ato observacional e à etnografia, o diário de campo foi citado em oito estudos. Igualmente, a pesquisa participante está presente em seis deles, e salta aos olhos que seja considerada complementar ao método observacional, uma vez que a inserção do pesquisador no campo e sua participação em relação ao fenômeno observado sejam parte do processo etnográfico e, por isso mesmo, do exercício observacional. Vale ressaltar também que a “pesquisa exploratória” tenha sido usada em três trabalhos e a “pesquisa de campo” acionada em outros dois, em complemento à observação, uma abordagem que requer um campo de investigação, essencialmente.

Outro aspecto relevante é que a pesquisa da pesquisa/estado da arte aparece como complementar em três trabalhos, sendo considerada por nós uma fase exploratória anterior ao da execução da

pesquisa que se apresenta afinal como uma dissertação ou uma tese para o campo da Comunicação.

Pesquisa bibliográfica está presente em todo trabalho acadêmico, ou poderia estar, e em alguns programas de pós-graduação nacionais, como na antropologia, vem se constituindo uma tradição que trabalhos de mestrado constituam-se exclusivamente de revisões bibliográficas da literatura sobre certo tema, como preparação do pesquisador para um trabalho de campo a ser realizado durante o doutorado.

A enorme relação entre observação e entrevista, apresentada por quase 68% das pesquisas, reforça a evidência de uma relação entre observação e etnografia nos trabalhos acadêmicos da comunicação. As demais associações da observação com outros métodos no campo da Comunicação que apresentam maior saliência também apontam no mesmo sentido.

O termo etnografia aparece nos próprios trabalhos que compõem o *corpus* como um método. A antropóloga Mariza Peirano (2014) – para quem é consenso no campo da antropologia que a etnografia é sua ideia-mãe – afirma que as monografias são a fonte teórica da antropologia. Por tratar-se de um único tema, tais trabalhos podem ser considerados, então, estudos de caso. A pesquisa documental é parte do trabalho etnográfico de ambientação do leitor no local em que se realizou a própria observação que dá base à monografia. E o questionário pode também ser encarado como um tipo de entrevista, de acercamento aos sujeitos da pesquisa, sobretudo quando não se trata de *surveys*, mas de questionários semiestruturados ou abertos.

Tal aproximação da observação e da etnografia pelo campo da Comunicação, no entanto, pode representar um transporte metodológico – a importação de técnicas de um campo a outro – que não deve acontecer sem problematizações. Em um artigo intitulado “Etnografia não é método”, Peirano (2014, p. 380) afirma que tomar a etnografia

como “o método genérico da antropologia [...] a esvazia de significado, ou a condena por pouco teórica”, na medida em que tal pressuposto implica uma separação entre empiria e teoria. Em contraposição a esta concepção, a autora argumenta que

[...] toda etnografia é também teoria. Aos alunos, sempre alerta para que desconfiem da afirmação de que um trabalho usou (ou usará) o “método etnográfico”, porque essa afirmação só é válida para os não iniciados. Se é boa etnografia, será também contribuição teórica; mas se for uma descrição jornalística, ou uma curiosidade a mais no mundo de hoje, não trará nenhum aporte teórico (PEIRANO, 2014, p. 383).

Neste sentido, por enlaçar intimamente teoria e método; conceitos, práticas e técnicas de pesquisa; a etnografia se configura como uma epistemologia, como uma forma de conhecimento. Destacamos a oposição trazida por Peirano entre etnografia e jornalismo para apontar que o trabalho de observação em campo, aliado a entrevistas, estudos de caso, pesquisa documental, ou questionário, para a etnografia não são técnicas de levantamento de dados que permitem descrever de maneira fiel a realidade – como parece advogar certa utopia da prática jornalística. A autora argumenta, a partir de Edmund Leach, que etnografias não são retratos, mas ficções. Elas nascem de um estranhamento – sua ferramenta fundamental – em relação a eventos vividos ou *observados* que surpreendem o pesquisador. É movido por este estranhamento que o etnógrafo embarca em sua pesquisa de campo, realiza sua observação participante, redige seus cadernos de campo, levanta seus dados documentais, a fim de buscar viver a experiência que o surpreende da maneira mais próxima àquela de quem a vive sem estranhamento. O movimento, portanto, é o de buscar se tornar o outro, para poder então *narrar* (grifo nosso) esta experiência de alteridade a quem não é o outro. O antropólogo americano Stefan Helmreich (2007) afirma que é comum na etnografia utilizar-se da imagem da imersão para descrever o processo pelo qual passa o pesquisador da área em trabalho de campo, e argumenta que existe um número de etnografias

que se caracterizaria metaforicamente por processos de transdução, ou seja, o processo de transformar significados de um meio a outro.

É nesse sentido que Mariza Peirano (2014, p. 385) afirma que monografias etnográficas, ao observarem modos de vida diferentes dos do pesquisador, não são teorias dos etnógrafos, mas dos sujeitos com os quais se pesquisa. A etnografia, portanto, “[...] abala nossa crença moderna na referencialidade dos sentidos e impõe uma reflexão sobre a multiplicidade de modos de vida”. Daí a preocupação etnográfica com a construção da narrativa, com os usos da linguagem, com colocar em texto o que foi a observação em campo, o que foi a pesquisa vivida.

Desta reflexão, fica a pergunta: o que fazemos, pesquisadores de nossa área, com a etnografia ao importá-la de seu campo para abordar questões que são comunicativas? Levamos em consideração tais premissas quando afirmamos em nossas pesquisas, artigos e livros, que realizamos observação participante e trabalho de campo? Sempre que realizamos observação participante com caderno de campo, aliada a entrevista, estamos fazendo uma etnografia? Ou refletimos sobre essas questões e explicitamos tais diferenças, afirmando que nosso empréstimo dessas ferramentas metodológicas constitui um outro lugar de pesquisa, uma outra forma de construir conhecimento, uma outra epistemologia? Não se trata aqui, ao nos questionarmos tais perguntas, de julgar a qualidade ou validade de pesquisas em Comunicação que se apropriam da observação – participante ou sem esta especificação –, da entrevista, do caderno de campo, do trabalho de campo, da pesquisa documental a partir da régua da etnografia, mas de nos atentarmos que nesse movimento criamos outras epistemologias, outros conhecimentos, que são mais adequados aos objetos que investigamos e aos problemas de pesquisa que formulamos. Se a etnografia emprega um ferramental no qual se encontra a observação, para narrar e teorizar a multiplicidade da vida, talvez a Comunicação esteja se apropriando dessas mesmas técnicas para compreender e

teorizar o que há de comum a estas multiplicidades e que lhes atravessa quando se encontram ou comunicam.

Retomando Feyerabend, o único princípio que não inibe o progresso da ciência é que tudo vale porque serão os objetos de pesquisa, atravessados por perspectivas teóricas e problemas de pesquisa construídos, que informarão que metodologia será mais adequada para um trabalho científico rigoroso. Ademais, novas descobertas, novas perguntas ou novos olhares transformam antigos objetos de pesquisa, ao mesmo tempo que a investigação de novos objetos a partir de ferramentas metodológicas antigas transforma estas mesmas ferramentas e cria novas epistemologias e teorias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito dos julgamentos que possam surgir no processo da metapesquisa, sobretudo quanto à versatilidade do método, aparentemente tudo o que nota o desconhecido pode ser considerado observação em razão do desapego à metodologia. Então, o que define o método entre os autores do *corpus* e também entre aqueles que são as principais referências no campo?

Algumas semelhanças podem ser destacadas: - a observação é ponto de partida, gesto fundamental do investigador que está ou deseja mergulhar em um campo e, embora ela seja um ato primitivo, na qual o investigador se vale da intuição, quando em campo, ele deve estabelecer uma metodologia e dar a conhecer um fenômeno comunicacional por um ou mais procedimentos científicos; - a observação está presente em diversas abordagens epistêmicas e, por isso mesmo, torna difíceis as transposições metodológicas de um campo científico a outro, sobretudo em abordagens plurimetodológicas, cuja apropriação de métodos e técnicas por vezes pode ser conflitante em

relação aos aportes teóricos e epistemológicos adotados; - ao observar, um pesquisador busca outros autores para afirmar, destacar, notar suas observações; - para alguns autores do *corpus*, a observação sistemática consiste em uma varredura midiática em busca de aspectos relevantes ao problema de pesquisa e, para outros, em uma imersão que é relatada em diários de campo, ou caderno de notas, realizando entrevistas em profundidade e semiestruturadas, ou por meio de questionários, fazendo pesquisa documental, buscando informações em fontes secundárias, um processo sistemático de construção de dados. A diversidade nas nomenclaturas sobre a observação (participante, direta/simples, sistemática, entre outras), quando usada sem discriminação, confunde o leitor da monografia, mas sua versatilidade não a invalida, se o conceito de observação e as técnicas para os objetivos da pesquisa são tratados em concordância com as teorias e a problemática elencadas; - a observação requer meios ou técnicas de captação e organização de informações para serem sistematizadas e transformadas em conhecimento, e essa é uma responsabilidade do pesquisador que atende a objetivos e busca resolver um problema; - a observação é direta, empírica, por ser um processo realizado pelo próprio pesquisador em campo; - a questão da participação do observador é complexa e polêmica. Em princípio, o observador que não participa é o *voyeur*. No entanto, pode-se argumentar que seu olhar participa ao enquadrar e recortar o observado, seja no resultado desse recorte, seja na presença secreta, seja nas ações que desenvolve em conjunto com a comunidade observada. Mesmo o pesquisador que observa silenciosamente perfis, fóruns, comunidades on-line interfere nas dinâmicas que observa, na medida em que o gesto de entrar nesses ambientes é contabilizado pelas métricas da internet, o que impacta em questões como a sua visibilidade ou viralidade. Assim, o método observacional compreende a observação direta, empírica e participante, sem espaço para uma pretensa objetividade, com a descrição densa do contexto, detalhamento, levantamento ou coleta de achados para análise e refle-

xão. Dito de outro modo, em todas as suas formas e possibilidades, a observação é participante e seu aporte, qualitativo.

Por fim, a observação no campo da Comunicação tende a reproduzir técnicas combinadas atendendo a uma herança da antropologia na exploração de um campo de investigação. O que pode parecer uma apropriação débil entre campos distintos, no entanto, pode ser considerada uma grande contribuição, uma vez que o legado etnográfico na Comunicação serve para descrever atos e processos comunicacionais de forma única, desbravadora, até, contribuindo para a consolidação científica da comunicação.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: possibilidades e limitações. **Revista USP**, n. 86, jun./jul./ago., 2010. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818/15636> Acesso em: 07 jun. 2016.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, 2007, 2011.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FEYERABEND, Paul. **Ciência, um monstro: Lições Trentinas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas. 1999, 2006, 2008, 2010, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002, 2007, 2010.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

HELMREICH, Stefan. An anthropologist under water: Imersive soundscapes, submarine cyborgs, and transfactive anthropology. **American Ethnologist**, 34, n. 4, p. 821-841, 2007.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais em redes sociais na internet**: uma proposta de estudo. Seminário 2005, p. 1-17. Disponível em:

<http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf> Acesso em: 21 maio 2016.

RECUERO, Raquel da Cunha. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 38, abril 2009a.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009b.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Conversações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha. Métodos mistos: combinando etnografia e análise de redes sociais em estudos de mídia social. *In*: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 117-132.

RECUERO, Raquel da Cunha. Contribuições da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras**, v. 16, 2014.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998.

WOTTRICH, Laura; MAZER, Dulce; MONTEIRO, Maria Clara S.; CORUJA, Paula; SILVA, Ronei; DA COSTA, Sarah. O lugar do problema e dos objetivos na pesquisa em comunicação. *In*: PÔRTO JR. Gilson (org.). **Comunicação e Jornalismo**: metodologias para se pensar a docência, o ensinar e o pesquisar [recurso eletrônico]. Vol. I: Pensar e problematizar. 1. ed. Palmas TO: Ed UFT, 2021. p. 15-42.



# 6

Marcio Telles  
Dora Assumpção

## **PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NA COMUNICAÇÃO:**

**a leitura do campo  
e sua problemática**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.06

## INTRODUÇÃO

Dentre aquilo que se apresenta como metodologias de pesquisa, uma das mais utilizadas no campo da Comunicação, a partir do levantamento realizado, é a pesquisa bibliográfica. De acordo com Antônio Carlos Gil (2021a, p. 28), a pesquisa bibliográfica é aquela “[...] elaborada com base em material já publicado”, não apenas os escritos – como livros, revistas, artigos, teses, dissertações, anais de eventos científicos –, como também os demais tipos de fontes: filmes, músicas, vídeos e outros materiais digitais. Devido a essas características, todavia, a pesquisa bibliográfica é frequentemente confundida com a pesquisa documental e, ainda mais, com a revisão da literatura. Esses três tipos de pesquisa possuem relações entre si, o que torna difícil uma separação estrita.

Como veremos neste capítulo, a área de Comunicação usa os três termos de maneira indistinta, causando distorções com relação ao uso desse método. Nosso objetivo no presente texto é apresentar os dados referentes à utilização desse tipo de pesquisa, bem como suscitar questionamentos e tensionamentos com relação ao uso do termo na área de Comunicação a partir de inferências construídas na etapa de análise de dados.

## APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Dos 1887 trabalhos levantados, 286 mencionavam explicitamente realizar uma pesquisa bibliográfica – critério definido para identificação das metodologias, por essa razão, somente estes foram considerados para análise. A maior parte destes trabalhos, dentre teses e dissertações, apresentavam a “pesquisa bibliográfica” como um dos procedimentos metodológicos (se não, o único). Destes, 51,7% foram produzidos na região Sul, 35% na região Sudeste e 13,3% na região

Nordeste, divisão que acompanha a proporção geral de trabalhos por região mapeados no *corpus* da pesquisa. No entanto, quando olhamos para os Programas de Pós-graduação em que esse tipo de pesquisa é mais realizado, ganha destaque a UFRJ na região Sudeste. Com um PPG ativo na discussão teórica e reconhecido pela área por esse tipo de discussão, esse dado não chega a surpreender.

Com relação ao tipo de trabalho, identificamos que a pesquisa bibliográfica é mais apresentada em dissertações (63,3%) do que em teses (36,3%). Acreditamos que este seja um dos indícios de que a “pesquisa bibliográfica” é compreendida como uma etapa da pesquisa – equivalente à revisão de literatura e/ou teórica – e tomada como um método. Faz sentido que mestrandos sejam mais interessados à revisão bibliográfica do que doutorandos, que já possuem um domínio maior de sua área e, não raro, avançam tópicos desenvolvidos em seus mestrados. Nas teses, a “pesquisa bibliográfica” surge não apenas como um sinônimo de metodologia, mas também como um tipo de pesquisa, para os quais serão necessários alguns métodos.

Essa impressão é reforçada pela apresentação das metodologias empregadas nos trabalhos: ainda que 33% dos trabalhos não trazem um capítulo específico para a discussão metodológica, a perspectiva qualitativa está presente em 80% dos trabalhos, enquanto 268 (de 286) são apresentados como plurimetodológicos, ou seja, valem-se de duas ou mais metodologias para a construção da pesquisa. Por esse dado, poderíamos afirmar que apenas 19 trabalhos são realmente pesquisas bibliográficas, enquanto os outros 268 utilizam a “pesquisa bibliográfica” como sinônimo de metodologia de leitura – iremos debater a implicação disto para a área a seguir.

O achatamento entre “pesquisa bibliográfica” enquanto tipo de pesquisa e enquanto “método” de leitura pode ser o reflexo do entendimento do autor mais citado por esses trabalhos, o sociólogo e professor de metodologia, Antonio Carlos Gil. Não é o único trabalho

citado. Há uma diversidade de autores que são mobilizados nas teses e dissertações a fim de fundamentar o que é a pesquisa bibliográfica e como ela se dá. Ao todo, identificamos 34 obras diferentes citadas como referências, sendo as 5 principais apresentadas no quadro 1. Ainda dentro da temática de obras e autores citados, um dado expressivo nos chama atenção: 55% dos trabalhos não apresentam nenhuma referência sobre a pesquisa bibliográfica, realçando nossa impressão de que, para a área, ela é equivalente à leitura de textos, o que a eximiria de qualquer conceituação mais aprofundada.

Quadro 1 – Autores e obras mais citados

Nº de citações	Autor e obra
8	GIL, Antonio Carlos. <b>Como elaborar projetos de pesquisa</b> . 5. ed. São Paulo: Atlas, 2021a.
8	STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). <b>Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação</b> . São Paulo: Atlas, 2010.
6	MOREIRA, Sonia Virginia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. <b>Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação</b> . São Paulo: Atlas, 2010.
5	GIL, Antonio Carlos. <b>Métodos e técnicas de pesquisa social</b> . São Paulo: Atlas, 2021b.
4	MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. <b>Fundamentos de metodologia científica</b> . 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Antonio Carlos Gil figura entre os principais autores com duas obras importantes: *Como elaborar projetos de pesquisa* (2021a) e *Métodos e técnicas de pesquisa social* (2021b). Ambas têm como premissa serem textos de fácil compreensão, acessíveis para pesquisadores com diferentes níveis de experiência e focados nas Ciências Sociais. O primeiro possui um viés prático, enquanto o segundo se preocupa em fornecer bases conceituais mais detalhadas. Os textos de Stumpf e Moreira fazem parte do mesmo livro, *Método e técnicas de pesquisa em comunicação* (2010), de Jorge Duarte e Antonio Barros. Essa

obra, por sua vez, trata especificamente da comunicação, fornecendo, a partir da perspectiva do campo, um entendimento teórico e prático de cada metodologia, bem como um panorama do estado da arte. A última publicação, *Fundamentos de metodologia científica* (2010), trata-se de um compilado de três obras anteriores e, em comparação com os demais títulos aqui em análise, é a mais longa e a que traz maior diversidade de orientações quanto a metodologia de pesquisa, desde um entendimento sobre os procedimentos metodológicos até a diferenciação dos tipos de trabalhos acadêmicos (monografia, dissertação, tese, publicações científicas, entre outros).

Cabe notar que, justamente pelas características acima, a “pesquisa bibliográfica” não é domínio apenas de uma subárea de pesquisa, como, por exemplo, dos trabalhos de cunho teórico. Ao contrário, por ser equivalente à ideia de referencial teórico e/ou revisão de literatura, a pesquisa bibliográfica aparece como “metodologia empregada” em diversas subáreas de pesquisa, tendo sido mapeadas ao total 58 subáreas diferentes, sendo Jornalismo e Internet as que mais realizam pesquisas desse tipo, conforme exposto na nuvem de palavras abaixo.

Figura 1 – Nuvem de palavras de subáreas



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

## DESCOBERTAS

A partir dos dados levantados, nosso primeiro movimento foi analisar o que o campo da Comunicação entende por pesquisa bibliográfica e como essa metodologia é utilizada. Para isso, foram consultados os 287 trabalhos mapeados, classificando a perspectiva de cada um a partir dos autores mobilizados, dos demais procedimentos mobilizados, bem como a partir da descrição metodológica em si.

Para sustentar suas definições de “pesquisa bibliográfica”, os autores trazem teóricos como Gil (2021a), Marconi e Lakatos (2010), que entendem a pesquisa bibliográfica enquanto um procedimento que irá “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi dito, escrito ou filmado sobre determinado assunto” (p. 183) e Stumpf (2010), que também a compreende como

Um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (p. 51).

Como mencionado na apresentação do *corpus*, a quase totalidade dos trabalhos possui abordagem plurimetodológica. A partir da nossa análise, constatamos que a pesquisa bibliográfica é frequentemente combinada com a pesquisa documental. Mergulhando novamente nas teses e dissertações, pudemos perceber que os autores diferenciam os dois procedimentos a partir do *corpus* de análise. A pesquisa documental estaria voltada para a análise de documentos como jornais e revistas, enquanto a pesquisa bibliográfica trataria de produções acadêmicas.

Outra questão identificada com frequência no *corpus* mapeado foi um entendimento de equivalência entre pesquisa bibliográfica e a

fundamentação teórica. Ou seja, fazer um levantamento teórico, definir e articular conceitos carentes ao trabalho é realizar a pesquisa bibliográfica, de forma que esse procedimento muitas vezes acaba servindo como uma ferramenta para organização do trabalho em partes (nos dois primeiros capítulos de um texto é apresentada a pesquisa bibliográfica e, nos capítulos seguintes subsequentes, segue uma pesquisa documental, por exemplo).

Para além dessas observações supracitadas, um último dado nos chama atenção quanto ao uso da metodologia aqui tratada: dos 287 trabalhos identificados, 159 deles (mais da metade) não trazem nenhuma obra e nenhum autor como referência a fim de definir o que se entende nas teses e dissertações por pesquisa bibliográfica. Ainda, dos que apresentam referências sobre o tipo de pesquisa, são poucos os que mencionam as etapas para a realização da pesquisa – serão apresentadas na sequência – ou sequer explicam o que será desenvolvido exatamente no seu texto. Na grande maioria dos casos, os autores apenas afirmam que farão uma revisão bibliográfica e começam a discorrer sobre o tema em questão. Essa constatação suscita alguns questionamentos e aferições, como a) um certo descaso com a pesquisa bibliográfica, reduzida a mera “leitura de textos”, b) a falsa percepção de que há um entendimento difundido sobre o que é a pesquisa bibliográfica, o que leva a c) uma falta de clareza dentro do campo com relação à definição do que é pesquisa bibliográfica, se é método ou desenho de pesquisa, e como realizá-la.

## TENSIONAMENTOS

O fato de serem mais dissertações (63,3%) do que teses que se apresentam enquanto pesquisas bibliográficas, isso aumenta nossas suspeitas de que o que está sendo nomeado de “pesquisa bibliográfica”

é, em verdade, revisão de literatura de algum tipo, seja estado da arte ou fundamentação teórica. Isso porque uma pesquisa bibliográfica, como delimitamos anteriormente neste capítulo – um engajamento teórico com fontes bibliográficas da área ou de áreas afins –, exige experiência, proficiência e desenvoltura na área, qualidades mais comuns em doutorandos do que em mestrandos.

Esse é um ponto importante de discussão. Em parte, as evidências nos levam a inferir que a pesquisa bibliográfica, dentro do campo da Comunicação, é vista mais como um procedimento de leitura e revisão de textos que *já existem* na área pesquisada e menos como uma pesquisa cujo produto é um *novo* texto que aprofunde debates específicos. A insistência em considerar a pesquisa bibliográfica mais como revisão de literatura insere-a como um dos elementos de confecção do projeto de pesquisa, ou seja, está no início das pesquisas e não é uma atividade-fim.

Visto que o sociólogo Antonio Carlos Gil é um dos autores mais referendados quando a pesquisa bibliográfica é apresentada como parte da “metodologia” dos trabalhos acadêmicos da nossa área, é interessante voltar-nos ao que ele tem a dizer sobre o assunto.

Em *Como elaborar projetos de pesquisa*, Gil (2021a) apresenta a pesquisa bibliográfica como um *tipo de pesquisa* – retornaremos a este ponto abaixo – dentre outros, como a pesquisa documental, o ensaio clínico e a pesquisa experimental. Gil (2021a) difere a pesquisa bibliográfica da documental a partir da natureza das fontes: enquanto a primeira fundamenta-se em material elaborado tendo em vista um público específico (por exemplo, estudiosos de uma determinada disciplina), a segunda usa documentos elaborados para finalidades diversas (como documentos institucionais, documentos jurídicos, e-mails e cartas, fotografias e imagens, registros estatísticos etc.).



Pela distinção acima, podemos concluir que a pesquisa estritamente bibliográfica é toda a pesquisa realizada com o apoio de fontes bibliográficas já publicadas (GIL, 2021a). É o caso da maior parte das teses e dissertações de algumas áreas de conhecimento dentro das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, como o Direito e a Filosofia. É também o caso dos trabalhos sobre o pensamento de um determinado autor, daqueles trabalhos que analisam as várias posições sobre um certo assunto e daqueles que se debruçam sobre um conceito específico. No levantamento que fizemos na área da Comunicação, as pesquisas sobre produção científica e teorias da comunicação são propriamente bibliográficas, pois utilizam-se de fontes bibliográficas escritas para o universo acadêmico. A diferença com pesquisas documentais é bastante evidente. Pesquisas jornalísticas que se utilizam de documentos em arquivo, como edições antigas de jornais, são claramente não bibliográficas no sentido delimitado acima, pois os documentos jornalísticos não foram escritos tendo por fim o debate acadêmico e a produção de conhecimento científico.

Mas esta distinção, embora importante, ainda não explica por que há mais dissertações do que teses apresentando-se enquanto pesquisas bibliográficas, pois, como dito anteriormente, é lícito inferir que seriam os doutorandos a dispor de maior “bagagem” teórica para dialogarem com a literatura e realizar a contento uma investigação bibliográfica. Mas, como são os mestrandos que se apresentam como pesquisadores bibliográficos, podemos inferir que (1) é a fase de “revisão de literatura” que está sendo chamada de pesquisa bibliográfica e (2) a “pesquisa bibliográfica” é considerada um método – parte ou fase da pesquisa – e não como um tipo de pesquisa que justifica, inclusive, os métodos que nela serão utilizados, como, por exemplo, a hermenêutica.

Retornemos ao autor mais referenciado quanto à pesquisa bibliográfica na área. Gil (2021b, p. 73) define a revisão da literatura como “[...] um relato acerca do que foi publicado em relação ao tema que está sendo pesquisado” cujo “[...] propósito [é] informar o leitor acerca

de contribuições teóricas e resultados de outros estudos realizados na área abordada”. Logo, é evidente que toda pesquisa requer um exercício de recapitulação das pesquisas sobre determinados temas que foram realizadas antes, o também chamado “estado da arte”. Igualmente, a maioria das pesquisas necessita de uma base teórica sobre a qual se assenta a discussão do tema em questão. Tanto o estado da arte quanto a fundamentação teórica são realizados através da revisão bibliográfica, mas não são, para efeitos metodológicos, propriamente “pesquisas bibliográficas” – ainda que compartilhem das ferramentas, dos benefícios e até dos contratempos deste tipo de pesquisa.

Tendo em vista o debatido acima, podemos dizer que as pesquisas bibliográficas são aquelas que se debruçam sobre trabalhos acadêmicos para produzir *novas* inferências acerca de determinado autor, tema ou conceito, em distinção às revisões de literatura (estado da arte e fundamentação teórica) que se debruçam sobre a bibliografia de uma área para visitar os seus achados de pesquisa ou para sumarizar os principais pontos de uma teoria ou discutir a obra de um autor. Se mantivermos essa distinção, temos como hipótese o que a área chama de “pesquisa bibliográfica”, o que é, em verdade, revisão de literatura.

Essa hipótese pode ser corroborada pelo fato de que essa “pesquisa bibliográfica” é citada como uma das *fases* da pesquisa, ou seja, enquanto um dos *métodos* de uma pesquisa plurimetodológica. Por exemplo, em uma pesquisa documental sobre a cobertura jornalística das manifestações pró e contra o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016, a fase da “pesquisa bibliográfica” será definida como a revisão de literatura sobre o que já se pesquisou a respeito deste mesmo evento e/ou como a fase de levantamento teórico – leitura, fichamentos, anotações – que sustentarão a análise posterior dos documentos. É dessa forma que a “pesquisa bibliográfica” é reduzida a um *método*.

Todavia, esta redução ao método esconde uma fragilidade interna, pois não explica *como* estes textos são lidos e com *quais* finalidades

– justamente, os passos metodológicos de uma leitura acadêmica. Gil (2021b, p.73 e seguintes) tenta construir um quadro metodológico para a revisão de literatura. Este quadro ainda está longe de uma revisão *sistemática*, mas dá subsídios suficientes para uma leitura competente do material. Entre os objetivos de leitura, Gil (2021b, p. 80) estabelece: “(1) identificar as informações e os dados constantes dos materiais; (2) estabelecer relações entre essas informações e dados e o problema proposto; (3) analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores”. Ainda que estes três preceitos auxiliem na elaboração de um projeto de pesquisa, de um estado da arte ou mesmo de uma fundamentação teórica – ainda que, neste caso, a leitura exija a exegese do texto –, eles ainda são muito tímidos frente ao método mais utilizado na (tipo de) pesquisa bibliográfica, a hermenêutica.

Como dito, a distinção se a pesquisa bibliográfica é uma “metodologia” ou um “tipo de pesquisa” é importante, pois lida com duas dimensões diferentes do desenho de uma pesquisa: por um lado, a pesquisa bibliográfica é um dos instrumentos utilizados para se auferir algo, que seja um maior conhecimento sobre algum assunto, como parte integrante do objetivo mais geral estabelecido pela pesquisa; de outro, é a própria finalidade da pesquisa, que objetiva então produzir conhecimento exclusivamente a partir de fonte bibliográficas. Seguindo Gil (2021a, p. 25-26), a pesquisa bibliográfica não é um método em si, mas um *tipo* de pesquisa, já que ela serve de guarda-chuva para a configuração entre um (1) ambiente de pesquisa; uma (2) abordagem teórica; e certas (3) técnicas de coleta e análise de dados.

## CONCLUSÃO

Para além de identificar o que se entende por pesquisa bibliográfica dentro do campo da Comunicação, nossa intenção com o presente texto é também conseguir situar e orientar estudantes e

pesquisadores no percurso de construção metodológica a partir de uma perspectiva mais específica, a da nossa área em questão.

Conforme expusemos nas seções anteriores, constatamos que não há clareza quanto a definição do que seria a pesquisa bibliográfica nos trabalhos acadêmicos levantados. Pudemos tirar essa conclusão a partir da análise dos textos em si (por meio da leitura, classificação entre revisão de literatura ou ferramenta de pesquisa e sistematização das descobertas), quanto a partir do dado quantitativo de que 55,4% dos pesquisadores não traziam nenhuma referência para elucidar o que se entendia no seu texto por pesquisa bibliográfica. Esse cenário nebuloso dificulta o processo do pesquisador na busca de fontes ou mesmo no seu próprio esclarecimento quanto ao entendimento da metodologia.

Tendo em vista essa questão, por onde é possível começar? Elencamos aqui, então, os principais textos utilizados dentro do campo que podem servir como ponto de partida para compreender mais sobre a pesquisa bibliográfica: *Como elaborar projetos de pesquisa* (GIL, 2021a) e o capítulo “Pesquisa bibliográfica” (STUMPF, 2010). Conforme exposto na seção anterior, dispomos então que a pesquisa bibliográfica trata-se de um tipo de pesquisa que visa não apenas à recapitulação do que já foi construído dentro do campo, mas à produção de novos conhecimentos a partir dos materiais acadêmicos já publicados, integrando a constituição do estado da arte e a fundamentação teórica. O roteiro proposto para essa construção contempla (a) identificação do tema e assuntos; (b) seleção das fontes primárias e secundárias, como bibliografia especializada, índices com resumo, portais, resumos de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogos de editoras; (c) localização e obtenção do material; e (d) leitura e transcrição dos dados (STUMPF, 2010, p. 51-61).

A problemática que colocamos em evidência no presente texto contempla a necessidade de ampliação de perspectivas dentro do nosso campo. Para todos os efeitos, é importante que a pesquisa bibliográfica

fica seja reconhecida também como finalidade do fazer acadêmico. E, quanto ao seu entendimento enquanto meio, que esse tipo de pesquisa possui suas etapas assim como as demais metodologias. Estas, que constituirão uma etapa do trabalho, fazem parte da materialização do seu objetivo maior, no caso, a construção de *novos* conhecimentos a partir da produção já realizada anteriormente por outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2021a.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2021b.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

# 7

Paula Viegas  
Taiane Volcan

## **ANÁLISE(S) DE DISCURSO(S) COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO:**

Linguística e outros  
diálogos necessários para  
a pesquisa em Comunicação

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.07

## INTRODUÇÃO

Entre as estratégias metodológicas mais utilizadas nas teses e dissertações coletadas na área de Comunicação entre os anos de 2013 e 2018 está a *análise de discurso*. Esta abordagem linguística de origem francesa, e que surge como uma resposta ao engessado formalismo linguístico, que desvinculava o discurso dos sujeitos e dos contextos sócio-históricos, tem bastante relação com a pesquisa em Comunicação, especialmente quando analisamos textos midiáticos, entrevistas ou conversações. Assim como os demais procedimentos metodológicos, a análise de discurso também possui diferentes abordagens e referenciais que devem ser observados.

Este capítulo tem como objetivo discutir os usos da análise de discurso, em suas diferentes vertentes, enquanto procedimento metodológico. Dentre um total de 1877 trabalhos, 210 enunciam o uso de alguma abordagem de análise de discurso (11%), sendo 79 teses e 131 dissertações. São 31 trabalhos defendidos 2013; 31 de 2014; 28 de 2015; 41 de 2016; 43 de 2017 e 36 de 2018. Ao analisar os dados quantitativos, identificamos que os Programas de Pós-Graduação em Comunicação que se destacam no uso deste procedimento foram das universidades ESPM (com 35 trabalhos), UFPE (29), UFRGS (28), PUCRS (27) e UFSM (27). Em seguida, também aparecem trabalhos da UFRJ, UERJ, UFBA, UFF, UFMG, UNISINOS e UTP.

A partir dos dados levantados e do objetivo proposto, desenvolvemos um estudo exploratório focado em três eixos: começaremos tratando sobre a história e as vertentes da análise de discurso observadas nos trabalhos analisados; depois relacionaremos suas abordagens enquanto aparato analítico da pesquisa em Comunicação, com foco especial nos objetos e nas subáreas dos trabalhos analisados; e, por último, traremos uma discussão sobre as ausências

de procedimentos metodológicos do *corpus* em trabalhos que alegadamente propõem uma análise de discurso. A partir desses dados discutiremos a(s) análise(s) de discurso enquanto procedimento metodológico, em suas diferentes vertentes, para compreender como a comunicação tem se alinhado com tal perspectiva.

## VERTENTES DA ANÁLISE DE DISCURSO

Histórica e estruturalmente conectadas, a comunicação e a análise de discurso se apresentam quase que como áreas adjacentes, sendo uma ora objeto de análise da outra, ora pressuposto metodológico. Neste capítulo, vamos apresentar e discutir brevemente as abordagens de análise do discurso às quais os trabalhos analisados se filiam e como tais abordagens podem efetivamente apresentar contribuições teóricas e recursos metodológicos relevantes para outros trabalhos da Comunicação.

Para compreender como aparecem as diferentes vertentes nos 210 trabalhos coletados, fizemos um levantamento das referências mais utilizadas nos trabalhos que enunciavam a análise de discurso enquanto procedimento metodológico (Quadro 1). Como resultado, percebemos um destaque para referenciais brasileiros e franceses, que se localizam especialmente nas áreas de letras, filosofia e comunicação.



Quadro 1 - Referências mais citadas no corpus

REFERÊNCIA	ÁREA	ORIGEM	FREQUÊNCIA
ORLANDI, Eni P.	Letras	Brasil	88
CHARAUDEAU, Patrick	Letras	França	60
MAINGUENEAU, Dominique	Letras	França	53
FOUCAULT, Michel	Filosofia	França	41
PÊCHEUX, Michel	Filosofia	França	31
BENETTI, Marcia	Comunicação	Brasil	18
VERÓN, Eliseo	Filosofia	Argentina	15
FAIRCLOUGH, Norman	Letras	Reino Unido	13
BAKHTIN, Mikhail	Filosofia	Rússia	11
CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique	Letras	França	11
PINTO, Milton José	Comunicação	Brasil	10
FIORIN, José Luiz	Letras	Brasil	7
VAN DIJK, Teun	Letras	Países Baixos	6
BACCEGA, Ma- ria Aparecida	Comunicação	Brasil	6
BARTHES, Roland	Filosofia	França	5
BRANDÃO, Hele- na H. Nagamine	Letras	Brasil	5
FERREIRA, Maria Cristina	Psicologia	Brasil	5
MORAES, Roque	Educação	Brasil	5
Não identificado			28

Fonte: desenvolvido pelas autoras

É interessante notar o destaque para Orlandi, uma pesquisadora mulher e brasileira. A autora é a principal responsável pela disseminação da Análise de Discurso Francesa (AD) no país e uma das linguistas

mais respeitadas e referenciadas da atualidade. Entre os pesquisadores franceses mais citados, estão Charaudeau e Maingueneau – que também estão juntos nos mais citados com o livro *Dicionário de análise do discurso* –, além de Foucault e Pêcheux. A pesquisadora mais citada da Comunicação é Benetti. Além destes, também aparecem o filósofo argentino Verón, o linguista inglês Fairclough e o filósofo russo Bakhtin. Chama atenção também que, em 28 trabalhos (13% do total), não foi identificada nenhuma referência relativa à análise de discurso.

Tais referências apontam para diferentes vertentes que têm história e técnicas próprias. Nesse sentido, conforme observado nos trabalhos analisados, iremos discutir a Análise de Discurso Francesa (AD), Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Análise de Discurso Mediado por Computador (CMDA).

## ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA (AD)

A análise de discurso francesa surge no final da década 1960 com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso* (AAD), de Michel Pêcheux (1969). Em um contexto profundamente marcado pelo formalismo da linguística estrutural (FERREIRA, 2003), Pêcheux apresenta a AD como uma resposta aos métodos excessivamente engessados e que desconsideravam a realidade social que atravessa a produção discursiva e que apagava o papel dos sujeitos no discurso. Rompendo com essa tradição, Pêcheux propõe uma nova maneira de perceber e analisar os discursos a partir de três pilares interconectados: a) historicidade; b) interdiscursividade e c) sistematicidade da língua.

No Brasil, a AD tem como referência, e como a principal responsável pela difusão da vertente no país, Eni Orlandi (FERREIRA, 2003).

Professora, orientadora e pesquisadora, Orlandi foi pioneira nos estudos do discurso no Brasil e acumula uma vasta produção acadêmica, como o livro *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (2007), que se tornou uma obra fundamental nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras do país. A partir do trabalho da autora, a análise de discurso francesa se expandiu pelos programas de pós-graduação do país e garantiu o seu espaço na grade curricular dos principais cursos de Letras (FERREIRA, 2008). Essa adesão, no entanto, não veio sem resistência. Por seu caráter marcadamente histórico e político, a AD enfrentou considerável resistência em círculos tradicionais da linguística. Frequentemente utilizada por analistas do discurso político, por muito tempo a AD foi vista com desconfiança, como uma abordagem idealizada exclusivamente para a análise desses discursos. No entanto, a escolha da abordagem para a análise de discursos políticos está relacionada mais com o seu caráter sócio-histórico, que se mostra extremamente relevante para a análise desses discursos, do que por qualquer forma de predeterminação metodológica.

Conforme destaca Orlandi (1996), a especificidade da AD está justamente no fato de que o objeto, a propósito do qual ela produz o seu “resultado”, não é um objeto meramente linguístico, mas sócio-histórico, no qual o linguístico intervém como pressuposto. Assim, para a AD, o fundamental é compreender os efeitos de sentido do discurso a partir do pressuposto de que é no discurso que se configuram – e se apresentam – as relações entre língua e ideologia, que é, por sua vez, constitutiva desses discursos. Ou seja, ao ler e analisar um texto, deve-se considerar não apenas os seus elementos linguísticos, mas a relação dos sujeitos que produzem esses discursos com a exterioridade que os atravessa. Esse processo é também tratado como uma dupla determinação do sujeito (FERREIRA, 2003), que envolve elementos tanto da ordem da interioridade (o inconsciente) como da exterioridade (a ideologia) dos sujeitos.

Ao articular três regiões do conhecimento científico distintas – a) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; b) a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e c) a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos –, a AD se propõe a pensar o discurso enquanto a expressão de sujeitos sociais que estão atravessados pela história, e por sua posição na história e na sociedade, e que têm na língua o suporte para articular e expressar os discursos resultantes desses processos, que não têm necessariamente origem ou fim, mas que se entremeiam.

Embora uma abordagem complexa e que se fundamenta em áreas distintas do conhecimento, enquanto dispositivo analítico-metodológico, a AD apresenta elementos de análise possíveis de o analista destacar e utilizar como norteador de seus estudos. Destacamos, entre os elementos relevantes para a análise dos discursos, as condições de produção; o sujeito do discurso; o dito e o não dito (silenciamentos), e as formações discursivas (ORLANDI, 2007). Consideramos esses dispositivos analíticos um arcabouço extremamente rico para o campo da Comunicação, uma vez que possibilitam uma interpretação para além dos aspectos formais do texto, permitindo uma leitura mais ampla e contextualizada dos objetos discursivos analisados, conforme explicamos a seguir.

Sobre as *condições de produção* do discurso, Orlandi (2007) destaca que estas podem ser observadas no seu sentido estrito, ou imediato, que são as condições de enunciação do discurso, ou seja, o momento, o local e o contexto imediato no qual um discurso é produzido. Ou no sentido amplo, as condições de produção incluem aqui o contexto sócio-histórico do discurso. Para exemplificar, em um debate presidencial, podemos pensar no sentido estrito, como o programa no qual o debate ocorreu, os candidatos que participaram do debate e o contexto

eleitoral que cerca o debate. Já no sentido amplo, devemos pensar nos efeitos de sentido dos elementos que constituem o debate eleitoral, como o sistema eleitoral brasileiro funciona; como um debate é socialmente construído no nosso país, que partido e que projetos representam os candidatos que participaram do debate; entre outros elementos que constituem a rede de sentidos que envolve um processo eleitoral.

Já em relação ao *sujeito* ao discurso, Orlandi diz que “[...] assim como definimos o discurso como efeito de sentido entre locutores [...], também consideramos o sujeito como resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia” (ORLANDI, 2007, p. 73). Ou seja, o sujeito é sempre inscrito na história, ele é atravessado pelo inconsciente e ocupa uma posição determinada quando pronuncia o discurso. Esse lugar de onde fala o sujeito do discurso é chamado de “posição sujeito”, uma forma de representação dos sujeitos que Pêcheux (1990) define como:

Em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 1990, p. 82).

Assim, podemos dizer que o que é dito por sujeitos que ocupam posições sociais e históricas distintas, em contextos sociais e históricos distintos terá efeitos distintos que devem ser considerados para a compreensão e análise dos discursos. No contexto da comunicação, a relação do sujeito com o discurso se apresenta como um campo rico para a análise, como, por exemplo, da exclusão social através da linguagem; das formas de representação de sujeitos em posições sociais distintas; ou da representação dos sujeitos por determinados grupos.

Para além do que é dito, a análise de discurso francesa também se dedica aos *não ditos* (silenciamentos), que são considerados

constitutivos do discurso. Conforme lembra Orlandi (2007), na análise de discurso existem fundamentos que atravessam o não dizer, como a noção de interdiscurso, a de ideologia e a de formação discursiva. Dessa forma, aquilo que não é dito, ou que é dito de outra forma, pode estar relacionado com as censuras (silenciamentos) impostas por uma determinada formação discursiva – religiosa ou política, por exemplo. Para a análise de discursos em comunicação, os silenciamentos podem ser especialmente úteis para a análise do discurso de um determinado veículo de comunicação, em relação a determinados temas ou em relação a determinados sujeitos, por exemplo.

O último dispositivo analítico da AD que destacamos é o de *formação discursiva* (FD), que se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2007, p. 43). Assim, a noção de formação discursiva, as FD nos permitem compreender o processo de produção de sentidos a partir da ideologia e, também, observar as regularidades do discurso. Podemos compreender a formação discursiva como um conjunto determinado de normas internas, explícitas ou não, que regula o funcionamento dos discursos. No campo da Comunicação, pensar a noção de formação discursiva pode ser relevante, por exemplo, para a análise das regularidades do discurso político em determinados grupos; ou nas formas de exclusão social através do discurso nos veículos de comunicação em relação a determinados assuntos.

Apresentamos neste tópico uma breve retomada sobre a análise de discurso de linha francesa (AD), uma das propostas mais presentes nos trabalhos aqui analisados. Embora nem todos os trabalhos enunciem o uso desta, sua predominância fica evidente na presença de seus expoentes entre os autores mais citados, como Orlandi (88 citações); Pêcheux (31) e também Foucault (41), um autor cujo trabalho é referência tanto para a AD, quanto para a análise crítica do discurso, que falaremos a seguir.

## ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)

Em um movimento semelhante ao francês, de crítica ao formalismo linguístico e à compreensão das práticas sociais como dimensões dissociadas da linguagem, no início da década de 1990, o linguista britânico Norman Fairclough (2003) propôs uma teoria de Análise Crítica do Discurso (ACD), que compreende o discurso como uma forma de ação social que mobiliza unidades linguísticas e suas funções de modo a impactar as práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003; VAN DIJK, 2009). O autor também defende uma relação dialógica com outras teorias e métodos sociais de forma transdisciplinar, uma vez que tal coengajamento pode resultar em avanços teóricos e metodológicos que atravessariam essas teorias e métodos individualmente (FAIRCLOUGH, 2000).

Assim, a análise crítica do discurso toma o termo “*crítica*” enquanto um processo que busca desvelar as conexões entre os discursos e os diversos fatores que os atravessam, como contexto histórico e social de produção e compreensão textual (MELO, 2011). Fairclough (1989) defende ainda que existem dois tipos de relação entre o poder e o discurso: o poder no discurso, que seria exercido pela estrutura da linguagem; e o poder por trás do discurso, que resultaria das ordens de discurso em que o texto está inserido. Enquanto abordagem metodológica, Fairclough (2001) afirma que a ACD tem como base três dimensões instrumentais de análise: a *descrição*, a *interpretação* e a *explicação dos discursos*.

A descrição privilegia a dimensão do texto e, para isso, toma como elementos norteadores aspectos linguísticos como (análise lexical, gramatical, coesão, coerência, entre outros). Já no nível da interpretação, o analista deve perceber o discurso enquanto prática social e, para isso, deve se aprofundar em aspectos como as condições sociais

e históricas de produção do texto, consumo, distribuição, propósitos dos sujeitos envolvidos e a presença, ou apagamento, de outros textos no texto analisado, ou seja, a intertextualidade e interdiscursividade. Por último, no nível da explicação, deve-se conectar os elementos anteriormente analisados, de modo que os aspectos sociais e linguísticos possam demonstrar as redes de sentidos que motivaram a produção do discurso analisado. Aqui, temos questões sociais, políticas e formações ideológicas que normalmente se evidenciam a partir do texto.

Segundo o autor, a ACD se propõe a um diálogo epistêmico entre os estudos linguísticos e as ciências sociais (FAIRCLOUGH, 2000), motivo pelo qual a abordagem tem se demonstrado tão relevante para o campo da Comunicação social. Seu caráter político, crítico e aplicado da linguística favorece pesquisas contemporâneas que demandam de abordagens cada vez mais transdisciplinares e capazes de descrever fenômenos complexos, sem paralelos na história, como os que se impõe no mundo contemporâneo. De forma aplicada, a ACD também tem sido utilizada em conjunto com outras abordagens, como a análise de redes sociais (RECUERO, 2020), possibilitando a análise de grandes volumes de dados, através de seus padrões discursivos e contextuais, atendendo a demandas extremamente relevantes e urgentes para a contemporaneidade.

## ANÁLISE DE DISCURSO MEDIADO POR COMPUTADOR (CMDA)

A Análise de Discurso Mediado por Computador (CMDA) é uma abordagem desenvolvida pela pesquisadora americana Susan Herring em uma série de artigos, desde o início dos anos 2000. Seu objetivo é aplicar métodos adaptados de disciplinas focadas na linguagem, como linguística, comunicação e retórica para a análise da



comunicação mediada por computador (HERRING, 2001). A CMDA pode ser utilizada em conjunto com outros métodos como entrevistas, observação etnográfica ou outros; pode ainda envolver análise qualitativa ou quantitativa; mas o que define a abordagem é a análise de registros de interação verbal no ambiente digital (HERRING, 2004). Atualmente, em um contexto de hegemonia da comunicação mediada por computadores, que atravessa as mais distintas esferas da sociedade, a CMDA se apresenta como uma abordagem extremamente relevante para os estudos em Comunicação, especialmente pela sua aplicabilidade em contextos como o da análise de discursos produzidos em plataformas de comunicação digital ou de rede social.

Embora se aproxime de outros campos do conhecimento, a análise de discurso mediado por computador é uma abordagem focada na linguística, isso porque a sua motivação principal é compreender a linguagem e seus usos a partir da condição de produção que é da mediação digital (HERRING, 2012). Nesse contexto, a autora destaca que o fundamental para a abordagem é, a partir da ótica da linguística, ser capaz de observar e descrever fenômenos on-line em termos culturalmente significativos a partir de comportamentos empiricamente observáveis. Os pressupostos teóricos subjacentes à CMDA são os da análise linguística do discurso, amplamente interpretada. Ou seja, de que a) o discurso apresenta padrões recorrentes; b) O discurso envolve escolhas dos falantes (que podem ser observados também enquanto grupos ou comunidades); e c) de que o discurso mediado por computador pode ser, mas não é inevitavelmente, moldado pelas características tecnológicas dos sistemas de comunicação mediados por computador.

Para o desenvolvimento da análise, Herring (2004) apresenta cinco etapas que auxiliam na organização e condução do processo, sendo elas 1) Definição da comunidade virtual investigada; 2) Entrada na comunidade, compreendendo a apresentação da pesquisa aos membros, obtenção de autorização para realizá-la e incorporação da pesquisa ao grupo – esta etapa deve ser realizada em comunidades fechadas e que

exista a possibilidade de identificação dos membros; 3) Coleta e classificação dos dados coletados; 4) Análise e interpretação dos dados com o suporte da CMDA; e 5) Validação das descobertas junto a membros da comunidade investigada – aqui, novamente, deve ser considerado o critério apenas para pesquisas que envolvam uma ação participante do pesquisador, como em fóruns e pequenos grupos fechados.

Para o desenvolvimento da quarta etapa do processo de análise, Herring (2004) e Demata, Heaney & Herring (2018) destacam que a linguística parte do princípio de que os discursos (re)produzem padrões que podem ser observados e identificados. Assim, o foco da CMDA é encontrar esses padrões no discurso mediado por computador e, para isso, estabelece níveis de análise que auxiliam na identificação destes no ambiente digital. Esses níveis são o da a) estrutura; b) sentido; c) interação e d) comportamento social. Conforme descrito na tabela 1. Além dos quatro níveis, ou domínios, da linguagem, Os autores consideram que a linguagem expressa no contexto digital tem como pressuposto a multimodalidade, ou seja, ela pode ser expressa em diferentes formatos, como texto, imagem, vídeo, áudio, entre outros.

Tabela 1 – Os quatro níveis da linguagem para a CMDA

Estrutura	Sentido	Interação	Comportamento Social
<p>Questões de oralidade; formalidade; expressividade; características de gênero e modalidade.</p> <p>Métodos: Linguística estrutural e descritiva; análise textual; corpus linguístico, estilística.</p>	<p>Qual a intenção, o que é comunicado, o que é realizado com o discurso.</p> <p>Métodos: Semântica e pragmática com o objetivo de analisar o significado das palavras, atos de fala e trocas.</p>	<p>Interatividade, tempo, coerência, interação como construção, possibilidades de interação e seus sentidos no contexto da plataforma.</p> <p>Métodos: Análise de conversação e etnometodologia.</p>	<p>Dinâmicas sociais, poder, influência, identidade (grupos), comunidade, diferenças culturais, etc.</p> <p>Métodos: Sociolinguística interacional; análise crítica do discurso e etnografia da comunicação.</p>

Fonte: HERRING (2004).

Além das etapas de pesquisa e dos níveis de análise linguística da CMDA, destacamos alguns critérios relevantes apontados na abordagem, como os critérios de seleção do corpus, que pode se dar de forma: a) *aleatória*; b) *temática*; c) *temporal*; d) *por fenômeno*; e) *por indivíduo ou grupo*; f) *por conveniência*. Cada abordagem apresenta vantagens e desvantagens que devem ser avaliadas e alinhadas com os objetivos de pesquisa e com o *corpus* disponível para análise.

Além dessas etapas propostas por Herring (2004; 2012), destacamos a importância de, antes de iniciar uma análise de discurso mediado por computador, o pesquisador refletir sobre alguns aspectos relacionados à plataforma que será analisada. Como, por exemplo, quais as suas principais características e apropriações; quais os objetivos com a pesquisa e com a análise dos dados disponíveis naquela comunidade ou plataforma; o que é preciso considerar no contexto analisado a partir das questões propostas no trabalho.

Embora a Análise de Discurso Mediado por Computador (CMDA) seja citada em apenas dois dos trabalhos analisados neste capítulo, consideramos que a sua contribuição para o campo e o potencial para utilização em trabalhos da área da Comunicação justificam o desenvolvimento deste capítulo. A análise de discursos produzidos no ambiente virtual tem ocupado um espaço de destaque nos eventos e nas produções acadêmicas dos cursos de Comunicação, assim, parece-nos relevante aprofundar o debate sobre uma abordagem bastante atual, acessível e bastante aplicável às temáticas e questões observadas em alguns dos trabalhos que constituem esta amostra.

## SUBÁREAS E PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Ao tratar da análise de discurso enquanto método de pesquisa em Comunicação, Benetti (2016) aponta que a área é rica em objetos empíricos e que a linguagem é uma perspectiva que pode ser utilizada para estudar tais objetos. Nesse sentido, a análise de discurso se apresenta como um modo de problematização da linguagem, que resulta em uma visão teórica, a partir do olhar do pesquisador, que também é sujeito e produz sentidos. O aparato teórico colabora para a compreensão do funcionamento discursivo, mas ela reforça que o método demanda que se conheça os conceitos empregados para escolher os procedimentos adequados, uma vez que as diferentes abordagens que discutimos aqui apresentam pressupostos que as distinguem e que são relevantes para o desenvolvimento adequado da análise. Cada abordagem, com suas vantagens, perspectivas e diferenças, pode ser útil à pesquisa em Comunicação, devendo estar alinhada com os objetivos, *corpus* disponível e trajetória do pesquisador.

Considerando a crescente centralidade da mídia em objetos de investigação de analistas do discurso, Gregolin (2007) aponta que o método possibilita o reconhecimento de produção de identidades a partir de dados históricos discursivamente materializados. De acordo com a autora, a mediação entre leitores e realidades permite que as mídias ofereçam formas simbólicas e efeitos de linguagem que estão em relação com outras vozes da sociedade. A subjetividade é construída na relação entre a mídia e seus leitores de modo continuamente tensionado, e não a partir de uma passividade vertical.

Benetti (2016) identifica três objetos no campo da Comunicação, que são os textos de mídias tradicionais, os textos autônomos e os textos metodológicos. Os primeiros são os mais comuns nos trabalhos analisados, especialmente por estarem inseridos em subáreas

como jornalismo, publicidade, organizações, cinema e ficção seriada. Para analisar estes objetos, o investigador pode buscar compreender um tipo de discurso ou um tipo de objeto. Especificamente em estudos no jornalismo, o método pode ser útil para dois tipos de pesquisa que estão em relação, mas que exigem procedimentos específicos, que são: o mapeamento de vozes e a identificação dos sentidos (BENETTI, 2007). Nessa lógica, o jornalismo produz conhecimentos sobre o mundo, assim como reproduz conhecimentos de outros autores, sendo sempre recriado em um processo contínuo e mútuo.

Na categorização das subáreas de pesquisa dos 210 trabalhos analisados, identificamos a seguinte distribuição, em ordem decrescente de recorrência: jornalismo (98), internet (37), publicidade (30), consumo (14), relações públicas (11), gênero (10), entretenimento (9), política (7), acontecimento (6), literatura (6), cinema (6), ficção seriada (6), convergência (5), subjetividade (5), entre outros menos recorrentes. Cada trabalho foi classificado em uma ou mais subáreas, dependendo do que enuncia em relação ao seu objeto de pesquisa.

Vemos nessa lista um destaque para o jornalismo, uma área de interesse e atuação de muitos discentes. Ele representa um curso comum dentro da comunicação, assim como a publicidade e as relações públicas, que também aparecem com destaque. Além disso, a Internet emerge como subárea de pesquisa e aparece por si só ou vinculada a alguma outra categoria, sendo uma área de interesse amplo dos diferentes cursos de Comunicação Social. Há um destaque para os estudos de consumo, que são referências em diversos PPGs que aparecem na coleta, além dos estudos de gênero, que emergem de um debate sobre as desigualdades na Comunicação.

Além das subáreas de pesquisa identificadas, também é interessante notar outros procedimentos metodológicos auxiliares, ou secundários, nos trabalhos selecionados para o *corpus*, que funcionam em articulação com a análise de discurso; são eles: entrevista (27);

pesquisa bibliográfica (27); análise de conteúdo (22); pesquisa documental (16); observação (15); hermenêutica (11); estudo de caso (8); etnografia (7); outras abordagens (6); questionário (6).

O procedimento mais enunciado é a entrevista, que possibilita uma coleta de dados a partir de uma fonte adequada ao objetivo do trabalho. A entrevista é uma forma de interação social que objetiva a obtenção de dados que interessam à investigação (GIL, 2008). Seu destaque em relação à análise de discurso está alinhado ao uso geral nas ciências sociais, considerando que ela é uma das técnicas mais utilizadas na área. O segundo procedimento concomitante mais utilizado foi a pesquisa bibliográfica, que se baseia em materiais já elaborados, especialmente livros e artigos científicos, e é indispensável para estudos históricos.

A análise de conteúdo é o terceiro procedimento mais enunciado. Nos trabalhos é comum aparecer como uma base de investigação e categorização para uma grande quantidade de dados, complementando a análise de discurso, que permite um aprofundamento nos textos. Em seguida também apareceram com destaque a pesquisa documental e a observação enquanto procedimentos de apoio à análise de discurso. Enquanto a primeira se assemelha à pesquisa bibliográfica ao também ser uma forma exploração das fontes, diferenciando-se apenas na natureza dessas fontes, a segunda é também sistematicamente planejada e diz respeito aos usos dos sentidos com objetivo de adquirir conhecimentos sem qualquer intermediação (GIL, 2008).

Em seguida temos a hermenêutica, que é a abordagem focada no estudo da interpretação, que se dá através da análise de sentidos. Ela se popularizou a partir da obra de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), que via a interpretação e a compreensão como sinônimos (MELO, 2012). Já a partir de Heidegger (1889-1976), a hermenêutica assume um caráter de “horizonte da compreensão”, que privilegia a linguagem, espera na qual se dá os processos de compreensão. Com profundo caráter

interpretativo e aproximação com as ciências sociais, a abordagem é bastante popular entre os trabalhos da área da Comunicação. Já o estudo de caso, de acordo com Goldenberg (2004), não se trata de uma metodologia específica, mas de uma análise holística, em profundidade, que considera a unidade observada – o caso – como um todo que deve ser detalhadamente analisado e compreendido. A abordagem ganhou espaço nas ciências sociais, tornando-se uma referência nas pesquisas qualitativas, especialmente por permitir a compreensão de casos desviantes, indo além das tendências médias observadas nas estatísticas.

Já a etnografia, segundo Peirano (2014), depende invariavelmente de uma pesquisa empírica – seja ela de acontecimentos, textos, ou tudo que afeta os nossos sentidos gerando questionamentos – e é a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. Ela deve considerar a comunicação do contexto analisado, transformar em linguagem escrita o que foi vivenciado no campo e detectar ações sociais de modo analítico. Por fim, temos o questionário, que é uma técnica de investigação que se sucede a partir de um conjunto de questões específicas submetidas à população estudada, normalmente de modo autoaplicado, e que deve estar alinhado aos objetivos da pesquisa tanto a partir das questões propostas quanto da ordenação, quantidade e construção de alternativas dessas questões (GIL, 2008). Todas essas abordagens apresentam aspectos relevantes e podem funcionar como abordagem complementar para a análise de discurso.

## OS SILÊNCIOS METODOLÓGICOS

Considerando que a vida cotidiana está impregnada de discursos, é papel do pesquisador ter um posicionamento ativo na investigação, identificando as peculiaridades e condições de produção do discurso e seu próprio lugar como sujeito discursivo (BENETTI, 2016).

Para isso é necessária uma vigilância e autocrítica epistemológica que alinhe os conceitos-base da sua vertente na análise de discurso com os demais elementos da pesquisa. Nesse processo, a falta de rigor científico prejudica a visão sobre o objeto e, conseqüentemente, afeta a qualidade dos resultados da pesquisa.

Buscando identificar a enunciação de determinados procedimentos metodológicos nos 210 trabalhos analisados, identificamos algumas ausências de elementos centrais da pesquisa, que se apresentam como análise de discurso: 45 trabalhos não apresentam claramente o problema de pesquisa (21%), 3 trabalhos não apresentam claramente o objetivo geral (1%) e 86 trabalhos não apresentam claramente objetivos específicos (41%). Apesar de não haver consenso sobre quais destes elementos são obrigatórios, a falta de procedimentos norteadores compromete a pesquisa ao não direcionar o olhar da investigação e evidenciam problemas que comprometem a possibilidade de uma efetiva análise de discurso.

A definição de um problema de pesquisa indica uma questão que é objeto de discussão e que ainda não foi resolvida, e deve ser pesquisado segundo métodos científicos, ou seja, testado cientificamente (GIL, 2008). Ele funciona em articulação com os objetivos e as justificativas e não se esgota em si, funcionando como um verdadeiro eixo da investigação (BRAGA, 2016). Na análise de discurso, para delimitar as questões de pesquisa, é necessária uma observação dialogada com o objeto empírico para poder ouvi-lo e interrogá-lo, reconhecendo o discurso em suas condições de produção e de enunciação (BENETTI, 2016).

Santaella (2001) aponta que um tema não é um problema, pois “[...] este último se constitui na questão mais fundamental de toda a pesquisa, por isso mesmo, deve ser precisamente recortado, delimitado e claramente formulado” (p. 166) Essa definição implica um passo fundamental para avançar nas demais etapas do projeto, pois sem isso a pesquisa poderá seguir sem rumo em direções inesgotáveis.



A autora ainda pontua que, sem um planejamento rigoroso, sem um problema bem demarcado, o investigador se verá perdido num emaranhado de dados sem saber como interpretá-los.

Os objetivos complementam a formulação do problema e devem ser efetivamente especificados (BRAGA, 2016). Eles funcionam como uma flecha em direção ao alvo e são divididos entre gerais, que se referem a uma visão abrangente do problema, e específicos, que funcionam como instrumentos intermediários para obtenção do objetivo geral (SANTAELLA, 2001). Os objetivos são metas, normalmente articulados em verbos como identificar, constatar, verificar, analisar, investigar, comparar e desenvolver, que esclarecem e dão parâmetros ao que o problema propõe e estão ligados a toda estrutura da pesquisa (BARICHELLO, 2016).

Nos trabalhos analisados, também identificamos o tipo de pesquisa definido pelos autores: 69 eram de caráter qualitativo, 34 quanti-qualitativo e 107 não enunciaram. Destes últimos, definimos com base em uma análise prévia que 102 eram estudos qualitativos e 5 quanti-qualitativos. Estes são resultados comuns na pesquisa em Comunicação e na análise de discurso. De acordo com Lopes (2003), as metodologias mais qualitativas na área emergiram especialmente nos anos 1960, com os primeiros estudos críticos sobre a Indústria Cultural pela Escola de Frankfurt, com destaque para os anos 1980, em que houve uma politização das pesquisas, aparecimento de novas tecnologias de comunicação, transnacionalização e a comunicação popular.

A falta de definição do tipo de pesquisa não é necessariamente um problema, pois pode se alinhar a perspectivas que não diferenciam efetivamente tais âmbitos. Atualmente, é difícil estabelecer um limite entre as técnicas quanti e qualitativas, mesmo cada uma tendo sua lógica implícita e sendo possível combinar diferentes técnicas reconhecendo suas vantagens e desvantagens (LOPES, 2003). Na tradição funcionalista norte-americana, estabeleciam o quantitativo às pesquisas descritivas

e o qualitativo às pesquisas interpretativas, mas atualmente autores como Lopes (2004) defendem que se trata de uma falsa dicotomia. Enquanto a pesquisa quantitativa lida com números e modelos estatísticos, a qualitativa lida com interpretações de realidades sociais, mas elas não precisam ser competitivas, visto que muitas realidades partem de dados numéricos e não há quantificação sem qualificação, pois não há análise estatística sem interpretação (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002).

Além da enunciação do problema, dos objetivos e do tipo de pesquisa (quanti/quali), também identificamos o quanto os autores falam sobre a instância metódica de suas pesquisas. Como resultado, percebemos que 165 apresentam seção/capítulo dedicado aos procedimentos metodológicos, deixando claro suas etapas de pesquisa (78%); 31 apresentam reflexões sobre instância metódica, mas de modo superficial e sem capítulo/seção específica (15%); e 14 não apresenta nenhum detalhamento em torno do processo metodológico da pesquisa (7%). Apesar de a maioria enunciar seus processos metodológicos, é importante ressaltar que 22% apresentam a instância metodológica de modo precário ou nulo.

De acordo com Lopes (2003), a instância metódica “[...] é o lugar de enunciação das regras de estruturação do objeto científico, impondo a este certa figura, certa ordem entre seus elementos. É o espaço do ‘método’ propriamente dito na Metodologia da pesquisa” (p. 126). É neste lugar de estruturação do objeto que são apresentados os elementos constitutivos da investigação, como o problema e as técnicas de pesquisa. Nesta instância, o método deve ser formalizado de modo a estruturar o trabalho, fazendo a ligação com a teoria e os contextos da prova e da descoberta.

O desenvolvimento da pesquisa requer escolhas metodológicas que se referem aos métodos e técnicas que constroem o raciocínio lógico, representando um caminho determinado pelo objeto com base no problema de pesquisa (BARICHELLO, 2016). É neste que as questões

epistemológicas em que se organiza um sistema de conhecimento vão dando forma à pesquisa (BRAGA, 2016). Abordagens teórico-metodológicas enraizadas em tradições como a análise de discurso apresentam uma diversidade de temas, objetos, questões e ângulos, ligada a uma ordem histórico-contextual de um quadro teórico já estabelecido. E sem o entendimento deste contexto, corre-se o risco de reduzir e improvisar o desenvolvimento da pesquisa ao não seguir a vertente escolhida com o rigor necessário, caindo no senso comum (BRAGA, 2011).

É importante diferenciar as exigências internas e externas da pesquisa em Comunicação, sem apelar a um discurso cientificista. Ao tratar das questões epistemológicas, teóricas e metodológicas da área, Lopes (2004) reconhece as lógicas de desenvolvimento e autocontrole para que uma pesquisa não vire apenas um discurso totalmente ideológico, genérico e abstrato. E, nesse sentido, pesquisas com problematização e construção do objeto rasa ou ausente indicam uma possível falta de visão do campo da Comunicação e sua história.

Os silêncios metodológicos aqui destacados já foram identificados e problematizados em outros estudos desenvolvidos pelo Laboratório de Experiências Metodológicas na Comunicação (Leme). Na análise de teses e dissertações da região Sul do Brasil (WOTTRICH *et al.*, 2020), fica evidente como os objetivos específicos nem sempre são apresentados de modo processual, mas com verbos gerais, e que a questão epistemológica se apresenta como uma consequência processual e não articulada à base das investigações. A falta de enunciação das intenções e escolhas do pesquisador demonstra uma fragilidade da pesquisa e compromete a contribuição que estes estudos poderiam dar ao campo da Comunicação.

Em Wottrich *et al.* (2019) foi destacada a importância de partir de um problema de pesquisa que considere o cenário teórico e empírico, além de um objetivo que evidencie os aspectos que se pretende alcançar, norteando o problema. A problematização, então, está ligada

aos níveis de profundidade, construção conceitual e levantamento de dados, e sua ausência limita o desenvolvimento de toda estrutura da pesquisa. Desta crítica entende-se que “[...] prestar atenção na formulação desses itens não é questão de preciosismo metodológico, mas de compromisso epistemológico com a investigação que o pesquisador se propôs a desenvolver” (p. 14). Nos trabalhos aqui analisados, este compromisso epistemológico, ou falta dele, está ligado tanto à comunicação, quanto à análise de discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tratamos sobre as diferentes vertentes da análise de discurso, relacionando as subáreas da Comunicação e as ausências metodológicas identificadas. Destacamos aqui a importância de compreender a história, os conceitos e as técnicas relacionadas a cada vertente da análise de discurso e suas aplicações. Embora sejam abordagens teórico-metodológicas extremamente ricas, suas contribuições ficam limitadas quando o pesquisador não dedica a devida atenção ao procedimento metodológico, como identificamos em alguns trabalhos. Vale também pontuar que o grande número de trabalhos sem objetivos específicos e sem problema de pesquisa indica uma falta de rigor científico na pesquisa. Por outro lado, vários trabalhos parecem incorporar bem a análise de discurso em suas pesquisas em Comunicação, relacionando com outros procedimentos metodológicos e trazendo importantes discussões para a área.

O destaque para as subáreas de jornalismo, publicidade e relações públicas, além de estudos sobre internet, consumo e gênero, parecem marcar bem os estudos da comunicação publicados entre 2013 e 2018. Considerando que o método vem sendo utilizado com frequência em teses e dissertações em todo o país, especialmente nas regiões

Sudeste, Sul e Nordeste, buscamos identificar as referências mais utilizadas e apresentar as vertentes da análise de discurso, com o intuito de mostrar potenciais caminhos para futuras pesquisas na Comunicação.

Por fim, lembramos que as três vertentes de análise de discurso discutidas neste capítulo apresentam um extenso referencial teórico metodológico que pode e deve ser consultado por aqueles que desejam desenvolver pesquisas na área do discurso. O que trouxemos aqui foi uma apresentação e uma breve retomada sobre cada uma das abordagens, com o objetivo de discutir o panorama observado nos 210 trabalhos analisados. Algumas das referências necessárias para conhecer um pouco mais sobre cada abordagem estão disponíveis no final deste capítulo.

## REFERÊNCIAS

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. A autoria na elaboração de uma tese. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em Comunicação. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRAGA, José Luiz. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.).

**Pesquisa em comunicação:** metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-COMPÓS)**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011.

DEMATA, Massimiliano, HEANEY, Dermot, & HERRING, Susan, Eds. (2018). Language and Discourse of Social Media. New Challenges, New Approaches. **Special issue of Altre Modernita** (2018), I-X, 1-168. <https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/issue/view/1310/showToc?fbclid=IwAR2ePZHDCor-q9YcT0zkK62QDa02eXS6NIVmAYcuacsziGiRn46Np1vB8ao>

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. Discourse, social theory and social research: the case of welfare reform. **Journal of Sociolinguistics**, v. 4, n. 2, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de M. I. Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge: 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical Discourse Analysis as a Method in Social Scientific Research. **Methods of critical discourse analysis**, Wodak e Meyer, 2 ed. Londres: Sage, 2005. p. 121-138.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. **Letras**, n. 27, p. 39-46, 2003. <https://doi.org/10.5902/2176148511896>

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade. **Letras**, n. 37, p. 135-143, 2008. <https://doi.org/10.5902/2176148511984>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-15, nov. 2007.

HERRING, Susan. Computer-mediated discourse. In SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (Eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 612-634. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf>

HERRING, Susan. Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior. In: BARAB, S. A.; KLING, R.; GRAY, J. H. (Eds.). **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 338-376 Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf>

HERRING, Susan (Ed.) Computer-mediated conversation, Part II. **Special issue of Language@Internet**, 8. 2011. Disponível em: <http://www.languageatinternet.org/articles/2011>

HERRING, Susan. Grammar and electronic communication. In: CHAPELLE, C. (Ed.) **Encyclopedia of applied linguistics**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2012. Disponível em: <https://info.sice.indiana.edu/~herring/e-grammar.pdf>

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 27, n. 1, jan./jun. 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MELO, Marina Félix de. Hermenêutica e dialética: Gadamer e Habermas na metodologia das Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia** [Online], n. 10, nov. 2013; Disponível em: consultado no dia 03 maio 2019. <http://journals.openedition.org/ras/172>. Acesso em: 3 maio 2019. DOI: 10.4000/ras.172

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1335-1346, set./dez. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação e autoria: leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1990.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RECUERO, Raquel. #FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no twitter nas eleições 2018. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, p. 1, 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Society and discourse: How social contexts influence text and talk**. Cambridge: Cambridge University Press. 2009.

WOTTRICH, Laura; MAZER, Dulce; MONTEIRO, Maria Clara Sidou; CRAVEIRO, Pamela Saunders; VIEGAS, Paula. A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região Sul. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador. **Anais[...]** São Paulo: Intercom, 2020.

WOTTRICH, Laura; MAZER, Dulce Helena; MONTEIRO, Maria Clara Sidou; FONSECA, Paula Coruja da; SILVA, Ronei Teodoro da; COSTA, Sarah Moralejo da. A definição do problema e dos objetivos de pesquisa: reflexões sobre o fazer metodológico na Comunicação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais[...]** São Paulo: Intercom, 2019.



# 08

Giovanna Parise  
Isabelle do Pilar Mendes

## **EXPERIMENTANDO A METODOLOGIA E O SEU APRENDIZADO:**

relato de duas bolsistas  
de Iniciação Científica

## INTRODUÇÃO

O que você pensa quando lê a palavra metodologia? Depois de passar por boa parte deste livro, é provável que já tenha uma noção ampliada do que essa prática significa – aliás, talvez já tenha percebido tratar-se de uma prática e não uma mera ferramenta. Para um estudante de graduação, porém, enquanto desconhecida, a metodologia pode ser motivo de estranhamento. E o que transforma essa prática, que possui um grande potencial de auxílio e guia na construção de pesquisas, em um entrave? Uma das chaves para a resolução dessa questão está na falta de discussão sobre o tema – daí a importância de escritos como este.

Como, então, se aprende metodologia? Partindo da experiência de duas bolsistas de Iniciação Científica em um projeto de pesquisa metodológica, consideramos que esse aprendizado é feito pela união da teoria e da prática. Logo, nosso ponto de partida no aprendizado como bolsistas – o qual abordaremos neste texto – foi a realização de leituras-chaves a fim de compreender as reflexões de autoras como Marialva Barbosa (2020), Maria Immacolata Lopes (1990) e Laura Wottrich (2021) sobre o saber e fazer metodológico e sua incidência no campo da Comunicação.

Segundo Wottrich (2021, p. 22), “[...] a metodologia é uma das instâncias fundadoras da práxis científica”. Entretanto, a autora ressalta que, apesar de sua importância, a metodologia não ganha um lugar privilegiado na produção e reflexão sobre o conhecimento comunicacional, onde a discussão metodológica ainda é escassa (WOTTRICH, 2021). Essa falta acarreta ausências tanto para a práxis da pesquisa em comunicação, quanto para a vida social, visto que o método é inseparável dos sujeitos em seu transitar e comunicar mundano. Estamos em constante transformação quanto às nossas visões de mundo,

diferindo, mesmo sem perceber, nossas intervenções ao estar nele. Os métodos são a síntese dos seres que vivem em dado momento histórico, econômico e social e, além disso, possuem uma subjetividade, hábitos e instintos condicionados.

A Iniciação Científica aparece, assim, como uma oportunidade de aproximação entre aluno e conhecimento científico. Para quem passou por essa experiência especialmente em um projeto de pesquisa metodológica, é ainda mais possível encarar a metodologia com a devida processualidade que ela exige. Veremos, a seguir, como essa aproximação ocorreu para as duas bolsistas do projeto. Para isso, elaboramos, em um primeiro momento, nossas percepções teóricas em relação a nossa compreensão de metodologia, a partir das leituras realizadas e da prática de pesquisa. Em seguida, apresentamos dois relatos, um de cada bolsista, a fim de trazer o olhar das estudantes para sua própria trajetória e suas descobertas processuais, epistemológicas e metodológicas no percurso. Assim, pretendemos tornar mais palpável e atraente para futuros pesquisadores as relações do campo da Comunicação com a metodologia e, quem sabe, dos estudantes com a Iniciação Científica.

## AS MUITAS NOÇÕES DE METODOLOGIA: A PRÁTICA NA TEORIA

Ao experienciar, somos capazes de teorizar e nominar os acontecimentos e, uma vez nomeados, sua síntese é colocada à prova em um mundo que a transforma dando continuidade à constante materialização dos valores científicos e históricos. Visto que não existem pressupostos transcendentais, os paradigmas teóricos-metódicos advêm da consciência possível desenvolvida na realidade em que se traduzem. Logo, para que abarquem os fenômenos distintos criados

pelo objeto a ser questionado, devem partir de uma visão dialógica, e em constante reconstrução, para com o momento histórico (LOPES, 1990). A ciência é a criação de um espaço comum que abarque o “es- pírito” de sua época da mesma forma que suas metodologias e epis- temologias, e, para demonstrar a importância da pesquisa no campo da Comunicação, devemos demonstrar a importância das próprias condições e procedimentos com que o produzimos.

Ao circunscrever determinado objeto, partindo da experiência, o passo seguinte é a proposição de um caminho metodológico capaz de estruturar da melhor forma a hipótese a ser desenvolvida. Segundo Lopes (1990, p. 99), “[...] o discurso científico é o resultado do fazer de um sujeito que, possuidor de uma série de competências, visa buscar um objeto de valor que é o saber”. A fim de que esse objeto de valor, que é o saber, seja alcançado, uma série de escolhas coloca à prova suas competências; pois, apesar de possuir natureza ativa e ampla, o tempo lógico e histórico do pensamento exige coerência e responsabilidade do pesquisador para com seu objeto.

A falta de aprofundamento acerca do saber metodológico resulta em problemas que não são restritos ao campo da Comunicação, mas também estão presentes nele: “a pouca valorização da questão metodológica em muitas produções; a fluidez com que é abordada muitas vezes; a utilização de procedimentos e análises governados pelos modismos; o tradicionalismo de muitos enfoques; a mistura de perspectivas que são diametralmente opostas, entre outras” (BARBOSA, 2020, p. 97). Ao analisar os trabalhos produzidos nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação do Brasil, Barbosa (2020) verificou que os autores trazem suas abordagens metodológicas com os caminhos da pesquisa, ou em um capítulo específico ou na introdução. Entretanto, isso não significa que eles tomem a metodologia como prática. Muitas vezes o que vemos – principalmente na graduação – é o “uso” da metodologia a partir de sua compreensão instrumental.

Aprender metodologia consiste em compreender as etapas da pesquisa para, então, poder utilizá-la como um guia natural do caminho a ser percorrido. É o próprio olhar indagativo que questiona ao próprio objeto a ser desvendado quais são as suas necessidades ao longo do projeto. Para Wottrich (2021), “a metodologia move a própria pesquisa”. Isso acontece porque as problematizações em torno do objeto surgem pelas vias metodológicas.

Ou seja, a estruturação de qualquer investigação é realizada a partir de um processo de tomada de decisões, no qual a problemática é montada, as teorias e a observação da realidade interagem – e se tensionam – continuamente. Cabe à metodologia refletir em relação aos critérios de validade interna e de coerência entre esses elementos, que estão inscritos em um campo científico e ajudam a configurar e a responder a problemática de cada investigação (WOTTRICH, 2021, p. 3).

Dessa forma, a teoria e os conceitos mobilizados estão sempre – ou deveriam estar – ligados à metodologia, porque conduzem as questões que movem a pesquisa. Nesse sentido, Barbosa (2020) contribui para a discussão.

A metodologia – do nível mais elementar, ou seja, o metódico e técnico até o mais complexo, envolvendo dimensões epistemológicas e técnicas – só se constrói a partir da articulação com o arcabouço conceitual. Sem teoria não é possível formular problemas de pesquisa, construir caminhos metodológicos, dimensionar a forma como a análise será considerada e conduzida. Mesmo o nível metódico mais elementar pressupõe, portanto, a escolha de marcos conceituais (BARBOSA, 2020, p. 83).

Quando compreendemos a metodologia como fio que guia a pesquisa, ou seja, uma prática mesmo, ligada às teorias, à problematização, às decisões no percurso, tornamos possíveis outros debates. Um deles está relacionado à produção de conhecimento na área da Comunicação, pois a articulação entre a processualidade teórica e metodológica na prática concreta das pesquisas “[...] consolida um

legado de intervenções, propostas e perspectivas metodológicas que podem ser questionadas e aprimoradas pelos pares” (WOTTRICH, 2021, p. 5) – processo importante na consolidação do próprio campo.

Outra reflexão proporcionada pelo entendimento da metodologia como prática diz respeito à subjetividade dos pesquisadores e aos processos de objetivação. Essa, inclusive, é uma descoberta importante para quem chega na graduação e tende a ver os objetos de pesquisa como exteriores aos pesquisadores e a ciência como esfera completamente impessoal. O aprendizado metodológico também é aprender que o objeto faz parte de um sistema de relações construído pelo pesquisador, “[...] ou seja, um espaço, por excelência, de reflexividade epistêmica” (WOTTRICH, 2021, p. 26), e que a subjetividade é o ponto de partida para as dúvidas que originam uma pesquisa.

Apesar de as expressões da linguagem não conterem em si a totalidade da experiência subjetiva, elas podem operar como uma boia de esperança, em um mar de certezas variáveis, ao representarem uma situação inexistente na percepção imediata. A metodologia, ao tornar-se prática, faz transparecer a cadeia de obstáculos e decisões tomadas rumo à construção da pesquisa (LOPES, 1990). Opera, dessa maneira, como uma ponte entre os anseios subjetivos do pesquisador, as problemáticas constituintes do objeto e a almejada estruturação – ou discurso – utilizada para construir – após observações, descrições e interpretações – o modelo metodológico e as fases da pesquisa a serem seguidas.

Depois de entender que a subjetividade é um motor para a construção de uma pesquisa, é normal vir a seguinte dúvida: “como transformar essas dúvidas subjetivas em problemas de pesquisa?”. Responder essa questão é parte do aprendizado da metodologia, e é respondida ao longo de toda a pesquisa, a começar pelo estado da arte, quando conhecemos trabalhos da nossa área que dialogam com as nossas questões. A partir daí, entramos na segunda parte do

processo de aprender o que é metodologia. Depois de lermos e debatermos a teoria, é hora da prática, ou seja, de construir nossas próprias pesquisas. Guiados pela compreensão de que a metodologia é um fio condutor que vai muito além de procedimentos metodológicos, tudo fica mais fácil. Compreender isso, contudo, faz parte do caminho. A seguir, apresentamos nossos relatos como bolsistas de Iniciação Científica de um projeto metodológico e, conseqüentemente, nossos caminhos nessa descoberta.

## PRIMEIRO RELATO – GIOVANNA PARISE

A Iniciação Científica (IC) surgiu na minha vida acadêmica a partir de uma vontade de experimentar diferentes possibilidades que a Universidade oferece. Luis Mauro Sá Martino, Vitória P. Amá, Rafaela Artero do Nascimento e Fabíola Balaratti Chechetto (2018) destacam que este movimento de interesse pela pesquisa já na graduação, especialmente na área da Comunicação, está crescendo.

Esse movimento parece atuar no sentido de corrigir, ainda que em um raio de ação limitado por questões políticas e econômicas, um problema apontado já por Abramo (1979) ao indicar que o aluno de graduação, em sua maior parte, não chega à universidade imaginando-se como um produtor de conhecimento a partir da pesquisa, mas como um receptor de ideias já elaboradas com as quais deve apenas se familiarizar (MARTINO *et al.*, 2018, p. 3).

Os autores identificam a proliferação de espaços que incentivam essas pesquisas, como os eventos científicos que possuem áreas destinadas aos graduandos que fazem Iniciação Científica. O Congresso Nacional de Iniciação Científica – Conic, o Intercom Júnior e a Revista Anagrama, da ECA-USP, dedicada à publicação de artigos de graduandos, são alguns exemplos. Eu ainda não conhecia o mundo que a Iniciação Científica abre para os estudantes, mas meu interesse em experimentar fez com que me inscrevesse para participar do projeto.

Cabe destacar no meu relato que, para muitos estudantes – como no meu caso –, a IC pode ser também a primeira experiência de compromisso profissional. Esse é, justamente, um dos objetivos da IC, pois “[...] os programas de iniciação científica em Comunicação sugerem, nesse sentido, a busca de um equilíbrio entre uma formação ‘teórica’ e a preparação ‘técnico-profissional’ das alunas e alunos dos cursos” (MARTINO *et al.*, 2018, p. 8-9).

Assim que iniciei, em 2019, fizemos leituras e discussões que embasaram a construção do projeto de pesquisa, além da leitura do próprio projeto, para que eu conhecesse mais o território em que estava entrando. No início, para uma estudante do segundo semestre da faculdade, até mesmo a palavra metodologia assusta. O que causa essa impressão é, justamente, a falta de conhecimento causada pela superficialidade com a qual a metodologia é, muitas vezes, abordada na vida acadêmica – essas discussões estiveram presentes durante toda a trajetória de IC. Destacarei a seguir alguns pontos teóricos chaves para o desenvolvimento do projeto, alvos de muito debate e elaboração em conjunto a partir de leituras e reuniões.

Partimos do pressuposto de que a Comunicação é um campo que dialoga com muitos outros. Porém, como campo comunicacional, precisamos entender quais são os próprios caminhos que nossas pesquisas estão tomando, mesmo que em diálogo com outros campos (SANTAELLA, 2001). Para isso, a pesquisa metodológica pode ser um recurso interessante. E, dentro da Comunicação, é enquanto pesquisa metodológica que situamos o projeto.

A partir de Demo (1985 *apud* SANTAELLA, 2001), Santaella (2001) define este tipo de estudo como aquele que “[...] se refere à reflexão sobre os métodos que direcionam a pesquisa científica, os modos de pesquisar, a problematização das vias do conhecimento” (p. 145).



A pesquisa metodológica pode ser dividida em instâncias (LOPES, 1990): 1) Epistemológica 2) Teórica, 3) Metódica e 4) Técnica inerentes à estruturação da pesquisa empírica. Tais instâncias ajudam na análise dos trabalhos do campo e ampliam a visão da metodologia para além daquela instrumental que, muitas vezes, a limitamos – especialmente quando não temos contato com a pesquisa científica para além do TCC.

Já familiarizada e sem medo de aprender, a rotina de IC iniciou. As atividades desenvolvidas no período se estruturaram em três eixos, a) fichamentos e organização da base de dados, 2) publicação e escritura de artigos e 3) organização das rotinas de trabalho (leituras, reuniões semanais e com o grupo).

Quando cheguei, o trabalho já havia sido iniciado pela bolsista anterior do projeto, Lara Brum, que estruturou a base com as principais informações dos trabalhos a serem analisados. Minha primeira tarefa foi revisar a tabela, já que alguns trabalhos estavam sem acesso. A revisão sistemática dos procedimentos pelos colegas de pesquisa, a constante troca de conhecimento e o diálogo foram eixos centrais durante toda essa experiência.

Em seguida, sugerimos uma ficha de análise que guiaria a coleta de dados para a base. Como sabíamos que seria um projeto feito a muitas mãos, encontrar as perguntas adequadas para analisar os trabalhos foi um passo importante que demandou tempo, conversa, testes e a colaboração de todas. Fizemos, inclusive, uma reunião com as colaboradoras para apresentar a ficha e acolher ideias.

Assim, iniciamos os fichamentos dos trabalhos da Região Sul. As fichas deveriam ser preenchidas com informações como objeto empírico, subáreas de pesquisa, procedimentos metodológicos, tipos de pesquisa e outras. Aqueles trabalhos cujos fichamentos me traziam muitas dúvidas, levava para as reuniões de trabalho do Projeto.

Concluída a Região Sul, com o fichamento de 838 trabalhos pela equipe, passamos para a Região Sudeste, composta por mais 794. Por fim, chegamos à Região Nordeste, com 352 trabalhos, e concluímos os fichamentos – no geral, eu fui responsável por 790 deles. O caminho, entretanto, não foi linear. Ao longo do processo, aprimoramos as fichas de análise, os fichamentos, redistribuímos as tarefas a fim de adequar as possibilidades de cada colaboradora, criamos documentos auxiliares ao preenchimento e nos encontramos ao fim e ao início de cada nova etapa, para celebrar mais um passo da pesquisa e para organizar os passos futuros.

Foram dois anos de Iniciação Científica como bolsista no projeto, de agosto de 2019 a agosto de 2021, e muitos aprendizados sobre metodologia, Comunicação, pesquisa, mas também sobre afeto. Tive a oportunidade de desenvolver projetos individuais. Participei do XXXII Salão de Iniciação Científica da UFRGS com o trabalho intitulado “As questões de gênero nas pesquisas em Comunicação: um olhar para o objeto<sup>31</sup>”. O trabalho apresentou as primeiras percepções que tivemos ao analisar os trabalhos de Comunicação que abordam gênero, pertencentes ao *corpus* da pesquisa de metodologia desenvolvida no projeto. Em 2021, participei novamente com o trabalho Gênero na Comunicação: uma análise teórica e metodológica, que também foi apresentado no IJ01 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Devido a minha aproximação com o tema, ingressamos em uma parceria com o grupo de pesquisa sobre gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O diálogo entre as pesquisadoras resultou na apresentação do *banner* com o título Gênero e Ciência: onde estão as mulheres nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

31 PARISE, Giovanna; WOTTRICH, Laura. As questões de gênero nas pesquisas em Comunicação: um olhar para o objeto. Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2020). Salvador, BA, 2020.

do Brasil?<sup>32</sup>, no evento Fazendo Gênero 2020. Aproveitando as leituras, discussões e coletas de dados, produzimos juntas o artigo “Lugar de mulher é na ciência: um estudo acerca da desigualdade de gênero na ciência da Comunicação<sup>33</sup>”. O trabalho foi escolhido para integrar o e-book *Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?: olhares de jovens pesquisadores* (Intercom 2021). O tema das questões de gênero e a compreensão de que metodologia é uma prática a partir dos aprofundamentos que a IC me possibilitou estiveram presentes no meu Trabalho de Conclusão de Curso, em que estudei as representações do feminino no telejornalismo.

Os caminhos que me levaram a estudar as questões de gênero na comunicação fazem parte da subjetividade e da afetividade na pesquisa (MARTINO *et al.*, 2018): “As escolhas de objeto, os vínculos com esta autora ou aquele pesquisador, a relação de aproximação com os textos lidos a cada reunião de orientação, e mesmo os elementos pessoais e institucionais presentes no contexto da pesquisa” (p. 6) fazem parte das tomadas de decisões, já que nossos modos de sentir e estudar não são separados (MARTINO, 2021).

Reitero que o percurso não foi linear – e por vezes bem sinuoso. Não pelas tarefas ou demandas da pesquisa, já que houve durante todo o trajeto a compreensão e o acolhimento dos limites de cada pesquisadora, mas por algo que ninguém jamais esperaria: a pandemia de covid-19. Logo após a primeira reunião (ainda presencial) das colaboradoras, alguns encontros e cafezinhos pelos arredores da Fabico, o mundo mudou e as pessoas precisaram ficar em casa. Durante praticamente todo o processo relatado, trabalhamos de forma on-line, com reuniões e participações em eventos de forma remota.

32 PARISE, Giovanna; IRIGOYEN, Martina Benedetti; WOTTRICH, Laura. Gênero e ciência: onde estão as mulheres nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil? Fazendo Gênero 12, 2021.

33 HAAG, Antônia *et al.* Lugar de mulher é na ciência: um estudo acerca da desigualdade de gênero na ciência da Comunicação. Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Júnior 2020). Salvador, BA: 2020. In: PESSOA, Sônia Caldas; PRATA, Nair; SANTANA, Flávio (org). Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?: olhares de jovens pesquisadores. São Paulo: Intercom, 2021.

A fim de auxiliar no processo de pesquisa em meio a um período como esse, realizamos, no âmbito do Projeto, Webconferência “Pesquisa numa hora dessas? Atravessamentos políticos e afetivos da prática investigativa na Comunicação”<sup>34</sup>, em que participaram os professores Luís Mauro Sá Martino (PPGCOM/Casper Líbero) e Nísia Martins do Rosário (PPGCOM/UFRGS). Martino (2021) iniciou sua fala alertando que “[...] é preciso, em primeiro lugar, desnaturalizar uma situação que não é natural”. As reflexões foram importantes no sentido de criar uma rede de acolhimento aos pesquisadores.

Prestes a concluir minha graduação, entendo que a IC me tornou a pesquisadora que sou hoje e que pretende seguir, de alguma forma, por esse caminho. Os aprendizados que experienciei me ensinaram muito sobre Comunicação, sobre dialogar, sobre trabalho em equipe e, até mesmo, sobre quem sou eu.

## SEGUNDO RELATO – ISABELLE DO PILAR MENDES

Por entre os atravessamentos e desígnios da minha caminhada acadêmica, no ano de 2021 fui acariciada com a oportunidade de ser bolsista de Iniciação Científica do projeto do Laboratório de Experiências Metodológicas (Leme). O estranhamento inicial de estar em um novo ambiente, composto por professores e pesquisadores de quem, muitas vezes, já possuía conhecimento e admiração, fez florescer em mim esperança. Esperança não enquanto a espera de algo que provirá de um acaso, mas como a união “[...] com outros para fazer de outro modo [...]” (FREIRE, 1992, *apud* CABRAL, 2015, s.p.) justo e digno a todos. Esse estranhamento, além da espera ativa, causou-me (admito pensar que a sensação não há de cessar com o tempo) calafrios que percorrem meu corpo em excitação a cada novo aprendizado.

34 Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCWNL1czQihw7nGOB3jv-5XQ>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Desde o início dessa experiência, estive presente nesse novo espaço de maneira remota por conta da pandemia de covid-19. Em reuniões quinzenais, logo me foi apresentado o programa de extensão criado a partir do desenvolvimento do Projeto. As ações do projeto iniciaram no ano de 2019, e no momento em que iniciei a bolsa, já no segundo semestre de 2021, o mesmo estava na fase final de coleta e organização dos dados do *corpus* para a posterior criação da Base de Ideias Metodológicas na Comunicação (BIMC). Realizei o fichamento de poucos trabalhos, como experiência de aprendizado, a fim de entender o processo antes realizado por outras bolsistas, e tive maior atuação na conferência final do *corpus*.

Com a base em estado de finalização e sistematização, começamos a organizar a divulgação dos resultados e da ferramenta de busca. Então, auxiliei na criação do site do laboratório que recebeu o mecanismo de busca da BIMC, além de abarcar a Comunicação acerca do projeto contendo suas premissas, publicações, informações sobre a equipe de pesquisadores e eventos do programa. Sincronicamente, iniciamos o planejamento do primeiro “Simpósio de Experiências Metodológicas na Comunicação”, evento previsto nas diretrizes gerais do programa de extensão.

A programação do Simpósio decorreu das inquietações surgidas durante a análise dos trabalhos. Apesar de possuírem diferentes abordagens, os autores presentes no evento exploraram meios de como alcançar, com o auxílio da metodologia, a consolidação da Comunicação enquanto campo, servindo de espaço passível de diálogos e disputas das mais diferentes realidades existentes. Os quinze painelistas, seis mediadores e toda a equipe técnica e de planejamento do evento, incluindo a mim, possuíam como vontade comum a inserção dos saberes metodológicos no campo de conhecimento da comunicação para, ao constituir a reflexão desses saberes, tratá-los enquanto local de disputa política e epistemológica. A metodologia vista com as lentes do Leme

é um diálogo; uma bússola que norteia, mas que todavia extrapola o âmbito técnico. Não se trata apenas de um conjunto de ferramentas e procedimentos, sendo “[...] um processo múltiplo, construído a partir da posição dos sujeitos no mundo, da sua relação com o trabalho científico e de condições mais amplas (contextuais, institucionais) em que estão inseridos” (WOTTRICH *et al.*, 2020, p. 1). Ao instigar a abertura do sujeito à reflexividade de seus procedimentos, voltado às suas práticas metodológicas, entende o processo de produção do conhecimento científico enquanto busca pelas especificidades e dificuldades históricas e sociais do espaço-tempo no qual o autor está inserido.

Dessa forma, ao reunir pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e América Latina, com contribuição significativa nos cinco eixos temáticos, o Simpósio proporcionou um espaço de troca sobre as experiências e potencialidades da exploração metodológica no campo comunicacional. Durante o processo de finalização da base e organização do evento, realizamos reuniões em que integramos ao aprendizado prático a leitura de textos que tratavam das descobertas do Leme, em seus atravessamentos metodológicos, e sobre o fazer científico comunicacional em si. Fui então tocada por diversos conceitos que me permitiram conhecer novamente aquilo que uma vez decidi ser o campo de estudo ao qual dedico minha formação.

Antes de seguir rumo ao desconhecido, para que o salto e a queda fossem possíveis, tive de começar pelo cultivo da reflexividade através da objetivação de minha subjetividade. Até então, meu modo de operar com as afetações causadas pelos encontros com os textos e conhecimentos poucas vezes avançavam para além do debate comigo mesma. Criava juízos de valor, fechados em si, e os barrava em muros levantados com minhas percepções. De acordo com Braga (2011), a abordagem metodológica enquanto tomada de decisões não visa diminuir os ângulos interpretativos internos do pesquisador, mas sim reiterá-los ao orientar as percepções sobre seu objeto. Penso

serem os ângulos tudo aquilo que há de maior: o insondável, inquantificável. A belíssima capacidade que possuímos de não nos encaixarmos em números e medidas. No entanto, sem as arestas que seguram as direções opostas, não conseguimos formar os lados, sedimentar os achismos em práxis concretas que sirvam a uma finalidade histórica e social. Os métodos não são territórios com fronteiras rígidas, mas ângulos de entrada que não almejam superar as fragmentações, todavia servem para que seja possível observar e interpretar os processos socioculturais com um olhar crítico ao desviar da superficialidade e homogeneidade aparente destes.

Assim, compreendi que, caso quisesse me inserir no campo de disputa e fazer pesquisa, deveria sistematizar tudo aquilo que me atravessava. Aprendi a fazer fichamentos dos textos para discuti-los nas reuniões, e a cada nova obra somava não apenas aquilo que nela era dito (sua teoria, conceito, método), mas também incorporava e criava um método próprio à minha organização. A lógica neoliberal impõe culturalmente a ideia de que não se pode, nem se deve revisar a teoria e a metodologia em países periféricos; instiga a reprodução da ciência enquanto um espelhamento enquadrado nos moldes de países desenvolvidos. Contra a descrença de que o pesquisador é incapaz de criar seu fazer científico adentrando em sua própria realidade, principalmente, estando ela fora dos centros hegemônicos internacionais, Lopes (1990) afirma que metodologias que não adentram as especificidades não servem como instrumento de entendimento dos modos culturais particulares, servindo apenas enquanto ferramentas nebulosas que mascaram, ao aparentarem transparência, o uso massivo e imposto da cultura aos diferentes modos de existir e concepções de mundo. A autora tem uma visão não imanente da metodologia e descreve-a como algo que deve estar em constante desenvolvimento, atualização e revisão.

Uma válvula de escape passível a respeito do repensar social, histórico e espacial da metodologia, para fugir do controle cultural e,

logo, científico, existe a partir da ponderação da pesquisa enquanto produto das relações entre o sujeito e o meio a partir de um olhar teórico-filosófico sobre seus fazeres e objetos. Ao refletir sobre a importância da reflexão filosófica, pode-se considerar que ela “só chegará a uma metodologia da pesquisa científica, a uma sociologia do saber e a uma epistemologia autênticas, assumindo uma posição filosófica geral, da qual decorre por necessidade a aceitação da lógica correspondente a tal posição” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 73). Em um conversar dialético com o pensamento de Lopes, a dita lógica correspondente para Vieira Pinto (1979) é o relacionar do pensamento subjetivo por meio da incorporação dos dados vivenciados pelo homem em seu transitar pelo mundo que, logo após subjetivá-los, os estrutura em representações coerentes.

Entretanto, como não existe uma indeterminação absoluta, pois somos seres em relação com o mundo – aqui, conforme Sartre (*apud* MOUTINHO, 2006, p. 205-6), visto enquanto o espaço no qual o ser vive sua própria experiência, e criado nas relações que estabelece com o meio quando interpelado por suas percepções –, ou uma determinação constante, pois possuímos a capacidade de imaginar – operar o campo perceptivo e as sensações de forma a nos levar a outros cenários – faz-se necessário fundamentar o conhecimento em sua condição material. O método, então, é o mapa que guia o sujeito em sua aventura pelo transitar de suas percepções, uma vez racionalizadas, para que elas possam tornar-se o trabalho de sua existência, e para que esse produto possa ascender no tempo que virá. É o processo de repensar o dever-ser, nesse caso, da pesquisa em Comunicação, nos contextos em que estamos situados.

Em síntese, o aprendizado que venho tendo a oportunidade de desenvolver em relação ao fazer metodológico e científico faz-me crer que o afeto que sentimos pelo e através do outro é um vetor de transformação de si e do mundo. É um devir que inicia no meio do



“caminho” histórico e social em continuidade a todos os outros afetos já acontecidos que se perpetuam em eterna confluência no presente. É ter um corpo criativo que se abre em novas percepções ao percorrer caminhos não usuais (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Ser pesquisador é ser sujeito de uma mudança que apresenta novas formas de sentir e de pensar. É o tornar-se si, acompanhado de tudo aquilo acumulado socialmente pelo tempo na cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse percurso, tendo como base o projeto do Leme, entendemos que a prática metodológica inicia quando nos deparamos com nossas primeiras dúvidas, ainda subjetivas. Desde o processo de situar tais dúvidas e o tema que queremos abordar no nosso campo, por meio do estado da arte, somos chamados a fazer escolhas. Essas escolhas são parte da metodologia.

O constante processo de objetivação das questões que se tornarão problematização, pela reflexividade epistemológica, também faz parte do percurso metodológico. Deixar que os nossos objetos demandem teorizações e, a partir delas, partir para as análises propriamente ditas, igualmente. Só aí, nesse momento, depois de percorrer boa parte do caminho, é que entram os procedimentos metodológicos, as ferramentas que mobilizaremos a partir do mapa metodológico da nossa pesquisa.

Em suma, tais reflexões nos levam a perceber a metodologia como base, motor e bússola de uma pesquisa. Base, porque está presente como horizonte em todas as escolhas feitas pelos pesquisadores, é o que há de comum e único em cada pesquisa. Motor, porque move e suscita perguntas ao buscar respostas, e bússola por indicar caminhos possíveis a serem traçados pela linha de pensamento e prática de pesquisa .

Por conta de perspectivas instrumentais acríticas, que reconhecem a prática metodológica enquanto ferramenta dada *a priori* por manuais avaliados apenas em sua eficiência mercadológica – e, justamente por isso, qualquer investimento crítico na discussão sobre a metodologia pareceria desnecessário –, a metodologia não é considerada enquanto um processo em desenvolvimento que considera as especificidades de cada trabalho. Vimos que, para chegarmos a essa concepção de metodologia, que foge da ideia de limitá-la enquanto instrumento ou, ainda, escapa a ideia de que ela é constituída enquanto um objeto utilitário finalizado, necessita-se ampliar o contato dos alunos com as reflexões e a prática de pesquisa. É um ciclo virtuoso: quanto mais entendemos as potencialidades da metodologia, mais natural torna-se o caminho, mais os estudantes tendem a realizar novas investidas na área, mais o campo da Comunicação sai fortalecido.

Ademais, o fazer científico no campo da Comunicação deve escapar da aparente claridade quanto a seus métodos e teorias para que possa servir as necessidades de seu tempo. O desafio é mostrar para a sociedade formas nas quais a comunicação opera, apesar de suas impossibilidades, a seu favor. O desafio, logo, é comunicar suas possibilidades e impossibilidades para além dos muros conceituais da academia de maneira mais ampla e, nesse caminho, a metodologia se torna uma aliada de primeira ordem. O desafio é também promover diálogos de afetos públicos contra a atrofia do pensamento que nós mesmos, enquanto pesquisadores, fomos impondo a produção científica e seus métodos. E por fim talvez percebamos, dessa maneira, que cada um desses desafios alimenta e necessita da escalada do outro para que possamos tornar-nos sujeitos sociais responsáveis por pensar os fenômenos socioculturais de maneira crítica.

Considerando a Comunicação como um campo que tem como dever social expandir o alcance do conhecimento, de forma acessível, o presente texto, assim como o livro do qual faz parte, se pretende

como iniciativa nesse sentido. De estudante para estudante, não limitar a metodologia a meros procedimentos é, ao contrário do que possa parecer, facilitar a produção de uma pesquisa.

Cabe mencionar, portanto, que as oportunidades de pesquisa devem ser mais frequentes. Muitos estudantes só têm contato com a produção acadêmica, como construtores dela, nos últimos semestres do curso, para fazer o trabalho de conclusão. O tempo escasso, a pressão para se formar e a falta de conhecimento resultam nas dificuldades abordadas no início deste texto. Dessa percepção surgiu a presente iniciativa. Assim, esperamos ser uma das portas de entrada para esse percurso libertador que é a formulação e partilha dos aprendizados proporcionados pelas vivências de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>. Acesso em: 19 mar. 2022.

CABRAL, Gladir. A esperança audaz: a pedagogia de Paulo Freire. **Ultimato**, mar./abr. 2015. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/353/a-esperanca-audaz-a-pedagogia-de-paulo-freire>. Acesso em: 19 mar. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Pesquisa numa hora dessas?** Atravessamentos políticos e afetivos da prática investigativa na Comunicação [Webconferência]. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCWNL1czQih-w7nGOB3jv-5XQ>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

MARTINO, Luis Mauro Sá *et al.* **Iniciação científica e epistemologia da comunicação: subjetividade e afetividade na pesquisa.** *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n. 6, p. 574-596, out./dez. 2018.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. Sartre: a liberdade sem desculpas. *In*: FIGUEIREDO, Vinicius de (Org.) **Seis filósofos na sala de aula.** São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

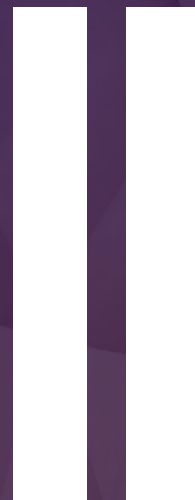
VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979. (Série Rumos da Cultura Moderna, 20; Coleção Pensamento Crítico, 7).

WOTTRICH, Laura. Atravessamentos metodológicos da pesquisa em Comunicação. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 44, n. 2, p. 21-33, 2021.

WOTTRICH, Laura; MAZER, Dulce; MONTEIRO, Maria Clara; CRAVEIRO, Pamela;

VIEGAS, Paula. A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região Sul. *In*: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 43., 2020, Salvador. Anais[...] São Paulo: Intercom, 2020.

Parte



# EXPERIÊNCIAS DO CAMPO

# 9

Marialva Barbosa

**Um método,  
uma história  
e uma escrita:**

**confluências reflexivas**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.09

## INTRODUÇÃO

Anunciar que existe uma história por detrás daquilo que abordamos é ato frequente quando se quer particularizar um tempo mais longo, numa temporalidade que parte do princípio que se caminha de um passado primordial em direção a momentos mais contemporâneos. A utilização deste “santo nome em vão” – a história – revela, por outro lado, o valor que se quer atribuir às trajetórias que fazem da permanência lugar de reconhecimento daqueles que contaram aquela história. Portanto, partir do princípio de que a metodologia tem um lugar na história da pesquisa em comunicação é, ao mesmo tempo, considerá-la como reflexão teórica fundamental para a Comunicação, que também possui uma história. De fato, procedimentos, olhares, perguntas, problematizações, ferramentas de análise – e tudo o mais que está envolvido na ação metodológica – são fundamentais para a construção da pesquisa. Mas a pergunta que nos move no início desta reflexão diz respeito aos sentidos atribuídos à história contido no título da mesa: *A metodologia na história da pesquisa em Comunicação*

Mas que história é esta que se pretende desvelar? Em primeiro lugar, privilegia-se, nesta perspectiva, a visão cronológica, numa história mergulhada na linearidade dos tempos, em que se caminha do passado até o presente. É a suposição de que houve um passado, no qual atores históricos se moveram, e fixaram esses momentos, deixando marcas que chegaram até o presente. Em segundo lugar, ao considerar a linearidade dos tempos, afirma-se o sentido do senso comum da história: um passado verdadeiro que, habitualmente, serve também para fornecer iluminações sobre o presente.

Mas esta é apenas uma das formas de considerar a história: como abertura em direção ao passado previsível, capaz de ser acessado, pelos documentos/testemunhos que indicam a sua existência.

Há muitas outras, entre elas, aquelas que consideram sobrevivências e embaralhamentos temporais, em articulações permanentes entre os tempos, renunciando a uma história orientada do passado para o futuro, já que a história é, como acentua Walter Benjamin (1985a), feita de reversões e de envoltórios.

Assim, ao se abandonar a linearidade de tempos, considera-se que as épocas não são homogêneas, que o passado não jaz inerte e imutável, sendo sempre algo que nos surpreende como trabalho de relembração. O passado não é um fato objetivo, mas um fato de memória, e a história existe sempre a partir da atualidade do presente (BENJAMIN, 1985b).

Olhar o passado constrói, muitas vezes, uma espécie de idílio em relação aos tempos de outrora, já que permite pretextos para explicações e compreensões da própria ação humana. Não que o passado forneça ou deva fornecer lições, já que não devemos imputar ao passado a noção de dívida (HELLER, 1993). Deve-se percebê-lo como um tempo que dura e permanece inflexionando o presente, descortinando diferenças e permanências, numa mistura infinita de camadas temporais que se movem, se sobrepõem, se aproximam e se distanciam. A consciência da própria universalidade humana, do ponto de vista histórico, permite que seja percebida sob esta ótica, em que no presente está o passado, assim como ele também prefigura o futuro como “universo de expectativas” (KOSELLECK, 2006).

Portanto, ao se falar da metodologia na história da pesquisa em comunicação havia o desejo de produzir um lugar de reconhecimento para a ação metodológica e, ao mesmo tempo, de se contar, a partir do presente, que caminhos foram percorridos e outros que deveriam continuar a ser perseguidos. Havia que se se referir aos múltiplos percursos reflexivos que permitiram perceber a dimensão metodológica sendo construída ao longo de uma temporalidade estendida, ainda que se esperasse que a história a ser contada se referisse, sobretudo, às ações desenvolvidas no presente.



Seguir este movimento de contar uma história significava também reunir atores considerados como fundamentais. E foi neste propósito que o encontro foi organizado. Mas não me coloco como participante deste grupo. Acredito que figurei no painel ao lado de pesquisadores que, de fato, mergulharam com reflexões densas na questão teórica/metodológica da Comunicação, quase em função do acaso: por ter sido resultado de um longo encontro (com os alunos), já que sou há décadas professora da disciplina Metodologia de Pesquisa nos cursos de pós-graduação. Foi também deste lugar, que reafirma sempre a complexidade da questão metodológica, que produzi alguns textos<sup>35</sup>. Portanto, é mais como participante desta história que a minha fala se deu e agora é transposta para outro formato, governado pela lógica escriturária. Tanto num formato, como no outro, deve-se demarcar ainda que o desafio maior para qualquer pesquisador é falar do seu próprio tempo e de espaços simbólicos nos quais sua trajetória de vida se desenvolveu.

Portanto, a história que o painel mostrou foi, em essência, que a discussão metodológica na Comunicação possui uma trajetória feita a partir do envolvimento de muitos pesquisadores ao longo de décadas e que foi se transformando. A história aparece como dimensão temporal que procura perceber processos que sobrevivem e, ao mesmo tempo, se distanciam do passado.

Contar esta história, ainda que seja pelas margens dos textos enunciados, é lançar também um olhar observador sobre a ação realizada pelos pesquisadores, privilegiando processos e rupturas para que emergja uma interpretação entre muitas possíveis e que também é sempre dependente das escolhas que realizamos.

Nesse sentido, nesta história recortada e selecionada privilegiarei não as ações e os momentos de rupturas da compreensão me-

<sup>35</sup> Os textos a que me refiro e que não trouxeram nenhuma grande inovação ou mesmo setas indicativas dignas de serem destacadas em torno das discussões sobre a comunicação como área de conhecimento são BARBOSA (2000; 2002; 2011 e 2016).

metodológica da Comunicação, preferindo me deter em aspectos mais contemporâneos. Afinal, a história não se dedica ao passado, mas ao tempo, incluindo-se nesta temporalidade, que evidencia vidas, sempre o lugar de onde falamos e de onde lançamos interpretações governadas pelo provisório.

## PARA QUE SERVE A COMUNICAÇÃO?

Na História, área em que dedico minha reflexão acadêmica há mais de três décadas, sempre na confluência com a Comunicação, há duas perguntas que sintetizam as preocupações teóricas e metodológicas: O que é a história? E para que serve a história?

Ainda que na Comunicação as discussões teóricas e epistemológicas sejam frequentes, quase nunca é ponto de partida das reflexões inquirir o que é a Comunicação e para que serve a Comunicação?

Começo, então, por uma dessas interrogações, antes de traçar um painel do que estou considerando tendências das pesquisas em Comunicação no Brasil, para, na sequência, fazer breves referências aos modos escriturários das pesquisas que dependem, evidentemente, da concepção de metodologia adotada.

Atenho-me à segunda questão, já que a primeira vem sendo objeto de reflexões há décadas e foram sistematizadas de modo conclusivo no livro *A ciência do comum. Notas para o método comunicacional*, de Muniz Sodré (2014). E lembro, de imediato, uma frase de Paulo Freire, em que indagava: “A quem sirvo com a minha ciência?” (1981, p. 36), ao destacar o aspecto político existente em qualquer pesquisa.

A ideia de servir possui, nela mesma, dois sentidos diametralmente opostos: o de servidão, ou seja, de estar submetido; e, do lado oposto, o de doação. Assim, servir contém no seu âmago a problemática de que realizamos pesquisas para compreender o mundo que nos cerca e, a partir desta compreensão, produzir ações que sirvam à transformação, à criação de um mundo mais fraterno, mais justo, mais humano. Servir, neste sentido, induz prioritariamente à ação.

No mesmo texto, em que fala de métodos, Paulo Freire aborda como achava que a chamada “realidade concreta”, sobre a qual nos debruçamos ao fazer pesquisas, deveria ser percebida: não apenas como “[...] um conjunto de dados materiais ou fatos cuja existência ou não, do nosso ponto de vista, importa constatar”. Para ele, a tal realidade concreta era mais do que fatos ou dados: ela era “[...] todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida” (FREIRE, 1981, p. 35).

Quando temos uma ciência que reflete sobre processos contemporâneos, que estão ainda se desenrolando, e que trazem consequências sobre a forma como vivemos o presente e cujo envolvimento impede, muitas vezes, o afastamento necessário à reflexão, estamos diante de um modo peculiar de compreensão e explicação da experiência humana. A comunicação, portanto, serve, em primeiro lugar, para refletirmos/compreendermos e empreender ações no sentido de melhorar o mundo vivido.

A compreensão do contemporâneo se faz pelo entendimento dos fenômenos comunicacionais. Portanto, a comunicação serve para a compreensão do contemporâneo, com suas apropriações e relações temporais realizadas por homens e mulheres que instauram a vida em toda a sua complexidade. Em múltiplas dimensões: objetivas, subjetivas, interpretativas, figurativas etc.

E, por último, a comunicação serve para a percepção dos processos comunicativos atravessados por aparatos tecnológicos, sempre numa crescente transformação, e que promove também a transformação humana. Entender esses processos é, em última instância, compreender ações humanas.

Mas a compreensão envolve não apenas a constatação – existente na maioria das pesquisas – mas, sobretudo, a explicação e a interpretação. É preciso não apenas apresentar os dados finais das pesquisas em profusão de sínteses (gráficos, tabelas, fórmulas e formatos estatísticos possibilitadas também pelos aparatos e aparelhos tecnológicos), como estamos cada vez mais fazendo, mas, sobretudo, interpretar. Os gráficos, tabelas, números, dados apresentados como resultados das pesquisas, performatizados por softwares cada vez mais complexos, não fazem delas mais “puras” do ponto de vista científico. Fazem-nas mais pobres.

Avançar na interpretação crítica significa produzir possibilidades de respostas, ir na direção das razões de possibilidades do fenômeno: dizer por que aquilo se dá daquela maneira. Ir na direção das razões significa refletir. Refletir para agir. Refletir para transformar.

## TENDÊNCIAS DAS PESQUISAS

O primeiro aspecto que gostaria de destacar nas pesquisas que vêm sendo realizadas no Brasil (e, *grosso modo*, na América Latina) é a característica que denomino presentismo. Ou seja, o fato de a maioria absoluta enfocar fenômenos que se desenrolam no tempo da própria existência do pesquisador, com claro predomínio de processos em curso, repletos da ideia de ultratemporâneo.

Mas por focar processos inerentes à centralidade do comunicacional (e do midiático) que se desenvolvem no tempo de nossa vivência, os estudos não poderiam adotar outra temporalidade. Cabe, de fato, a comunicação realizar estudos que tenham como referência este tempo em permanente fruição em direção a um futuro que já se realiza no presente. São os processos que colocam em destaque as temporalidades do mundo da vida que são priorizados. Se o que define o mundo contemporâneo são os fluxos, as redes, a informação e as interfaces, que envolvem estas inter-relações, estas se tornam predominantemente objeto do olhar empírico dos estudos.

O segundo aspecto que gostaria de destacar é o agrupamento temático e das problemáticas de pesquisa em torno de dois movimentos principais: a partir de subáreas da comunicação, reconhecidas ao longo da sua constituição como área de pesquisa e que são atualizadas em função das transformações a que estão submetidos os objetos e processos comunicacionais (jornalismo, publicidade, audiovisual, mídias digitais etc.); e as que procuram ultrapassar a visão objetiva e incluir reflexões sobre diversos aspectos que impactam o mundo e a vida contemporânea, atravessados predominantemente pelos processos midiáticos, com destaque para as vinculações do comunicacional, como enfatiza Muniz Sodré (2014).

Neste segundo movimento, parte-se da percepção de que o mundo contemporâneo é comunicacional e que, portanto, a compreensão e o entendimento da ação humana só são possíveis a partir dessas reflexões. A comunicação, nesse sentido, propõe a quebra de fronteiras entre a lógica disciplinar do século 20 e a organização dos saberes em torno de questões que ultrapassam a constituição de campos isolados de conhecimento. São as humanidades que estão em jogo na busca por compreensão num mundo no qual princípios, reconhecimentos, ações, reações e processos emanam de um espectro comunicacional.

Estas são as duas tendências mais gerais. Mas como cheguei a estes resultados? Evidentemente poderia dizer que foi observando o mundo comunicacional em que habito como pesquisadora, já se vão quatro décadas, mas seria acusada de realizar uma pesquisa baseada em impressões. A falta da minha cientificidade seria, então, amplamente criticada, já que não seria tributária do valor que os dados quantificados oferecem, mesmo que tenham o sentido de pureza, como são considerados em inúmeras pesquisas, e que, evidentemente, não pode ser alcançado.

Então, entre as múltiplas possibilidades que tinha, elegi a sistematização das pesquisas realizadas no final da primeira década do século 21: tomei como objeto as temáticas e abordagens de 107 teses defendidas, em 2017, nos Programas de Pós-Graduação mais bem conceituados no país (os que têm notas 5, 6 e 7 atribuídas pelo sistema de avaliação do Ministério da Educação) (BARBOSA, 2020).

Para ampliar o escopo de análise, realizei o esforço de produzir rápida radiografia do que vem sendo produzido na América Latina, apesar de esta reflexão não figurar na exposição do Encontro de Metodologia. Considerei importante descortinar minimamente as opções de temas e, sobretudo, de manejo das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em outros países do continente latino-americano, para verificar se as tendências localizadas inicialmente no Brasil também podem ser observadas na América Latina de maneira mais ampla<sup>36</sup>.

Optei, deliberadamente, por não produzir para este texto sínteses dos resultados sob a forma de tabelas, gráficos, listas, diagramas e outras sistematizações quantitativas. Este modelo, cada vez mais

36 O estudo do Brasil foi realizado para livro publicado em 2020 (BARBOSA, 2020). A breve radiografia realizada em relação à América Latina foi produzida a partir dos trabalhos apresentados no Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisadores de Comunicação (ALAIIC), em 2018, na Costa Rica, para apresentação em palestra realizada na Universidade de Vigo, Espanha, em fevereiro de 2021. Disponível em: <http://alaic2018.ucr.ac.cr/memorias?fbclid=IwAR3TEderE8MJ1FHXqd4Z5f2HXcdaLd2LqRPduJE0d0AcSxYPwyP-jonCqQ> Acesso em: 25 jan. 2021.

utilizado nos estudos de comunicação, querem se fazer científicos tomando como base aportes matemáticos e estatísticos e, em contrapartida, se afastam cada vez mais de reflexões que emanam das interpretações. Esta opção, favorecida, em parte, pelas alternativas que a tecnologia oferece ao pesquisador, vem engessando de maneira extrema muitas pesquisas, que passam a ser meramente constatativas.

Entretanto, apesar dos desastres metodológicos favorecidos por um entendimento parcial do que seja metodologia – confundindo-a com meras ferramentas, modos de fazer e resultados quantificados para espelhar através dos números uma espécie de pureza dos resultados –, observamos avanços no que diz respeito às temáticas das reflexões. *Grosso modo*, podemos agrupar as teses produzidas no Brasil em dois princípios teórico-metodológicos mais amplo: as que retroalimentam a ideia de subcampos e as que percebem a comunicação como saber síntese do século 21.

No primeiro grupo estão trabalhos que ainda utilizam a lógica dos estudos governados por pesquisas em torno das práticas e processos profissionais (Jornalismo, Televisão, Cinema, Publicidade, Relações Públicas e Comunicação Organizacional) ou por direcionamento reflexivo (Comunicação e Política; Comunicação e Educação; Comunicação e Religião; Comunicação e Saúde etc.). No segundo grupo, observa-se a perspectiva de produzirem o conhecimento a partir de questões e problematizações mais amplas.

O predomínio recai sobre os processos comunicativos nas suas articulações com as dimensões políticas, estéticas, discursivas etc. E mesmo as pesquisas que se situam em campos particulares abandonam, gradativamente, o foco em objetos específicos, refletindo sobre questões que atravessam os tempos (ética discursiva; fluxos comunicacionais, processualidades das práticas etc.). Nos estudos cujo foco recai sobre tecnologias, por exemplo, ainda que o objeto empírico dominante seja as redes sociais, observa-se o

deslocamento do olhar para problemáticas em torno dos subjetivismos que faz o mundo submergir em novas bases, nos quais relações epistemológicas e representacionais são explicitadas pela análise das tecnologias que invadem o mundo cotidiano. Há ainda um conjunto expressivo que se debruça sobre as produções discursivas, podendo ser qualificados como representacionais, utilizando como ferramenta teórica e metodológica a análise de discurso, a de conteúdo e das narrativas, sob diversas perspectivas.

O segundo direcionamento, e é aqui que se situam os estudos mais inovadores, percebe a comunicação com lugar de síntese dos saberes capaz de perceber/interpretar/explicar fenômenos contemporâneos. Ao considerar desta forma a comunicação, produz-se pesquisas que ultrapassam a lógica das subáreas e compõem um conjunto em torno da compreensão do mundo contemporâneo (incluindo, por vezes, futuros possíveis) atravessado, mais do que por processos midiáticos, por vidas que se conectam aos trânsitos, objetividades, materialidades, modos de ser comunicacionais.

Há, pois, a produção de interpretações capazes buscar o entendimento da ação humana num mundo que é comunicacional. Assim, ao lado de um conjunto de estudos definido pelos meios ou por processos mais evidentes, há outro que explora questões que afetam o desenrolar da vida (pobreza, imigração, movimentos sociais, ação política, mobilizações etc.). São teses que enfocam o que poderíamos denominar repertório cultural contemporâneo em correlação com práticas e processos cuja dimensão comunicacional é sempre dominante (BARBOSA, 2020).

No caso da América Latina, a título de amostragem e para perceber, sobretudo, a maneira como as pesquisas vêm sendo manejadas, foram considerados 180 trabalhos dentre os 592 apresentados nos 19 Grupos de Pesquisa, no Congresso da Associação Latino-Americana dos Pesquisadores de Comunicação (ALAIIC), realizado, em



2018, na Costa Rica, como já indiquei anteriormente. Priorizei aqueles que tinham entre seus objetivos apresentar resultados de pesquisa em curso, por doutores e doutorandos dos diversos Programas de Pós-Graduação da América Latina (excetuando os pesquisadores brasileiros). Embora seja uma análise mais genérica, não possuindo a profundidade desejada, é capaz de oferecer, no meu entendimento, um panorama sobre as tendências das pesquisas em quase todos os países da América Latina.

O Congresso da ALAIC reúne trabalhos de pesquisadores de praticamente toda a América Latina: em 2018, estiveram presentes estudiosos do Brasil, Argentina, Colômbia, Chile, Uruguai, Bolívia, Peru, Venezuela, México, Cuba e Costa Rica, além de professores de diversas instituições da Espanha.

Observamos, de maneira geral, a inclusão de temáticas que avançam no sentido da compreensão de fenômenos contemporâneos, sobretudo, relacionados a aspectos históricos dos contextos latino-americanos sobre os quais se debruçam. São estudos sobre os povos excluídos, decolonialismo, migrações, questões enfocando as identidades (de afrodescendentes, indígenas etc.) e representações culturais (música, religiosidades etc.). Há clara preocupação com a compreensão/reflexão de grupos historicamente colocados à margem da sociedade latino-americana e o movimento da pesquisa como possibilidade de instaurar transformações.

Observa-se também grande número de estudos com caráter metacrítico, ou seja, com a preocupação em refletir teoricamente sobre a área/subárea, não apenas para reafirmar o seu lugar de expressão, mas também para criticar particularismos de muitas abordagens. Observa-se este movimento em praticamente todos os 19 grupos de investigação. Anotam-se ainda perspectivas inovadoras, nas quais radiografias do mundo político/cultural são problematizadas sob o viés da centralidade do comunicacional.

Estes são os aspectos mais relevantes que podem ser definidos como tendências positivas na América Latina, em pesquisas que advogam o lugar da Teoria/Pesquisa/Ação/Transformação, ultrapassando a mera análise dos evidentes objetos comunicacionais. Entretanto, identificamos o que estamos qualificando como desvios de abordagens, sobretudo, na forma como as conclusões são apresentadas em muitos estudos.

O principal deles é o fato de se privilegiar, cada vez mais, as análises quantitativas, do ponto de vista metodológico, o que produz textos em que os dados numéricos (que deveriam funcionar como sínteses que permitissem interpretações mais complexas) são considerados suficientes como resultados. Isso leva à produção de conclusões que simplesmente constata e não dão nenhum passo além disso. Os números valem como resultados, sem que haja muitas vezes qualquer interpretação dos dados, ou seja, não se caminha na direção das razões daquele contexto/fenômeno se apresentar desta ou daquela forma.

Claro que isto é decorrente das possibilidades que os hardwares, softwares ou aplicativos oferecem ao pesquisador. Mas a metodologia deve ir além deste conhecimento. As possibilidades tecnológicas são meros facilitadores para a produção de sínteses e o formalismo quantitativo revela apenas indicadores. Os modelos são importantes, mas definitivamente insuficientes para interpretar a complexidade do comunicacional. É preciso problematizar, questionar, tencionar para que se produza, de fato, interpretações mais profundas e mais complexas dos fenômenos observáveis.

Do ponto de vista das opções metodológicas, as pesquisas, normalmente, se autodefinem como “exploratórias, descritivas, correlacionais, explicativas e comparativas”, com evidente aumento desta última tipologia, em parte, decorrente da formação de redes de pesquisa na América Latina, dentro de um mesmo país ou entre pesquisadores oriundos de diversos países do continente. Mas mesmo as que

anunciam que irão realizar estudos comparados não refletem sobre o que está se considerando ao eleger a comparação, ou seja, que pressupostos estão em tela quando se anuncia o método comparativo<sup>37</sup>.

No que se refere às técnicas de investigação, predominam as entrevistas (qualificadas como “semiestruturadas, estruturadas, não estruturadas, em profundidade, individual, em grupo” etc.), seguidas das análises de conteúdo (em suportes textuais, visuais, sonoros etc.) e de discurso (que se autoproclamam como “análise complexa do discurso, análise crítica do discurso, análise de discurso estrutural hermenêutica, análise sociológica do discurso”, entre outras denominações).

Parecem igualmente ser tendência dominante as pesquisas de caráter imersivo, normalmente de direcionamento etnográfico, autodenominadas “etnografias, cartografias, netnografias (quando se refere aos ambientes digitais), observação participante, pesquisa ação”, entre outras designações.

Cabe aqui um adendo que considero importante: o método, evidentemente, não se resume à escolha das ferramentas de análise, nem à descrição minuciosa de como se deu o manejo do objeto empírico em correlação com o ferramental escolhido. O método pressupõe a escolha de um direcionamento teórico/analítico, a partir de uma problemática, e se for assim percebido pode derivar das próprias escolhas teóricas, construindo modelos de análises inovadores. O método, portanto, resulta invariavelmente das escolhas teóricas e não existe como um *a priori* na pesquisa. Portanto, não é possível eleger formas de análise e derivar metodologias – mesmo aquelas do nível metódico que envolvem as ferramentas – sem construir um problema de pesquisa.

37 Na história, por exemplo, a posição teórica e metodológica das histórias comparadas é objeto de reflexão desde os anos 1920, quando Marc Bloch realiza a defesa do método comparativo. Mais recentemente, vêm-se defendendo abordagens das histórias transnacionais, conectadas, cruzadas, em acréscimo ou discordância, com o método comparado. Para a síntese de diferentes perspectivas, cf. dossiê publicado na revista **Temporalidades** (edição 21, v. 8, n. 2, maio/agosto 2016).

Neste breve exercício de identificar as tendências e metodologias de investigação em Comunicação no Brasil e na América Latina, procurei, seguindo rastros deixados pelos documentos, identificar o projeto enunciativo explicitado nas próprias pesquisas como caminhos teóricos/metodológicos que sustentaram as suas análises.

O que chama a minha atenção – e provoca profundo incômodo – é a profusão de pesquisas meramente constatativas existentes e que se configura, ao que me parece, uma tendência que extrapola o continente. O nível interpretativo (e não apenas o propositivo de apresentar recomendações também existentes) não aparece em muitas análises como resposta a uma problemática claramente definida.

Tributárias, a maioria das vezes, de um padrão que acredita na cientificidade de fórmulas, sínteses, números, estatísticas, modelos lógicos-matemáticos querem, a rigor, fazer ciência pela pureza que os dados pretensamente revelam. Há uma espécie de fascínio por estes quadros numéricos, pelas tabelas e pelos gráficos criados por softwares inovadores, produzindo a materialidade quantitativa das pesquisas, mas a sua imaterialidade interpretativa.

Na comunicação isso é um problema grave. Nossas pesquisas dizem respeito ao complexo mundo que denominamos contemporâneo, em que a vida dita as nossas problemáticas de pesquisa. Como interpretar vidas em trânsito no mundo a partir da frieza dos números?

## EM TORNO DE UMA ESCRITA COMUNICACIONAL

Na mesma direção, já no final deste capítulo, gostaria de refletir sobre a derivação última da metodologia: a escrita. Até que ponto deveríamos, ao refletir sobre o método, colocar em proeminência a questão

da produção de um texto que instaurasse um lugar próprio de narrar? Seria possível construir este texto científico com particularidades que pudessem construir uma escrita comunicacional? Uma escrita que fosse derivada de olhares metodológicos que destacam nexos escriturários englobado por saberes e dizeres criativos, em que a produção de sentidos fosse contaminada por maneiras de dizer que espelhassem um lugar próprio desta fala: o de uma escritura comunicacional.

Ao ler teses e dissertações, parece surgir um modo de narrar que vem sendo contaminado por mesma lógica de atestação científica que também existe nos modos de manejar a empiria, como destaquei no item anterior. Assim, as ideias quando expostas quase nunca são do autor e quase nunca também ele deixa claro suas reflexões derivadas do diálogo com outros autores. Observa-se, em muitos trabalhos, o que denomino regime de citação assombrada, em que basta enfileirar (ou empilhar) dezenas de autores, no formato de citação americana, para atestar um conhecimento que se quer profundo e, por vezes, se transforma em ameaçador. O esquecimento de qualquer teórico que tenha se referido àquela questão torna-se, na maioria das vezes, uma espécie de pecado imperdoável. Citam-se, em profusão, autores que não são postos em diálogo com a temática da pesquisa, resultando em textos herméticos, incompreensíveis, governados pela lógica dos tratados. Usam-se dezenas de conceitos, escolhidos muitas vezes aleatoriamente, tornando ainda mais herméticos os resultados escritos. A preferência por um capítulo teórico, em que os conceitos são alinhados sem conexão com a pesquisa empírica, evidencia a falta de manejo metodológico e atesta definitivamente o hermetismo narrativo destas escritas.

Mas o que poderia ser esta “literatura” da comunicação? Uso o termo literatura entre aspas, uma vez que as densas reflexões produzidas sobre a questão da escrita nas Ciências Humanas foram, em parte, derivadas de diálogos com a teoria literária, enquanto a questão

da autoria foi governada pelas tramas reflexivas de teóricos, muitos dos quais assumindo uma postura crítica em relação à teoria literária<sup>38</sup>.

Começo esta reflexão dialogando com as importantes contribuições de Muniz Sodré no que se refere aos estudos de comunicação. Para ele, estes estudos se “[...] referem a um *socius* não ajustado ao saber das clássicas ciências da sociedade”. Deve-se, portanto, perceber a comunicação como o lugar em que a vida se institui, se relaciona, se organiza: “[...] comunicação como instância organizativa do comum [...], aproximando, concatenando, tecendo relações [...], numa performatividade de carácter simbólico mais ampla que a das palavras” (SODRÉ, 2014, p. 296). É, portanto, no nível operativo da vinculação que os estudos da comunicação também se constituem, e não apenas quando assumem a explicação dos processos midiáticos (igualmente importantes, é claro).

Nesse lugar reflexivo não há espaços para uma trama escrita governada por parâmetros discursivos que buscam “regras científicas de um domínio”, já que o que se persegue é a compreensão, naquilo que Muniz Sodré qualifica como “operação redescritiva” capaz de interpretar fenômenos do conhecimento, relendo “[...] questões tradicionais da sociedade à luz das mutações culturais ensejadas pelas tecnologias da informação e da comunicação” (2014, p. 305).

Assim, metodologicamente, é preciso privilegiar as conexões, as traduções nos lugares de especificidade do comunicacional, abolindo-se as tradicionais fronteiras disciplinares, de tal forma que os processos possam ser alvos da compreensão, numa “hermenêutica tradutora”. Esse direcionamento leva-o a qualificar a metodologia, a

38 As referências a um *corpus* de textos escritos como literatura podem ser encontradas em diversos textos de R. Williams (2014; 1979). Em relação à questão do autor, refiro-me ao clássico texto de Roland Barthes “A morte do autor” (1987). Referências são ainda as reflexões de Michel Foucault, em “O que é um autor” (2011) e Giorgio Agamben (2007), em torno da noção de autor como gesto. Roland Barthes fez importantes considerações sobre a escrita como realidade ambígua em “O que é a escrita?” (2000).

partir de Peirce e Braudrillard, como abdutiva, “[...] pois inventa uma linguagem ou ficcionaliza até mesmo a ciência dedutiva/indutiva para explicar” (SODRÉ, 2014, p. 306).

É exatamente desse ponto – ou seja, na reflexão sobre a compreensão como designo epistemológico e as textualidades possíveis dos trabalhos – que produzo algumas considerações sobre esta “literatura” comunicacional, instaurando possibilidades escritas.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que não existe uma escrita da comunicação em essência. Ao falar da escrita da história, Michel de Certeau (1982, p. 93-94), por exemplo, afirma que a definição da *mise en scène* literária não é “histórica”, a não ser quando relacionada ao lugar social da operação científica. Assim, o relato histórico só existe quando se articula “com um corpo social e com uma instituição de saber”. O mesmo raciocínio pode ser estabelecido para a comunicação.

Ou seja, são os próprios pesquisadores, ao apresentarem como resultado de suas reflexões uma escrita – que se repete, é adotada por outros, constituem regras das revistas científicas, por exemplo, estabelecendo padrões de apresentação de textos – que vão construindo maneiras de dizer que, aos poucos, passam a ser identificadas como produções discursivas daquele domínio.

Portanto, falar em escrita comunicacional é, sob certo aspecto, produzir uma invenção, a ser definida a partir dos caminhos metodológicos, em duas dimensões: num primeiro momento (nos quais nos situamos agora), a escrita é definida pelo pesquisador em função da matriz epistêmica da sua pesquisa (por exemplo, enquanto alguns chegam a fixar o texto a partir de diagramas matemáticos, outros o deixam fluir na literalidade da primeira pessoa); e num segundo momento (que ainda falta a comunicação alcançar), construir uma literatura que instaure um modo de narrar que possa ser capturado e identificado por tramas escriturárias. Portanto, quando refletimos sobre a escrita comunicacional, estamos nos referindo a um devir.

Mas como seria esta “literatura de ideias” transformada em textos? Se considerarmos como ponto de partida o método abduutivo, tal como faz Sodré, pressupõe-se a ficcionalização, ou seja, a invenção de uma linguagem para tornar possível a explicação. Na mesma linha de raciocínio, a adoção de procedimentos erráticos, tal como postulava Peirce na abdução, teria a prevalência, e com ela a invenção, a inspiração, os caminhos imersivos. A escrita dependente da ideia criativa, “ponto de interseção entre ciência e arte”, combinaria rigor e imaginação; observação e sensações; iria do exterior visível para o interior sensível; dos fatos se caminharia em busca de hipóteses para explicá-los/compreendê-los numa atitude presumida do provisório. A escrita seguiria a direção da criatividade ensaística (SODRÉ, 2014, p. 307-308).

Ao definir a linguagem como “[...] a área de uma ação, a definição e a espera de um possível”, Roland Barthes (2000, p. 9) pensa a escrita como campo de performance e não da genialidade do autor, já que o ato de escritura é prática performática inerente ao tempo de sua produção. Assim, é ele quem escolhe a maneira como vai se colocar na cena pública, dar a ler suas ideias transformadas em textos, na linguagem palpitante dos discursos.

Nesse sentido, o texto atravessa várias obras ganhando unidade de sentido e de estilo e, por isso, podemos enfeixar num mesmo universo de construção textual aquilo que estamos denominando escrita comunicacional. A escolha é nossa: ela vai realizar uma prática performática, um ato que reside no tempo e na territorialidade de suas construções, caracterizada pela clareza, pela instauração da linguagem do comum, do sensível, incluiria a imaginação como possibilidade metodológica ou irá escolher o caminho das fórmulas, das citações assombradas, do hermetismo dos tratados?

Não seria o pesquisador da comunicação fundamentalmente um escritor? Isso faria dele alguém menos científico? Isso faria da sua ciência menos ciência? Claro que não. O que se produz ao se construir



reflexões são significações, um texto-linguagem vivo e palpitante nos discursos. O texto atravessaria assim várias obras, aberto a uma infinidade de significados, mimetizando o comunicacional.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BARBOSA, Marialva. A pesquisa em comunicação no Brasil. Não precisamos ter mais medo do contágio. *In*: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de. **Quem tem medo da pesquisa empírica**. São Paulo: Intercom, 2011.

BARBOSA, Marialva. A pluralidade de modelos interpretativos nas Ciências Humanas e o lugar da comunicação. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BARBOSA, Marialva. Comunicação: a consolidação de uma interdisciplinar como paradigma de construção do campo comunicacional. *In*: V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Santiago do Chile: Universidade Diego Portales, 2000.

BARBOSA, Marialva. Paradigmas de construção do campo comunicacional. *In*: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antônio. **Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**. Cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. *In*: KOTHE, Flávio R. (org.) **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985a.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. *In*: KOTHE, Flávio R. (org.) **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985b.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes *In*: BLOCH, Marc. (editor). **Mélanges historiques**. Paris: S.E.V.P.E.N, 1963. p. 16-40.

CARVALHO, Maria Helena Meira; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Para além das fronteiras: histórias transnacionais, conectadas, cruzadas e comparadas. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, maio/ago. 2016.

- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 34-41.
- HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 3. Campinas: Papyrus, 1997.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

# 10

José Luiz Braga

**ABRANGÊNCIA e ALCANCE –  
dimensões na relação  
teórico-metodológica**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.10

## INTRODUÇÃO

Quando assumimos metodologias apenas como tática para descrever e sistematizar uma situação observada em pesquisa, explicando-a diretamente por teorias acionadas, fazemos um uso aquém do que as teorias podem oferecer.

Este risco chama a atenção para a necessidade de evitar relacionamentos simplificadores entre teoria e metodologia. Nosso objetivo, neste capítulo, é enfatizar que as relações entre esses dois elementos básicos do trabalho de pesquisa são variadas e podem ser produtivas em mais de uma dimensão. Em grande parte, cabe ao próprio pesquisador elaborar sua composição entre teoria e metodologia, a serviço de seus objetivos e da obtenção de resultados significativos para a área de conhecimento.

Quando fui convidado para participar de uma mesa sobre relações entre metodologia e teoria<sup>39</sup>, no Simpósio de Experiências Metodológicas, estava iniciando uma pesquisa referente a perspectivas para o conhecimento comunicacional. Um aspecto da pesquisa pedia reflexões sobre abrangência e alcance de teorias – envolvendo justamente a discussão das relações teórico-metodológicas, tanto para processos de pesquisa como para visadas epistemológicas na produção de conhecimento.

Percebendo uma correlação entre esse aspecto de minha pesquisa e o conjunto de quatro questões que foram propostas à mesa pelas colegas organizadoras do Simpósio, considerei pertinente abordar o tema pelo ângulo da abrangência e do alcance de teorias. Paralelamente, discutir as perguntas propostas serviu para testar e ajustar minhas proposições sobre tais questões.

39 Os outros dois palestrantes da mesa foram a Prof<sup>a</sup>. Vera França, da UFMG, e o Prof. Luís Mauro Sá Martino, da Faculdade Cásper Líbero.

Assumindo a relevância das relações entre metodologia e teoria para todas as ciências humanas e sociais (CHS), o artigo trata inicialmente de sua ocorrência no trabalho de pesquisa. Em seguida, encaminha reflexões básicas sobre abrangência e alcance de teorias. Tais aspectos são trazidos para questões próprias a uma disciplina em processo de constituição, como é o caso da Comunicação<sup>40</sup> –, observando-se aí a importância de tensionamentos e de ajustes mútuos entre teorias e metodologias. Tais proposições são acionadas como eixo para abordar as quatro questões propostas pelo Simpósio. Concluímos, então, com uma sistematização das principais proposições trabalhadas no artigo.

## TEORIA E PESQUISA – RELAÇÕES E DIRECIONAMENTOS

É importante chegarmos ao trabalho de pesquisa munidos de conhecimento teórico de base, de modo a poder fundamentar a investigação, e fazer as teorias adotadas incidir de modo fecundo nos gestos metodológicos e no processo da descoberta. Teorias e metodologias, observadas em um estágio bem elaborado, podem ser percebidas como mutuamente coerentes, em composição harmônica, resultante tanto de elaboração intelectual como de suas aplicações práticas e ajustes históricos.

Com essa elaboração, as disciplinas estabelecidas acabam por constituir um corpo nuclear de teorias e metodologias ajustadas entre si. Em tais condições de coerência, a direção do pensamento e da atenção, no trabalho de pesquisa, pode adotar esta sequência: teoria

40 Assumo que no século 20, até os anos 1990, o conhecimento comunicacional se encontrava em fase precursora, ainda gestado no âmbito de outras CHS. A partir daí, e mais claramente no século XXI, apresenta já condições constitutivas na direção de um reconhecimento, que poderá ser adiante reivindicado, como significativa disciplina de conhecimento.

> metodologia > observação > descobertas específicas. Os conhecimentos disponibilizados por teorias são aí exercidos no desvelamento de características da situação empírica observada por um direcionamento que vai do estabelecido para o “a descobrir”.

Nesse processo, as teorias aparecem como aspecto estável do conhecimento, na forma de proposições verificadas e atestadas sobre o mundo; e as metodologias, como processo concentrado na observação sistematizada de materiais e situações observadas ou na organização rigorosa de experimentos para apreender o mundo através do olhar destas teorias.

Não devemos esquecer, porém, as experimentações originadoras das teorias principais, abrangentes e fundadoras, e as formulações propositivas e heurísticas para o trabalho da pesquisa – que foram se elaborando mutuamente, até chegarem a uma coerência, em sua percepção das realidades sociais de seu interesse<sup>41</sup>. Nos trabalhos “de fronteira”, em que as perguntas e a busca de conhecimento não encontram teorias estabelecidas suficientemente elaboradas (ou quando há razões, aí, para tensionar teorias dadas), aparecem oportunidades para alterar essa direção mais habitual. Podemos ter então uma sequência inversa à anterior: percepção de um aspecto insólito da realidade > perguntas menos previsíveis > abordagens metodológicas tentativas > tensionamento e revisões de teorias disponíveis (testando sua falibilidade *naquele âmbito específico*) > se for o caso, geração teórica.

Vamos referir sumariamente a estas duas situações possíveis como: um direcionamento da Teoria para a Pesquisa ( $T > P$ ); e um direcionamento da Pesquisa para a Teoria ( $P > T$ ).

41 Ver Paul Feyerabend (2011) para uma percepção dos processos tentativos e arranjos improvisados na geração inicial da Física de Galileu, antes de chegar a estruturas de alta coerência.

No primeiro caso, ao acionar teorias e metodologias em uma pesquisa, temos apenas que assegurar que os objetos observados na pesquisa (situações e materiais – vamos chamá-los de *observáveis*) são pertinentes para o acionamento da teoria escolhida, e direcionar perguntas e abordagem segundo as perspectivas desta teoria. Assegurando que as perguntas (com seus objetivos correlatos) se encontram efetivamente no âmbito de alcance da teoria, devemos chegar a respostas e a descobertas específicas buscadas.

O segundo caso ( $P > T$ ) implica não apenas uma ação investigativa sobre a realidade observada nos termos de uma teoria; mas também a possibilidade de uma ação crítica sobre teorias acionadas, *a partir dos observáveis e das perguntas feitas*. No mínimo, esperamos algum reajuste das teorias acionadas. Se forem efetivamente estudos de fronteiras, pode-se esperar uma geração de proposições teóricas.

Constatada a distinção dos dois direcionamentos da atenção, cabe observar que, na prática, acontecem dosagens diversas entre ambas – pois qualquer pesquisa pode trazer peculiaridades que tensionem ou critiquem aspectos de uma teoria. Em uma mesma pesquisa, podemos ter elaborações diversas nas duas direções.

Observando, agora, a situação das ciências em via de constituição, percebemos que se reduz aí a probabilidade do que parecia ser o mais habitual, como direção da atenção. Em uma ciência em construção, toda pesquisa poderia ser dita “de fronteira”. Ou pelo menos “desbravadora” – já que caminha por espaços pouco conhecidos, ainda que estes não se localizem nos extremos de conhecimento estabilizado. Isso corresponde a uma proposta de que a área deveria dar mais atenção a pesquisar para gerar ou desenvolver teorias do que a usar teorias prontas para explicar situações da realidade. Lucien Goldmann (1977, p. 104) observa: “Há sem dúvida, uma dialética das relações entre as pesquisas empíricas e as ideias gerais; é preciso, porém, não esquecer muito facilmente a prioridade das primeiras e sua função indispensável em todo trabalho científico digno deste nome”.

Quando não dispomos de um corpo teórico imponente<sup>42</sup>, caracterizado por eixos fundantes, largamente testados, é produtivo manter uma atenção especial sobre a adequação de abrangência e alcance. Os observáveis e as perguntas feitas são menos “escoladas” – porque são tentativas, menos claramente sugeridas a partir de conhecimentos dados, e porque a própria busca de conhecimento comunicacional não tem suas questões referidas a um eixo paradigmático. Sabemos que mesmo teorias bem acolhidas em nosso campo muito provavelmente *não foram feitas para nossas situações e perguntas*. É central dar atenção a esse deslocamento.

Os pesquisadores do campo da Comunicação vivenciam diariamente, em suas atividades, a disponibilização de teorias extrafronteiras, dado que uma parte significativa de nossas referências teóricas foram geradas em disciplinas vizinhas. Tais questões surgiram como variáveis intervenientes no objeto de conhecimento destas disciplinas, e foram trabalhadas pelas perspectivas próprias a estas – que geraram as primeiras e precursoras “teorias da comunicação”.

Ainda que não pretendamos questionar as teorias, nem mesmo tensioná-las, estamos interessados em observáveis e perguntas *parcialmente fora da abrangência e do alcance* previsto de teorias que tenham sido geradas no campo da Sociologia, da Política, da Linguística, da Educação, da Psicologia Social. Quando estamos tentando dar bases teóricas próprias a nossos objetos, perceber esse terreno não esclarecido solicita experimentações *ad hoc* e geração de conjecturas, como processo de avanço de conhecimento na área. Podemos submeter uma teoria sobre comunicação, elaborada em outra CHS, a uma perspectiva desenvolvida no campo da Comunicação. Isso implica observar, tensionar e possivelmente rever aspectos da teoria.

42 Estamos tratando especificamente da Comunicação, como o campo que nos ocupa e que, na atualidade, se apresenta marcadamente nessa situação. Mas creio que isso pode ser dito das ciências hoje bem estabelecidas, *no momento de sua instauração* – como, por exemplo, a Sociologia, na segunda metade do século 19, ou a Linguística no início do 20.



Na medida em que deixamos de perceber as variáveis comunicacionais como intervenientes – assumindo-as como centrais e relevantes –, precisamos fazer transferências e redirecionamentos para trazer tais teorias a serviço de nossos objetivos e perguntas. Paralelamente, os pesquisadores do campo da Comunicação podem dar atenção aos observáveis que escolhem e às perguntas especificamente comunicacionais que fazem em suas pesquisas. Toda pesquisa tem a dupla potencialidade de tensionar teorias colhidas em outras áreas; e de gerar conhecimento teórico diretamente comunicacional.

O trabalho de desenvolvimento da pesquisa pede um conhecimento fino da estrutura e das ações exercidas pela teoria. Solicita também uma atenção para a possibilidade de ações diretas de ajuste e de transferência – implicando a disposição de tensionar a teoria nessas direções, conforme solicitado pela situação investigada, assim como pelas questões e objetivos da pesquisa.

## ABRANGÊNCIA E ALCANCE – CARACTERIZAÇÃO

A busca de conhecimento social constrói perspectivas setorializadas – por questões, por observáveis e sobretudo por problemas que cercam a vida humana e desafiam sua sobrevivência, seus fazeres, sua capacidade de criar –, levando a um desdobramento em disciplinas distintas.

Considerando que tais subdivisões do conhecimento não podem (nem pretendem) fatar de modo estanque as ocorrências da realidade, é intuitivo que teorias elaboradas para um tipo de objeto ou questão podem ser transportadas para outros objetos; teorias preparadas para determinadas ações de conhecimento podem ser levadas

a exercer outras ações, em diferentes sentidos. Não é surpreendente que suas propostas, heurísticas e conceitos atravessem as fronteiras entre uma disciplina e outra.

Além dos habituais trabalhos interdisciplinares e dos estudos de interface, observamos acionamentos diretos de teorias a serviço de pesquisa em disciplina diversa, assim como migrações metodológicas e de conceitos. São contribuições reiteradamente constatadas. Uma das questões que se coloca nesse processo é a de como tratar as teorias assim acolhidas e seu acionamento metodológico no exercício da pesquisa.

Para refletir sobre tais relações entre teoria e metodologia, é preciso, assim, ultrapassar o nível conceitual abstrato desses dois elementos de produção de conhecimento. Devemos observar a teoria em ação – em seus fazeres e não apenas por sua capacidade de dizer ou representar realidades. De modo correlato, para além de perceber a metodologia como caminho testado em direção a objetivos previsíveis, é preciso pensá-la como modo ativo do pesquisador em suas ações *sobre teorias*.

As relações abstratas, conceituais e reflexivas, na medida em que correspondam a uma coerência entre os dois elementos, são relevantes e podem sustentar capítulos teórico-metodológicos no relato de pesquisas – mas são insuficientes para dar conta das relações dinâmicas do par teórico-metodológico na produção de conhecimento. A relação abstrata mostra os dois elementos em conexão mútua: estabelecida e coerente, como em uma fotografia bem posada. Seu exercício no trabalho da pesquisa os põe em movimento – e pode mostrar ações e direcionamentos variáveis.

Entre as dimensões de variação pelas quais uma teoria pode se exercer sobre as realidades a que seja referida, duas nos interessam particularmente, para refletir sobre suas articulações com processos

metodológicos. Até aqui, usamos as expressões *abrangência* e *alcance* sem conceituação e sem distinção entre elas, contando apenas com o sentido do léxico de uso geral em nossa língua e com seu entendimento habitual – em que praticamente se confundem. Neste item queremos dar maior precisão de sentido; e ao mesmo tempo propor uma distinção nítida, atribuindo a cada uma um significado próprio.

Tenho encontrado o uso das duas expressões quase como se fossem intercambiáveis, como sinônimos, para referir qualquer tipo de extensão encompassada por uma teoria: a *amplitude*<sup>43</sup> de sua cobertura sobre situações da realidade e do enfoque que viabiliza sobre os segmentos da realidade observada. Como, entretanto, percebo algumas distinções no acionamento teórico em pesquisas, busco especializar tentativamente as duas noções, em modo diferencial.

Perspectivas teóricas, em seu trabalho epistemológico, constroem seus conceitos para dar sentido a segmentos da realidade social, concentrando seu enfoque em determinados observáveis dessa realidade. Mas para uma mesma situação de realidade, podem dar atenção a diferentes aspectos na construção de seu objeto, elaborando diferentes questões. Essas duas relações mostram duas dimensões de amplitude teórica.

Como uma das dimensões de variação, assumimos a noção de *abrangência* para referir o conjunto de situações, casos e elementos da realidade a partir dos quais uma teoria constrói seu objeto e para os quais se vê adequada. Trata-se de uma relação de pertinência entre a teoria e os observáveis que ela permite investigar.

Para a outra dimensão, adotariamos a expressão *alcance* – já não como adequação entre tipos de observáveis e teoria – e sim en-

43 A expressão “teorias de médio alcance” corresponde ao inglês *middle range theories* (MERTON, 1968). A palavra *range* corresponde a gama, extensão – amplitude – e permite encompassar tanto abrangência quanto alcance.

quanto relação praxiológica: a produtividade possível da teoria sobre a realidade a que dá atenção, para referir os aspectos que a teoria possibilita examinar, descrever, explanar, compreender ou sobre os quais estimula descobertas. A própria diversidade entre propostas descritivas, explanatórias, compreensivas, analíticas e heurísticas de teorias, deve ser incluída no alcance pretendido pela teoria. Isso inclui refletir sobre o que a teoria faz (de modo expresso ou implícito); e sobre o que se pode (ainda que tentativamente) *fazer a teoria fazer* para exercê-la a serviço de uma pesquisa, direcionando a especificidade de seu trabalho sobre a realidade. Por exemplo, podemos estudar redes sociais digitais para investigar circulação de sentidos, ações político-eleitorais ou processos econômicos. Mesma abrangência de observação, mas diferentes alcances teóricos.

Não sugerimos categorizar rigidamente teorias pelo critério dessas duas variáveis – dado que nada impede que uma teoria seja redirecionada para observações não previstas em sua formulação original; e que tenha alcance diversificado conforme os acionamentos feitos. A formulação teórica pode trazer maior ou menor flexibilidade nas duas dimensões. Sua potencialidade se expande ou se restringe, na abrangência como no alcance, desde seu desenvolvimento nas pesquisas sobre as quais as duas dimensões foram geradas, até as aplicações feitas (tanto em análise teórica quanto em seu exercício na pesquisa e nas aplicações práticas).

Abrangência e alcance são, assim, parcialmente construídos pela própria teoria – na medida em que esta se volta para as situações de seu enfoque e desenha o alcance pretendido por sua própria perspectiva. Mas essa definição não é total. Posta a circular no mundo, os processos seletivos que acolhem a teoria lhe atribuem uma elasticidade, maior ou menor. Pode então ser ampliada para outros observáveis não previstos por seus objetos iniciais, ser redimensionada por generalização, sofrer restrições por tensionamentos não previstos,

ser “especializada” para alguns observáveis e esquecida para outros, suplantada por teorias que lhes disputam terreno, ou canalizada por metodologias relacionadas.

O perfil da teoria, no médio ou longo prazo, é definido pelos usos seletivos, tanto quanto pelos autores na geração planejada com que se apresenta inicialmente na área. Uma boa percepção dos dois aspectos a considerar pode viabilizar acionamentos mais adequados e pertinentes às especificidades da realidade em investigação; levando a transferências a serviço da situação pesquisada e/ou a desenvolvimentos na própria teoria.

Em uma área nova de conhecimento, como a dos estudos da comunicação, estas considerações – particularmente no que se refere a transferências e a desenvolvimento teórico – podem ter uma relevância especial. Significam, também, uma possibilidade de geração epistemológica evolutiva.

Assim, não basta ajustar nossas perguntas e nosso trabalho de observação da realidade às teorias que consideramos pertinentes para nossa investigação. É preciso também ajustar as teorias (em sua abrangência e seu alcance) a nossos objetos de atenção e a nossos objetivos de descoberta. Isso implica dar atenção tanto ao direcionamento da pesquisa para a teoria ( $P > T$ ), como ao direcionamento da teoria para a pesquisa ( $T > P$ ).

Por isso mesmo, um acionamento produtivo de teorias pede uma percepção cuidadosa de sua oferta em abrangência e em alcance. Se vamos agir sobre estas duas dimensões da teoria, é preciso apreender suas lógicas no corpo teórico adotado, para perceber em que podem ser tensionadas por nossos observáveis e perguntas.

Como conhecer finamente uma teoria? É preciso perceber, no texto teórico, não apenas seus dizeres e proposições sobre o mundo; mas também suas estruturas e ações, para inferir suas lógicas internas,

o sentido e os modos de sua construção reflexiva e ativa. Isso corresponde a trabalhar a teoria como trabalhamos um objeto empírico, como *observável*. Adicionalmente, devemos apreender como tal teoria é exercida no trabalho efetivo de descrições, explanações ou compreensão de situações sociais, assim como no processo de pesquisas para avançar o conhecimento.

Se queremos fazer comentários e análises críticas sobre uma teoria ou acioná-la a serviço de uma pesquisa específica, é importante, nessa apreensão estrutural, trabalhar interpretativamente as situações que ela permite observar e as ações que ela propõe sejam exercidas no trabalho de conhecimento.

Considerando a perspectiva da falseabilidade, de Popper (2001) (voltada particularmente para ciências nomotéticas), a questão que se põe, no caso das disciplinas interpretativas, não é apenas sobre a veracidade ou falseabilidade de uma teoria, empiricamente verificada. Mais sutil que isso, trata-se do grau de pertinência e do perfil de alcance, na relação entre teoria e mundo observado e entre teoria e perguntas e objetivos da pesquisa<sup>44</sup>.

Por isso mesmo, mais do que simplesmente validar ou recusar uma teoria, o que nos importa é perceber os tensionamentos mútuos que se produzem entre os observáveis de uma pesquisa e as teorias. Tais ações de tensionamento, pelo gesto da pesquisa, podem solicitar ajustes maiores ou menores nas teorias, para o processo de transferência e transposição. Tais ajustes vão exercendo reconfigurações possíveis, não necessariamente pensadas em suas origens.

A ação metodológica em uma pesquisa não se exerce, assim, apenas sobre seus observáveis, mas também, e de modo importante,

44 Há uma diferença entre disciplinas nomotéticas, que buscam leis (como relações necessárias), e disciplinas interpretativas, que buscam lógicas relacionais variáveis conforme as perguntas feitas à situação e segundo as ênfases que se atribuem, praxiológica ou conceitualmente, a um ou outro de seus elementos.

sobre as teorias acionadas, para que estas cumpram o que Bourdieu propõe como critério da boa teoria – que “se dissipa e se realiza no trabalho científico que ela permitiu produzir” (1992, p. 135).

Ou seja: a atenção à abrangência e ao alcance de uma teoria está associada, nas pesquisas, à disponibilidade do pesquisador para uma ação que vai da metodologia a um trabalho de ordem teórica, que é o de tensionar e desenvolver os ajustes requeridos por seus observáveis e objetivos. Os processos experimentadores, conjecturais e tentativos, implicam uma ação de incidência metodológica sobre as teorias acionadas.

## AS QUESTÕES DO SIMPÓSIO

Como indicado na Introdução do capítulo, passo a comentar as questões apresentadas à mesa pela organização do Simpósio, com base nas proposições expostas nos dois itens anteriores – sobre relações gerais teórico-metodológicas e referentes a abrangência e alcance. As questões propostas por Laura Wottrich, Nísia Martins e Pâmela Craveiro foram as seguintes:

De que modo as tessituras teóricas historicamente produzidas no campo comunicacional incidem (ou não) na configuração de metodologias?

Como articular teoria e metodologia, a partir de uma perspectiva comunicacional, na prática de pesquisa?

Frente à pluralidade de visadas e objetos, é possível considerar que existem matizes metodológicos específicos ao nosso campo?

Considerando o percurso histórico constituinte de nossas práticas investigativas, de que modo o fortalecimento da dimensão metodológica pode contribuir para o conhecimento comunicacional?

Esse conjunto de perguntas permite efetivamente alguma especificação das proposições feitas sobre relações entre teoria e metodologia e particularmente sobre a questão da abrangência e do alcance.

### ***a) Incidência histórica de teorias na configuração metodológica***

A expressão “historicamente produzidas” é central nessa pergunta. Assinalamos, antes, que as CHS estabelecidas mostram geralmente uma articulação bem ajustada entre teorias, padrões metodológicos e o trabalho de observação do mundo. As teorias incidem sobre as metodologias, direcionando-as para que busquem uma eficiência do trabalho teórico, focadas nos observáveis pertinentes e para o alcance pretendido pela teoria.

Através do século 20, as principais teorias da comunicação, embora em fronteiras renovadoras, foram propostas por disciplinas estabelecidas. Não apenas seus objetos e objetivos são coerentes com as perspectivas da disciplina geradora, como sua abordagem da realidade se coloca a serviço de tais perspectivas.

Nessa fase, as descobertas e as proposições desenvolvidas tiveram grande importância precursora para uma percepção das questões comunicacionais surgentes, então subjacentes a questões políticas, sociológicas, linguísticas – e nos servem ainda de bases iniciais para uma (ainda em construção) autonomia disciplinar.

Por outro lado, a incidência das teorias sobre a metodologia tende, aí, a caracterizar uma dinâmica de contenção, estimulando a



manutenção de perguntas, de objetivos e de táticas de abordagem (três aspectos metodológicos centrais) restritas aos observáveis e objetivos daquelas origens – o que dificulta uma autonomização de abrangência e de alcance do conhecimento comunicacional.

Isso não implica uma proposta de romper com aquelas teorias – certamente oferecem pistas válidas para uma diversidade de questões comunicacionais. É preciso, entretanto, propor que as relações da pesquisa com as teorias desse período precursor<sup>45</sup> devem ser mais tentativas e tensionadoras.

Lembro que não estamos lidando com a falseabilidade popperiana em termos de “verdadeiro ou falso”, mas sim em uma lógica de ajustes de abrangência e alcance. As teorias podem ter uma abrangência apenas parcial; e uma possibilidade de alcance em paralaxe ou com certa refração – que precisa ser corrigida. O pesquisador atento às heurísticas das teorias de sua escolha deve obter seu melhor aproveitamento fazendo – inversamente ao direcionamento teoria > pesquisa – um esforço de incidência de seus observáveis sobre a abrangência da teoria; e de seus objetivos e perguntas sobre o alcance originalmente proposto por esta.

Que ajustes seriam precisos para uma transferência, de modo que as bases teóricas se mostrem acolhedoras dos observáveis da pesquisa e produtiva para os objetivos desta?

Tais ajustes são naturalmente de ordem conjectural – e devem ser testados na própria pesquisa empírica que os propõe, assim como nos debates sobre o relato desta e em pesquisas correlatas subsequentes. Essa proposição sugere que a ação metodológica – fazer ajustes de abrangência e de alcance nas teorias herdadas de outras disciplinas – deve rever formulações canônicas originais, para corrigir incidências que hoje se mostrem menos adequadas.

45 Que podemos relacionar facilmente com as tradições do conhecimento comunicacional, conforme observadas por Robert Craig (1999).

Se reajustes não são feitos, algumas incidências de teorias elaboradas em outros contextos podem ser problemáticas para a pesquisa comunicacional. Por exemplo:

- uma desconexão entre as referências teóricas e as perguntas, objetivos e táticas de abordagem dos observáveis;
- uma inscrição da pesquisa nas perspectivas e questões de horizonte de outras CHS, sem aprofundar conhecimentos propriamente comunicacionais. Nesse caso, não haveria desconexão entre as referências e as perguntas, objetivos e táticas – mas estas poderão se mostrar excessivamente domesticadas pelo âmbito disciplinar original da teoria;
- uma explicação excessivamente pronta, apriorística, de modo que os observáveis seriam apenas categorizados nas lógicas da teoria, sem um exame de suas lógicas próprias. Nesse caso, além da dependência em relação à disciplina original (referida no tópico acima), a pesquisa estaria abandonando espaços relevantes de descoberta.

### ***b) Articulações teoria/metodologia na pesquisa em Comunicação***

Como observamos no item 2 do capítulo, parece razoável considerar a teoria como o elemento mais estável no processo do conhecimento; e a pesquisa, enquanto trabalho em curso, como dinâmica movente. Esta seria a articulação mais típica do que Thomas Kuhn (2011) caracteriza como “ciência normal” – isto é, uma ciência bem estabelecida, que já desenvolveu conhecimentos sólidos e uma boa produtividade de suas teorias vigentes, no exercício da pesquisa. Apenas nas fronteiras do conhecimento encontraríamos abordagens mais exploratórias, apresentando as tensões e a iminência constante de falseabilidade enfocadas por Popper.

No caso da Comunicação, como disciplina em construção, vimos que é preciso inverter o processo, dando mais atenção ao direcionamento  $P > T$  – alinhando as teorias aos objetivos de pesquisa, através de algumas ações:

- fazer transferências e transposições de teorias disponíveis, dirigidas para nossos observáveis de pesquisa – ampliando a abrangência teórica para que esta possa reconhecer nossos objetos de pesquisa, e dar-lhes atenção mais direcionada;
- fazer o ajuste do alcance das teorias à especificidade de nossas perguntas de pesquisa, para os objetivos propriamente comunicacionais (diversos da atenção das disciplinas de origem);
- assegurar uma geração de pensamento teórico, a partir de nossas pesquisas – postas a serviço da produção de conhecimento para além de seu enfoque específico.

Este programa é reforçado pela evidência de que não dispomos de grandes teorias efetivamente fundadoras; e de que trabalhamos com uma variedade de proposições teóricas e uma grande diversidade de *processos comunicacionais* na sociedade.

Certamente, no trabalho de articulação entre teoria e pesquisa, devemos perceber as incidências mútuas entre os três níveis básicos do trabalho de pesquisa: as teorias; as metodologias; e as perguntas sobre os observáveis na realidade social. Mas não podemos desatender à necessidade de dar uma atenção especial às incidências e solicitações de nossas perguntas e observáveis sobre metodologias acionadas; e destas sobre as teorias – agindo sobre sua abrangência e seu alcance.

Naturalmente essa ênfase se relaciona com o que caracterizei como um trabalho de desbravamento. O ponto de partida seria desenvolver nossa curiosidade científica, dando uma atenção especial às perguntas que fazemos à realidade.

Quais são as perguntas mais especificamente *comunicacionais* que podemos dirigir às situações que observamos? Este seria um dos principais motes para um trabalho de articulação “da pesquisa para a teoria” – pois aí evitaríamos organizar uma observação apenas para se ajustar a uma teoria. Inversamente, solicitamos às referências teóricas que *estas perguntas* sejam respondidas. Onde a teoria não o faz, cabe ao pesquisador extrair de sua própria pesquisa as possibilidades de fazê-lo, produzindo ajustes e complementações em suas referências.

### **c) Matizes metodológicos específicos da área**

A expressão é feliz – evita uma cobrança (tipo “tudo ou nada”) sobre se dispomos ou não de uma metodologia própria, como critério caracterizador de um conhecimento comunicacional. Certamente não podemos afirmar dispor desse requisito positivista para caracterizar, junto com um “objeto próprio”, uma disciplina. Esse par de requisitos se mostra como um critério excessivamente formal e padronizador.

Diferente de “objeto & método”, um traço constituinte de ramos demarcados e constituídos de conhecimento é dispor de uma ou mais perspectivas bem fundamentadas de observação e conhecimento do mundo. Defendo a ideia de que o que caracteriza uma disciplina são suas perspectivas de observação e conhecimento do mundo em um ângulo de interesse, questionamento e inferências, produtivo em conhecimento e coerente em sua diversidade. Tais perspectivas devem ter condições de gerar teorias e métodos adequados, com abrangência e alcance sobre realidades do mundo em seu ângulo de atenção.

Perspectivas – modos de olhar e inquirir a realidade – podem gerar perguntas de pesquisa. Estas perguntas estabelecem uma relação entre a perspectiva e a realidade específica a ser investigada – relação que é de ordem metodológica, não abstrata. É ação heurística.

Uma perspectiva de conhecimento parte de questões sociais abrangentes, com potencialidade esquadrihadora da realidade em suas variações. Se as questões apresentam relevância e abrangência suficiente, a perspectiva terá condições de compor um corpo disciplinar reconhecível, podendo contribuir para os demais conhecimentos humanos e sociais pelos aportes que ofereça.

Quando um corpo de conhecimentos se desprende de suas origens precursoras (seja em outras ciências, como propõe Auguste Comte, seja em questões da prática, de áreas profissionais ou de percepções do senso comum), seus elementos, tais como teorias, metodologias, perguntas, objetos observáveis, conceitos, táticas analíticas, não se encontram ainda ajustados entre si, em estrutura coerente. Procedimentos parcialmente tentativos, experimentais, vão desenvolver diversificadamente os vários elementos e suas articulações até a obtenção de coerência mútua entre estes. Nessa fase, eu daria maior importância ao gesto metodológico, justamente por sua característica enfática de ação prática experimental.

A metodologia é o elemento dinâmico na efetiva constituição de perspectivas, levando-as de um nível inicialmente hipotético<sup>46</sup> a um exercício articulador e a uma coerência entre os demais elementos processuais.

Observo que os tensionamentos exercidos por nossas perguntas e observáveis sobre teorias, para extrair daí heurísticas produtivas, são também *ações metodológicas*. Creio, assim, que vamos encontrando nossos matizes metodológicos próprios, na medida em que:

- desenvolvemos tentativamente perguntas mais comunicacionais sobre nossos observáveis de interesse – tendendo a desentranhar as lógicas e dinâmicas em que a comunicação social se expressa;

<sup>46</sup> Gestos fundadores (como a distinção entre língua e fala, de Saussure; a evolução das espécies por variação e seleção, de Darwin; a física de Galileu) têm como ponto de partida conjecturas e hipóteses; e se constituem em perspectivas de conhecimento na medida de sua produtividade, seu acerto em descobertas e sua consistência.

- buscamos construir pontes entre tais perguntas comunicacionais e teorias disponíveis para apreender lógicas e processos comunicacionais em curso na sociedade, eventualmente redesenhando sua abrangência e seu alcance.

Há uma capacidade gerativa em nosso processo metodológico – temos gerado táticas metodológicas adequadas a nossas perguntas. Falta, ainda, consistência de encaminhamentos metodológicos suficientemente definidos para as dimensões em que organizamos nossos objetivos. Acho, então, que sim: podemos afirmar matizes metodológicos produtivos, talvez ainda dispersos na pluralidade de visadas e objetos, mas que começam a trabalhar o alcance de teorias acionadas e a estimular a geração de proposições teóricas *ad hoc*.

#### ***d) O fortalecimento da dimensão metodológica***

O fortalecimento da dimensão metodológica é mesmo relevante para o desenvolvimento do conhecimento comunicacional. A consideração inicial da pergunta, chamando a atenção para o “percurso histórico constituinte de nossa prática investigativa”, é produtiva para o comentário.

Temos um passado de pesquisas – no século 20 – imerso no padrão metodológico *estabelecido* das disciplinas precursoras. Herdamos, assim, uma percepção de metodologia sobretudo na forma de caminhos bem constituídos e estruturados, com coerência habitual em relação às teorias a que estão associados. Não se trata de desvalorizar esse padrão metodológico, eficaz onde tenha sido elaborado, testado e estabilizado. Mas sim de observar (a) que o padrão só é produtivo quando tenha sido desenvolvido e testado em relação às perspectivas de conhecimento e teorias junto às quais é ativado; e (b) esta forma não é o único padrão metodológico possível e valorizável.

Essa reflexão faz considerar que, em uma disciplina em construção, não temos tal padrão já organizado; e que a utilização de padrões metodológicos oferecidos por outras disciplinas, podendo ser parcialmente válida, certamente não assegura completa sustentação de nossas pesquisas, e pior – como assinalamos na resposta à primeira pergunta –, pode se tornar um elemento de contenção da autonomia do campo comunicacional.

Todas as ciências em sua fase de construção mostram desenvolvimentos metodológicos tentativos, em que o próprio conhecimento teórico aparece como caudatário das experimentações de pesquisa e das descobertas, que ao mesmo tempo vão ajustando as táticas mais produtivas. O conhecimento antropológico (mais próximo de nós, cronologicamente, do que outras ciências) evidencia esse desenvolvimento conjunto de pesquisas, práticas metodológicas experimentais e teorias, com grande importância do método etnográfico.

Assim, não devemos confundir fortalecimento metodológico com a disponibilidade de metodologias muito sistematizadas, nem mesmo com um trabalho de desenho e elaboração de tais táticas. Penso a metodologia como a dinâmica da pesquisa, focada nas ações (tanto testadas como tentativas) em busca de uma efetiva percepção do que não tínhamos antes percebido. Nessa visada, o fortalecimento da metodologia pede que esta seja exercida na forma de ações sobre todos os elementos da pesquisa, a serviço de descobrir e compreender.

Fortalecemos nossas competências metodológicas e, de modo integrado, nossas teorias propriamente comunicacionais, sempre que:

- o pesquisador busca perceber, em situações da realidade, o que se manifesta, aí, como questão comunicacional;
- boas perguntas são derivadas de perspectivas adequadas para o que possa ser um conhecimento comunicacional;

- são desenvolvidas táticas observacionais para responder a estas perguntas – objetivando descobertas não inscritas de antemão em outros campos de conhecimento;
- estas perspectivas, perguntas e táticas de observação são usadas para rever e renovar teorias acionadas ou para produzir teorias *ad hoc*, ajustando sua abrangência e seu alcance para a especificidade de nossas questões;
- o pesquisador tensiona e redireciona a abrangência e o alcance de teorias, onde quer que produzidas, tornando-as pertinentes para objetos comunicacionais e acionáveis para objetivos de pesquisa.

## CONCLUSÕES

O artigo desenvolveu algumas reflexões em torno das relações entre teoria e metodologia no trabalho de pesquisa sobre processos comunicacionais. A título de conclusão, fazemos uma articulação dos principais pontos sugeridos no artigo, desde percepções gerais até especificidades da Comunicação enquanto disciplina em fase de constituição.

1. Evitando circunscrever a metodologia às estratégias de observação da realidade, enfatizamos a variedade das ações no trabalho de pesquisa que se mostram como de ordem metodológica, tanto sobre a realidade como sobre teorias e conceitos.
2. Um bom acionamento de teorias depende de um conhecimento minucioso destas. Para desenvolver esse conhecimento, precisamos ir além de seus dizeres e proposições sobre a realidade. É preciso, ainda, inferir suas lógicas internas, sua estrutura, e a dinâmica entre suas partes. Uma teoria não apenas pretende



“dizer [alguma coisa] da realidade”; mas também exerce ações – explicativas, sistematizadoras, heurísticas, praxiológicas, analíticas, de ponderação valorativa, de categorização, de estabelecimento de relações.

3. Dentre as múltiplas relações teórico-metodológicas, não buscamos definir uma atenção prioritária. Cabe ao pesquisador no ato de pesquisa definir os diferentes movimentos requeridos e a ponderação a ser dada a cada um. O artigo apenas assinala algumas relações e indicadores que não devem ser esquecidos.
4. Uma pesquisa deve combinar com sabedoria os conhecimentos adotados como estabelecidos e os padrões sistemáticos a serem seguidos com os elementos a serem desbravados, as decisões mais tentativas e as proposições teóricas que precisam ser tensionadas. Em suma: o que seja considerado estável e o que deve ser revisto, experimentado, descoberto e elaborado.
5. Em função de seus observáveis, perguntas e objetivos, o pesquisador deve estar atento tanto ao trabalho explicativo da situação observada, quanto a buscas desbravadoras e geradoras de conhecimento. Conforme situe sua pesquisa mais perto de um ou de outro desses enfoques, as relações entre metodologias e teorias serão diversas.
6. As teorias sobre comunicação geradas por outras disciplinas CHS no século 20 foram precursoras do conhecimento comunicacional. Embora essas disciplinas não desenvolvam mais teorias pretendidas gerais sobre a questão, recebemos ainda incidências teóricas e metodológicas dessa fase – algumas mantendo sua validade e pertinência. Por outro lado, o efeito de contenção resultante sugere o interesse de uma superação do que foi elaborado na fase precursora. Uma pesquisa será tanto mais produtiva quanto mais consiga rever proposições teóricas

e metodológicas de disciplinas estabelecidas em que tenham surgido suas perguntas e hipóteses precursoras.

7. Assinalamos duas dimensões de variação de teorias, no que se refere a seu exercício sobre a realidade. A abrangência refere a pertinência da teoria para observáveis determinados. O alcance refere ações metodológicas e as perguntas e objetivos que estimula. O alcance e a abrangência se encontram apenas parcialmente estabelecidos na formulação e na estrutura de uma teoria. O grau de expansão ou de redução em tais dimensões pode variar com os debates acadêmicos, com atividades de acolhimento e de ajuste durante a circulação da teoria nos ambientes de pesquisa, e ainda, com os âmbitos da realidade com as quais a teoria seja posta em relação.
8. As variações na abrangência e no alcance de teorias nas ciências humanas e sociais sugerem que não podemos tratar teorias apenas em termos de verdade ou erro – é preciso perceber sua efetiva abrangência e seu efetivo alcance. Dentro ou fora destas fronteiras (relativamente elásticas), elas serão adequadas ou não. É no trabalho de pesquisa que essa relação de adequação se constrói e a elasticidade se define.
9. Considerando normal e produtiva a circulação de teorias, conceitos e metodologias entre as diversas CHS, um cuidado básico nesse processo é o de um tensionamento produtivo para ajustes, nas transferências realizadas. A atenção à abrangência e ao alcance das teorias favorece migrações produtivas, tanto para a acuidade das pesquisas quanto para a verificação das teorias.
10. Assinalamos dois direcionamentos principais opostos, no trabalho da pesquisa, que sintetizamos nas fórmulas  $[T > P]$  e  $[P > T]$ . Correspondem, respectivamente, ao uso da teoria para apreender uma realidade específica; e a tensionar a teoria para gerar

novos conhecimentos. Mas não se trata de defender um binarismo mutuamente excludente – uma pesquisa específica deve decidir os movimentos requeridos, em uma e outra direção, com boa possibilidade de ida e volta de ações metodológicas entre os elementos mais pontuais da realidade e os mais gerais, na teoria.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. **Galaxia**, São Paulo, PUC-SP, n. 41, p. 48-61, maio-ago., 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239896> . Acesso em: 20 maio 2022.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. **Réponses**: pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.
- CRAIG, Robert. Communication theory as a field. **Communication Theory**, v. 9, n. 2, p. 119-161, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.1999.tb00355.x>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp , 2011.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- KUHN, Thomas. **A tensão essencial**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- MERTON, Robert.. **Social theory and social structure**. The Free Press, 1968.
- POPPER, Karl. A lógica e a evolução da teoria científica. *In*: POPPER, Karl. **A vida é aprendizagem**: epistemologia evolutiva e sociedade aberta. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 17-40.

# 11

Luís Mauro Sá Martino

**O TEMPO DO MÉTODO:**  
passagens da teoria  
à metodologia na pesquisa  
em Comunicação

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.11

## INTRODUÇÃO<sup>47</sup>

Gostaria de iniciar este texto destacando o nome do livro, que também é o nome do Simpósio do qual ele decorre: falar de “experiências metodológicas” na Comunicação. Essa proposta oferece uma oportunidade de pensar no duplo sentido da palavra “experiência”. De um lado, “experiência” como experimento, algo novo a ser testado, a experimentar, um avanço nas teorias ou hipóteses; de outro, a ideia de “experiência” como vivência, como algo que é sentido, notado e vivido no cotidiano.

Na prática de pesquisa, essas duas concepções caminham lado a lado, com muitos pontos de intersecção: nesse sentido, podemos imaginar a experiência do método também como sendo a vivência do método. O conhecimento e a experiência estão diretamente inscritos em nossa vivência, assim como nossa subjetividade transborda para as práticas de pesquisa. A experiência metodológica, a busca pelo caminho para criar algo novo, é também uma vivência sensível: não consigo, nesse sentido, separar o estético do epistemológico, assim como tenho dificuldades em separar ambos de seu aspecto institucional.

No entanto, é necessário um recorte para desenvolver esse tema, e gostaria de propor a experiência do tempo e da temporalidade nessa passagem da teoria à metodologia. E, também, nas intersecções e tensionamentos entre teoria e metodologia.

As preocupações na origem deste texto nascem de questões práticas, observadas na “clínica da orientação”. Essa expressão é usada como uma brincadeira séria em um texto escrito anos atrás com uma amiga, a professora Angela C. S. Marques, da Universidade Federal de Minas Gerais (MARTINO; MARQUES, 2018).

<sup>47</sup> Este texto nasce de uma participação no I Simpósio Experiências Metodológicas em Comunicação, realizado pela UFRGS em dezembro de 2021. Foram utilizados, como base, textos e ideias debatidos em outros momentos (MARTINO, 2016; 2021) retrabalhadas em parte aqui. Conservou-se aqui, parcialmente, o tom de oralidade da exposição.

A referência, com todo o cuidado, era à ideia da reunião orientação como o encontro entre dois não saberes: o não saber da pesquisadora ou do pesquisador, e o não saber de quem orienta, em relação ao que será descoberto no final; note-se que esse não saber não é, de modo algum, um obscurantismo: a consciência do que falta conhecer, e sempre falta algo, faz do não saber um lugar da pergunta, da dúvida compartilhada que, no diálogo, pode ajudar a traçar a maneira de encontrar uma resposta – o caminho, o método.

Esse é o ponto de partida: toda pesquisa ou projeto de pesquisa tem uma “parte teórica”. Nas atividades de orientação, sobretudo nos estágios iniciais, nota-se uma preocupação de pesquisadoras e pesquisadores em relação ao que significa exatamente “teoria”, seja a respeito das opções (“quais livros eu preciso ler?”), ou às suas ligações com a pesquisa (“como vou usar essa teoria?” ou “preciso só de um autor ou podem ser vários?”).

Às vezes é possível ver essa preocupação se encaminhar para um processo mais complicado, no qual a pessoa fica ansiosa para ler tudo quanto lhe caia sob os olhos a respeito do tema de pesquisa. O tempo da pesquisa parece demandar um ritmo mais proporcional à necessidade de elaboração de uma ideia. Não é coincidência que a palavra “elaborar”, do latim *ex-laborare*, esteja ligada à noção de “trabalhar mais” algo – no caso, trabalhar a leitura no sentido de compreendê-la em relação aos problemas de um estudo.

Na prática de pesquisa, isso pode ser notado no momento de articular as teorias com estratégias metodológicas. Ou, como geralmente se escuta, “como aplica a teoria?”.

Um problema adicional, que geralmente levanta dúvidas, são as várias expressões utilizadas para definir esse item – “parte teórica”, “teoria”, “referencial” e “estado da arte”, embora sejam cuidadosamente conceituados em alguns livros de metodologia, acabam às vezes sendo usados como sinônimo na prática de pesquisa.

Uma das razões é certa proximidade entre os procedimentos: trata-se, sobretudo, de um momento de “leitura”, oposto à “prática” (trabalho de campo, entrevistas, coleta de dados, classificação e assim por diante).

Essas dúvidas, longe de serem dificuldades individuais ou problemas de formação, por serem recorrentes, parecem apontar para a existência de problemas em relação ao que é “teoria”, “teoria da comunicação”, e, em particular, seu lugar em uma pesquisa para além do “uso” ou da “aplicação”. Em termos epistemológicos, o que significa “teoria” na pesquisa em ciências sociais.

Este texto nasce, assim, tanto das experiências e vivências metodológicas em orientações quanto do ensino da disciplina “Metodologia de Pesquisa”, em cursos de graduação e em pós-graduação em Comunicação. É, portanto, um olhar comprometido com a prática pedagógica: a discussão é delineada a partir de questões levantadas em reuniões de orientação e bancas de avaliação, assim como perguntas, estranhamentos e olhares de dúvida (verbalizados às vezes em expressões como “não sei ou que devo ler” ou “estou completamente perdido”). Não se trata de uma observação sistemática: essas dúvidas são tomadas como indícios, no sentido de Ginzburg (2005), de questões sobre o lugar da teoria na pesquisa em Comunicação.

## A TEORIA COMO “OLHAR ATENTO”

As aventuras da palavra “teoria” no senso comum não parecem ser das mais promissoras. Em geral, ela é oposta à “prática”, e quase sempre de maneira negativa – teoria seria apenas uma argumentação vazia; na melhor das hipóteses, uma preparação para o momento no qual a ação realmente acontece. Dispensável, a teoria seria algo

abstrato, talvez até interessante, mas de pouca utilidade na resolução de problemas práticos. Seria, no máximo, um conhecimento especulativo: diante de uma situação na qual faltam dados, a palavra “teoria” é usada às vezes como sinônimo de hipóteses e suposições (“tenho uma teoria: ele foi aprovado porque...”).

É possível observar isso, por oposição, no uso da palavra “prática” em expressões como “na prática, a teoria é outra”. Por cotidianas que sejam, frases como essas são indícios do lugar que a ideia de “teoria” ocupa no senso comum: poucas coisas podem demolir mais uma afirmação do que indicação de que “isso é apenas teoria” ou “na prática não é assim”. Para entender melhor, vale retomar alguns aspectos da origem da palavra, seguindo Gobry (2010), Peters (1983) e Magnavacca (2005) nos próximos momentos.

Ao que tudo indica, a palavra “teoria” vem do grego *theoria*: a raiz *the* significava o ato de ver para conhecer alguma coisa, olhar voltado para o entendimento e encadeamento de coisas dentro de uma ordem, próximo de uma fila ou corrente, no sentido comum da palavra. Uma “teoria” seria uma sequência de ideias voltada à compreensão de algo – na expressão de Lucrécia D’A. Ferrara (1986/1987), uma “ciência do olhar atento” para saber para além das dicotomias.

“Teoria” está ligada ao ato de ver para entender: não o olhar casual que se lança despreocupadamente sobre a realidade, mas a visão curiosa de quem procura extrair algo a mais do que está se vendo: não por acaso, *theoria* está próxima de outra palavra grega, *théatron*, que deu origem a “teatro”. No latim, a ideia de “especulação” também indica a perspectiva do olhar: a raiz *spec* está na palavra “espectador” (ou, no inglês, *specs* para “óculos”). Não se trata, evidentemente, de qualquer contemplação, mas a busca por princípios, conexões e articulações entre o que está sendo visto e que, pela ação do olhar, se apresenta de maneira renovada.



“Teoria”, nessa concepção, é uma atividade da mente próxima da abstração, resultado da contemplação e da disciplina para observar a realidade: mais do que saber algo ou criar conexões entre as coisas, teoria é um modo de vida, o *bios theoretikós*, que os medievais traduziriam como *vita contemplativa* em oposição à *vita activa*.

A concepção original da *vita contemplativa* era uma ação do sujeito voltada para entender os objetos ao seu redor de maneira a criar conexões entre eles – um encadeamento, o que remete ao sentido inicial da palavra. Magnavacca (2005), em particular, recorda que a teoria, enquanto observação atenta, está diretamente ligada ao que se faz, a *praxis* – a atividade teórica se liga diretamente à prática na medida em que são dimensões contínuas, embora diferentes, da experiência humana.

“Aliás”, como afirma Marx (2008 [1867], p. 1080), “[...] toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas”. O saber teórico, assim, não seria apenas resultado de um aprendizado, mas de uma postura diante da realidade. No sentido original grego, teoria é algo que se vive, não o que se sabe.

A ideia de “conhecimento” adquire uma nuance qualitativa importante: ressalta-se a profundidade e a seriedade do ato de conhecer. Esse comportamento ativo da teoria como modo de vida separa o conhecimento científico, a *episteme*, do saber comum, a *doxa* ou “opinião”. A contemplação requer uma atividade do pensamento sobre si mesmo no sentido do questionamento e crítica constante: uma vida teórica é uma existência pautada pela curiosidade a respeito do mundo e de si mesmo, no qual a interrogação sobre o objeto não deixa de lado o saber relacionado ao próprio sujeito. É possível dizer, com Eva Porta (2017, p. 52), que “[...] la teoría nos permite desentrañar algunas problemáticas sociales que nos preocupan”.

A contemplação, a teoria, exige tempo para olhar, o momento correto para lançar esse olhar ativo sobre o mundo – e, daí também, que a teoria é uma atividade desenvolvida na relação com o objeto, na tensão e no confronto com a realidade, e não pode ser estabelecida de antemão como modelo interpretativo fechado. A atividade teórica leva tempo, concentração e disposição para fazer perguntas – não é coincidência que ela só é entendida quando há tempo para olhar a realidade, contemplar.

Assim, não sem algo de irônico em relação à concepção atual, que opõe teoria à prática, não há conhecimento atento de algo que não seja propriamente teórico no sentido de extrair do visto elementos que, pela ação da mente, se dirigem para algo além do visível imediato para descortinar aquilo que está para além de um conhecimento empírico. Isso leva a outra questão: a especificidade da teoria como vivência metodológica na pesquisa em Comunicação.

A ideia de “teorias científicas” no âmbito da Comunicação nem sempre se refere, de fato, a “teorias”, conforme a palavra é definida dentro de algumas perspectivas epistemológicas. Em muitos casos, trabalha-se não com teorias construídas a partir de estudos prévios e testadas empiricamente, mas com metáforas para pensar a realidade – noções como “Indústria Cultural”, “Agulha Hipodérmica”, “Líquido” e outras talvez falhassem como construção “teórica”. No entanto, isso fixa a noção de “teoria” dentro de uma ordem empírica, à beira do positivismo, que considera “teoria” apenas o conjunto de ideias que possam ser comprovadas empiricamente. Se isso talvez seja possível no âmbito das Ciências Naturais, nas Ciências Humanas é muito complicado efetivamente “provar” qualquer coisa, como indica Gewandz-najder (2002). Nas Ciências Humanas, as teorias não são explicativas, mas, sobretudo, interpretativas. Não “aplicar”, menos ainda “explicar”, mas talvez compreender e interpretar (GEWANDSZNAJDER, 2002).

Aliás, e isso pode ser um problema, ao que tudo indica, esse tipo de teoria simplesmente não tem como ser testada, uma vez que não faz proposições específicas sobre dados empíricos, mas pauta-se na apresentação de conceitos a partir dos quais podem ser derivadas interpretações dos dados. Sua comprovação empírica, assim como sua refutação, parecem ser igualmente impossíveis – e é questionável até que ponto isso seria desejável, uma vez que elas não buscam “explicar”, mas ajudar a interpretar uma realidade humana complexa que talvez não possa ser, de fato, “explicada”.

Culler (2000, p. 3) adverte para o fato de que boa parte da “teoria” trata de assuntos amplos, e, às vezes, muito distantes do objeto de estudo em uma pesquisa, gerando assim não só uma dicotomia entre “teoria e prática”, mas também entre teoria e objeto: nem sempre é possível ver quais são as relações entre proposições teóricas discutidas. Como lembra Butler (2002), esse conceito de “teoria” nasce junto com o chamado “pós-estruturalismo” ou “pós-modernismo”, em particular na França dos anos 1970: “teoria” não é, como nas exatas, um conjunto de propostas para explicar fatos, mas um instrumental para a elaboração de um pensamento crítico sobre a realidade e a desconstrução de significados das práticas sociais. A “teoria” ganha vida por si só, deliberadamente afastada da “prática” no sentido comum do termo, para se tornar um conjunto de discursos relativamente autônomos a respeito do mundo social.

Nesse momento, a teoria perde o objeto e ganha adjetivos: se era possível falar em “teoria do cinema”, “teoria da propaganda” ou “teoria da opinião pública”, agora a perspectiva é em termos de uma “teoria crítica” ou “teoria pós-colonial”, por exemplo. Isso não reflete apenas uma mudança de nome, mas também do lugar da teoria na pesquisa: não se trata mais de teorizar sobre um objeto, mas de pensar a teoria como atividade social, um posicionamento diante do objeto de estudos, ligada às questões sociais de seu momento de origem – e também à subjetividade da pesquisadora ou pesquisador, sujeitos constituídos também pela teoria.

## O TEMPO DA PASSAGEM: DA TEORIA AO MÉTODO

A escolha teórica também delinea o sujeito pesquisador, não apenas o objeto de pesquisa: trata-se de uma interpretação a respeito da realidade, sem dúvida, mas que igualmente inclui quem pesquisa dentro dessa mesma concepção. E, também nesse caso, a temporalidade ocupa um lugar importante.

Assim como às vezes se nota certa pressa, em alguns casos, de “aplicar” a teoria, é possível encontrar também, em certas ocasiões, a mesma tentativa de definir os procedimentos de pesquisa a partir da “aplicação” de técnicas e métodos que, ficando à disposição de pesquisadoras e pesquisadores, poderiam ser rapidamente acionados para resolver questões de procedimento. Isso pode ser observado, por exemplo, em formulações que parecem sugerir uma visão instrumental do método (“vou usar uma análise de conteúdo” ou “vou fazer entrevistas e uma análise de discurso”), dentro do entendimento de que, ao acionar procedimentos já nomeados e, de certa maneira, consagrados, seria possível fazer um encaminhamento metodológico.

A busca rápida de uma técnica – é questionável se seriam “métodos” – aplicável a uma pesquisa parece ser indício, igualmente, dessa necessidade de pensar teoricamente o que significa o método, seu lugar na pesquisa e, sobretudo, como ele se situa em relação à teoria.

A ideia de “aplicar” ou “usar” um método ou uma teoria pode decorrer também do lugar ocupado pelos conceitos nos trabalhos acadêmicos. Nas monografias, teses e dissertações, há às vezes uma divisão binária quase estanque: de um lado, o(s) capítulo(s) teórico(s), de outro, as análises empíricas do objeto. Esse tipo de procedimento, se evidentemente pode gerar e gera resultados de excelência, por outro lado pode igualmente sugerir que existe uma diferença entre “teoria” e “objeto” reforçada pela distribuição das temáticas entre os capítulos.

Em um projeto ou trabalho de pesquisa, a teoria pode ser entendida como o conhecimento das ideias que estão circulando, no meio acadêmico, a respeito do assunto que se pesquisa; como recordam Bonin (2005), Santos (2006) e Temer (2007), é quando o olhar se volta para o que foi e está sendo pensado na área sobre um assunto ou recorte. Dessa maneira, a “teoria” está, ou poderia estar, ligada de maneira direta ou tangencial aos problemas específicos de uma pesquisa.

Em alguns momentos, é possível encontrar alunas e alunos que, ao chegarem com propostas de pesquisa, estejam envolvidos – a palavra seria “apaixonados”, em certos casos – com autores, métodos e teorias, e seus projetos buscam “aplicar” ou “usar” essas ideias. Em termos de pesquisa, isso parece significar uma inversão: em vez de se partir de uma inquietação, de um objeto ou de uma problematização, parte-se da teoria ou do conceito, procurando em seguida alguma maneira de “trabalhar” com isso.

A construção da pesquisa, neste caso, não coloca a teoria como algo à parte, mas como uma referência para o que se está fazendo. Daí a perspectiva de um “referencial teórico” ou “marco teórico de referência”, com ideias, conceitos e pontos de vista responsáveis por orientar o olhar na realização da pesquisa. A teoria, dessa maneira, não seria um depósito de conceitos a serem “aplicados”, mas um conjunto de referências ligadas sobre assunto pesquisado (BONIN, 2005).

Esse tipo de procedimento, presente em várias etapas da pesquisa, permite um diálogo entre o trabalho que está sendo realizado e as produções da Área. É nesse aspecto que, em termos de formação, a pesquisadora ou o pesquisador podem compreender as dinâmicas de produção e circulação de conhecimento, vendo na contribuição de cada livro ou artigo um avanço no conhecimento da Área, ao mesmo tempo em que seu foco está voltado para cada problema de trabalho.

Observa-se, em vários trabalhos, um considerável dispêndio de energia na construção dos capítulos teóricos. Mostra-se aí a capacidade de lidar com abstrações, discutindo-se ideias e teorias. Nem sempre, no entanto, a discussão teórica se destaca na pesquisa.

Há, nesse sentido, o desafio de articular a elaboração conceitual dos capítulos iniciais com o objeto empírico – o que, como visto, pode ser feito a partir de um referencial diferente daquele apresentado no início – a título de exemplo, explicações “sociológicas” nos capítulos iniciais seguidas de “análises de discurso” no estudo do objeto empírico. Evidentemente, o trânsito de conceitos contribui para a análise dos fenômenos: o que se questiona não é a intersecção entre ideias, mas sua justaposição acrítica.

Isso se manifesta, em alguns trabalhos, na forma de um grande número de autores citados, mas com pouca apropriação e elaboração de suas ideias – às vezes saltando de um para outro sem maior costura, no intervalo de alguns poucos parágrafos, deixando abertas as possibilidades e potencialidades de um maior diálogo entre autores.

Mais do que uma perspectiva “interdisciplinar”, a justaposição parece apontar para a ausência de diálogo entre os referenciais – e sua operacionalização metodológica.

Evidentemente, não há necessariamente um consenso em relação a quais teorias pertencem ou não a uma área: como construções históricas, também estão sujeitas a mudanças e transformações. Apesar disso, se não existe uma definição fechada a respeito do que as constitui, as teorias de uma área ajudam a delinear seus princípios e interesses, e auxiliam quem procura se aproximar daquele modo de conhecer a realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o tempo da teoria, dessa maneira, é situá-la também em termos de sua história, bem como da história de um campo. A teoria, ao mesmo tempo em que se ocupa de assuntos específicos em cada pesquisa, reflete as questões gerais de seu campo – e essa dinâmica provoca mudanças na própria teoria.

Como indica Bachelard (1991), a epistemologia de uma área não pode deixar de lado sua história. Não “história” no sentido de uma cronologia das ideias, mas da relação entre concepções formuladas ao longo do tempo. Com isso, as áreas do conhecimento definem algumas de suas fronteiras epistemológicas: quais são suas teorias, abordagens, objetos de conhecimento e modos de olhar a realidade. Esse limite marca também a ruptura com o senso comum – o primeiro “obstáculo epistemológico” como denomina Bachelard (2005), é sair do senso comum para olhar com outros olhos para a realidade. Seria, a título de ilustração, o que separa uma noção comum de outra, questionadora, buscando ir além da evidência por mais forte que ela seja.

E, como indicado, isso implica a necessidade de tempo para encontrar e compreender a história do campo, bem como para situar toda a trama de subjetividades de quem pesquisa em termos dos problemas, ideias e perspectivas em circulação.

Este texto nasceu da necessidade de compartilhar dúvidas e inquietações sobre o lugar da teoria no trabalho de pesquisa em Comunicação a partir de situações práticas, tomadas como indícios, ou mesmo sintomas, de problemas epistemológicos mais amplos.

Mais do que procurar respostas prontas e acabadas, busca-se aqui compartilhar dúvidas e problemáticas com as quais todas e todos podemos nos deparar no cotidiano – e que desafiam sempre a pensar, no diálogo, os caminhos da prática de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não**. Lisboa: Presença, 1991.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BARROS, José D'A. Uma teoria é um modo de ver. **Interfaces da educação**, v. 23, n. 10, p. 28-57, 2019..
- BONIN, J. A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Revista Conexão**, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação. **E-Compós**, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011.
- BUTLER, Christopher. **Postmodernism**. Oxford: OUP, 2002.
- CULLER, Jonathan. **Literary theory**. Oxford: OUP, 2000.
- EAGLETON, Terry. **After theory**. Londres: Palgrave, 2007.
- FERRARA, Lucrécia D'A. A ciência do olhar atento. **Trans/Form/Ação**, v. 9, n. 10, p. 1-7, 1986/1987.
- GEWANDSZNAJDER, Fernando. As ciências sociais são ciências? In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; \_\_\_\_\_. **O método das ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GOBRY, Ivan. **Le vocabulaire Grec de la Philosophie**. Paris: Elipses, 2010.
- HANITZSCH, Thomas. Writing for Communication Theory. **Communication Theory**, v. 23, n. 1, p. 1-9, 2013.
- HICKSON, Mark; STACKS, Don W. Teaching the Introductory Communication Theory Course to Undergraduates. **Communication Quarterly**, v. 41, n. 3, p. 261-268, 1993.
- LOPES, Maria I. V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MAGNAVACCA, Silvia. **Léxico Técnico de Filosofia Medieval**. Buenos Aires: Miño y Davila, 2005.
- MARTINO, Luís M. S. Da Teoria à Metodologia: um ensaio sobre a elaboração de Projetos de Pesquisa em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, v. 11, n. 1, p. 1-15, 2016.



MARTINO, Luís M. S. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINO, Luís M. S.; MARQUES, Angela C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia. **Matrizes**, v. 12, p. 217-234, 2018.

MARTINO, Luís M. S. O sentido da teoria na pesquisa em Comunicação. **Revista Famecos**, Vol. 28, no. 1, pp. 1-12, 2021.

MARTINO, Luiz C. Significação da teoria em um campo diversificado. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais[...]** Caxias do Sul: Intercom, 2 a 6 de setembro de 2010.

MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação**: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MARX, Karl. **O capital**. Livro 3, Vol. 6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 [1867].

PETERS, Francis Edward. **Léxico filosófico grego**. Lisboa: Edições 70, 1983.

SANTOS, Tarcyanie C. Teoria da Comunicação e suas interconexões com o corpo e com a cultura. *Comunicação Midiática*, n. 6, 2006.

PORTA, Eva. Objeto de estudio, objeto empírico. *In*: ROSA MARTINEZ, Fabiana; SAUR, Daniel. **La cocina de la investigación**. Córdoba: Edivim, 2017.

TEMER, A. C. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo. 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Goiânia: **Anais...** 27 a 30 de abril de 2007.

# 12

Vera Veiga França

**BUSCANDO O DIÁLOGO  
ENTRE AS TEORIAS  
E OS MÉTODOS**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.12

O tema que nos reuniu nesta interlocução – *A metodologia na teoria da pesquisa* – é no mínimo desafiante, e confesso que tive grande dúvida sobre o que falar e o quanto eu poderia contribuir nesta discussão. Um caminho possível seria retomar a discussão sobre Paradigmas e Métodos, Disciplinaridade e Transdisciplinaridade – temas que já foram bastante discutidos por nós, professore/as de Teorias da Comunicação e Metodologia de Pesquisa, e aos quais não há muita coisa a acrescentar. Optei então por tratar da relação entre Teorias e Métodos da/na Comunicação, trazendo uma reflexão bastante ensaística, voltada para algumas questões com as quais lidamos no dia a dia da pesquisa. Frente a essas questões, minhas respostas são antes *tentativas*, como diz José Luiz Braga (2014).

Para alinhar meu percurso, tomo como ponto de partida duas perguntas que surgem com frequência em nosso contexto de pesquisa: quais são os métodos ‘propriamente comunicacionais’ de que dispomos, e como alinhar a fundamentação teórica do problema de pesquisa com a construção metodológica? Tais indagações poderiam ser classificadas como dilemas-fantasma; elas refletem de fato um *problema real*, pois é algo com o qual se defrontam sobretudo os/as jovens pesquisadores/as. No entanto, elas existem mais na forma de pânico frente à incerteza do que como um obstáculo real. O caminho é menos complexo do que parece e se aninha no bojo do coração de uma pesquisa, que é o seu *problema*.

Ao longo desta reflexão, as duas questões apresentadas acima se traduzem em três eixos que estruturam este texto: i) Existe uma metodologia da Comunicação? ii) Em um projeto de pesquisa, como definir / escolher a metodologia?; iii) Como se articulam Teoria (os fundamentos teóricos da pesquisa) e a construção metodológica?

## EXISTE UMA METODOLOGIA DA COMUNICAÇÃO?

A pergunta sobre uma Metodologia *da* Comunicação é justificada, pois a definição de um campo científico elenca três pontos: a conformação de um objeto próprio; um acúmulo de conhecimento específico (uma tradição de estudos); uma metodologia própria.

Tal definição, no entanto, é apenas parcialmente verdadeira, pelo menos no que tange à metodologia. Auguste Comte, na criação de uma “ciência” da sociedade (a Sociologia), propôs exatamente trazer para o estudo dos fenômenos sociais a metodologia das ciências da natureza. E vários exemplos podem ser encontrados de intercâmbios ou inspirações metodológicas de um campo científico para outro, seja na forma de instrumentos de coleta de dados, sistematização, ferramentas analíticas.

O mesmo pode ser dito com relação a alguns conceitos, que são intercambiados entre diferentes ciências e apropriados a seus objetivos específicos. O conceito de “organismo”, da Biologia, foi utilizado fartamente pela Sociologia funcionalista; “entropia”, conceito da Física, é central na Teoria Matemática da Comunicação e fundamenta a ideia de “ruído”, cara aos estudos comunicacionais; “homeostase”, que vem da Física, foi usada pela psicologia de Palo Alto. Marialva Barbosa, em sua exposição neste simpósio, falou da natureza democrática dos conceitos; poderíamos dizer o mesmo de métodos.

No entanto, em linhas gerais, o que acontece é que os campos disciplinares, através desses intercâmbios e apropriações, bem como de processos criativos próprios, estabelecem e institucionalizam seus caminhos metodológicos, e, pelo uso constante, registram a patente de

certos métodos<sup>48</sup>. Assim é que a Etnografia se apresenta como um método criado no campo da Antropologia; a História de vida como um método claramente identificado com o trabalho dos historiadores; a Análise do Discurso (AD) como um método desenvolvido na Linguística.

E é aí então que perguntamos: existe uma Metodologia da Comunicação? Quais são os métodos, utilizados na pesquisa em comunicação, que poderíamos dizer “propriamente comunicacionais”?

Na minha opinião, não existem. Não vejo quais métodos foram criados diretamente pela pesquisa em nosso campo, e nem sequer quais seriam os métodos consagrados sobre os quais já adquirimos ‘direito de propriedade’ (patenteados por nossa área). Talvez, olhando os primórdios das pesquisas dos *mass media* nos Estados Unidos, pudéssemos apontar a análise de conteúdo (ligada sobretudo ao nome de Bernard Berelson) como método privilegiado para análise da opinião pública<sup>49</sup>. Também o método que foi chamado na época de “morfologia dos jornais”, usado pelos franceses (KAYSER, 1974), antecipou as atuais análises formais ou análise das características dos dispositivos. Porém, é difícil reconstituir os respectivos atestados de nascimento: as análises de conteúdo têm seus ancestrais nos estudos literários e históricos; os estudos morfológicos têm origem na Biologia.

No entanto – e com risco de certa displicência –, acho que isso não importa muito. Se, de maneira geral, podemos dizer que não dispomos de métodos “propriamente comunicacionais” na sua origem, construímos nossos instrumentos e caminhos de pesquisa através de um trabalho de apropriação dos métodos de áreas vizinhas, com os

48 De forma simplificada, falo aqui de Metodologia como conjunto de procedimentos desenvolvidos numa pesquisa; Método se refere a procedimentos e ferramentas disponíveis para compor a metodologia de um projeto.

49 Bernard Berelson fez parte da geração de pesquisadores que, nos anos 1940-1950, constituíram a chamada “Escola funcionalista da Comunicação”. Trabalhou com Paul Lazarsfeld (Universidade de Colúmbia) e fez parte da equipe que empreendeu a conhecida pesquisa *The people's choice* (1944).

quais fazemos arranjos e composições. Assimilar, nos lembra Certeau, não “[...] significa necessariamente tornar-se semelhante àquilo que se absorve”, mas também “[...] torná-lo semelhante ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele” (CERTEAU, 1994, p. 261).

Apenas a título de exemplo, tomo dois livros que tratam de metodologia para nosso campo de estudos, com o objetivo de inventariar os métodos apresentados pelos autores. São eles: *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, organizado por Jorge Duarte e Antonio Barros (2009), e *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, organizado por Cláudia Lago e Marcia Benetti (2008).

O primeiro deles (DUARTE; BARROS, 2009) apresenta 16 métodos (ferramentas e/ou procedimentos): entrevista em profundidade; método biográfico, etnografia; folkcomunicação; observação participante; pesquisa-ação; pesquisa de opinião; grupo focal; método semiótico (e semiologia); estudo de caso; auditoria da comunicação organizacional; análise documental, análise de conteúdo; análise do discurso; análise hermenêutica; análise da imagem (e auditoria de imagem na mídia), além de outros procedimentos mais genéricos, como “uso da internet”, “libertação pela redação técnico-científica”.

Percebe-se neste elenco uma grande mistura, que inclui desde técnicas específicas, como grupo focal, até abordagens amplas e pouco específicas, como folkcomunicação ou método biográfico. Não é o caso de entrar aqui no tratamento de cada um desses itens arrolados, mas chamar atenção para as diferenças de origem, incluindo métodos que vêm da Sociologia, História, Antropologia, Ciências da Linguagem (Linguística, Teoria Literária, Semiótica), Direito, Filosofia. Essa pluralidade de abordagens indica tanto a diversidade de nosso objeto de estudo (a Comunicação), suas múltiplas facetas, como a dificuldade de perceber alguma especificidade da nossa metodologia.

Olhando a segunda obra (LAGO; BENETTI, 2008), que fala de uma metodologia para o Jornalismo, poderíamos esperar uma maior especificidade no tratamento. Mas já no primeiro capítulo, intitulado “Métodos, conceitos e intersecções com o jornalismo”, nos deparamos com as diversas interfaces: jornalismo e história; jornalismo e antropologia; economia política. No capítulo seguinte, “Aplicação dos métodos de pesquisa em jornalismo”, são apresentados quatro métodos: análise do discurso; análise de conteúdo; análise da narrativa (nomeada análise pragmática da narrativa) e análise estatística através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Science*), que combina análise de conteúdo e tratamento estatístico. Em outros artigos encontramos ainda o estudo de caso (nomeando, na verdade, a definição do *corpus*, seguida dos procedimentos científicos básicos de formulação de hipóteses, identificação de categorias etc.) e a análise semiótica.

Em síntese, também neste segundo exemplo encontramos uma diversidade de métodos e interfaces, porém com uma predominância de métodos de análises textuais – ou verbo-visuais.

Nessa mesma linha das apropriações, registro ainda os estudos desenvolvidos por Itania Gomes (2012) sobre telejornalismo, em que ela se apropria e desenvolve o conceito de gênero televisivo, que é usado como ferramenta metodológica. Gomes se apoia particularmente na proposta teórico-metodológica de Jason Mittell, que, por sua vez, parte dos estudos culturais, combinados com abordagens de gêneros vindas dos estudos literários, chegando a uma categorização específica para os produtos televisivos. Ou seja, chega-se a abordagens específicas para alguns produtos ou práticas comunicacionais através da combinação de métodos de outros campos.

Desta forma, e respondendo à primeira questão (Existe uma Metodologia da Comunicação?), a resposta aponta claramente a profusão de métodos, vindos de origens diversas; torna-se difícil, portanto, falar de uma “Metodologia da Comunicação”. Talvez devêssemos falar de

metodologias dos estudos comunicacionais. Tal constatação (a ausência) não implica uma apreciação negativa; a hibridação penetra as diferentes ciências, e não apenas a da Comunicação – ainda que aqui ela se inscreva na natureza mesmo das metodologias comunicacionais. Outros campos desenvolvem ferramentas próprias às quais misturam contribuições externas (a Antropologia de Geertz, por exemplo, é altamente devedora das Ciências da Linguagem); o campo da Comunicação constrói sua metodologia através da apropriação de ferramentas desenvolvidas em outras ciências, e a especificidade é conferida (ou não!) pela concepção de comunicação que organiza a assimilação (cf. Certeau), fazendo da combinação uma estratégia capaz de revelar um objeto comunicacional, responder questões de natureza comunicacional.

## COMO DEFINIR / ESCOLHER A METODOLOGIA DE UM PROJETO?

A escolha da metodologia, sobretudo para mestrandos e doutorandos, configura com frequência um momento de angústia, e não raro os/as jovens pesquisadore/as saem em busca de referências bibliográficas na expectativa de encontrar, no elenco de métodos disponíveis, a solução para o problema (ou a crise) da metodologia.

Naturalmente os livros e manuais metodológicos podem nos instrumentar e nos estimular, mas o que eu quero defender aqui é que não saímos à cata de uma metodologia, e que esta não é uma escolha solteira: é uma escolha casada, que se impõe a partir da definição do problema de pesquisa.

Usando comparações muito simplistas: se queremos colocar um prego em uma parede (digamos que para dependurar um quadro), temos que utilizar um martelo ou, dependendo do peso do quadro,



da consistência da parede, uma furadeira<sup>50</sup>. Se queremos chegar em uma ilha distante, temos que usar um barco ou avião. São exemplos muito banais, mas a ideia é ressaltar o quanto os objetivos direcionam os caminhos e métodos a empreender. A escolha da metodologia no desenvolvimento de uma pesquisa segue uma lógica parecida. Claro que a situação e um problema de pesquisa têm uma natureza muito distinta, e a simplificação dos exemplos podem induzir à ideia de esquemas fechados, de equivalências mecânicas. Objetos de estudo, mesmo constituídos por objetos do mundo (fenômenos sensíveis), não têm a objetividade das coisas, e já são resultado de várias camadas de significado; são construções. A escolha de caminhos é, portanto, e evidentemente, muito mais complexa. Mas a ideia é que, assim como precisamos de um martelo (ou equivalente), e não de uma chave de fenda, para fixar um prego, e não chegamos de carro em uma ilha distante, perguntas específicas orientam o tipo de dados, os instrumentos de coletas e os desenhos analíticos que iremos precisar.

Como disse acima, objetos de estudo são resultado de construções – e antes de tratar da metodologia, faz-se necessário falar sobre a *construção de um problema de pesquisa*. Trata-se da passagem do problema para a problematização, isto é, sua fundamentação teórica (LAVILLE; DIONE, 1999). O problema – uma indagação sobre um objeto ou fenômeno da realidade – deve ser traduzido em perguntas, e o processo de conhecimento compreende a busca de resposta para tais perguntas.

Essa construção se dá na interseção de três dimensões: a existência sensível de um problema; o apoio em uma corrente científica,

50 Usei este exemplo em minha exposição oral, durante o simpósio, e um participante questionou, com pertinência, a natureza mecânica da metáfora. Optei por manter o exemplo, apesar dos riscos, para acentuar não o mecanicismo, mas o direcionamento dado pelo problema e a correspondência entre uma pergunta e o caminho da resposta. Objetos do mundo têm características que suscitam e convocam caminhos, formas de acolhimento e de tratamento, na perspectiva intuída por James Gibson, através do conceito de *affordance*, desenvolvido na obra de referência *The Ecological Approach to Visual Perception* (1979).

uma tradição sobre como pesquisar; a inserção em um campo de conhecimento<sup>51</sup>.

***a) Somos atraídos por um problema, uma questão que atravessa nossa realidade.***

Toda pesquisa começa com um interesse, uma inquietação. Alguma coisa chama nossa atenção; aparece para nós na forma de uma dúvida, uma indagação, um não conhecido. É esse primeiro interesse por um objeto do mundo que inicia o processo de busca de respostas, a aventura da pesquisa.

Pensemos em um acontecimento qualquer, que surpreende e suscita o debate público, passível de se colocar como uma indagação para um/a pesquisador/a e se desdobrar em um objeto de estudo. A escolha de Alckmin como vice na chapa do Lula<sup>52</sup>, por exemplo: é um evento, uma ocorrência que está colocada em nossa realidade sensível, e sobre o qual as pessoas comentam, opinam. Um evento que pertence ao campo da política, e envolve partidos, eleições. Ou seja: a ocorrência está inserida / e traz questões de nossa realidade política. O que significa: ao tratar desse objeto, teremos que nos apoiar em informações e leituras sobre o quadro político brasileiro.

No entanto, se esta questão surge no campo de estudo da comunicação, não é propriamente a formação da chapa que nos interessa, mas a dinâmica comunicativa que a envolve: quem está falando sobre isto, e falando o quê? Como a imprensa está tratando do assunto?

51 Desenvolvo esta discussão também em capítulo publicado no livro *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*, organizado por Cláudia Moura e Maria Immacolata Lopes, (FRANÇA, 2016)

52 Por ocasião do simpósio, esta era uma hipótese ainda longínqua, uma proposta que surpreendeu o eleitorado de Lula e suscitou debates e controvérsias. Neste momento em que escrevo, a formação da chapa já foi consolidada e os ânimos já estão parcialmente acomodados.

E as redes sociais? Quais figuras públicas estão se manifestando a respeito? E os envolvidos, disseram alguma coisa?

Um outro acontecimento que está dando o que falar neste momento é a compra do Twitter por Elon Musk. Quem exatamente é esta figura, quais suas áreas de atuação, desde quando ele passou a ocupar o cenário público e surgiu como, talvez, o homem mais rico do mundo? Qual o significado dessa compra, o que ele estaria pretendendo com ela? Quais as modificações podem ocorrer nessa rede social? Quais as características dessa rede frente à outra que dominam o mundo digital?

Tais questões hipotéticas são exemplos de como a realidade que nos cerca oferece o tempo todo questões e estímulos para desencadear processos de conhecimento mais cuidadosos e aprofundados. A imprensa trata cotidianamente de tais acontecimentos; convertê-los em 'problemas de pesquisa' significa buscar um outro tipo de apreensão, fundada em preceitos científicos.

Nesta primeira dimensão da construção do problema destacamos a força da natureza empírica do problema: ao se converter em objeto de estudo, ele impõe suas características, bem como a do seu entorno. Tratar da chapa Lula-Alckmin implica compreender a dinâmica política que está inscrita nessa composição, as características de tais políticos e de como aparecem na cena pública. Analisar a compra do Twitter impõe falar dessa plataforma, do papel da comunicação digital em nossos dias, do poder econômico.

Esta mesma dinâmica é provocada por qualquer objeto/fenômeno que escolhermos. Se fôssemos tratar de um padre celebridade, teríamos que passar pela questão das novas celebridades, da religião/Igreja. Um estudo sobre os desastres de Mariana e Brumadinho não deixará de tratar da mineração, da ação das mineradoras e da política de vigilância do Estado.

Em síntese: fatos sensíveis do mundo, que chamam nossa atenção, têm características específicas que devem ser levadas em conta; estão inseridos em determinados contextos e trazem questões de seu lugar de origem.

***b) Conhecemos a partir  
de 'lugares de conhecimento'***

Esta é uma dimensão (ou uma inserção) da qual, na maioria das vezes, não nos damos conta explicitamente. Mas produzir conhecimento implica adotar (mesmo de forma inconsciente) uma dada concepção de conhecimento, do que é conhecer, e da natureza das coisas do mundo. Aliás, mais do que adotar: nós conhecemos a partir dessa ou daquela concepção que temos do mundo e do conhecimento do mundo. Entender que o mundo se resume à sua concretude e a relações de causa-efeito implica posturas e atitudes completamente distintas daquelas que iríamos adotar se pensamos que o mundo é aquilo que projetamos e acreditamos estar vendo; dar maior peso à dimensão material da realidade ou, ao contrário, às ideias que motivam as ações nos direciona para diferentes caminhos de pesquisa.

Quem trata disso é a filosofia da ciência, mas o que nos interessa aqui é perceber que determinadas perspectivas filosóficas sustentam e orientam as posturas científicas adotadas pelos/as pesquisadores/as. São as chamadas grandes correntes de pensamento.

Assim, temos, por exemplo, o Positivismo, que toma os eventos sociais como fatos, que podem ser captados, descritos, explicados em suas relações de causa-efeito. A análise de conteúdo e a busca de relações de causalidade são caminhos sugeridos por uma pesquisa de inspiração positivista. Muitos estudos seguem por aí, ainda que não assumam ou nem sequer mencionem este nome. Se nos propusermos

a analisar a cobertura que a *Folha de S. Paulo* faz da constituição da chapa Lula-Alckmin, podemos adotar um procedimento de ver quantas matérias, em tal período, foi publicada sobre o tema; quantas vezes foi capa (ou chamada de cabeça de página), e quantos centímetros da superfície do jornal, ou de tela, lhe foram dedicados. Pode-se identificar e quantificar palavras-chave, adjetivos ou verbos de ação mais utilizados. Tais procedimentos proporcionam uma das análises possíveis sobre o posicionamento do jornal, análises mais descritivas, que se dirigem ao conteúdo manifesto, àquilo que se dá a ver.

Outras análises, inspiradas pela Hermenêutica, se voltam para o caminho da interpretação – o que as palavras querem dizer, de que maneira elas constroem narrativas, como elas projetam relações com o mundo e entre os interlocutores.

Uma outra corrente de pensamento, a Fenomenologia, dirige nossa atenção para as afecções provocadas nos sujeitos pelos fenômenos do mundo. Um importante e sempre lembrado pesquisador de nossa área, Ciro Marcondes, por exemplo, em seus últimos trabalhos, esteve particularmente tocado pela fenomenologia, tratando a comunicação como um fenômeno capaz de sensibilizar e transformar as pessoas envolvidas<sup>53</sup>. Quem conhece seus trabalhos nas décadas de 1970-80 percebe uma nítida diferença: em seus primeiros livros, ele se situava no terreno do marxismo e do materialismo histórico, falava em dominação e alienação (MARCONDES FILHO, 1984). Na trajetória do pesquisador, o materialismo cedeu lugar ao subjetivismo, sujeitos históricos foram substituídos por indivíduos sensíveis, afetados por seu entorno e pelos produtos comunicativos.

53 "Comunicação seria essa coisa que faz com que a pessoa não saia da mesma forma como entrou, que nela ocorra algum fato que tenha a possibilidade de alterá-la, ela promove uma transformação; esta é a primeira tese que eu defendo aqui no conceito de comunicação" (MARCONDES FILHO, 2019, p. 19).

Inspirados pela fenomenologia, poderíamos, numa pesquisa sobre a chapa, observar as reações e emoções de determinados tipos de públicos frente às notícias sobre a composição. Seria interessante analisar a manifestação de eleitores tradicionalmente petistas, ou lulistas; a postura e as falas de empresários paulistas, historicamente próximos de Alckmin ao longo de seus governos; analisar a performance de Alckmin numa reunião com líderes sindicais, ou mesmo comparar as performances de um e outro candidato, os sentimentos e valores que eles buscaram evocar em seus interlocutores.

Não quero me alongar nesse tópico, mas apenas ressaltar que a fundação em determinada corrente de pensamento inspira posturas e ferramentas no trabalho de conhecer. Essa filiação, mesmo que apenas implícita, incide na construção de nosso problema de pesquisa e sobretudo na maneira como vamos formular nossas perguntas e tentar respondê-las.

### ***c) Nosso problema de pesquisa se constrói dentro de um campo de conhecimento***

As coisas do mundo possibilitam indagações vindas de diferentes campos de conhecimento; a distinção das disciplinas científicas não corresponde a diferenças na natureza das coisas, mas antes à maneira como cada uma delas indaga a realidade. Elas (as disciplinas) constituíram objetos próprios de conhecimento, sedimentaram tradições, delimitaram seu olhar, de tal maneira que um mesmo objeto ou fenômeno do mundo pode ser inquirido por diferentes perspectivas – econômica, político, sociológica etc.

No nosso caso, nossas pesquisas estão inseridas e buscam produzir conhecimento a partir de um olhar comunicacional. Isso nos condiciona a fazer perguntas sobre o processo comunicativo, a natureza comunicativa que atravessa tal ou tal fenômeno. Aqui é preciso dizer que

a compreensão da própria comunicação não é unânime: para alguns é o processo, a dinâmica interacional; para outros é a presença de meios ou dispositivos comunicacionais. De qualquer forma, uma certa compreensão da comunicação orienta a construção de nosso objeto.

No nosso caso (falo a partir da tradição que desenvolvo e do grupo de pesquisa no qual estou inserida, Gris<sup>54</sup>), trabalhamos com uma concepção interacional da comunicação, tomando-a enquanto processo interativo que envolve interlocutores e produção discursiva (presença da linguagem, do simbólico). As pesquisas do Gris buscam configurar nossos objetos de estudo (sejam uma celebridade, uma campanha política) enquanto processos interativos de natureza simbólica, envolvendo determinados interlocutores, situados em contextos específico. É uma concepção relacional e situacional.

Nesta perspectiva, se fôssemos projetar uma pesquisa sobre a chapa Lula-Alckmin, nossas perguntas não iriam se dirigir ao conteúdo político-ideológico da questão (a pertinência e/ou os problemas da aliança), ainda que isto pudesse aparecer: nosso foco seria o que determinados interlocutores estão falando sobre, de que maneira uns e outros configuram a questão, como se dirigem uns aos outros, quais argumentos utilizam para falar da chapa, do pleito, de um e outro candidato (naturalmente, trata-se aqui de um esboço precário e preliminar da construção de um problema de pesquisa, a título de ilustração).

Importante ainda dizer que o processo comunicativo é complexo, inclui vários elementos em interseção; podemos tratar do processo em sua globalidade, podemos focar em alguns de seus aspectos: posição dos interlocutores, natureza do discurso, características dos suportes tecnológicos, papel das mediações. Contudo, a escolha estará sempre pautada pelo objetivo de desvendar um problema comunicativo.

54 GRIS / UFMG – Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade, criado em 1994, atualmente coordenado pela profa. Paula Simões (<https://www.fafich.ufmg.br/gris>).

\* \* \*

Resumindo essa breve digressão, quero enfatizar que essas três dimensões atuam na passagem de um problema para uma problematização, e configuram as perguntas que vamos dirigir ao nosso objeto de estudo.

Um elenco de questões claramente formuladas é o coração pulsante de uma pesquisa: feitas as perguntas, elas mesmas irão indicar o caminho das respostas. Irão sugerir que tipo de material necessitamos recolher (qual será nossa empiria) e como vamos tratar esse material (quais serão nossos procedimentos de coleta e de tratamento de material).

É esse percurso e a interseção dessas três dimensões que nos permitem responder ao segundo tópico que orienta minha intervenção – como escolher a metodologia? A esta pergunta a resposta é: o problema sugere a construção metodológica; o que orienta o como.

Desenvolvo um pouco melhor esse encadeamento na terceira e última parte deste texto.

## COMO SE ARTICULAM OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA E A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA?

Não é incomum encontrarmos teses e dissertações com ótimos capítulos de discussão teórica e um bom estudo empírico que, no entanto, podem ser tratados como partes independentes, com pouca ligação entre si (a pergunta que podemos fazer, em alguns desses estudos, é: os capítulos teóricos são de fato necessários para a pesquisa empírica que se segue?).



O percurso que esbocei acima mostra que a problematização (ou seja, a complexificação do problema a partir de referências teóricas) deve reorientar a construção metodológica; a problematização formula perguntas que trazem indicações de onde buscar as respostas. Porém, o papel da construção teórica vai além da formulação de questões; a teoria incide nas indagações sobre o objeto e deve também se desdobrar em indicadores para a busca de respostas. Este movimento não é evidente, e consiste na *operacionalização dos conceitos-chave* que apoiam a problematização.

Ao desenvolver a construção de um determinado problema, as três dimensões discutidas anteriormente – sua natureza empírica, a inspiração trazida pela corrente de pensamento, o viés comunicacional – destacam aspectos e conceitos que são determinantes na formulação das indagações a serem feitas. São esses conceitos que temos que traduzir em *indicadores* – aspectos objetivos do objeto de estudo (da empiria) que podem ser apreendidos, que são passíveis de serem coletados na forma de dados através de alguns instrumentos.

Se eu quero falar da qualidade estética de um filme, com qualidade estética eu me refiro a quê? A quais aspectos? Se eu quero analisar a performance de um participante de um BBB, performance se refere a quais elementos de comportamento?

No exemplo que venho utilizando, uma pesquisa hipotética sobre a maneira como a *Folha de S. Paulo* e a revista *Carta Capital* traduzem e expressam a possível constituição da chapa Lula-Alckmin, conceitos como ideologia e enquadramento podem ser centrais (podem ser – essa é apenas uma das possibilidades). Tomando ideologia e enquadramento como conceitos operadores, temos que os traduzir em aspectos tangíveis do material a ser analisado. Se estamos falando da posição dos veículos, temos que trabalhar com aquilo que ele diz – nossa empiria, portanto, será o texto jornalístico. A ideologia *enquanto conceito operador* vai ser buscada em certos aspectos expressos

pelo texto: que tipo de interesse ele defende? Quais atores políticos e sociais aparecem e ganham centralidade? Que cenário passado ele rememora? Que expectativas de futuro ele traduz?

Operacionalizando o conceito de enquadramento, podemos perguntar: como o texto (a figura do narrador) se posiciona frente à questão? Como ele caracteriza (categoriza) a aliança? De onde ele fala (que lugar de fala ele assume), e a quem se dirige?

Essas são questões possíveis, num exercício rápido à guisa de ilustração (de novo lembrando que a construção efetiva de um projeto demandaria uma reflexão mais aprofundada).

Um último exemplo que posso recuperar aqui é o meu trabalho de tese, que teve como objeto de estudo o jornal *Estado de Minas*. A questão que orientou a pesquisa foi a longevidade e fidelidade de público obtidas pelo jornal ao longo de mais de 60 anos (no início de 1990, o EM ainda era um grande jornal). Um caminho possível seria refletir sobre as relações entre o jornal e a elite política mineira, relações estreitas que permaneciam ao longo de diferentes governos e partidos no poder. Esse viés, no entanto, explicaria a permanência, mas não necessariamente a adesão dos leitores. Assim, tomei como questões norteadoras a relação e convocação de públicos, levando em conta tendências e gostos de seu leitorado. Tais questões me levaram a falar sobre cultura, sociabilidade, identidade, linguagem – e por aí cheguei à noção de mineiridade. Essa construção teórica orientou o caminho metodológico: fui analisar a linguagem do jornal, inclusive aproximando-a da linguagem dos “causos” mineiros; recompor as diferentes narrativas que atravessavam o jornal no tratamento de determinados acontecimentos; entrevistar jornalistas e leitores, buscando eixos de identificação, pontos de afinidade, aspectos de aproximação entre o tipo de cobertura do cotidiano feita pelo jornal e a expectativa dos leitores.

Naturalmente, trata-se aqui de um resumo esquemático, e meu objetivo não foi apresentar a pesquisa, mas destacar que sem o caminho teórico que percorri, sem falar de cultura, sociabilidade, mineiridade, eu não teria ido para os lugares que fui, e aos resultados que encontrei. A orientação de Michel Maffesoli, suas reflexões em torno de sociabilidade, pregnância, comunhão simbólica, foram decisivas no desdobramento metodológico da pesquisa, nas questões que formulei e no tipo de dados que fui buscar.

Com esses poucos exemplos, concluo então minha discussão a propósito da questão proposta (uma teoria da pesquisa): a *metodologia é uma extensão prática (um desdobramento) da reflexão teórica que, estimulada por um problema sensível (uma ocorrência), fundamenta a construção de nosso objeto de pesquisa, sua problematização*. Assim, são as perguntas formuladas pela problematização e o desdobramento dos conceitos-operadores na forma de indicadores que fazem a mediação entre teoria e metodologia. Objetos empíricos convocam conceitos; conceitos se traduzem em operações de leitura desses mesmos objetos, agora tensionados e indagados por nossos métodos investigativos.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Um conhecimento aforístico. **Questões transversais**, São Leopoldo, v. 2, n. 3, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/8554>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANÇA, Vera. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 153-174.

GOMES, Itania. Estabilidade em fluxo: uma análise cultura do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: GOMES, Itania. (org.). **Análise do telejornalismo**. Desafios teórico-metodológicos. Salvador: Edufba, 2012.

KAYSER, Jacques. **El diario francés**. Barcelona: A.T.E. Alicante, 1974.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Imprensa e capitalismo**. São Paulo, Kairós, 1984.

MARCONDES FILHO, Ciro. A questão da comunicação. **Paulus. Revista de Comunicação da Fapcom**, v. 3, p.17-28, 2019.

# 13

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

**O LUGAR ESTRATÉGICO  
DAS METODOLOGIAS  
NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.13

## A METODOLOGIA E O LUGAR DA PESQUISA NA UNIVERSIDADE

O Censo de Educação Superior realizado pelo Inep/MEC em 2019, último ano sem pandemia, certificou a existência de 2608 Instituições de Ensino Superior no Brasil<sup>55</sup>. Nesse conjunto 2.306 são instituições privadas, que correspondem a 88,4% do total. Nas instituições públicas, 36,5% são Institutos Federais e 63,5%, universidades, que somam 302 instituições. É importante destacar que a pesquisa e a produção de conhecimento estratégico estão concentradas nas universidades e institutos públicos; nas instituições particulares, com exceção de algumas confessionais, o trabalho acadêmico é de caráter instrumental, técnico escolar, mercadológico, instrucional mecânico, memorizado, distante da produção de conhecimento estratégico.

Cabe assinalar que, não obstante o destaque das instituições públicas, as características de formação *positivista*, *instrumental*, *meccanicista* e *repetitiva* também fazem parte da cultura universitária pública. Aliás, os programas, cursos e núcleos de excelência são uma minoria no conjunto de universidades e institutos federais, estaduais e municipais. Nessa realidade, o *logos* problematizador dos modelos, paradigmas, configurações, estruturas, conjuntos metodológicos é restrito; de fato, a problematização dos métodos e das metodologias dificilmente são encontrados em projetos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão. O costume acadêmico legitimado considera suficiente a adoção, seguimento e reprodução de propostas metodológicas, em especial aquelas produzidas no Norte anglo-saxônico. A metodologia, nessa linha, é ensinada como um conjunto de receitas, fórmulas, modelos e esquemas prontos para aplicar a qualquer

55 Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Notas\\_Estatisticas\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf). Acesso em 24 abr. 2022.

problemática que se encaixe em determinada área ou especialização. No caso das ciências da comunicação, é gritante em nível de graduação a fraqueza do ensino metodológico; as receitas se repetem de modo fácil, superficial, instrumental e acomodado; os projetos suscitadores, renovadores, experimentais e rigorosos são obstaculizados, e sua realização é pouco fomentada no contexto universitário.

Apesar disso, a realidade dos *brazis* e dos trópicos é complexa e possui culturais profundamente imaginativas, poéticas, artísticas, [in] disciplinadas, [trans]subjetivas, fecundas, ecológicas e transcendentais; por essa fortaleza cultural e histórica, os formalismos põem ser superados, as culturas ministeriais e burro-cráticas desconstruídas, as experimentações geradas, as alternativas ensaiadas, os pensamentos livres produzidos, as estratégias e táticas metodológicas fecundas praticadas. Há culturas científicas emergentes, críticas, resistentes, renovadoras, solidárias e produtivas, que fluem independentemente do grau de dificuldades e obstáculos impostos; de fato, são uma necessidade criativa existencial da espécie humana no seu devir por inventar *novos mundos*. Na nossa trajetória já são centenas de milhares de anos desde que iniciamos o êxodo exploratório pelo planeta; nessa caminhada, o que temos feito em termos de conhecimento, invenções, transformações, reformulações, arranjos é algo que, nas diversas épocas, *a priori*, considerava-se *impossível*; a partir dessa experiência, a filosofia da práxis nos orienta no sentido de sermos *realistas e projetar o impossível*.

Há grupos de pesquisa, núcleos, centros, observatórios, equipes e indivíduos, nas universidades, que exercem sua *cidadania científica* em parâmetros transformadores da produção de conhecimento, da pesquisa e de invenções [eco]socialmente relevantes; de fato, são uma minoria, mas uma expressão qualitativa que supera o conformismo neocolonial dos ativistas e reprodutores do marketing anglo-saxônico instrumental. Esse setor crítico garante o sentido epistemológico da metodologia como invenção, como experimento mental fecundo e

realista, como compromisso ético/intelectual com as pessoas, a sociedade, a natureza, o viver em plenitude; ao confrontar, resistir e superar a lógica metodológica reprodutiva das receitas de sucesso nos centros de poder transnacional.

De modo que o mundo universitário das metodologias é heterogêneo apesar da preponderância positivista; e nos atuais devires da humanidade, a despeito da hegemonia do capital cognitivo e da financeirização, as correntes inventivas e subversivas se fortalecem, há sabedorias e conhecimentos que construíram barreiras culturais e epistemológicas profundas contra a escravidão, a exploração, o supremacismo, o racismo, o colonialismo, o patriarcalismo, o autoritarismo e a barbárie. As pretensões absolutistas de uma *ciência neutra, total, absoluta e única* hoje são vigorosa e profundamente questionadas.

Ao pensar o lugar da pesquisa na universidade, observamos o quanto esse lugar é atacado, enfraquecido, diminuído pelas lógicas administrativas marqueteiras; com efeito, na última década constatou-se uma diminuição das horas de pesquisa reconhecidas às professoras e professores; outorgam-se grandes quantidades de dinheiro para projetos que interessam ao capital hegemônico; privilegia-se o exercício da gestão monetarista, avalia-se de acordo com as quantidades de dinheiro obtidas; favorecem-se as gestoras e gestores dos mercados educativos, em detrimento das(dos) pesquisadoras(es), pensadoras(es) em processos de geração de conhecimentos relevantes para as necessidades socioculturais, econômicas, educativas, ético/filosóficas das comunidades nas quais se atua. Essa lógica conservadora penetra em toda classe de universidades e procura instaurar o funcionamento da lógica do capital até nas instituições públicas; de fato, os modelos empresariais sistêmicos de gestão, poder, cultura política e produção são introduzidos nos laboratórios, nas salas de aula, nos grupos, nas linhas, nos afazeres cotidianos.



Na atual conjuntura brasileira, latino-americana e mundial, a lógica de confrontação fomentada pelo poder decadente transnacional face às propostas e às realidades de *alternativas de mundo*, de modos e formas de viver, de concepções cosmológicas, é preponderante. Com efeito, neste século os conflitos, contradições e reconstruções proliferam, e anunciam transformações significativas de ordem cultural, sociológica, política e econômica. Nesta fase histórica, os sentidos sobre a vida, o meio ambiente, as sexualidades, as inter-relações geopolíticas, a existência humana na sua complexidade, todas e todos, são questionados. Continuamente, emergem indicadores de que estamos em uma fase de transformação civilizacional. Nesse mundo, as metodologias de trabalho científico nas universidades não estão, nem podem estar, fora desses [macro] condicionamentos, muito pelo contrário, têm que introduzir esses componentes de contextos nas suas problematizações e formulações. São evidentes os privilégios outorgados aos campos científicos que geram bilhões de dólares para indústria de armamentos, a indústria farmacêutica, a indústria extrativista, a indústria da informação controladora e maximizadora de condições de trabalho e de vida adversos para a maioria da humanidade. Simultaneamente, nesse mundo de investimentos bilionários, manifestam-se as carências das áreas humanas e sociais, que resultam escandalosas; de fato, neste último sexênio no Brasil são constantes as tentativas de destruir as instituições e modelos de educação democrática, livre e responsável.

No campo das ciências da comunicação, apesar do entusiasmo dos *materialistas vulgares*, trabalha-se com seres humanos e com a sua complexidade simbólica, cultural, sociológica, histórica, cosmológica, tecnológica, artística, psíquica e inventiva. Esses seres humanos têm inventado comunidades de pertença, de afetos, de agires, de sentimentos, de produção, de trabalho, de invenção, de entretenimento e de destruição. A comunicação pesquisa e pensa as *dimensões de encontro*, de inter-relação, de compartilhamento, de junção, de produção de sentidos, de *sentipensares comunieducativos* existenciais.

O lugar da pesquisa e da metodologia nas universidades precisa de estratégias, políticas, planos e projetos que privilegiem, favoreçam, valorizem a investigação crítica/inventiva e suas lógicas; é necessário situar a *produção de conhecimento como o núcleo estratégico articulador dos afazeres institucionais*; lamentavelmente, esse lugar de reconhecimento e valorização, no geral, é outorgado só às áreas consideradas rentáveis para o sistema. A investigação científica, e a necessária e consequente produção de metodologias, há que situá-las dentro de todos os afazeres pedagógicos da vida universitária. Não é possível realizar processos educativos fecundos com a ausência de pesquisa nessas atividades; aprender, conhecer, estudar, experimentar, refletir, trabalhar intelectualmente, tudo necessita da pesquisa. Por conseguinte, há que introduzir a investigação em todos os afazeres acadêmicos; desse modo, a cultura de escolarização mecanicista, bancária, formal, esquemática, repetitiva e reprodutiva será profundamente questionada. Saber fazer, hoje mais que nunca, precisa do *saber pensar*, caso contrário o *meccanicismo informático digital* terminará produzindo sociedades de autômatos, funcionais às lógicas da perversidade, da competitividade, do egocentrismo narcisista, da monetarização generalizada, produtora de miséria, destruição, neocolonialismo, poluição, violência e exclusões.

## AS MÚLTIPLAS INCIDÊNCIAS DAS METODOLOGIAS

Nos primórdios da humanidade, quando nossos antepassados tiveram que sair do Sudeste da África, os melhores exploradores, vigorosos e treinados na observação do *espaço/tempo* tiveram que realizar *pesquisas exploratórias*; ainda não sistematizadas em modelos lógicos sofisticados, mas eficientes, concretas, objetivas e vinculadas com a necessidade de conhecimento de *novos mundos* (territórios), que

foram explorados, experimentados, reconhecidos e selecionados para existir, ou descartados. A vida em comunidades, cada vez maiores e mais complexas, gerou a necessidade de pensar a vida social, as relações socioculturais, a divisão do trabalho, as sexualidades, os modos de existência; e, para isso, foi necessário inventar as *linguagens articuladas*, tecnologias poderosas de transformação da vida e do mundo. O nosso cérebro complexo, com seus aproximados 86 bilhões de neurônios no encéfalo, e 16 bilhões no córtex (HERCULANO-HOUZEL, 2017, p. 118-119), depois de milhões de anos de evolução, configurou uma potência corporal criativa esplêndida; essa potência precisou ir desenvolvendo modos e formas de comunicação cada vez mais sofisticados para existir. A evolução apresentou desafios, não foi um ato voluntário, porém também não foi um fato acidental, teve convergências ecológicas, de espécie em transformação, de necessidades básicas de sobrevivência que se combinaram.

Esse trecho de trajetória histórica serve como preâmbulo para expressar que as metodologias *incidem sobre a vida*; como espécie, fomos desafiados a resolver problemas cada vez mais complexos, tivemos que inventar como espécie caminhos de exploração, procedimentos, planos, rotinas, mapas, representações, signos, argumentos, fórmulas, equações, matrizes, quadros de análise, leituras, observações, testes, experimentos. As experimentações com plantas serviram para melhorar nossa alimentação, a cultura gastronômica precedeu parte da medicina, os alquimistas surgiram; o fogo artificial teve que ser processado mediante métodos concretos que permitiram uma alimentação melhor, o controle do frio, as armas de defesa. A organização cada vez mais complexa do trabalho social levou à produção de excedentes, à formação de grupos especializados em *pensar*. Os conhecimentos físico/matemáticos explodiram, as linguagens para sistematizá-los e trabalhá-los foram formuladas; a observação dos cosmos foi necessária, e permitiu uma melhor organização dos ciclos anuais de existência, a formulação da geometria, o desenvolvimento de rotas de navegação

e de transporte. A observação sistemática da natureza, dos cosmos, dos ciclos, do comportamento da natureza fez possível formular a economia, ela precisou dos cálculos, dos modelos, de códigos eficientes para trabalhar grandes quantidades; os avanços econômicos pressionaram para a construção de ambientes artificiais de circulação, como as redes de canais de água, as estradas, as pontes, as barragens, as pirâmides, os prédios. Para tudo isso, foi preciso inventar procedimentos, lógicas, programas, planos, projetos, em síntese, *metodologias*.

O *positivismo*, o *neocolonialismo* e o *unilateralismo*, *prepotentes*, supõem que a ciência é produto da Europa ocidental e dos EUA; seu *supremacismo* e seu *racismo neocoloniais* os levam a um *logocentrismo autoritário e excludente*. Em alternativa a esse modelo epistemológico, hoje, com a inter-relação planetária ampliada e qualificada nas redes de cooperação das comunidades de pesquisa e de pensamento crítico, é factível vislumbrar, compreender e desconstruir esse *totalitarismo metodológico*. De fato, oblitera-se que invenções transcendentais e relevantes têm acontecido em todos os continentes, em todas as culturas; a propósito, a produção de conhecimento tem sido gerada por múltiplos caminhos, procedimentos, sistematizações, saberes e experiências; o que tem brindado resultados alentadores para o conjunto da humanidade. Nesse sentido, *transmetodológico*, uma ruptura epistemológica necessária e pertinente, para confrontar a hegemonia burocrática marqueteira *monetarista*, é fortalecer a *pesquisa metodológica científica* mediante a formulação de planos, programas, cursos e projetos que incluam na sua estrutura a problematização metodológica de todo processo. É necessário questionar e desconstruir a ideia acomodada de que o método está aprontado, e é só aplicá-lo; o desafio central metodológico é produzir, formular, montar, construir um método pertinente, consistente, adequado e fecundo para cada projeto de pesquisa (BACHELARD, 1983; CASSIRER, 1968; SARTRE, 2011 ; BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2003; WALLERSTEIN, 1996).

A *ciência oficial* (KUHN, 1987), *escolar* e *ortodoxa* qualificaria esta proposta como de radicalismo metodológico; dispersão de recursos, esforços e atividades. Aliás, o que interessa para os poderes conservadores na academia é a reprodução competitiva dos ativismos dinâmicos e tautológicos. É paradoxal e trágico constatar como talentos, valores, potências e inventividade são enquadrados num intenso ativismo de reprodução de receitas, modas, objetivos, enquadramentos e procedimentos sem importância estratégica para a transformação de nossas *formações sociais anacrônicas*. Com efeito, nesta fase pandêmica, a força do *positivismo anglo-saxônico* adquiriu poderes ampliados no campo acadêmico brasileiro ao promover dependências, subjugações neocoloniais, modelos de trabalho através de seus financiamentos, costumes e condicionamentos pragmáticos. Para isso, aproveitaram-se das políticas de desmantelamento das universidades, dos institutos de pesquisa, dos projetos estratégicos de pesquisa crítica. Ao retirar recursos das agências brasileiras de fomento à pesquisa, a perversa lógica da dependência atuou eficientemente, obrigando para sobreviver a aceitar políticas e recursos dos centros de poder transnacional.

A realidade investigativa desafia a cada comunidade investigativa, a cada colega, a cada grupo, a cada equipe. As sujeitas e sujeitos individuais, assim como as sujeitas e os sujeitos coletivos, quando iniciam um processo investigativo, têm como desafio crucial de seu trabalho e inventividade produzir uma estratégia renovadora, fortalecedora, construtiva e suscitadora de combinações metodológicas. Em cada projeto com aspirações científicas a pesquisa teórica, metodológica, exploratória, epistemológica, histórica, empírica, documental, de dados e contextual são necessárias. A fragmentação não é uma alternativa fecunda, ela é castradora do pensamento, a inter-relação de procedimentos complexos, em arranjos metodológicos vigorosos, é imprescindível. Assim, a incidência inventiva da metodologia torna-se potente, orientadora dos processos, organizadora do pensamento e da ação.

Com efeito, as metodologias, quando são produzidas e formuladas nas investigações, têm uma qualidade de transformação abrangente; não se restringem à dimensão metodológica, elas adquirem um caráter *transmetodológico* que as dota de qualidades epistemológicas capazes de avaliar, pensar, analisar, inventar, vislumbrar; desconstruir e reconstruir concepções, argumentos, fórmulas, modelos e matrizes, capazes de afetar o conjunto da investigação em todos os seus níveis (técnico, metódico, teórico e epistemológico). A metodologia, quando é problematizada e construída, gera um discurso *metametodológico* que transcende a dimensão metódica e condiciona o conjunto da pesquisa. A sua incidência é tão poderosa que, como muito bem demonstrou Bachelard (1983), ela define a *objetividade da investigação*, dado que permite, robustece e inventa inter-relações densas, consistentes, amplas, flexíveis, profundas e potentes entre pensamento e mundo. O mundo é incorporado mediante discursos, estratégias, procedimentos, produtos, técnicas e argumentos à dimensão científica, que aprende do mundo e, ao mesmo tempo, o transcende.

A problematização metodológica incide sobre o processo de *ascendência ao concreto*, e à sua complexidade, e conforme Marx (1977) o trabalho de produção de conhecimento precisa de aproximações sistemáticas, sucessivas, simultâneas, inventivas ao *concreto complexo*; desse modo ascendemos a níveis de conhecimento e de produção científica cada vez mais fecundos. Não é, como a burocracia acadêmica supõe, que devemos “*descer para o campo*”; pelo contrário, *ascendemos ao concreto* multifacetado, contraditório, múltiplo, dinâmico, paradoxal, diverso, multiforme, intrincado e desafiador. Nesse sentido, a metodologia problematizada nos permite superar as indolências empiristas, que supõem que as relações estruturais, os processos constituintes, os componentes, as dinâmicas dos *objetos* se apresentam diretamente aos sentidos. Esse *sensualismo desleixado* afeta ampla e profundamente a qualidade da pesquisa em diversos setores das universidades; no caso das privadas,

combina-se com um instrumentalismo superficial e um pragmatismo utilitarista, que se expressam de modo redutor na realidade econômica, social, cultural e política do país. Com efeito, a maior parte das instituições de ensino superior “formam” *analfabetos metodológicos*, profissionais medíocres, sem possibilidades básicas de apresentar consistência estratégica, alternativas de procedimentos, opções de experimentação, argumentos renovadores, soluções concretas e potentes aos problemas econômicos, sociais e políticos do país.

As carências metodológicas incidem sobre o conjunto do processo educativo, formativo, profissionalizante; as universidades passam a formar técnicos instrumentais, nem sequer conseguem formar *tecnólogos*, dado que essa condição suporia uma capacidade e uma competência de produzir *pensamento renovador*. As atividades educativas que privilegiam a pesquisa, a experimentação, a invenção, a observação sistemática e participante na realidade são desvalorizadas. Promove-se a *repetição* de normas, fórmulas, estilos, modas, jogos discursivos, culturas mediocrizantes. Para confrontar e superar esses condicionamentos estruturais universitários, é necessário promover uma linha epistemológica *heurística*, que fomente, fortaleça e desenvolva a capacidade de produzir conhecimento e sabedorias pelas pessoas. A realidade atual, de preguiça intelectual e fomento do ativismo universitário, gera frustrações, limitações, deformações e condicionamentos que pouco beneficiam estudantes, professores, coletivos e faculdades (MALDONADO, 2019, 2015, 2014).

O trabalho metodológico, se assumido de modo dialético crítico, permite compreender em profundidade as lógicas e os condicionamentos do *poder hegemônico estrutural*; dada a força cognitiva, cultural, sociopolítica e ética que a estruturação de *lógicas renovadoras* implica. Já em finais do século 18, os *iluministas* argumentavam e desenhavam propostas macroestruturais de transformação das sociedades, continuando os *positivistas* juntaram os avanços dos campos científicos a

proposições fortes sobre o *progresso*; o resultado foi uma transformação acelerada, intensa, controlada e produtivista do mundo. A *lógica do capital* articulou os avanços científicos no seu proveito, mostrou que tinha uma faceta civilizatória consistente e invadiu o mundo; tornou-se *discurso único, total, avassalador, abrangente, vigoroso, eficiente*.

O aprendizado das metodologias cartesianas e *positivistas*, de seus procedimentos e estratégias, que ofereceram resultados objetivos importantes para a construção do mundo industrializado, modernizado, impregnado por tecnologias produtivistas fascinou a humanidade; o slogan *ordem e progresso* parecia sintetizar um modo geral de vida boa. Os discursos que promoviam, fomentavam, defendiam e louvavam essa proposta civilizacional tornaram-se preponderantes, dominantes com ampla acolhida nas formações sociais que tinham alcançado níveis aceitáveis de desenvolvimento humano. Entretanto, na realidade complexa e contraditória, o planeta, a natureza, as diversas formas de vida alternativas ao modelo modernizante do capital iam sendo atacadas, afetadas, prejudicadas, em muitos casos destruídas. O colonialismo renascentista deu passo ao neocolonialismo do capital (racista, xenófobo, supremacista, excludente, violento), os discursos da ciência oficial diminuía, obliteravam ou distorciam essas verdades. O discurso da ciência “neutra”, “boa”, “única”, foi sendo questionado pouco a pouco; nas ciências políticas surgiram vertentes críticas, primeiro utópicas e depois científicas, que desconstruíram sistemática, profunda e consistentemente a lógica do unilateralismo. Nessa linha emergiram a *economia política*; a *geopolítica*; a *história crítica*; as *antropologias decoloniais*; as *teorias críticas*, as *sociologias do Sul*; as *epistemologias alternativas*; e um conjunto importante de áreas e campos, além dos estreitos enquadramentos da disciplinaridade, abriram os horizontes metodológicos suscitadores, fecundos e renovadores (WINKIN, 1994; PIKETTY, 2014; SANTOS, 2019; MARTÍN-BARBERO, 2018; DOWBOR, 2020).



Assim as *múltiplas incidências metodológicas* têm sido fruto de avanços expressivos na compreensão do trabalho científico, que deixou de ser concebido unilateral e totalitariamente (*positivismo*). A crítica epistemológica das concepções, dos modelos, das matrizes, das estratégias, dos procedimentos, dos valores, das técnicas, das práticas, das políticas e das estruturações científicas abriu dimensões de complexidade, diversidade, alternatividade, ruptura, combinações e redesenhos importantíssimos (GORTARI, 1956; JAPIASSU, 1988). Na atualidade não há campo científico de ponta, relevante, que atue de modo ortodoxo; a transdisciplinaridade tornou-se indispensável para inventar e proceder nas ciências biológicas, nas ciências físicas, nas ciências humanas, no conjunto das ciências. Essa interdisciplinaridade inicial e a posterior transdisciplinaridade complexa demandaram combinações metodológicas vigorosas, consistentes, suscitadoras e renovadoras da vida científica contemporânea (WALLERSTEIN, *et al.*, 1996).

## INCIDÊNCIAS METODOLÓGICAS NO CAMPO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

As necessidades históricas de produzir conhecimento sistemático, estratégico, pragmático, eficiente, investigativo, tecnológico, rigoroso, produtivo e funcional adquiriram uma importância crucial no século 20. De fato, as demandas sistêmicas de funcionamento dos sistemas de meios industriais, a dinamização dos mercados de bens simbólicos e materiais, e a reconfiguração de formas e modos de comunicação nas sociedades urbanizadas, modernas, sustentaram a conformação de áreas de pensamento técnico/profissional funcionais aos requerimentos econômico-políticos das formações sociais. Surgiram as áreas de *Relações Públicas*; *Publicidade*; *Jornalismo Industrial*; *Produção Radiofônica*; *Produção Audiovisual* em interdependência com as necessidades políticas, socioculturais e econômicas dos países capitalistas.

A dinamização da circulação do capital precisa de uma indústria publicitária eficiente, penetrante, permanente e controlada. O funcionamento do modelo *democrático restrito representativo* necessita de processos de produção de propaganda industrializados, que permitam a fabricação do *consenso* (a ideia de que o modelo liberal é o único democrático), e do controle social das populações (DOWBOR, 2020). A configuração de *culturas urbanas* que impregnem *estilos de vida, modos de relacionamento, valores socioeconômicos, costumes cotidianos, hábitos de consumo, preferências culturais, enquadramentos musicais, gostos simbólicos e afetos existenciais de longa duração* requerem, para sua estruturação e funcionamento vigoroso, de *sistemas midiáticos industriais* de ampla e profunda penetração (MONSIVÁIS, 2000).

Durante o século 20, os desafios de conhecimento sobre o amplo campo da *Comunicação* aumentaram e tornaram-se mais complexos. Foi necessário instituir áreas de pesquisa, metodologias adequadas aos objetivos dessas áreas, e culturas acadêmicas, institucionais e empresariais que promovessem essas investigações. De modo claro, forte e eficiente, vai ser a formação social estadunidense, a mais avançada e potente no âmbito capitalista mundial, aquela que demandará e constituirá os núcleos, os grupos, as escolas, as vertentes, os modelos e as propostas de trabalho investigativo científico em comunicação (*American Communications Research*) (WOLF, 1995; RODRIGO ALSINA, 1989). A realidade histórica que tornou os EUA a vanguarda das concepções *positivistas* e *iluministas*, formando seu Estado e sua formação social em bases acompanhadas por *fortalezas de conhecimento*, que contribuíram decisivamente para que se transformasse na grande potência mundial a partir de 1918.

O apoio e fomento das investigações tecnológicas estabeleceu-se na cultura estadunidense desde antes que o país existisse em termos formais; de fato, as vanguardas e elites que dirigiram a revolução de 1776 foram formadas e estavam inspiradas nas concepções

iluministas e *positivistas*. Em poucas décadas, as 13 colônias iniciais que ocupavam a região litoral do Atlântico Norte se expandiram de modo avassalador, invadindo os territórios indígenas do Oeste e furtando quase a metade do território mexicano em 1848. Nessa época de conquista, século 19, simultaneamente, introduziram na vida econômica e social os avanços tecnológicos mais sofisticados e funcionais; fomentaram as invenções necessárias para a expansão industrial, foram produtores de um número importante de inventos tecnológicos, e na área da comunicação instituíram os grandes jornais industrializados com centenas de milhares de exemplares por dia; conseqüentemente, geraram uma série de profissões necessárias para o funcionamento eficiente desses meios; em termos comunicacionais, reformularam os modos e estilos de produção discursiva, tanto jornalística quanto publicitária e de propaganda. Essa intensidade transformadora, que por uma parte provocou o genocídio dos povos originais, invadiu países e conviveu com a escravatura, paradoxalmente contribuiu de modo estratégico para os descobrimentos comunicacionais e o fortalecimento da pesquisa em comunicação.

*A invenção da comunicação* (MATTELART, 1996) *multitecnológica* dos sistemas midiáticos industriais incentivou e fortaleceu a produção de *metodologias* adequadas para acompanhar, observar, estudar, analisar, planejar, programar, compreender e reformular os processos de produção comunicativa na esfera industrializada, midiaticizada e capitalizada do século 20. Quer dizer, em termos de Marx (1977, p. 228-241), que as novas metodologias na área da comunicação surgiram como uma necessidade histórica, sistêmica, tecnológica para o funcionamento das sociedades. Não foi por acaso, ou uma inspiração individual por capricho intelectual; foram as condições históricas complexas de expansão do *modo de produção capitalista*, e de seus centros de poder transnacional, que promoveram e fizeram possível esse surgimento e expansão (MATTELART, 1996).

A invenção dos suportes tecnológicos midiáticos *telégrafo, fotografia, rádio, impressão em série, cinema e televisão* demandou a produção de procedimentos metodológicos e compreensões particulares e pertinentes. Essas lógicas e esses saberes, apesar de terem sido constituídos e funcionar nos enquadramentos *positivistas e funcionalistas*, contribuíram significativamente para a conformação do campo científico em ciências da comunicação; e mostraram a profunda imbricação entre *metodologias científicas* e processos de transformação sociocultural, econômica e política. Sem a produção de *metodologias estruturais funcionalistas*, o *império estadunidense* não teria se consolidado; basta estudar, pesquisar e acompanhar o funcionamento das indústrias cinematográficas, televisivas, radiofônicas, de agências de notícias, de publicidade, de relações públicas e marketing, de *comunicação e informação digital* para compreender essa força hegemônica.

O poder econômico, militar, político e cultural do *modelo de vida estadunidense* (CHOMSKY, 2004) (“*American way of life*”) tem nos sistemas midiáticos um componente necessário, crucial, estratégico e indispensável de existência; todo esse complexo de estruturas e práticas precisa do desenho de metodologias particulares eficientes, de indiscutível poder. A crítica metodológica desse modelo hegemônico exige o conhecimento de suas lógicas, de suas concepções, de suas teorias, de seu funcionamento, de seus reconhecimentos e de sua potência; nesse sentido, é necessário lembrar que sua vigência, continuidade e fortaleza passam pela *cumplicidade dos públicos*, dos intelectuais, dos pesquisadores, dos professores, das elites e das populações afetadas.

Na conjuntura atual, inícios da terceira década do século 21, o *Império* mostra a continuidade de suas estratégias, modos, matrizes e discursos de expansão *neocolonial*; é triste observar no cotidiano midiático a força do *discurso único*, da *hipocrisia sistematizada* em retóricas que obliteram as causas, as realidades, as estruturas, as configurações, os objetivos, as estratégias e as concepções que sustentam a hegemonia contemporânea. O campo científico crítico

da comunicação tem um desafio estratégico na ação inventiva, capaz de desconstruir, desestruturar, analisar, prever, confrontar, compreender e superar o *modelo transnacional hegemônico* de vida na Terra (MATTELART; SÉNÉCAL, 2014; MATTELART; VITALIS, 2015). Nessa linha de produção de conhecimento, a crítica dos sistemas midiáticos, das retóricas, dos modelos discursivos, das culturas profissionais, das bases tecnológicas, das práticas comunicacionais, das estruturas de funcionamento, das produções simbólicas, das premissas analíticas e investigativas, requer de graus de consistência e complexidade extraordinários; dada a força, a persistência, a penetração, o reconhecimento, a sofisticação tecnológica e poder econômico/político do modelo oligárquico hegemônico.

Essa complexidade sistêmica incide de maneira forte nas condições de produção da pesquisa em comunicação. O *Mundo vigiado*, demonstrado por Mattelart (2009), é uma realidade que demanda e exige um conjunto de projetos integrados para acompanhar, compreender, atualizar e confrontar as atualizações do poder tecnológico, simbólico, militar das elites anacrônicas, seus Estados, suas empresas, seus sistemas de controle e espionagem. As transformações digitais concretizadas em plataformas, algoritmos, softwares, sistemas e aplicativos, requer na orientação de Silveira (2020) de pesquisa crítica concreta, real, empírico/teórica que explicita as lógicas, os mecanismos de poder, as concepções e as estruturas do poder transnacional digital. O dinamismo das transformações e inter-relações culturais mundiais situa o campo de conhecimento em comunicação num lugar estratégico de problematização, pesquisa, compreensão e ação política (MARTÍN-BARBERO, 2018; SANTOS, 2019; GARCÍA-CANCELINI, 2019; HALL, 2003; MATTELART; VITALIS, 2015). A fundamentação e conceitualização teórica da comunicação continua sendo um desafio constante, necessário e decisivo para a superação dos modismos, superficialismos, esquematismos, instrumentalismos e mecanicismos preponderantes nos fazeres intelectuais do campo. Em diálogo com as

propostas de Sodré (2017), Dussel (1974), Ianni (2000), Martín-Barbero (2018), Ver n (2004), Mattelart (1996; 2009), Wolf (1995), Santos (2019), González (2017); Galindo (1988); Monsiv is (2000), Sartre (2001), Galindo (1988), Bateson (1998), Eco (2003), Chomsky (2004), Foucault (1974), Castells (2013; 2009), Sfez (1994), Harvey (2014), Wallerstein (1996), Bourdieu; Chaboredon; Passeron (2003), Silverstone (2005), Bognoux (1999), Mattelart e Schmucler (1983), entre outros importantes pensadores; como também, em diálogo com as dezenas de coletivos teóricos, que contribuem com suas pesquisas   problematiza o teórica da comunica o,   possível, concreto e relevante fluir em *práxis teóricas transformadoras* renovadoras e fortalecedoras do campo. Nesses afazeres teóricos, a investiga o e reconstru o de metodologias teóricas   um aspecto central, decisivo, crítico, inventivo, básico para o progresso do conhecimento.

As metodologias de trabalho teórico permitem aproximar-se   teorias em profundidade, longe das ostenta es pedantes, entrar na suas lógicas, aprender nos seus conceitos (argumenta es), produzir empatia assumindo a perspectiva teórica em processo de aprendizagem; só depois de conhecer de modo consistente uma teoria   possível desconstruí-la, para a continua o reconstruir uma interpreta o crítica que incluí seus argumentos, lógicas e configura es conceituais com rigor, distanciamento e compromisso  tico/intelectual.

*A pesquisa das metodologias*   uma atividade decisiva para a produ o de investiga es de excelência; ela requer um estudo sistemático dos modelos, dos paradigmas, das propostas, dos projetos, das realiza es concretas geradas por essas estruturas teórico-metodológicas.   necessário, em primeiro lugar, entrar na concep o epistemológica de cada modelo, proposta, projeto; há que compreender e fluir juntos, em perspectiva empática, com cada concep o em processo de conhecimento, de diálogo e de confronta o. S  a entrada responsável, criteriosa, organizada, crítica e respeitosa dos modelos e propostas metodológicas concretas permite aprender, conhecer,

reproduzir (reflexiva e criticamente) a concepção. Essa dimensão teórica/conceptual/epistemológica das metodologias é descuidada, obliterada, pouco compreendida em número expressivo de atividades de pesquisa universitária. Isso gera uma carência profunda e basilar nos projetos de investigação propostos e realizados, na maioria dos casos reproduzem mecanicamente esquemas, fórmulas, procedimentos, rituais, técnicas, sem *problematização metodológica*.

Na passagem do século 20 para o 21 formulamos o termo *pesquisa-da-pesquisa*, ou *investigação-da-investigação* orientados pelos ensinamentos epistemológicos de mestres como Gortari (1956), Japiassu (1988), Eco (2003), Mattelart (1996), Bourdieu; Chamboredon; Passeron (2003), Fuentes Navarro (2015), Lopes (2016), e, em especial, pelo trabalho de análise e desconstrução metodológica no núcleo de epistemologia na ECA-USP, entre 1991-1998. A experiência em *projetos integrados*, com a participação de vários grupos de pesquisa, de distintas universidades, em um mesmo projeto, foi esclarecedora e fortalecedora sobre a importância do diálogo, a confrontação, o aprendizado, a RECONSTRUÇÃO e formulação metodológicas. A *transdisciplinaridade* emergiu nos afazeres concretos de investigação; as pesquisadoras e pesquisadores de várias disciplinas tiveram que se deslocar, desaprender e reaprender, a partir do compromisso com a produção de conhecimento sobre *ficção seriada*. As linguistas, sociólogas, antropólogas, psicólogas, historiadoras, geógrafas, críticas de arte e demais pensadoras(es) disciplinares que participaram tiveram que se desestabilizar, deslocar-se de suas disciplinas de origem, complexificar-se, ouvir, aprender, refletir, reconstruir, reformular, inventar arranjos [in; inter; trans; pluri]disciplinares para pesquisar e pensar problemáticas de comunicação. O nosso campo mostra, a partir dos anos 1990, um processo fecundo, dinâmico e vigoroso de constituição de pesquisadoras e pesquisadores focados e centrados no campo de ciências da comunicação no Brasil. Com efeito, aconteceu uma *mudança* de ordem transdisciplinar, elas e eles deixaram

a comodidade institucional das disciplinas de origem para produzir, pensar e viver na comunicação.

De fato, o *espaço/tempo* universitário possibilita, permite e é adequado para o surgimento de transformações nas culturas investigativas, pedagógicas e de produção de conhecimento. Esse potencial, não obstante, precisa de agires de *ruptura*, de *mudança*, de *transformação*; requer compromisso ético/político/filosófico com processos de renovação. Nos casos assinalados, vai ter desafios de ordem institucional, coragem pessoal para assumir programaticamente o processo de mudança, inventividade cotidiana para fazer aquilo que ainda não foi feito, esforços intensos e contínuos para produzir o “impossível”.

É importante considerar nas incidências metodológicas o papel da *ciência oficial* (KHUN, 1987), o poder destrutivo dos burro-cratas, a perversidade das e dos representantes dos inúmeros conservadorismos de ordem funcional, ideológico e repressivo. Cultivar metodologias, fazer ciência em enquadramentos de preponderância conservadora, exige luta sistemática, paixão e amor pelo conhecimento. Nos contextos de *democracias restritas*, anacrônicas, ineficientes e concentradoras do poder e da riqueza, nos quais as(os) investigadoras(es) e pensadoras(es) temos que trabalhar, a produção de metodologias é uma necessidade, e um recurso, básica para a superação das atuais condições socioeconômicas, políticas e gerenciais de funcionamento da ciência. A formulação de metodologias situa-se, assim, como um exercício indispensável de *cidadania científica*; com efeito, as formações sociais deformadas que o *capitalismo selvagem contemporâneo* (DOWBOR, 2020; PIKETTY, 2014; HARVEY, 2014) produz, requerem para sua transformação do trabalho sistemático, renovador, rigoroso, liberador e fecundo das comunidades de cientistas, tecnólogos, estudantes e trabalhadores da ciência. Não é possível configurar novos modos de existência sociocultural, econômica e política, sem o concurso de comunidades científicas vigorosas, compromissadas, críticas e inventivas; a experiência humana dos últimos séculos assim o demonstra.



Na dimensão formativa, educativa, constituidora dos processos de ensino e aprendizagem, a incidência das metodologias é fundamental. Aprender, conhecer, estudar, produzir conhecimento exige pesquisar, investigar, indagar, explorar, experimentar, reconstruir em relação dinâmica como a realidade; para isso, o recurso mor inventado pela humanidade são as metodologias, como *mediações lógicas* orientadoras de processos que garantem mediante a formulação de suas problematizações *níveis de objetividade potentes*. Desse modo, as metodologias incidem sobre a dimensão teórica, ao problematizá-la e fundamentá-la em *interpenetração* com a dimensão empírica. Longe dos esquemas abstratos, de especulação pomposa, nossa perspectiva metodológica exige vigilância epistemológica, argumentação conceitual, estruturação consistente e pertinente de projetos, procedimentos, estratégias, táticas, trilhas, mapas, programas, problematizações férteis e críticas.

Nessa perspectiva, a *pesquisa educomunicativa* tem um papel crucial para o fortalecimento de *culturas* de produção de conhecimento transformador, concreto, útil, eficiente e renovador nas sociedades latino-americanas; para isso, é indispensável sistematizar os conhecimentos gerados no continente e no mundo na ótica educomunicativa para apropriar-se, aprender, reformular, desenhar novas alternativas educativas em vínculo transdisciplinar com o campo da comunicação. Nas nossas pesquisas, temos demonstrado (MALDONADO, 2013, 2014, 2015, 2019) a mudança civilizacional em curso, que tem como componente central as transformações *tecnocomunicativas*; o conhecimento, a apropriação e uso de suas potencialidades é requisito básico para a constituição e a estruturação de *novos modos de vida sociocultural e econômicos*. Nesse foco, é importante avançar e superar o *utilitarismo instrumentalista*, preponderante na realidade atual; como também o entusiasmo *consumista*, marqueteiro, que enquadra os processos comunicacionais, educativos e socioculturais no estreito mundo do capitalismo financeiro informacional contemporâneo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção epistemológica de [meta]metodologias é crucial para a vida, para o aperfeiçoamento dos processos educativos, para o fortalecimento dos campos científicos, para a configuração de formações sociais que garantam *vida em plenitude*.

A problemática do *conhecimento objetivo* tem nas metodologias uma sustentação que supera o empirismo abstrato positivista, e a especulação *tautista* negadora da categoria *verdade*; de fato, a formulação de problematizações situa essas versões do trabalho intelectual nas suas carências e distorções, e mostra a fortaleza do conhecimento filosófico científico *realista crítico* inventivo.

É necessário superar as versões formalistas, esquemáticas, restritivas, totalitárias e instrumentalistas de metodologias; nenhum receituário, por mais sofisticado que seja, é suficiente para enfrentar a problemática da produção de conhecimento. Toda pesquisa, por mais inicial e básica que seja, necessita montar uma proposta metodológica particular, enriquecida pelo conhecimento das alternativas metodológicas existentes e desestabilizada pelas demandas concretas do *problema/objeto* investigado.

A *Universidade* é um *espaço/tempo* que apresenta diversas potencialidades e condições de produção livre e fecunda de conhecimento estratégico crítico; há que propor, desenhar e desenvolver estratégias, e práticas, que aproveitem essa realidade para formular metodologias potentes, transformadoras, suscitadoras, construtoras de *novos mundos* e existências, em proveito da vida, do planeta e da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BATESON, Gregory. **Pasos hacia una ecología de la mente**. Buenos Aires: Lumen, 1998.
- BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da comunicação**, Bauru: Edusc, 1999.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **El oficio de sociólogo: presupuestos epistemológicos**. 5. ed. Madrid: Siglo XXI, 2003.
- CASSIRER, Ernst. **Antropología filosófica: introducción a una filosofía de la cultura**. 5. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **O império americano: hegemonia ou sobrevivência**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais**. São Paulo: Edições Sesc, 2020.
- DUSSEL, Enrique. **Método para una filosofía de la liberación latinoamericana**. Salamanca: Sígueme, 1974.
- DUSSEL, Enrique. **Introducción a una filosofía de la liberación latinoamericana**. México: Extemporáneos, 1977.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FORD, Aníbal. **Navegações: comunicação, cultura e crise**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- FUENTES, Raúl N. **Centralidad y marginalidad de la comunicación y su estudio**. Guadalajara-México: ITESO, 2015.
- GALINDO, Jesús. Lo cotidiano y lo social. La telenovela como texto y como pretexto. **Revista Estudios de las culturas contemporáneas**, v. 2, n. 4-5, 1988.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Ciudadanos remplazados por algoritmos**. Guadalajara: Ed. Universidad de Guadalajara, 2019.

GONZÁLEZ, A. Jorge. **Mais (+) cultura (s)**: Estudos sobre telenovela, comunicação, culturas populares e sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

GORTARI, Eli de. **Introducción a la lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/ Representação da UNESCO, 2003.

HARVEY, David. **Guía de El Capital de Marx** (Libro primero). Madrid: Akal, 2014.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **A vantagem humana**: como nosso cérebro se tornou superpoderoso. São Paulo: Companhia das Leras, 2017.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS/Inep. **Censo de Educação Superior (resultados 2020)**. Brasília/DF: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 17 fev. 2022.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LOPES, Maria Immacolata (org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil**: trajetórias autoreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica. *In*: OLIVEIRA, Gerson de Lima; SANTOS, Larissa Conceição dos; BONITO, Marco. **Comunicação em contexto de pesquisa**. Assis/SP: Unipampa, 2019. p. 183- 212.

MALDONADO, A. Efendy. **Epistemología de la comunicación**: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito: CIESPAL, 2015.

MALDONADO, A. Efendy. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**: processos receptivos, cidadania e dimensão digital. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. *In*: MALDONADO, A. Efendy,;

- BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins do (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca/ES: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013. p. 31- 57.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La palabra y la acción**: por una dialéctica de la liberación. Bogotá: Editorial PUJB, 2018.
- MARX, Karl. **Contribuição para a Crítica da Economia Política**. Lisboa: Estampa, 1977.
- MATTELART, Armand. **Un mundo vigilado**. Barcelona: Paidós, 2009.
- MATTELART, Armand. **A invenção da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2015.
- MATTELART, Armand; SÉNÉCAL, Michel. **Por una mirada mundo**: conversaciones con Michel Sénécal. Barcelona: Gedisa, 2014.
- MATTELART, Armand; SCHMUCLER, Héctor. **América Latina en la encrucijada telemática**. Buenos Aires/Barcelona: Paidós, 1983.
- MONSIVÁIS, Carlos. **Aires de familia**: cultura y sociedad en América Latina. Barcelona: Anagrama, 2000.
- PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- RODRIGO ALSINA, Miguel. **Los modelos de la comunicación**. Madrid: Tecnos, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica I**. Buenos Aires: Losada, 2011.
- SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Responsabilidade algorítmica, personalidade eletrônica e democracia. **Revista EPTIC**, v. 22, n. 2, p. 83- 96, maio-ago, 2020.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2004.
- VERÓN, Eliseo. **Ideologia, estrutura e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1977.

WALLERSTEIN, Immanuel *et al.* **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

WINKIN, Yves. **La nueva comunicación**. Barcelona: Kairós, 1994.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

# 14

Jiani Adriana Bonin

**A PESQUISA DA PESQUISA  
COMO PRÁTICA METODOLÓGICA  
NA CONSTRUÇÃO  
DE INVESTIGAÇÕES  
COMUNICACIONAIS**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.14

## INTRODUÇÃO

*O conhecimento em movimento é um modo de criação contínua; o antigo explica o novo e o assimila; e, vice-versa, o novo reforça o antigo e o reorganiza (BACHELARD, 2004, p. 15).*

A construção da pesquisa comunicacional contemporânea, compromissada com os problemas relevantes da realidade em que se insere, com as necessidades dos objetos de investigação e com o avanço do conhecimento do campo, é um ofício complexo e desafiante. Nosso labor investigativo realiza-se num contexto social caracterizado pelo agravamento de contradições vinculadas às dinâmicas do sistema capitalista na sua fase atual. O quadro é marcado pelas crises ecológica, sanitária e pelo aprofundamento da desigualdade social, entre outras contradições. No cenário comunicacional, vivenciamos o aprofundamento do processo de midiaticização, impulsionado pela digitalização vinculada às ordenações do capitalismo informacional, cujas lógicas vêm transformando o ecossistema comunicativo e as realidades sociais, trazendo novas possibilidades e fortes contradições, dinâmica que se amplificou ainda mais no contexto da pandemia da covid-19.

Como investigadores, somos demandados a contribuir para a compreensão crítica desta realidade e para a sua necessária transformação. Nossa pesquisa assume um caráter estratégico diante destes desafios e é chamada a fortalecer seu compromisso com a melhoria da sociedade onde se situa e com a emancipação humana.

Para dar conta da complexidade, da multidimensionalidade e da dinamicidade dos fenômenos comunicacionais contemporâneos, a produção de novas pesquisas, ao mesmo tempo em que precisa reformular e reinventar suas bases, não pode prescindir do diálogo com conhecimentos gerados nas investigações já produzidas no campo. Deve, entretanto, submeter estes conhecimentos à reflexão para, em confluência e em confrontação com este legado, operar a construção das novas investigações.



A *pesquisa da pesquisa*, uma modalidade de metapesquisa, debruça-se justamente sobre investigações produzidas num campo de conhecimentos com o objetivo de examinar suas contribuições, limites e obstáculos epistemológicos. Esta *práxis* metodológica traz vários aportes para o campo da pesquisa, como mostraremos neste capítulo.

Reconhecendo a necessidade de ampliar o debate sobre a pesquisa da pesquisa, propomos aqui contribuir para este desafio a partir de uma reflexão sobre o sentido epistêmico- metodológico desta modalidade investigativa e sobre seus processos de realização. Para isso, em nosso itinerário reflexivo, buscaremos inicialmente situar a pesquisa da pesquisa como *práxis* metodológica e indicar contribuições que ela pode dar ao fortalecimento do campo e das pesquisas em construção. Depois, iremos refletir sobre a especificidade dessa modalidade de investigação para, finalmente, examinarmos seus processos de construção e de realização concreta.

## A DIMENSÃO METODOLÓGICA E A PRÁXIS DA PESQUISA DA PESQUISA

Consideramos importante aclarar nossa compreensão da metodologia antes de tratarmos especificamente da pesquisa da pesquisa, dimensão na qual esta modalidade investigativa encontra seu lugar. Pensamos a metodologia como campo crucial da *práxis* construtiva da pesquisa, vinculada a um agir metodológico teoricamente informado e epistemologicamente refletido. Ela se materializa em processos, procedimentos, estratégias, táticas, fazeres e operações produtores do objeto do conhecimento.

Trabalhamos com a metodologia ao fazer pesquisa, e isso pode se dar de modo mais ou menos consciente no percurso investigativo.

O desafio é tornar o trabalho com esta dimensão consciente e reflexivo, já que ela configura o objeto e responde também pelo tipo de conhecimento que se produz, pelo seu alcance e por suas limitações<sup>56</sup>. É nessa linha que Lopes (1990) pensa a metodologia na pesquisa como plano da prática materializada em decisões e opções particulares realizadas ao longo de um processo de investigação; como lógica em ato que orienta a dinâmica real da investigação.

Lamentavelmente, em pesquisas do nosso campo, ainda constatamos a redução da dimensão metodológica à mera aplicação de métodos e procedimentos. Este modo de operar com a metodologia é expressivo da alienação no trabalho científico<sup>57</sup>: quando o sujeito epistêmico se priva (e, ou é privado) de refletir e dominar o processo de geração do conhecimento científico, está vivenciando formas de alienação do trabalho investigativo.

Neste sentido, são suscitadoras as propostas de Mills (1975) ao pensar o trabalho científico como um ofício artesanal em que o sujeito desenvolve o domínio do processo e do produto do trabalho. A reflexão do pesquisador recupera o sentido profundo do trabalho em sua relação com a vida e a formação do sujeito, como domínio que permite exercer as capacidades reflexivas, inventivas e criadoras do homem na produção do conhecimento. Em afinidade com estas concepções, concebemos a pesquisa como ofício artesanal assumido e trabalhado artificialmente pelo pesquisador nas suas múltiplas dimensões; como um caminhar construtivo/reflexivo empenhado na conquista do objeto, na ação nutrida pela reflexão epistemológica, como também nos convida a pensar Bachelard (2006, 2007).

56 Estas concepções são inspiradas na reflexão dos trabalhos de Bachelard (2006), Bourdieu *et al.* (1999), Mills (1975), Lopes (1990) e Maldonado (2006), entre outros.

57 Em *A nova classe média*, Mills (1951) discute a alienação do trabalho que se institui com o desenvolvimento do processo capitalista de produção. A divisão do trabalho significa que o indivíduo não domina do começo ao fim as operações implicadas neste trabalho; o processo torna-se invisível para ele, e a possibilidade de desenvolver e usar a razão individual é destruída com frequência pela racionalização formal da burocracia, – *a própria razão foi expropriada do trabalho e toda visão total e compreensão do seu processo*” (p. 243).

A dimensão metodológica é, portanto, articuladora dos processos de construção da pesquisa, tecendo-se em vínculo com suas outras dimensões (epistemológica, teórica, técnica) (LOPES, 1990). No trabalho com ela, construímos métodos, procedimentos, operações, lógicas, estratégias e táticas para gerar conhecimentos. O domínio reflexivo dos processos é fundamental para qualificar a pesquisa e suas descobertas. E o reconhecimento, a reconstrução e a reflexão relativos à elaboração metodológica de pesquisas já realizadas, que caracteriza a pesquisa da pesquisa como veremos mais adiante, é também um modo de aprender, entender e refletir sobre a metodologia na pesquisa.

Toda investigação que realizamos se situa no contexto de um campo de conhecimentos<sup>58</sup>, em nosso caso, o campo da comunicação. Esse campo tem uma história, com configurações institucionais e de produção dentro das quais foram sendo desenvolvidas pesquisas<sup>59</sup>. Temos, assim, um acervo de investigações já realizadas que não podemos ignorar. Com Bachelard (2006), aprendemos que o conhecimento é inacabado e se constrói em processos de diálogo com o conjunto de aquisições; que a ciência avança retificando e complementando estes conhecimentos. Por isso, cada nova pesquisa em construção deve esforçar-se para estabelecer relações produtivas com este legado a partir do diálogo crítico, da confrontação e da confluência com ele, a fim de qualificar sua construção.

Dizer que nossas pesquisas se desenvolvem no campo da comunicação não significa que não possamos dialogar com outros campos de saber. Entendemos que os objetos comunicacionais encerram complexidades que demandam considerar múltiplas perspectivas. Neste sentido, consideramos produtivo trabalhar numa

58 Uma noção sociológica de campo científico com a qual dialogamos é desenvolvida em Bourdieu (1983). Ela é retomada de maneira produtiva para pensar a institucionalização do campo de comunicação no Brasil por Romancini (2006) e Lopes (2008).

59 Para conhecer a trajetória de institucionalização do campo da comunicação no Brasil, vale consultar a tese de Richard Romancini (2006).

perspectiva transmetodológica (MALDONADO, 2013, 2015), que orienta a realização de cruzamentos inventivos de teorias, métodos, lógicas e procedimentos para dar conta da multidimensionalidade e complexidade destes objetos.

Esta orientação exige que realizemos, no trabalho investigativo, fortes investimentos investigativos em teorias, métodos e, também, pesquisas produzidas no campo. Como reflete Maldonado, a perspectiva transmetodológica “[...] se nutre da riqueza metodológica do passado, não rejeita seu valor nos limites e contextos nos quais foi enriquecedora e geradora de saberes; mas, ao mesmo tempo, estabelece seus obstáculos epistemológicos, carências e problemas metódicos” (2015, p. 721). É fundamental, portanto, para o fortalecimento das pesquisas do campo, investir na pesquisa da pesquisa, seja em projetos grupais, seja em investigações conduzidas individualmente.

A pesquisa da pesquisa oferece contribuições relevantes para o desenho de orientações estratégicas num campo científico: ao produzir um exame crítico das investigações e refletir sobre suas contribuições e carências, ela permite pensar âmbitos que devemos investir para qualificar nossas produções, visualizar linhas de investigação epistemológica, teórica, metodológica e temática que precisamos fortalecer. Realizada no âmbito de uma investigação em andamento, esta *práxis* subsidia o trabalho de construção, reformulação e reinvenção de teorias, métodos e procedimentos investigativos.

Na perspectiva transmetodológica, a pesquisa da pesquisa é também *práxis* produtiva para trabalhar a formação de pesquisadores. Dado que demanda o reconhecimento e a reflexão crítica dos componentes das pesquisas investigadas, sua realização potencializa a formação metodológica em perspectiva crítica e reflexiva. Como argumenta Maldonado (2015, p. 169-170),

[...] a transmetodologia indica a necessidade da realização de uma investigação metodológica em todo processo de ensino/aprendizagem; considera assim que não há métodos prontos, acabados, completos, simplesmente aplicáveis. [...] Só a problematização comprometida, consciente, organizada e reconstrutiva dos métodos tornará uma investigação e um processo educativo transformadores, e fortalecedores de culturas investigativas e educativas solidárias, inventivas e ecológicas.

Por isso, temos incluído a pesquisa da pesquisa como uma importante estratégia formativa em disciplinas de metodologia com as quais trabalhamos no mestrado e no doutorado em Ciências da Comunicação da Unisinos e nas dinâmicas educativas e de orientação que realizamos no âmbito do grupo de pesquisa no qual trabalhamos<sup>60</sup>.

## A PRÁXIS CONCRETA DA PESQUISA DA PESQUISA

Em nossa trajetória, temos realizado esforços para refletir sobre múltiplas *práxis* metodológicas que entendemos serem fundamentais no processo de produção transmetodológica artesanal de cada investigação, que incluem as pesquisas teórica, contextual, metodológica, empírica e a pesquisa da pesquisa (BONIN, 2009, 2011, 2013). São *práxis* que precisam ser trabalhadas em confluência e em confrontação, a fim de estimular a renovação inventiva de teorias, métodos e procedimentos.

60 O grupo de pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, mediação e recepção – PROCESSOCOM, em atividade desde 2002, trabalha na fundamentação, construção e sistematização de investigações científicas em Comunicação. Tem como linha central a formação de pesquisadores numa perspectiva transformadora e explora, em termos metodológicos, uma epistemologia crítica que busca articular sabedorias milenares com estratégias inovadoras para a resolução de problemas de relevância social histórica e política. Está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Mais informações podem ser obtidas em: <http://www.processocom.org/quem-somos/>

Mas o que entendemos por *pesquisa da pesquisa*? Nós a concebemos como uma investigação metodológica de pesquisas que examina e problematiza, de modo aprofundado e crítico, sua tessitura construtiva e seus resultados. Ela envolve trabalhar analiticamente em distintas dimensões e suas imbricações. Apontamos mais concretamente os seguintes eixos de trabalho analítico:

1) reconhecer/desconstruir/reconstruir os componentes arquitetônicos da pesquisa examinada e suas articulações: *problema/objeto, objetivos, justificativas, contextualizações, problematização teórica, estratégias metodológicas, análises descritiva e interpretativa e resultados*;

2) Observar e examinar o atravessamento das dimensões *epistemológica, teórica, metódica, técnica/procedimental* em cada componente analisado;

3) problematizar os componentes e dimensões da construção investigativa, buscando analisar sua construção e articulações, assim como contribuições, obstáculos epistemológicos e carências neles presentes.

O trabalho de pesquisa da pesquisa requer planejamento reflexivo de processos e procedimentos, entre os quais destacamos: a construção de objetivos e delimitações que orientam a seleção do *corpus* a investigar; a elaboração de um protocolo com a definição fundamentada de componentes e dimensões a examinar; a realização da pesquisa e o registro sistemático de seus resultados. Quando incluída como *práxis* metodológica componente da construção de uma pesquisa específica, sua realização demanda também trabalhar a apropriação de seus resultados para edificar a pesquisa em processo.

Na sequência, procuraremos explicitar e refletir sobre os processos de realização da pesquisa da pesquisa mencionados. Exploraremos sua relação com os labores metodológicos de *levantamento e mapeamento de investigações*, bem como suas distinções em relação a estas modalidades investigativas.

## MAPEAMENTO DE PESQUISAS, ESTADO DA ARTE E PESQUISA DA PESQUISA

A pesquisa da pesquisa pode abranger um conjunto mais amplo ou menor de investigações, a depender dos seus objetivos e de fatores como a disponibilidade de tempo do pesquisador, a modalidade de trabalho (se individual ou em equipe), entre outros. Falamos anteriormente que o campo da comunicação tem uma trajetória que permitiu a produção de um acervo de pesquisas que não devemos desprezar. No concreto de cada trabalho, teremos que produzir delimitações em relação ao acervo que nos interessa de acordo com os objetivos que delimitamos para a pesquisa da pesquisa. Para construir o *corpus* de pesquisas a serem analisadas, temos que percorrer um caminho que nos auxilie na tomada de decisões produtivas para cumprir os objetivos definidos.

Um labor metodológico que pode oferecer um subsídio fecundo para a escolha das investigações a serem estudadas no processo de pesquisa da pesquisa é a realização de um *mapeamento de pesquisas* sobre a temática de interesse. Esse levantamento permite localizar pesquisas sobre a temática e sistematizar seus resultados de maneira a produzir uma visualização de conjunto do que já foi pesquisado (dentro dos recortes que definimos para sua concretização).

Para realizar o mapeamento, precisamos circunscrever o campo de pesquisas que nos interessa. Necessitamos definir a temática, os contextos e os períodos das pesquisas que comporão nosso levantamento.

Em termos de contextos, podemos estar interessados em incluir pesquisas realizadas em âmbito nacional, regional, de instituições específicas, de linhas de pesquisa, de grupos de investigação e/ou ainda de âmbitos internacionais particulares. Estas definições vão estar

inter-relacionadas àquelas relativas aos locais de busca das produções a serem mapeadas.

Em relação às buscas, temos atualmente possibilidades de empreendê-las em bases de dados digitais, o que facilita o processo. Para mencionar alguns tipos de bases, temos bibliotecas digitais das universidades; bancos de dados de teses e dissertações; repositórios de textos de associações científicas, outros que reúnem a produção de revistas científicas, além daqueles que incluem produções internacionais. Para realizarmos escolhas produtivas, necessitamos conhecer as bases de dados que disponibilizam a produção em pesquisa de nosso campo, explorá-las, saber o que elas incluem (e excluem) para ter domínio em relação a tipos de produções que elas oferecem, de que contextos e cenários, de que períodos etc. Precisamos, ainda, experimentar as formas e opções de busca oferecidas em cada ambiente digital para operarmos com elas de modo proveitoso.

As buscas nesses espaços digitais são em geral realizadas a partir de palavras-chave (embora tenhamos outras opções, a depender dos repositórios). Como a localização das pesquisas depende dos termos com os quais elas estão vinculadas no sistema de busca, é importante definir um grupo de palavras-chave que explore diferentes possibilidades. Experimentá-las e testá-las é também uma ação importante.

Em relação a *períodos*, pode nos interessar uma abordagem historicamente mais abrangente ou, a depender do fenômeno que investigamos, dos objetivos que temos e do tempo disponível, pode ser estratégico circunscrever um período mais recente de tempo para estas buscas. Alguns bancos de dados permitem esta delimitação temporal nas buscas, o que facilita o processo de localização.

Em relação a estas delimitações, escolhas e decisões, é importante construir um caminho refletido, pensado estrategicamente para



as necessidades de cada investigação. Lembramos que o *corpus* mapeado será um construto produzido por todo este conjunto de opções. Efetuar registros dos processos, estratégias, táticas, opções, decisões e obstáculos da caminhada num diário de pesquisa é fundamental, assim como das reflexões epistemológicas sobre os mesmos<sup>61</sup>.

Localizadas as pesquisas, é preciso registrar os resultados para, então, produzir uma sistematização que forneça uma visão geral do conjunto das pesquisas encontradas. Depois, é produtivo construir um mapeamento qualitativo dos problemas/objeto investigados em torno da temática de interesse para subsidiar a construção da pesquisa para a qual este procedimento está sendo realizado – tipo de pesquisa que tem sido referida como *estado da arte*. Esse trabalho de observar, registrar e examinar o que foi pesquisado em torno da temática que nos interessa permite pensar sobre a relevância científica da proposta investigativa que desenvolvemos, ou seja, sobre como a pesquisa em processo pode contribuir para aprofundar o conhecimento em torno da questão que investigamos.

Mas que vínculos e/ou distinções estes trabalhos – mapeamento de pesquisas, estado da arte – têm com a *pesquisa da pesquisa*? Um primeiro ponto a destacar é que são tipos diferentes de investigação metodológica, que apresentam diferentes graus de aprofundamento analítico. A nosso ver, a pesquisa da pesquisa se distingue das demais abordagens por ser uma investigação metodológica mais aprofundada e crítica das pesquisas. Mas os resultados do mapeamento de pesquisas e do estado da arte são produtivos para ancorar a escolha das investigações que serão efetivamente convidadas a fazer parte da pesquisa da pesquisa.

<sup>61</sup> A este propósito, vale consultar as excelentes reflexões de Mills (1975) sobre o papel do diário de pesquisa como lugar de registro dos processos investigativos, de reflexão e de produção intelectual.

A partir de experiências de realização e orientação de pesquisas individuais, de mestrado e de doutorado, sabemos que o *corpus* possível de ser analisado numa pesquisa individual é limitado, dado o labor e o aprofundamento que este tipo de investigação exige. Neste caso, pensamos que é mais produtivo selecionar pesquisas que possam efetivamente contribuir para a qualificação da investigação para a qual foi está sendo realizada a pesquisa da pesquisa. Neste sentido vale considerar como critério chave na seleção a qualificação das pesquisas.

No processo de realização da pesquisa da pesquisa, é importante trabalhar na fundamentação/compreensão metodológica dos componentes (problema/objeto, objetivos, justificativas, contextualizações, problematização teórica, estratégias metodológicas, análises descritiva e interpretativa e resultados) e dimensões (epistemológica, teórica, metódica, técnica/procedimental) a serem investigados, a fim de que possamos reconhecê-los, problematizá-los e analisá-los criticamente. Entre outras referências, a perspectiva desenvolvida por Lopes (1990) de compreensão da metodologia na pesquisa como campo da *práxis* investigativa articulada em níveis (epistemológico, teórico, metódico e técnico) e fases (construção do objeto, observação e análise) é produtiva para compreender estes componentes e dimensões. Construir um protocolo em que os componentes e dimensões a serem investigados são devidamente explicitados é importante, pois permite orientar o trabalho de desconstrução e de análise das pesquisas. Registrar e sistematizar adequadamente os resultados da investigação é outro procedimento fundamental.

Para nutrir investigações em curso, os resultados desta *práxis* metodológica precisam ser trabalhados em confluência e confrontação em relação àqueles provenientes das investigações teórica, metodológica, contextual e empírica. Assim, eles podem ser apropriados pelo pesquisador para a construção de sua pesquisa nestes vários níveis.

Gostaríamos de argumentar aqui sobre a importância de incluirmos, junto aos trabalhos metodológicos de levantamento de pesquisas, de estado da arte e de pesquisa da pesquisa, o questionamento sobre o sentido social destas investigações, sobre a sua contribuição para entender problemáticas prementes da realidade comunicacional, social e cultural em que são desenvolvidas e para sua transformação. Em alinhamento com as preocupações da epistemologia crítica<sup>62</sup>, pensamos que nossas produções não podem deixar de refletir sobre o papel que elas têm no contexto comunicacional e social. Precisamos preocupar-nos com os fins de nossas investigações. Todo trabalho intelectual deve assumir o compromisso com a construção de uma ciência socialmente responsável, que inclui no seu fazer a responsabilidade sobre as consequências sociais do conhecimento que produz.

## REFLEXÕES FINAIS

*O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber (FREIRE, 1981, p.47).*

Neste texto buscamos colaborar para a compreensão do sentido da pesquisa da pesquisa como *práxis* metodológica. Como argumentamos, enquanto investigação metodológica aprofundada e crítica de pesquisas realizadas no campo da comunicação, junto a outros processos metodológicos, este labor alimenta a construção de investigações em curso em múltiplas dimensões e oferece elementos para

62 Essa linha reconhece que as reflexões e a prática científica devem incluir a interrogação sobre a responsabilidade social dos cientistas e demais envolvidos nas práticas científicas, a preocupação com a função social e com a avaliação das consequências que os resultados das pesquisas podem ter sobre a sociedade e o futuro da humanidade. Reivindica, portanto, a consideração dos condicionamentos sociais da ciência e dos pesquisadores, dos fins da ciência e de seus produtos, das relações que estabelece com as realidades nas quais se insere, do pesquisador enquanto sujeito produtor e agente, entre outros aspectos, como parte da episteme científica (JAPIASSU, 1977; SANTOS, 2010).

orientar estrategicamente o campo da pesquisa. A partir de experiências que temos desenvolvido, explicitamos a necessidade de construir processos, procedimentos, opções e decisões de modo reflexivo e afinado com as necessidades e os objetivos de nossas investigações. Argumentamos também que a pesquisa da pesquisa é uma *práxis* importante para a formação científica – questão que gostaríamos de retomar nesta reflexão final.

Ao colocar a pesquisa científica como foco de exame, análise e crítica epistemológica, a pesquisa da pesquisa pode contribuir para desacomodar, fazer refletir e reformular culturas científicas engessadas. Lembramos das palavras de Bachelard sobre a formação do novo espírito científico: “[...] toda cultura científica deve começar [...] por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico” (2007, p. 20).

Reafirmamos a necessidade de formação de espíritos científicos questionadores, curiosos, abertos; que se construam no trabalho refletido sobre o real; que cultivem uma racionalidade mobilizada, ativa, empenhada, crítica (BACHELARD, 2006, 2007). Acrescentamos ainda que esta formação precisa incluir a problematização do campo científico como instituição, para entendê-lo e transformá-lo; inserir saberes éticos, filosóficos e políticos que fortaleçam a reflexão sobre os fins da ciência; incorporar a reflexão sobre a responsabilidade social dos pesquisadores em relação aos conhecimentos que produzem; promover o compromisso com a vida, com os seres humanos e com as necessidades de transformação de nossas realidades (JAPIASSU, 1977; MALDONADO, 2011, 2013; SANTOS 2010).

Neste sentido, defendemos uma formação que inclua a problematização dos interesses e poderes vinculados a instituições e agentes do campo científico; que se pautem pelo desenvolvimento de pensamentos

e projetos que permitam construções investigativas, educativas, acadêmicas e políticas renovadas; que se nutra de culturas inventivas e de vida cooperativa que permitam aos sujeitos construir relações produtivas benfeitoras dos coletivos e das sociedades em que se inserem; que colabore para a transformação das estruturas, instituições e culturas científicas para que se tornem espaços de renovação do mundo em bases cidadãs (MALDONADO, 2011).

Para que isso se efetive, é necessário experimentar metodologias educativas críticas que coloquem a pesquisa como *práxis* central de uma formação científica reflexiva, rigorosa, inventiva e comprometida socialmente; que colabore para a construção e o cultivo de culturas científicas formativas, renovadoras da pesquisa no campo da comunicação e comprometidas com a transformação social. Aí a pesquisa da pesquisa encontra seu lugar.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v.15, n. 37, p.121-127, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4809>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* (org.). **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.
- BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. *In*: BONIN, Jiani Adriana.;

ROSÁRIO, Nísia Martins do (org.). **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013, p. 23-42.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *et al.* **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. A epistemologia crítica. *In*: JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 137-158.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista FAMECOS**, v. 13, n. 30, p. 16-30, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.30.3372>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy. *et al.* **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006. p.271-294.

MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. *In*: ENCONTRO DA COMPÓS, 20, Porto Alegre. **Anais[...]** Porto Alegre: Compós, 2011.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. 2. ed. Salamanca: Comunicación Social, 2013. p. 17-45. v. 1.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MILLS, Charles Wright. **A nova classe média**. White collar. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1951.

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da comunicação no Brasil**: institucionalização e capital científico. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

# 15

Nilda Jacks

**A METAPESQUISA  
NO ÂMBITO DOS ESTUDOS  
DE RECEPÇÃO BRASILEIROS:  
experiência em desenvolvimento**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.15



## INTRODUÇÃO

Pouco a pouco a metapesquisa está formalizando uma área relevante para a constituição do campo de estudos de comunicação no país. O empreendimento na análise da produção acadêmica já se impõe como necessário, dado que existem 57 Programas de Pós-Graduação produzindo com regularidade, tanto no âmbito docente quanto discente. Só no período de 2016 a 2020, por exemplo, foram defendidas 5053 teses e dissertações, o que exige esforços periódicos para sistematizar o conhecimento gerado.

A experiência aqui relatada faz parte desse esforço e começa no início da década de 2000, tornando-se um acompanhamento contínuo a partir da análise da produção discente da década de 1990, com o objetivo de acompanhar o estado da arte das pesquisas de recepção e consumo midiático desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação. O trabalho foi encabeçado pelos membros do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática (PPGCOM/UFRGS), acompanhados de orientandos de mestrado e doutorado, de alunos de graduação e de bolsistas de iniciação científica.

A motivação inicial<sup>63</sup> para tal foi dada por Guillermo Orozco através de um convite para mapear os estudos brasileiros de recepção no âmbito da América Latina, formulado no final dos anos 1990 (ver Apêndice 1).

Dois projetos de pesquisas foram desenvolvidos para formalizar o empreendimento desencadeado por Orozco: “O campo da recepção e a produção brasileira na década de 1990” (CNPq; 2003-2005)

63 Anos antes, um artigo de Carlos Rodrigues Brandão sobre o estado da arte da pesquisa sobre cultura popular, lido no Mestrado em Ciência da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), havia despertado o interesse por esse tipo de análise.

e mais tarde “Estudos de recepção na América Latina: estado da arte e avanços no entendimento da relação usuários/ novas tecnologias (CNPq 2006-2008).

Em termos informais, como pesquisa sem apoio financeiro, a continuação foi realizada nos seguintes intervalos: a) análise das pesquisas entre 2000 e 2009; b) entre 2010 e 2015; c) entre 2016 e 2020 (em desenvolvimento).

Os resultados dos dois projetos iniciais foram publicados em “Meios e Audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil” (década de 1990) e “Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectiva al futuro”, respectivamente. Os outros intervalos foram publicados em “Meios e Audiências II. A consolidação dos estudos de recepção no Brasil” (2000-2009), “Meios e Audiências III. Reconfiguração dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil” (2010-2015) e proximamente em “Meios e Audiência IV” (2016-2020).

O investimento na análise de teses e dissertações, ou seja, na produção discente, deve-se ao argumento seguinte: “por representarem o final de uma etapa de formação e o início das atividades de pesquisa [...], podem configurar-se como importantes objetos de análise [...] de um campo de conhecimento” (VANZ, BRAMBILLA, RIBEIRO e STUMPF, 2007, p.54). Portanto, são documentos de grande relevância, “[...] pois mostram as preocupações dos pesquisadores quanto à configuração do campo em períodos específicos ou ao longo de uma trajetória, ao mesmo tempo em que podem apontar problemas disciplinares, bem como teorias e metodologias utilizadas na área” (idem).

## SOBREVOO NA PESQUISA CONSOLIDADA: DADOS JÁ PUBLICADOS

“Meios e Audiências: A emergência dos estudos de recepção” (JACKS, *et al.*, 2008) inaugurou a série analisando a produção relativa à década de 1990, quando havia apenas 11 Programas de Pós-Graduação em Comunicação no país. Nesse cenário institucional, entre os anos de 1992<sup>64</sup> e 1999 foram defendidas 1769 pesquisas (CAPPARELLI; STUMPF, 1998, 2001)<sup>65</sup>, entre teses e dissertações, sendo que 49 estudos se referiam à recepção de meios de comunicação. Como as pesquisas, nesse momento, não estavam disponíveis *on-line*, a maioria foi copiada pessoalmente na biblioteca da ECA/ USP e as demais solicitadas diretamente aos autores ou aos orientadores.

O referido *corpus*, assim como os analisados em períodos posteriores (com algumas alterações), foi submetido a uma ficha de leitura que continha as categorias analíticas inspiradas no projeto de Orozco (Apêndice 1) e no modelo de Maria Immacolata Lopes (1990), acrescidos de alguns outros dados, como os *insights* deixados pelos autores, os quais poderiam ajudar a propor uma agenda de pesquisa.

Em consonância com Escosteguy (2004), que explorou e categorizou o mesmo *corpus*, as abordagens, ou seja, os modos de tratar o objeto – ponto de vista teórico e metódico do pesquisador –, foram “sociocultural”, com 32 pesquisas com “visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos, levando em consideração múltiplas relações sociais e culturais” (ESCOSTEGUY, 2004); nove de abordagem “comportamental”, quais sejam, “estudos dos diferentes impactos derivados dos meios, isto é, o produto midiático é considerado um estímulo que provoca diversas reações nos públicos” (*idem*); e “outras abordagens” em um total de quatro, classificadas como

64 Antes disso a Capes não divulgava a produção discente.

65 Essa pesquisa, e correspondente publicação, foi descontinuada.

“pesquisas de orientação diversa – por exemplo, o receptor idealizado sob o ponto de vista do emissor, aplicação da hipótese da *agenda setting*, revisão e descrição de teorias da recepção” (idem).

Sobre o período de 2000 a 2009, a análise produzida foi publicada em “Meios e Audiências II: A consolidação dos estudos de recepção no Brasil” (JACKS, *et al.*, 2014). Nesse momento já existiam 44 Programas de Pós-Graduação em Comunicação, ou seja, uma quadruplicação do número de programas. Como consequência, a produção discente consistiu em 5715 pesquisas, 4249 de mestrado e 1466 de doutorado. Delas, 209 dedicaram-se ao estudo empírico de recepção. O aumento e desenvolvimento da produção no âmbito dos estudos de recepção determinou a exclusão da abordagem chamada “Outras”<sup>66</sup> como forma de mostrar a qualificação e consolidação da pesquisa empírica nessa área.

Por outro lado, houve a inclusão da abordagem “sociodiscursiva”, tributária do surgimento exponencial de pesquisas relativas ao campo do jornalismo, cuja tradição na exploração das teorias do discurso, através de suas diferentes perspectivas, foi trazida para analisar a recepção. Outra alteração sofrida de uma edição da pesquisa para outra foi a delimitação entre estudos de recepção (produção de sentido/interpretação) e de consumo midiático (hábitos e práticas mais amplos), como reflexo do processo de consolidação da análise sistemática da produção, que revelou diferenciações no tratamento teórico- metodológico, na constituição dos objetos de pesquisa e nos objetivos a serem alcançados.

Na continuidade, “Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil” (JACKS, *et al.*, 2017), fruto da análise da produção entre 2010 e 2015, teve período reduzido por determinação do contínuo aumento da produção discente. A inclusão de dez novos programas surgidos em seis anos, ou seja, a

66 Ver JACKS, Nilda *et al.*, 2010.

existência de 55 Programas de Pós-Graduação em Comunicação, resultou em 4643 pesquisas defendidas, um aumento de 1072 pesquisas em relação à década anterior. No que tange aos estudos de recepção e consumo midiático, os primeiros foram em número de 102 e os segundos de 71, em um total de 173 pesquisas, um aumento significativo em relação ao período anterior.

Nessa edição da metapesquisa na busca do estado da arte da produção na área, outro movimento foi realizado diante da proliferação dos estudos envolvendo os sujeitos e suas práticas midiáticas e com plataformas digitais (redes, sites, blogs etc.), qual seja, o de identificar o que ainda era possível nomear de recepção de meios e consumo midiático. Trata-se de um esforço teórico para tentar definir o estatuto dessa área de estudos relativa à mídia. Assim, para chegar aos 173 referidos acima, antes identificamos 11 pesquisas abordando o consumo cultural, 61 a conversação em rede, 131 os usos e competências em plataformas digitais e 19 as implicações da audiência na produção midiática<sup>67</sup>.

Os pressupostos para tal categorização foram fruto de uma reflexão sobre os meios de comunicação na atualidade, pois entendemos que não basta apenas reconhecer os processos de midiaticização (VERÓN, 1997), a convergência midiática (JENKINS, 2009), a ascensão das mídias sociais (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015), a liberação do polo da emissão (LEMOS, 2002) e nomear tudo como mídia (incluindo as redes sociais digitais). É preciso dar maior especificidade aos processos comunicacionais contemporâneos. Para isso, distinguimos mídia social e mídia tradicional, pois não são a mesma coisa, embora muitas vezes cruzem suas atuações e coberturas junto às audiências e receptores.

67 Pesquisas que tomam os sujeitos como um pressuposto para pensar as práticas e os processos de produção. Ou seja, o foco é nas lógicas da emissão para conectar com os receptores/usuários. Estão nessa categoria também, sem entrar no *corpus*, os usuários e os contextos nas estratégias de comunicação organizacional, os consumidores nas estratégias mercadológicas, a participação política através da apropriação de plataformas digitais, o público na produção cultural (JACKS, *et al.*, 2017).

Assim, mídia não é todo e qualquer dispositivo (aparelhos telefônicos, disquetes, *pendrives*, tapumes, camisetas, ou, no extremo, o corpo humano) como sói ser denominado fora da área acadêmica e até mesmo dentro dela. Klaus Jensen (2010), por exemplo, só admite essa classificação pela perspectiva histórica, chamando-os de meios de primeiro grau, anteriores às tecnologias de comunicação.

Mídia, para fins da análise efetuada nos volumes III e IV (em andamento) de Meios e Audiências, deve estar constituída de a) institucionalidade, que para Jesús Martín-Barbero é de duas ordens contrapostas: como serviço público, quando vista pelo Estado, e da liberdade de expressão, quando vista pelo mercado, e de b) formalidade e mecanismos de regulação.

Autores como O'Sullivan *et al.* (1994) reservam a palavra mídia exclusivamente para o que se refere aos meios de comunicação de massa, assim como Varela (2002), que para os meios públicos ou privados, comerciais ou estatais, identifica sua unidirecionalidade com mensagens inseridas em uma programação contínua. Por isso, como O' Sullivan e seus colaboradores, descarta o telefone, o telégrafo e as tecnologias usadas para a comunicação interpessoal, ao que acrescentamos atualmente as redes sociais digitais. Essa segunda categoria midiática Jensen (2010) chama de meios de segundo grau, atuando de um-para-todos, ou seja, incluem basicamente os analógicos.

No caso da mídia social, por outro lado, seu estatuto é de outra ordem, pois não são institucionalmente criados para gerar informação social. Segundo Martín-Barbero (2015), como seu próprio nome indica, é um canal de comunicação entre as pessoas e entre as instituições sociais não midiática e seus públicos. Mirta Varela<sup>68</sup> (2002, p. 173), por outro lado, caracteriza-a pela explicitação de outros elementos:

68 No original: "La ausencia de un polo emisor centralizado y las posibilidades interactivas de los usuarios [que] han sido celebradas recientemente en oposición a la 'pasividad' de audiencias massmediáticas". (VARELA, 2002, p. 173).

“A ausência de um polo emissor centralizado e as possibilidades interativas dos usuários [que] foram celebradas recentemente em oposição à ‘passividade’ das audiências *massmediáticas*”. Contemplando os níveis de sua configuração e funcionamento, Recuero (2010) define-as através das dinâmicas de criação de conteúdo, pela difusão de informação e pelas trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos nas plataformas *on-line* (sites de rede social).

Nesse caso, Klaus Jensen (2010) nomeia como meta-mídia ou meios de terceiro grau, tributários da revolução digital. O computador e a internet são o centro desse fenômeno recente e intenso.

A partir das balizas acima dispostas, a construção do *corpus* de Meios e Audiências III considerou as mídias sociais apenas quando utilizadas por veículos de comunicação para expandir seu relacionamento com suas audiências. Ou seja, os meios deveriam estar presentes, mesmo que através das postagens dos receptores nas redes sociais digitais, tendo sido nomeadas de audiências em rede e/ou recepção e consumo transmidiáticos. A ausência dessa condição consideramos conversação em rede, portanto, não integrou o *corpus* a ser analisado.

## MEIOS E AUDIÊNCIAS IV: PESQUISA EM ANDAMENTO

Dando continuidade ao projeto de acompanhar sistematicamente o desenvolvimento da pesquisa sobre recepção e consumo midiático, no período de 2016 a 2020, nos atuais 57 Programas de Pós-Graduação em Comunicação (site Compós) foram identificadas 5053 teses e dissertações defendidas. Entre elas, 1098 tomam sujeitos para a construção de seus objetos empíricos, sendo que destas apenas 161 tratam de recepção e/ou consumo midiático, constituindo, assim, o *corpus* da metapesquisa que irá conceber “Meios e Audiências IV”.

Como no volume anterior, comentado acima, os procedimentos de análise do *corpus* serão replicados, mas se houver incidência de novas tendências, eles poderão sofrer alguma adaptação/alteração, como ocorreu entre os volumes I e III.

Ao modo dos volumes anteriores, haverá pesquisas que estarão em vários capítulos, uma vez que focamos paralelamente nos meios, nos gêneros midiáticos, nos públicos e em alguns temas, ou seja, essa sistemática multiplica a análise de várias pesquisas por perspectivas diferentes.

Assim, considerando a sobreposição, são 60 os trabalhos que analisam a recepção e/ou consumo de televisão; 43 que o fazem no cenário digital; 25 no da mídia tomada genericamente; 20 no âmbito cinematográfico e 9 no radiofônico. Nesse contexto midiático, 46 tomam o jornalismo como gênero; 37 a ficção televisiva; 16 a publicidade/propaganda. Quanto ao enfoque temático, 36 levam em consideração as questões de gênero; 34 as de classe e 20 as de identidades. No que diz respeito aos públicos receptores, 26 tratam os jovens; 20 os fãs; 11 crianças e adolescentes e 4 os idosos.

Para esse volume há a participação de pesquisadores e pesquisadoras de vários quadrantes do país, pertencentes a diferentes Programas de Pós-Graduação em Comunicação e com especialidades diferentes, destinadas a explorar de forma específica os temas, gêneros midiáticos, públicos e meios envolvidos nas pesquisas que compõem o *corpus*. São cerca de 30 pessoas (as equipes ainda estão em fase de estruturação) pertencentes a 15 Programas de Pós-Graduação, alguns vinculados a Faculdades de Comunicação e outros vínculos institucionais.

\*\*\*\*\*

Ainda sem avanços mais específicos para a etapa acima relatada, para finalizar há o propósito de tentar responder as perguntas feitas pela organização do seminário, fonte dessa publicação, com intenção de provocar a reflexão e o debate entre os participantes e convidados.



Começando pelas possibilidades de compreender as especificidades do conhecimento comunicacional, é possível dizer que a experiência da metapesquisa aqui comentada dá grandes indícios sobre uma dimensão muito pouco pesquisada pelo campo brasileiro, tendo em conta os dados numéricos sobre a produção discente que contempla insuficientemente estudos de recepção e consumo midiático. A análise do *corpus* produzido ao longo do tempo visibiliza tendências teóricas, avanços metodológicos, autores em circulação, objetos eleitos, entre outros aspectos, como a concretude das práticas midiáticas desenvolvidas por determinados grupos sociais. Material indispensável para orientar agendas de pesquisa.

Quanto às dificuldades da metapesquisa na compreensão da especificidade da pesquisa comunicacional, no que se refere aos estudos sobre as audiências, dá para afirmar que atualmente uma das maiores é lidar com a fluidez dos processos, dos meios, dos discursos e das práticas que são tomados como objetos das pesquisas analisadas, operando desde a constituição do corpus até suas classificações. Quanto às potencialidades, há indicação do crescente interesse de vários campos e subcampos da pesquisa em comunicação na realização desse tipo de pesquisa, o que toca em outra questão que é o atual estatuto de realização das metapesquisas. Com o desenvolvimento do campo, aumenta a necessidade de traçar estados da arte, como é mundialmente denominado esse procedimento, para visibilizar o estágio do conhecimento em determinada área. Cresce também a exigência formal desse tipo de pesquisa no desenvolvimento de teses e dissertações como um requisito de qualidade do trabalho e sinais de diálogo com a produção do campo.

No que diz respeito à reflexividade e à constituição de culturas de pesquisa no âmbito aqui explorado, é possível afirmar que a metapesquisa é um estímulo importante porque revela a situação do campo tanto para os pesquisadores mais experientes quanto para os iniciantes, trazendo informações fundamentais para o diálogo com o estado

do conhecimento, evitando sobreposições, perguntas já respondidas, objetos e temas já explorados em abundância, indicando lacunas e fragilidades a serem encaradas. Ajuda também a construir agendas de pesquisa que dão organicidade ao desenvolvimento coletivo do campo.

Nos trajetos investigativos dos pesquisadores, por outra parte, as metapesquisas podem ser realizadas em vários níveis das pesquisas, com destaque para os de âmbito teórico- metodológico, mas não menos importantes são as relativas aos resultados empíricos acumulados em determinada área ou mesmo de dados secundários produzidos por fontes oficiais ou institutos de pesquisa ligados ao mercado. São dados importantes para construção de objetos de pesquisa informados e articulados com os diferentes campos que os envolve.

Por fim, saindo da especificidade da metapesquisa, e tratando da possibilidade de considerar que existam matizes metodológicos específicos ao campo frente à pluralidade de enfoques e objetos, outra das provocações feitas no evento, há um entendimento por parte da maioria dos pesquisadores sobre o caráter interdisciplinar do estudo da comunicação. Se isso é uma premissa verdadeira, daria para concordar com Canclini quando descreve os procedimentos de observação das ciências sociais através de uma metáfora, o que acaba repercutindo em suas técnicas e instrumentos de pesquisa: “O antropólogo chega à cidade a pé, o sociólogo de carro e pela rodovia principal, o comunicólogo de avião” (CANCLINI, 1989, p. 16). Essa visão aérea, que dá uma escala de observação diferente aos estudos de comunicação, pode marcar sua especificidade na maneira de promover conhecimento social, tanto ao flagrar os processos e práticas, quanto na maneira de se apropriar de outras disciplinas, o que foi chamado por Canevacci de método *patchwork*.

Por outro lado, há um movimento que defende a disciplinaridade da comunicação, a exemplo de Galindo Cáceres (2005), que propõe a existência de uma comunicologia, dada a consolidação da pesquisa na área. Isso demarcaria a existência de um método próprio

que articularia quatro dimensões: a expressão, a difusão, a interação e a estruturação. Para chegar a essa proposição, o autor reconhece as tradições teóricas que chegaram às pesquisas de comunicação vindas de outras disciplinas, cada qual preocupada com uma parte do processo, e propõe que sejam articuladas para fundar essa nova disciplina, cujo estatuto seria devedor delas.

Nos dois casos, por motivos diferentes, parece já haver algumas indicações de que há especificidades a considerar.

## REFERÊNCIAS

CÁCERES, Jesús Galindo. **Hacia una comunicología posible**. San Luis Potosi. Escuela Ciencias de la Comunicación, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. México. Grijalbo, 1989.

CAPPARELLI, Sérgio; STUMPF, Ida Regina C. **Teses e dissertações em comunicação no Brasil. 1992-1996. Resumos**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 1998.

CAPPARELLI, Sérgio; STUMPF, Ida Regina C. **Teses e dissertações em comunicação no Brasil. 1997-1999. Resumos**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. *In*: MACHADO, Juremir; LEMOS, André; SÁ, Simone Pereira; PRYSTON, Angela (org.) *Mídia.BR*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

JACKS, Nilda *et al.* Pesquisa de recepção: empírica por natureza. *In*: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010.

JACKS, Nilda *et al.* **Meios e Audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. v. 1.

JACKS, Nilda *et al.* Pesquisa sobre audiências midiáticas no Brasil: primórdios, consolidação e novos desafios. *In*: JACKS, Nilda (coord.). *Análisis de recepción en América Latina*: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: Quipus/Ciespal, 2011. p. 69-103.

- JACKS, Nilda *et al.* **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2014.
- JACKS, Nilda *et al.* **Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2017.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.
- JENSEN, Klaus. **Media Convergence.** The three degrees of network, mass, and interpersonal communication. London: Routledge, 2010.
- LEMOS, André. **Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LOPES, Maria Immacolata V. de. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola. 1990.
- MARTÍN- BARBERO, Jesús. Hacia el habla social ampliada. Entrevista prólogo. *In: AMADO, Adriana; RINCÓN, Omar (org.). La comunicación en mutación: remix de discursos.* Bogotá: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, 2015. p. 13-8.
- RECUERO, Raquel. Mídia x rede social. **Social mídia**, 10 nov. 2010. Disponível em: [http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia\\_x\\_rede\\_social.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia_x_rede_social.html). Acesso em: 24 fev. 2017.
- RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social.** Porto Alegre: Sulina, 2015.
- TOALDO, Mariângela M.; JACKS, Nilda. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. *In: RIBEIRO, Regiane. (org.). Jovens, consumo e convergência midiática.* Curitiba: UFPR, 2017. p. 19-29. v. 1.
- VANZ, Samile; BRAMBILA, Sônia; FEIX, Ananda; STUMPF, Ida R.C. Mapeamento das teses e dissertações em Comunicação no Brasil (1992-2002): Tendências temáticas. **Revista FAMECOS: Mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 33, p. 53-60, ago. 2007.
- VARELA, Mirta. Medios de comunicación de masas. *In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.) Términos críticos de sociología de la cultura.* Buenos Aires: Paidós, 2002.
- VERÓN, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediatizacion. **Diálogos de la Comunicación.** Lima, n. 48, p. 9-17, 1997. Disponível em: <<http://felafacs.org/dialogos/>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

## APÊNDICE

Julho 99

IDEAS PARA EL PROYECTO MULTINACIONAL  
ESTADO DEL ARTE DE LOS ESTUDIOS SOBRE  
RECEPCION DE MEDIOS EN AMERICA LATINA

Los estudios de recepción de medios constituyen ya actualmente, y mucho más en el futuro, un subcampo estratégico para la investigación de la comunicación y de las interacciones sociales en conjunto. Esto debido a que es justamente en procesos de recepción donde todos los miembros de la sociedad participan y desde donde se produce y circula masivamente la cultura y la política contemporáneas.

En América Latina, los estudios de recepción han ido ganando interés, tanto entre comunicadores como entre educadores y otros científicos sociales. No obstante su creciente popularidad y pertinencia, los estudios sobre recepción se han desarrollado asistemáticamente. La realización de un balance general de los estudios existentes es entonces una prioridad para aspirar a un trabajo científico de mayor relevancia y trascendencia en el futuro.

OBJETIVOS.

El objetivo principal de este estudio es hacer un balance comparativo de lo que hasta la fecha se ha investigado sobre recepción de medios en América Latina.

Con este balance se pretenden varios sub-objetivos:

1. tener diagnósticos nacionales,
2. tener un diagnóstico comparativo regional
3. tener una apreciación crítica específica de deficiencias y aportaciones distintivas latinoamericanas
4. contar con un punto de partida confiable para el planteamiento futuro de estudios más relevantes para América Latina.

AMBITO Y ALCANCE

El estudio que se propone es lo que se conoce como un Estado del Arte o Estado de la Questión, y tiene como característica principal el ser lo más exhaustivo posible. Esto, sin embargo, no significa realizar un censo, sino un relevamiento crítico de una parte sustancial de los estudios realizados, dándoles diferenciada atención según cumplan o no algunos criterios específicos que se fijan.

En este Estado del Arte, entonces, se incluirán estudios de recepción de todos los medios que se hayan realizado en cada país, con preferencia a los estudios de la última década. La apuesta general es que no hay muchos estudios empíricos, no obstante la creciente centralidad de la recepción como tema en las discusiones, por lo que no se está frente a un sub-campo académico muy cargado. Por otra parte, algunos de los estudios empíricos son sólo estudios

de preferencias programáticas, que cada investigador tendría que ponderar en su propia revisión nacional para incluirlos o no.

#### CRITERIOS METODOLOGICOS

El principal criterio es para la selección, inclusión y clasificación de los diferentes textos en el análisis. Se propone incluir dos tipos de texto: TODOS los estudios empiricos (publicados o no publicados) artículos, tesis, propuestas de investigación, reportes de investigación (decidiendo en cada caso la inclusión de estudios de preferencias programáticas) y SOLO AQUELLOS ensayos académicos que estén DIRECTAMENTE VINCULADOS a un estudio empírico o a una revisión de estudios empíricos.

Por supuesto que con "sentido común ilustrado", se discriminará en aspectos de calidad, originalidad, tipo de aportaciones, etc. de los textos incluidos en el estudio.

Como procedimiento se recomienda completar la --seguramente casi completa-- colección de textos que cada uno ha realizado ya . Enseguida la localización de tesis y reportes no publicados, para finalmente, una vez teniendo todo el material, iniciar la selección más precisa y finalmente su análisis.

Se recomienda simplemente mencionar el tipo de textos que existen, pero que por alguna razón no se incluyen, para concentrarse en aquellos que reúnan los criterios, ejemplificando algún punto con estudios específicos, cuando el caso así lo amerite. De esta manera sólo lo más relevante será plenamente tomado en cuenta, pero por lo menos se hará mención a la totalidad de textos reunidos.

#### ASPECTOS ESPECIFICOS A ANALIZAR

Además de los aspectos que cada investigador considere apropiado destacar en su país, es importante que cada Estado del Arte nacional reúna un mínimo de requisitos para poder facilitar su comparación. Preliminarmente se propone concentrar el análisis en los siguientes puntos:

1. preguntas de investigación planteadas.
2. perspectivas y técnicas metodológicas usadas
3. modelos teórico-metodológicos (implícitos o explícitos)
4. premisas epistemológicas que sustentan la investigación
5. hipótesis planteadas
- 6 resultados obtenidos
7. institución patrocinadora
- 8 fechas de realización de cada estudio
9. autores involucrados
- 10.cualquier información extra que se juzgue pertinente

#### PRODUCTOS ESPERADOS

1. bibliografía exhaustiva de todo lo publicado

2. lista de textos no publicados: tesis, reportes ponencias
3. Estado del Arte por país

Una vez completados los estudios nacionales, buscaremos la manera de reunirnos, organizando una reunión exprofeso para ello o quizá aprovechando la realización de algún otro evento, para conjuntamente compartir, discutir y comparar nuestros trabajos y poder tener el:

4. análisis comparativo entre países.

TIEMPO DE REALIZACION

Debido a las agendas saturadas que todos tenemos y que no existen fondos para financiar tareas dentro de este proyecto, parece que un año --1998--, podría ser un plazo apropiado.

PARTICIPANTES

PAIS	CONFIRMADOS	POR CONFIRMAR
ARGENTINA		TATTIANA MERLO ALEJANDRO GRIMSON
BOLIVIA	MARCELO GUARDIA	
BRASIL	IMMACOLATA VASALLO NILDA JACKS	
COLOMBIA		MARITZA LOPEZ
CHILE	CLAUDIO AVENDAÑO	
MEXICO	MARTHA RENERO GUILLERMO OROZCO ARMANDO IBARRA	
PERU		ROSA MA. ALFARO SANDRO MACASSI
URUGUAY		GABRIEL KAPLUN

# 16

Raúl Fuentes Navarro

## **LA PRODUCCIÓN SOCIAL DE SENTIDO SOBRE LA PRODUCCIÓN SOCIAL DE SENTIDO:**

**de un marco epistemológico  
a un modelo metodológico  
mediado por la metainvestigación**



Dos décadas atrás, en la conferencia inaugural del *III Seminário Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação* (COMPÓS-ECA USP, noviembre de 2002), propuse un marco para asumir la reflexividad como principio comunicativo y como recurso epistemológico para la sistemática vigilancia de las prácticas institucionalizadas en el campo académico de la comunicación. Sobre el concepto de “campo académico” retomado a partir de la obra de Pierre Bourdieu (1988; 2000), tracé un eje de problematización estructural e histórica de los estudios sobre la comunicación, sobre los que formulé algunos problemas de legitimación, de institucionalización y de profesionalización.

Aunque privilegié en aquella ocasión algunas cuestiones epistemológicas cuya discusión parecía entonces urgente, y eran el tema central del seminario, enfatiqué una perspectiva *heurística* del modelo de campo como marco sociológico interpretativo y referencial. Desde aquel punto de partida, entendí la expresión “Epistemología de la Comunicación” como referida a una dimensión constitutiva, interna, fundamental, del propio campo académico de la comunicación, y justifiqué esta perspectiva, no filosófica sino científico-social, postulando que “si lo que hacemos es en algún sentido científico, y con mayor razón si no lo es”, deberíamos ser capaces de demostrar la consistencia y utilidad de nuestro conocimiento refiriéndolo a las propias condiciones y procedimientos con que lo producimos (FUENTES NAVARRO, 2003, p. 19).

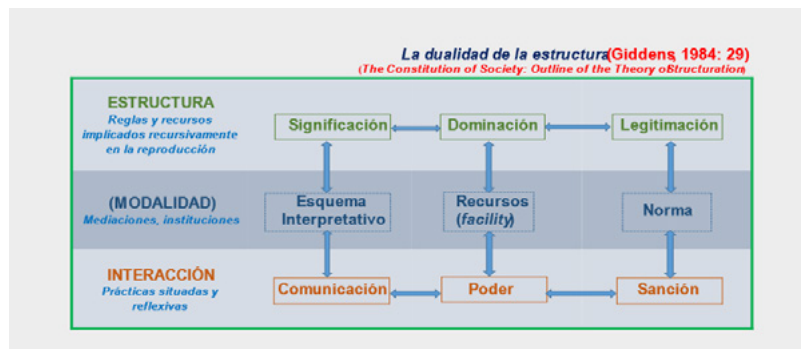
La pauta la encontré en un texto de Klaus Krippendorff, de 1994, donde proponía la construcción de “una nueva y virtuosa síntesis” en la teoría de la comunicación, en la que se viera a los seres humanos, primero, como seres cognitivamente autónomos; segundo, como practicantes reflexivos de la comunicación con los otros (incluyendo a los científicos sociales en el proceso de sus investigaciones); y tercero, como “[...] interventores moralmente responsables, si no es que creadores, de las realidades sociales en las que terminan viviendo”

(KRIPPENDORFF, 1994a, p. 48). Con bases constructivistas, en algunos momentos radicales, Krippendorff planteaba, así, un proyecto epistemológicamente reflexivo, éticamente orientado, del cual seríamos responsables los académicos de la comunicación, como agentes que a su vez reconocen la capacidad de los otros actores sociales de la comunicación para dar cuenta de sus prácticas (KRIPPENDORFF, 1994b; 2009). Casi dos décadas después, retomo la propuesta para problematizar desde ahí algunas tensiones del “pensamiento metodológico” que revela la metainvestigación (FUENTES NAVARRO, 2019).

## UNA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DE LA COMUNICACIÓN

Desde un plano general de ciencia social, la Teoría de la Estructuración de Anthony Giddens parte, entre otros supuestos, de que el agente humano es “capaz de dar cuenta de su acción y de las causas de su acción”; reconoce que todas las interpretaciones incluyen esquemas ya interpretados por los actores sociales; y relaciona tres grandes “estructuras” institucionales de la sociedad: las de significación, dominación y legitimación, con tres modelos de interacción: la comunicación, el poder y la sanción respectivamente, a través de las “modalidades” o “mediaciones” de los esquemas interpretativos, los recursos y las normas, por los que la estructura y la agencia se determinan mutuamente (GIDDENS, 1984, p. 29). En su forma esquemática, las articulaciones teóricas y las implicaciones metodológicas de la “dualidad de la estructura” se expresan con mayor claridad.

Esquema 1 – La “dualidad de la estructura” de Giddens



Fonte: Giddens, 1984 (tradução do autor).

Para Giddens y sus seguidores, la ciencia social puede dar forma discursiva a aspectos del “conocimiento mutuo” que los actores sociales emplean de una manera no discursiva en su conducta. De este “conocimiento mutuo” entre los sujetos depende, nada menos, que las actividades sociales tengan sentido en la práctica. Y la comunicación, esencialmente, consiste en esa producción en común de sentido, entendida y conceptualizada desde una perspectiva sociocultural. Por lo tanto, la construcción teórica sobre la comunicación debe considerarse también sujeta a esa misma condición reflexiva. Según el estadounidense Fred Casmir (1994, p. 1),

[...] las teorías no se desarrollan en alguna especie de vacío social, intelectual o cultural. Son necesariamente resultados o productos de tiempos, entendimientos y marcos mentales específicos. Las teorías que tratan sobre el *proceso* de comunicación, el comunicar, están ancladas en sistemas socioculturales de valores y factores históricos que influyen a los individuos de maneras que son frecuentemente entendidas inadecuadamente por quienes las usan.

Para el brasileño Giovandro Ferreira, por su parte, hay una perspectiva “mediocentrada” (y ya no “mediocéntrica”), que parte del campo

de los estudios comunicacionales (problemas y conceptos) y se apoya en otros campos de estudios “con el propósito de comprender la complejidad de la construcción del sentido”, propia de la sociedad contemporánea o modernidad tardía (FERREIRA, 2020, p. 2). La construcción *situada* y *procesual* de esta perspectiva tiene distintas etapas, como el desarrollo de la semiología en sus diversas generaciones, desde los años sesenta del siglo XX. Así, a una primera etapa, “inmanentista o internista”, correspondió el análisis estructural de los mensajes o “contenidos”. En los años setenta, mediante el estudio de las gramáticas generativas del texto y en los ochenta y noventa, del análisis del discurso, “en su relación con las instancias de producción y de recepción o reconocimiento”, surgieron nuevas metodologías, asociadas a otros dominios disciplinares, como los de la sociología, la antropología o la historia (FERREIRA, 2020, p.7-8).

Más recientemente, la construcción de sentido, a través de las tecnologías de comunicación, se enfrenta a otras facetas hasta entonces desconocidas por su novedad o por su intensidad. En esta cuarta fase de los estudios del sentido, hay una revolución en el acceso con la irrupción de Internet, en especial, y la consecuente posibilidad de formación de redes sociodigitales. (...) Podemos subrayar, al menos, tres fenómenos que emergen de esta revolución del acceso: la relevancia del receptor-emisor, la crisis del mediador y la importancia de los procesos de circulación (FERREIRA, 2020, p. 8).

La “convergencia mediática” (JENSEN, 2012), la “mediatización” (COULDRY & HEPP, 2017), la “circulación del sentido” (CARLÓN, 2020), por mencionar tres versiones sistemáticas contemporáneas de perspectivas teóricas que pueden reconocerse como socioculturales en el campo de la comunicación, refieren a procesos de cambio en distintas dimensiones, que no suceden independientemente de la concentración del capital y del poder en escalas globales y locales, y que no pueden reducirse a la innovación tecnológica, por más espectaculares que parezcan sus creaciones.

Es cada vez más evidente que, en el mundo “interdependiente” en el que vivimos, las estructuras institucionales y los procesos de articulación política y económica están sujetos a tensiones muchas veces contradictorias en las diversas escalas, mientras que los patrones culturales, es decir, los sistemas sociales de producción de sentido, mantienen rasgos identitarios y virtudes y vicios colectivos formados a lo largo de décadas o siglos, aunque algunos de ellos parecen dispuestos a ser negociados en las capas más superficiales e inmediatas de la actividad cotidiana, esa “realidad” social en la que enfrentamos la violencia, circunstancial y estructural; el conflicto, el temor, la incertidumbre, la volatilidad y el malestar de “lo político”, de las complejas dimensiones de lo colectivo y lo público, lo social sin lo cual no existe lo individual y en lo cual nos reconocemos.

Una perspectiva sociocultural en la investigación de la comunicación surge del reconocimiento de esa condición general de las prácticas sociales en el mundo contemporáneo y opera como una especie de “estilo de pensamiento” fundamentalmente heurístico, orientado más por las búsquedas que por los hallazgos y que, centrado en la construcción *comunicativa* de las intersubjetividades, trata de no desintegrar de ese centro los factores históricos y estructurales que lo determinan, en especial el poder en todas sus dimensiones (FUENTES-NAVARRO, 2008, p.10).

Visto así, el estudio de la comunicación es una especialidad académica construida desde ciertas intersecciones de las ciencias sociales y las humanidades, pero irreductible a una organización disciplinaria. Visto e impulsado desde otras perspectivas, el estudio universitario y el ejercicio científico y profesional de la comunicación responde a otros *proyectos sociales*, con cuyos agentes es necesario debatir, buscar la interlocución, para clarificar las diferencias implicadas y determinar las acciones consecuentes, pues la comunicación y su estudio institucionalizado son “un medio semiótico para un fin social” (JENSEN, 1995, p. 192).

## LA INSTITUCIONALIDAD DEL ESTUDIO DE LA COMUNICACIÓN

Hay, sin duda, una compleja trama de debates, casi todos inconclusos, en la historia de la institucionalización de los estudios sobre la comunicación, que cualquier proyecto de metainvestigación necesita reconocer e intentar superar, especialmente cuando se realiza fuera de los centros hegemónicos internacionales. En la conferencia de 2002 ya citada recuperé, entre otros, un artículo, entonces muy reciente, de Karin Wahl-Johanson, que negaba que las historias del campo, por sí mismas, representen “[...] un espacio para un giro reflexivo en los estudios de la comunicación” (WAHL-JOHANSON, 2000, p. 87). Ni las historias basadas en el método biográfico, que ella llamó “rituales”, ni las basadas en la historia intelectual, según ella “rebeliones”, estimulan la reflexividad si no se confrontan, en la lectura crítica, entre sí y con “[...] las demandas institucionales y los intereses personales y políticos que guían nuestra investigación”, porque es necesario reconocer “[...] el hecho de que las prácticas académicas interactúan y afectan el mundo externo de la economía, la política y la cultura” (WAHL-JOHANSON, 2000, p. 113). Y sobre todo, agrego yo, son afectadas por ellas.

En el campo de la investigación sobre la investigación de la comunicación, han entrado en juego muchas más propuestas ontológicas, epistemológicas, teóricas y metodológicas que alternativas a la forma de institucionalización imperante. Y hay también una menor convergencia intelectual que organizacional en los supuestos de base de esas propuestas. Desde el ángulo de la reflexividad, sin embargo, los debates inconclusos sobre el estatuto disciplinar de los estudios sobre la comunicación son centrales, pues si su institucionalización no alienta la formación y desarrollo de instancias críticas, difícilmente podrá superar el estado de dispersión y fragmentación que lo caracterizan prácticamente desde su origen.

Ya hace veinte años, pero con mucha mayor claridad ahora, hay evidencias crecientes del reforzamiento de las tendencias hacia la simplificación, la superficialidad y la homogeneidad en los modelos formativos, y por lo tanto un predominio de las condiciones restrictivas de la *disciplinización* sobre las fuerzas divergentes de la crítica, que también debe ser institucionalizada y formalizada, pero no impuesta como opción única, de “validez universal y eterna”. Y ahí, probablemente, la dimensión metodológica es la clave central de todo el proceso, como lo han evidenciado algunos esfuerzos colectivos comprometidos con la construcción académica de innovadores sistemas productores de sentido basados en una creciente y extendida conciencia sobre la reflexividad del conocimiento en el campo de la comunicación y en el aporte mutuo que esta reflexividad requiere fortalecer con una cultura del debate científico más desarrollada (FUENTES NAVARRO, 2018, p. 414).

Como han señalado investigadores críticos en distintas latitudes, dos desarrollos del campo de la comunicación que hasta ahora se han apoyado uno al otro, pueden entrar en conflicto: la institucionalización académica y la mediatización de la cultura y la sociedad (HJARVARD, 2008; 2012; CORNER, 2019). Es decir, el campo académico existe y se ha desarrollado institucionalmente debido a la importancia crecientemente reconocida a sus objetos de estudio, especialmente la comunicación mediada, pero cuando la influencia formal y la mediación comunicacional crecen de tal manera que determinan a otras actividades socioculturales, – políticas, económicas, educativas, religiosas, etc. –, la “mediatización” del entorno cotidiano no solo afecta a los objetos de estudio sino también al estudio mismo, además de presionar a la universidad como institución social que es.

Esta “mediatización” no solo implica un cambio en el grado en que los medios influyen los asuntos culturales y sociales, sino también en la manera misma en que conceptualizamos la relación medios-sociedad, generando más fragmentación e instrumentalización que

las que de por sí han caracterizado a nuestro campo académico. Por ello me parece urgente recuperar y fortalecer el sentido reflexivo de la investigación y de la formación universitaria para entender los procesos socioculturales de una manera más crítica, especialmente en cuanto a los que ya no conviene identificar simplemente como procesos de “producción, circulación y consumo de mensajes”, o de bienes culturales, o de representaciones simbólicas, o de ideologías, sino como participación de sujetos sociales responsables en procesos de constitución y reconstitución social.

La metainvestigación es, sin duda, un recurso académico y científico muy valioso para consolidar el aporte de nuestra comunidad a su entorno sociocultural e histórico en el sentido que puede identificarse como un proyecto “post-disciplinario”: una investigación que explora y persigue la construcción de nuevos objetos de conocimiento de maneras nuevas, que las disciplinas tradicionales son incapaces de producir, centrada en una lectura amplia y profunda de los contextos sociales, y caracterizada por un creciente eclecticismo metodológico. Es decir, una investigación renovada reflexivamente por sus practicantes para ser socialmente más relevante y metodológicamente más rigurosa.

## UNA METODOLOGÍA COMUNICACIONAL HEURÍSTICA Y REFLEXIVA

En el marco así expuesto, reitero mi convicción de que lejos de pretender autoritaria, burocrática o ingenuamente una unificación reduccionista en el campo académico de la comunicación, conviene entablar, comunicativamente, una conversación responsable y comprometida acerca de la relación entre la pregunta genérica ‘¿qué es la comunicación?’ (situada en la dimensión ontológica) y ‘¿cómo conocer la comunicación?’ (pregunta central de la dimensión epistemológica).



Adicionalmente, no sólo tendría que hacerse depender la consistencia de la pregunta epistemológica de la definición ontológica, sino también viceversa, recursiva y reflexivamente (FUENTES NAVARRO, 2015).

Esta búsqueda implica que la comunicación como objeto de conocimiento es resultado de un trabajo colectivo, progresivo y riguroso de “modelizar” la realidad, de imponerle heurísticamente algún modelo a la práctica para poderla reconocer como tal. Hay dificultades interesantes en el trabajo específico que se tiene que invertir para seleccionar y, por lo tanto, construir esa realidad en unos términos determinados por nuestra forma de conocer y no por la “realidad objetiva” en sí misma, que no podemos conocer sin esa mediación, una discusión y propuesta que recientemente han sido sistematizadas de manera muy estimulante, entre otras obras, en *La construcción mediada de la realidad* de Couldry y Hepp (2017), que reformula, actualiza y acerca al campo de la comunicación el clásico de Berger y Luckmann (1968), *La construcción social de la realidad*.

Se puede así poner en juego la definición o concepto central de comunicación como “producción social de sentido”, a manera de punto de partida pero también de llegada, pues, a su vez el estudio de la comunicación es la “producción social de sentido sobre la producción social de sentido”, una forma de ubicar, de entender, de contextualizar el objeto de conocimiento, al mismo tiempo que su relación con el sujeto de ese conocimiento; una manera de no dejar el objeto “flotando en el aire” como si fuera una definición totalmente arbitraria. Este planteamiento, derivado de la Teoría de la Discursividad de Eliseo Verón (1980; 1987) es, en parte, también una actualización del proceso central de la “doble hermenéutica” que según Anthony Giddens caracteriza esencialmente a la ciencia social.

Es decir, el trabajo de modelizar la realidad es el trabajo de interpretar hechos ya interpretados: interpretar interpretaciones. Y al formular el estudio de la comunicación como producción social de sentido sobre

la producción social de sentido, el trabajo de interpretación se ubica al mismo tiempo en relación con la “agencia”, es decir, no se limita o implica como resultado solo una comprensión de un aspecto de la realidad, sino que también influye sobre la realidad de ese objeto; y también sirve, así, ineludiblemente, para actualizar la dimensión *praxeológica* de la investigación, a su vez recursivamente implicada con la dimensión metodológica, que regula la articulación plenamente científica de rigor e imaginación, lúcidamente propuesta por Andrew Abbott (2004).

Y, por supuesto, esta dimensión praxeológica, es decir, la puesta en práctica de *por qué* y *para qué* concretos, en conjunción con los *cómos* operativos y lógicos de la metodología, es el fundamento de la responsabilidad inherente a toda práctica de comunicación, iniciativa y acción socialmente situada, es decir, comprometida con sus contextos, próximos y remotos, como determinantes de su sentido, que por ello no puede ser considerado arbitrario o éticamente “neutral”.

Toda práctica social de comunicación implica y media, necesariamente, una relación de poder y eso podemos formularlo y sostenerlo inherente y no solo externamente a la práctica misma. La orientación crítica es inseparable de las condiciones praxeológicas definidas en la práctica de la investigación desde cada época y lugar, pero en general puede reconocerse que durante la mayor parte de su historia, el estudio de la comunicación se ha debatido entre perspectivas instrumentales y críticas, es decir, entre modelos lineales, reduccionistas de su práctica, reconocible solo o principalmente por su eficacia en la imposición de interpretaciones, y modelos multidimensionales y multidireccionales, donde la comunicación involucra a los sujetos en su propia determinación interpretativa del sentido.

En síntesis, un modelo *crítico* de comunicación se distingue por el margen de libertad (*agencia*) que reconoce en los sujetos participantes para adoptar y compartir interpretaciones y asumir las consecuencias. Esquematisando seguramente en exceso, las perspectivas

instrumentales privilegian el empleo de recursos comunicacionales como soluciones, mientras que las críticas enfatizan su utilidad problematizadora. Por supuesto, las heurísticas socioculturales tienden a caracterizarse mejor como recursos críticos que como meros instrumentos, aunque no son desconocidas en la investigación experimental.

Y, además, la adopción de esa perspectiva como núcleo metodológico de la investigación tiene necesariamente que hacerse corresponder con la lógica formativa de profesionales avanzados, en programas universitarios de pregrado y posgrado, y considerar, heurísticamente, *la producción de preguntas* como el eje estratégico de articulación de “proyectos, procesos y prácticas” en los estudios, y demostrar así la pertinencia de fortalecer el sentido reflexivo de la formación universitaria misma, para entender críticamente los procesos socioculturales.

## REFERENCIAS

- ABBOTT, Andrew. **Methods of discovery**: heuristics for the social sciences. New York and London: W.W. Norton, 2004.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1968.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **Los usos sociales de la ciencia**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.
- CARLÓN, Mario. **Circulación del sentido y construcción de colectivos**: en una sociedad hipermediatizada. San Luis: Nueva Editorial Universitaria - UNSL, 2020.
- CASMIR, Fred L. (ed.), **Building communication theories**. A socio/cultural approach. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1994.
- CORNER, John. Origins and transformations: histories of communication study. **Media, Culture & Society**, p.1-11, 2019.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. Cambridge UK: Polity Press, 2017.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Prefácio. Pensar a Comunicação pelo viés da produção do sentido". *In*: PIROLA, Maria Nazareth Bis; HENRIQUES, Rafael Paes (org.), **Comunicação e produção de sentido**. Vitória: EDUFES, 2020. p.6-11.

FUENTES NAVARRO, Raúl. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación., *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.), **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p.15-40.

FUENTES NAVARRO, Raúl. **La comunicación desde una perspectiva sociocultural**. Acercamientos y provocaciones 1997-2007. Guadalajara: ITESO, 2008.

FUENTES NAVARRO, Raúl. **Centralidad y marginalidad de la comunicación y su estudio**. Guadalajara: ITESO, 2015.

FUENTES NAVARRO, Raúl. Postfácio. *In*: MATTOS, Maria Ângela; BARROS, Ellen Joyce Marques ; OLIVEIRA, Max Emiliano. (org.) **Metapesquisa em comunicação. O interacional e seu capital teórico nos textos da Compós**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p.413-417.

FUENTES NAVARRO, Raúl. Pesquisa e metapesquisa sobre comunicação na América Latina. **MATRIZES**, São Paulo, ECA-USP, v. 13, n. 1, p. 27-48, 2019.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society**: outline of the theory of structuration. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984.

HJARVARD, Stig. The Mediatization of Society. A theory of the media as agents of social and cultural change. **Nordicom Review**, v. 29. n. 2, p. 105-134, 2008.

HJARVARD, Stig. Doing the right thing. Media and communication studies in a mediatized world. **Nordicom Review**, Supplement, v. 33, n. 1, p. 27-34, 2012.

JENSEN, Klaus Bruhn. **The social semiotics of mass communication**. London: Sage, 1995.

JENSEN, Klaus Bruhn (ed.). **A Handbook of Media and Communication Research. Qualitative and quantitative methodologies (second edition)**. London and New York: Routledge, 2012.

KRIPPENDORFF, Klaus. The Past of Communication's Hoped-for Future. *In*: LEVY, Mark; GUREVITCH, Michael (eds.). **Defining Media Studies. Reflections on the future of the field**. New York: Oxford University Press, 1994a.

KRIPPENDORFF, Klaus. A recursive theory of communication. *In*: CROWLEY, David; MITCHELL, David (eds.). **Communication theory today** Cambridge UK: Polity Press, 1994b. p.78-104.

KRIPPENDORFF, Klaus. **On Communicating. Otherness, meaning and information.** (Edited by Fernando Bermejo). New York and London: Routledge, 2009.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix, 1980.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social. Fragmentos de una Teoría de la Discursividad.** Buenos Aires: Gedisa, 1987.

WAHL-JOHANSON, Karin. Rebellion and Ritual in Disciplinary Histories of U.S. Mass Communication Study: Looking for 'The Reflexive Turn'. **Mass Communication and Society**, v. 3, n. 1, p. 87-115, 2000.

# 17

Erick Rolando Torrico Villanueva

**SOBRE EL POTENCIAL DECOLONIAL  
PARA UN CAMBIO DE MODELO  
EPISTÉMICO EN COMUNICACIÓN:**

**una apuesta desde América Latina**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.17

## INTRODUCCIÓN

La perspectiva decolonial, nueva propuesta crítica que se configura desde mediados de la década de 1990 en la circunstancia latinoamericana, es una opción político-intelectual que impulsa un cambio de perspectiva en la sustentación epistémica que prevalece en el pensamiento y el conocimiento científicos tradicionales. En tal sentido, asumida como un lugar metodológico distinto para conocer, la decolonialidad también constituye una fuente para la transformación epistemológica en el campo comunicacional.

Si se toma como momento de inicio formal de los estudios académicos en el área de la Comunicación a la indagación hecha en 1926 por Harold Lasswell (1938) sobre las técnicas de propaganda utilizadas en la llamada Primera Guerra Mundial, y si se examinan tanto la trayectoria como las características de las principales investigaciones y teorizaciones desarrolladas a partir de ese momento, se puede advertir la presencia predominante de una constante epistemológica en tales trabajos y productos, que no es sino la de la concepción moderna de la ciencia.

Ello significa que, en la mayor parte de los casos, en el trasfondo del conocimiento comunicacional generado en las últimas nueve décadas – y con consecuencias perceptibles en el nivel de la práctica –, se halla un modelo epistémico con pretensión de validez universal que responde a definiciones, propósitos e intereses condicionados por aquella óptica de origen occidental<sup>69</sup>. Y, lógicamente, los estudios comunicacionales latinoamericanos tampoco están exentos de esa

<sup>69</sup> Este origen da cuenta de una geopolítica del conocimiento concreta, esto es, del establecimiento en centros de poder históricamente situados (Europa y Estados Unidos de Norteamérica) de reglas y categorías para la producción de conocimiento con efectos de colonialidad. Véase MIGNOLO (2014).

situación, pues a pesar de que la región fue la cuna de la corriente crítico-utópica en las teorías de la especialidad, sus procesos de intersección aún registran una fuerte marca de dependencia.

A este respecto, un estudio de más de 400 artículos académicos publicados entre 1980 y 2013 en 6 revistas relevantes muestra no sólo que los temas, las teorías y los procedimientos investigativos están supeditados a las exigencias estandarizadoras de la institucionalización internacional<sup>70</sup>, sino que el espíritu de la crítica ha sido desvirtuado y reducido a postizos “marcos teóricos” en indagaciones típicamente positivistas que, al final, neutralizan toda problematización posible (OSSANDÓN; SALINAS; STANGE, 2019). A su vez, un análisis bibliométrico de un número similar de artículos publicados entre 2009 y 2018 por 24 revistas latinoamericanas da cuenta de la predominancia en ellos del enfoque empírico, de la falta de utilización de referenciales teóricos propios y de que “[...] los investigadores de Latinoamérica han abrazado la globalización de la investigación” (ARROYAVE; GONZÁLEZ, 2022, p. 93).

Es, así, evidente que los supuestos y los moldes de la Comunicación “occidental”<sup>71</sup>, tributarios de la ya referida epistemología moderna, han permeado largamente la producción intelectual latinoamericana. Por tanto, se trata de poner el carácter y la continuidad de esta situación bajo análisis en pos de aportar en la construcción de alternativas a esa elaboración modélica que persiste en calidad de cimiento y orientación general de la investigación *mainstream* y de gran parte de la demás. La perspectiva decolonial traza una vía factible en esa dirección.

70 En su seminal artículo “Premisas, objetos y métodos foráneos en la investigación sobre comunicación en América Latina”, Luis Ramiro Beltrán había denunciado ya en 1976 un estado de cosas equivalente (BELTRÁN, 2000, p. 87-122).

71 Sobre esta noción, véase TORRICO (2016a, p. 123-144).



## UNA VISIÓN EXÓGENA PREDOMINANTE

Las bases del conocimiento comunicacional fueron echadas primero en los Estados Unidos de Norteamérica, donde floreció la corriente empírico-pragmática expresada centralmente en la *mass communication research*, y luego en Alemania, que dio origen a la corriente crítico-política fundada en las reflexiones de la Escuela de Frankfurt sobre la *industria cultural*.

En ambos casos, el foco estuvo localizado en los procesos de transmisión dependientes de la utilización de medios tecnológicos y destinados a grandes públicos. Aunque a un punto de vista le interesaba – en lo comercial o político – la eficacia en la consecución de efectos útiles para los emisores y el otro más bien consideraba relevante la preservación de la conciencia cultural, junto a la denuncia del avasallamiento mercantil y a la resistencia emancipadora ante la unidimensionalización humana que aquel producía, los dos compartían el substrato de la racionalidad modernizadora.

La introducción de estas ideas y sus correspondientes líneas de investigación en América Latina ocurrió desde finales de la década de 1950. El pensamiento comunicacional crítico de la región se estructuró en función de esos referentes, al tiempo que se enmarcó dentro de sus límites. De esa forma, la acusación contra la sujeción externa y las complicidades locales, la valorización y el aliento de las voces populares marginadas por los sistemas mediáticos o los llamados a alterar los órdenes interno e internacional en materia de información y comunicación fueron, en última instancia, movimientos inscritos en el seno de la problemática definida y administrada por la Modernidad euro-estadounidense.

En líneas generales, la comunicación fue entendida ante todo como “las comunicaciones”, esto es, como las interconexiones mediadas por tecnologías, por lo cual quedó reducida a procedimientos y mecanismos de transferencia de contenidos e influencia. En medio de tales constricciones, el frente crítico no se planteó de manera evidente la preocupación de ir más allá de las denuncias acerca del verticalismo transmisivo ni de las demandas de acceso y participación en los flujos de información, como tampoco buscó analizar las causas de la incomunicación histórica latinoamericana o – menos aún – desentrañar la naturaleza de la *episteme* que la fundamentaba. La visión exógena tuvo, de esa forma, un control asegurado.

## EL MODELO EPISTÉMICO, MÉTODO DE FONDO

Ese predominio de la concepción unilineal, tecnocrática e instrumental del proceso comunicacional se mantuvo intacto por largo tiempo debido, entre otros factores, al carácter intra-moderno de las posiciones críticas (frankfurtiana, dependantista, marxista, posmoderna o culturalista) que la confrontaron sin nunca haber puesto en tela de juicio la matriz histórica colonial de la epistemología que le subyace. Todo giraba, incluidos los discursos con mayor carga político-revolucionaria, en torno de la centralidad moderna y dentro de fronteras de permisividad destinadas a confirmarla, así fuera con algunas reformas.

En otras palabras, lo que permanecía fuera de toda duda – y esto es válido no sólo para el conocimiento comunicacional, sino para el conjunto de las dimensiones del saber establecido – era la configuración epistemológica sobre la cual fue levantado el edificio general de la ciencia ajustada a las características, las condiciones y los requerimientos de las sociedades concretas que la acogieron y cuyos poderes se arrogaron luego una autoridad cognitiva de alcance universal.

Consiguientemente, el modelo epistémico moderno se erigió como núcleo de todo conocimiento factible y verdadero, con lo cual se convirtió en parámetro exclusivo y excluyente, autoafirmativo e incontestable.

Puede definirse al *modelo epistémico* como un conjunto estructurado de representaciones conceptuales, histórica y socioculturalmente situadas, que ontologiza la realidad estudiada y fundamenta, además de guiarlos, tanto el proceso de percepción y aprehensión en un ámbito de observación determinado como el conocimiento resultante del mismo.

A propósito del modelo, Marcos Barrera apunta que “[...] Es un complejo de ideas, preceptos, precogniciones, conceptos y afirmaciones mediante los cuales se indaga y a través de los cuales se aprehende, se comprende. El modelo permite ‘entender’ lo que se percibe y, en consecuencia, propicia el acto de conocer” (BARRERA, 2010, p. 24). Y Alexander Ortiz añade que, en consecuencia, “[...] el investigador observa lo que observa, debido al modelo epistémico que posee” (2015, p. 16).

El modelo epistémico se ubica, por ende, en el “subsuelo” de la investigación científica y categoriza los criterios con que el objeto de estudio es encuadrado, a la vez que establece los correspondientes modos de ver, hacer y decir. Se trata, entonces, de un método de fondo, de una concepción desde la que se sostiene, produce, legitima y operativiza el conocimiento.

Un método así, en sentido amplio, fue construido a través del paso de la epistemología antigua – fundada en la disputa entre racionalismo y realismo – a la que se constituyó desde el siglo XVI e introdujo la observación, la medición y la experimentación como procedimientos para conocer, la deducción hipotética como forma de razonar y la formulación de leyes como finalidad del saber. Esa epistemología, ya moderna, fue consolidada durante los siglos XIX y XX con los planteamientos del positivismo y el neopositivismo, que apuntalaron a las ciencias físicas como patrón rector para todo conocimiento que se pretendiera válido.

Ese modelo epistémico moderno quedó diseñado como una tecnología de poder y contribuyó a la fijación de jerarquías. No solamente dictaminó qué y cómo hacer para obtener, utilizar, divulgar y enseñar el único conocimiento considerado verdadero, sino que puso en acto la dimensión cognitiva del proyecto civilizatorio que se difundió a partir de la conquista/colonización europea del entonces denominado “Nuevo Mundo”. Se erigió, consecuentemente, en un modelo moderno-colonial.

Tal esquema de intelección de lo cognoscible, que supuso una diferenciación jerarquizada de los autorizados para conocer, se asentó en estas ideas primordiales:

[...] la distinción entre sujeto y objeto y entre naturaleza y sociedad o cultura; la reducción de la complejidad del mundo a simples leyes, susceptibles de ser formuladas matemáticamente; una concepción de la realidad dominada por un mecanismo determinista y de la verdad como representación transparente de la realidad; una distinción estricta entre conocimiento científico – considerado el único riguroso y válido – y otras formas de conocimientos, tales como el del sentido común o el de las humanidades; privilegio de la causalidad funcional, hostil a la investigación de las “causas últimas” consideradas metafísicas y centradas en la manipulación y transformación de la realidad estudiada por la ciencia (DE SOUSA, 2008, p. 41-42).

Con ese marco, quedaron dibujadas las líneas maestras del saber aceptado, en todos los campos. Obviamente, el de la Comunicación fue conformado bajo esos mismos términos.

## LA COMUNICACIÓN DESDE LA EPISTEMOLOGÍA MODERNO-OCCIDENTAL

Si el modelo epistémico, de manera global, indica qué se conoce, cómo, para qué y desde dónde, el que desarrolló la Modernidad, aplicado al ámbito comunicacional, generó el perfil que se irguió como predominante sobre y en la materia.

El “qué” se tradujo en la comunicación tecnologizada, mediada; el “cómo” en aproximaciones empíricas y, en lo posible, factibles de mensurar; el “para qué” en la comprobación del logro de los objetivos del polo emisor; el “desde dónde” en un punto de mira político o empresarial para la observación, según el caso, e incluso en una combinación de ambos. Resultado de ello, la comunicación, el proceso humano-social de relación o interrelación significativa, fue conceptualizada instrumental y fragmentariamente, en tanto técnica de provocación de efectos. A partir de ahí era lógico que la Comunicación (o Comunicología), como el espacio de conocimiento orientado a estudiar aquel proceso o sus componentes separados, acabara considerada, cuando más, como un saber descriptivo para la intervención práctica.

La demarcación de ese territorio cognoscitivo produjo la Comunicación “occidental”, esto es, el acumulado de conceptos, teorizaciones y modelos relativos al hecho comunicacional provenientes de la academia euro-estadounidense e imbricados con el proyecto de la modernización<sup>72</sup>, elaboraciones que prevalecen en el pensamiento, las publicaciones y los circuitos de divulgación y discusión del conocimiento de la especialidad, lo mismo que en las estrategias de formación de recursos humanos o en las orientaciones y tendencias de las principales prácticas profesionales.

En el plano científico, la dinámica de la occidentalización marginal, invisibiliza o simplemente niega aquellos conocimientos que no se ajustan o se contraponen a sus estándares, pero también, como sucede en Comunicación con las vertientes crítico-política europea y crítico-utópica latinoamericana, subsume o desactiva las visiones que pudieran representarle algún tipo de amenaza.

72 Jacques Atali anota que, en los hechos, se identifica occidentalización con Modernidad, lo cual conlleva la aceptación, como proyecto de futuro, del “modelo de desarrollo europeo y estadounidense de los dos últimos siglos”, caracterizado fundamentalmente por el progreso técnico, la innovación, la libertad individual y el mercado (véase ATALI, 2015, p. 6 y 11).

## LA RECOMPOSICIÓN DE LA CRÍTICA

La tradicional y fuerte presencia e influencia de este saber occidental y occidentalizador en el campo comunicacional de América Latina fue desafiada desde el decenio de 1960 por un importante grupo de pensadores de la región, quienes pusieron en cuestión la naturaleza y los alcances de tal mirada intelectual, pese a que no consiguieron, al final, superar los condicionamientos moderno-coloniales ni llegaron a proponerse el desmontaje de sus basamentos epistemológicos<sup>73</sup>.

Una ruta prioritaria para acometer las tareas que quedaron pendientes la delineó Luis Ramiro Beltrán en 1976 cuando exteriorizó su esperanza de que emergiera, en un futuro cercano, una *comunicología de liberación* “cobijada por una sociología que no sea de ajuste y por una psicología de inconformismo” (BELTRÁN, 2000, p. 116), fruto de “[...] una conciliación programática y libre de dogma entre la lúcida intuición y la medición valedera” (ídem).

En el diagnóstico de la investigación comunicacional latinoamericana que publicó ese año, Beltrán fue contundente al dejar establecido lo siguiente:

La conclusión obvia es la de que, en efecto, la investigación sobre comunicación en Latinoamérica ha estado, y todavía lo está, considerablemente dominada por modelos conceptuales foráneos, procedentes más que todo de Estados Unidos de América (BELTRÁN, 2000, p. 90).

En función de ello, que también fue observado por otros estudiosos con alcances hasta el presente<sup>74</sup>, el reto de la comunicología

73 Al respecto, véase el estudio de TORRICO (2016b).

74 Véase, por ejemplo, ATWOOD y MCANANY (1986), MARQUES DE MELO (2007) o AGUIRRE y BISBAL (2010).

propia cobra plena relevancia y actualidad. Pero la preocupación por ese estado de dependencia no era ni es privativo de la sola Comunicación. Así, Adriana Arpini en una reflexión sobre la plausibilidad de la investigación latinoamericana de lo social que tiene fundamentos y procedimientos de importación hizo estas preguntas medulares:

¿Cómo construir conocimiento científico acerca de nosotros mismos si estamos mirando a través de esquemas conceptuales construidos para el análisis de realidades que nos son ajenas? O en otras palabras: ¿pueden los esquemas epistemológicos y metodológicos producidos en los centros de poder hegemónico –productores del conocimiento científico hegemónico– aplicarse sin más al estudio de nuestros problemas? (ARPINI, 2018, p. 61).

Y Silvia Regina de Lima, que problematizó los nexos entre epistemología e identidades, presentó estas otras:

¿Cómo recuperar una mirada propia? ¿Cómo elaborar propuestas epistemológicas, perspectivas de lecturas de la realidad, de la historia, que posibiliten la superación de los marcos colonialistas de construcción de identidad y del saber en América Latina y el Caribe? (LIMA, 2008, p. 25).

A su turno, Alcira Argumedo sostuvo que se debe pensar alternativas desde la diversidad y caracterizó ese pensamiento necesario:

Un pensamiento crítico dirigido a cuestionar los límites y falencias del proyecto de la modernidad; a resaltar los aspectos silenciados de la historia y del presente, donde se encuentran las claves y valores fundantes de las propuestas alternativas frente a la modernización salvaje que nuevamente pretende consolidarse en la región (ARGUMEDO, 2001, p. 137).

Cabe sumar a esas dudas, demandas y propuestas el señalamiento de cuatro pérdidas que, en el caso específico de la Comunicación, evidencian el “déficit teórico de la perspectiva crítica” y el “declive” de los estudios de ese talante: pérdida de perspectiva histórica y epistemológica, pérdida de la comunidad discutidora, pérdida de la

dimensión grupal y referencial, pérdida de capacidad comprensiva (OSSANDÓN; SALINAS; STANGE, 2019, p. 107-119).

Es en ese espacio tensionado que emerge y se instala el *pensamiento decolonial* que encuentra en la colonialidad, rémora del poder deshumanizador inaugurado por la conquista y la colonización de los siglos XV y XVI<sup>75</sup>, el problema que requiere ser resuelto. Esa colonialidad se yergue sobre la subalternización de los dominados, es decir, se asienta en un mecanismo de reconocimiento de una Otridad inmediatamente considerada inferior y, por tanto, necesitada de la “civilización” que el dominador externo o local dice encarnar.

Tal condición subyugada no se modificó con la descolonización que entre principios del siglo XIX y del XX dio nacimiento a las repúblicas independientes en América Latina; al contrario, se prolongó en el interior de estas nuevas naciones y pervive hasta ahora en las subjetividades, los imaginarios, las relaciones sociales, los arreglos institucionales, las estructuras de poder político-económico, los dispositivos culturales o las armazones de los vínculos interestatales. Por eso hace falta *decolonizar*, dismantelar la arraigada colonialidad, y uno de los frentes primordiales de actuación para ello es el del conocimiento.

En la decolonialidad reside hoy la posibilidad de recomponer la crítica y de abrir el horizonte de la (re)humanización y la reexistencia en respuesta a la opresión multidimensional y estratificada. Por ende, y vista desde América Latina, la decolonización de la comunicación, que recoge las banderas de la comunicología de liberación beltriana, es uno de los lugares estratégicos para la constitución y proyección del sujeto decolonial.

75 Sobre la dimensión global de estos procesos, Nelson Maldonado-Torres afirma: “El proyecto de colonizar a América no tenía solamente significado local. Muy al contrario, éste proveyó el modelo de poder, o la base misma sobre la cual se iba a montar la identidad moderna, la que quedaría, entonces, ineludiblemente ligada al capitalismo mundial y a un sistema de dominación, estructurado alrededor de la idea de raza” (en CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUÉL, 2007, p. 132).



## REMONTAR LA COMUNICACIÓN “OCCIDENTAL” Y SU MODELO EPISTÉMICO

Se comprende, pues, que la recomposición decolonial del pensamiento y el conocimiento críticos que está en curso conlleva tanto la decolonización del método de fondo como la definición de una agenda de investigación alternativa.

Esto es así, porque la decolonialidad es una matriz cognitiva que, en cuanto tal, posee capacidades que la habilitan no apenas como fuente de inteligibilidad sino, además, como basamento de prefiguración de escenarios, ya que, como puntualiza Argumedo, un modelo de estas características integra elementos que le otorgan ese potencial:

Las diversas matrices de pensamiento contienen definiciones acerca de la naturaleza humana; de la constitución de las sociedades, su composición y formas de desarrollo; diferentes interpretaciones de la historia; elementos para la comprensión de los fenómenos del presente y modelos de organización social que marcan los ejes fundamentales de los proyectos políticos hacia el futuro (ARGUMEDO, 2001, p. 79).

La perspectiva decolonial cuestiona el modelo epistémico moderno-colonial y, en su seno, la ontología tecno-mercantil atribuida a la comunicación en las teorías clásicas que desconocen su índole y sus fines humano-sociales, a la vez que sustentan (y hasta alientan) la deshumanización y la des-comunitarización de su proceso.

La decolonialidad propone a la subalternidad como un nuevo *locus* histórico para mirar, pensar y hacer la comunicación. Esta perspectiva tiene el fundamento y la fortaleza para alterar el modelo vigente y restituir – aunque desde otro sitio de enunciación – la contextualización crítica, al igual que para volver a lo humano, lo social y lo comunitario significativo.

Con el reemplazo del modelo epistémico, el “qué” será la comunicación entre personas; el “cómo” la observación, el diálogo y la participación con crítica y autocrítica; el “para qué” la (re)humanización comunicacional; el “desde dónde” la subalternidad situada.

El cuasi monopolio intelectual de la Comunicación “occidental” sufre actualmente la erosión generada por sus propios sesgos y límites, derivados de las particularidades etnocéntricas de su trasfondo epistemológico. La decolonización comunicacional, que surge en la frontera de lo moderno-colonial en crisis, apuesta por un rumbo nuevo, democratizador del conocimiento y la palabra.

## REFERENCIAS

AGUIRRE, Jesús María; BISBAL, Marcelino (ed.). **Prácticas y travesías de Comunicación en América Latina**. Caracas: Centro Gumilla, 2010.

ARGUMEDO, Alcira. **Los silencios y las voces en América Latina**. Notas sobre el pensamiento nacional y popular. 3ª reimp. Buenos Aires: Ediciones del Pensamiento Nacional, 2004.

ARPINI, Adriana. Alternativas teóricas para el abordaje de nuestra América. *In*: REYES, Azucena *et al.* (coord.). **Aportes latinoamericanos a los debates metodológicos en las ciencias sociales**. Buenos Aires: Teseo, 2018. p. 61-72.

ARROYAVE, Jesús; GONZÁLEZ, Rafael. Investigación bibliométrica de comunicación en revistas científicas en América Latina (2009-2018). **Comunicar. Revista Científica de Educomunicación**, v. XXX, n. 70, p. 85-96, 2022.

ATALI, Jacques. **Historia de la modernidad**. Cómo piensa su futuro la humanidad. Buenos Aires: Nueva Visión, 2015.

ATWOOD, Rita; McANANY, Emile. **Communication & Latin American Society**. Trends in Critical Research, 1960-1985. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

BARRERA, Marcos. **Modelos epistémicos en investigación y educación**. 6. ed. Caracas: Quirón Ediciones, 2010.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **Investigación sobre Comunicación en Latinoamérica.** Inicio, Trascendencia y Proyección. La Paz: Plural, 2000.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (ed.). **El giro decolonial.** Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

DE SOUSA, Boaventura. **Conocer desde el Sur.** Para una cultura política emancipatoria. La Paz: Plural, 2008.

LASSWELL, Harold. **Propaganda technique in the World War.** 2<sup>nd</sup> edit. New York: Peter Smith, 1938.

LIMA, Sílvia de. Con la lengua del despojo: un diálogo entre epistemología e identidades en América Latina y el Caribe. **Pasos**, n. 138, p. 23-30, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Entre el saber y el poder.** Pensamiento comunicacional latinoamericano. México: UNESCO, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica.** Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2014.

ORTIZ, Alexander. **Epistemología y ciencias humanas.** Modelos epistémicos y paradigmas. Bogotá: Ediciones de la U, 2015.

OSSANDÓN, Carlos; SALINAS, Claudio; STANGE, Hans. **La impostura crítica.** Desventuras de la investigación en Comunicación. Salamanca: Comunicación Social, 2019.

TORRICO, Erick. **Hacia la Comunicación decolonial.** Sucre: Universidad Andina Simón Bolívar, 2016a.

TORRICO, Erick. **La Comunicación pensada desde América Latina (1960-2009).** Salamanca: Comunicación Social, 2016b.

# 18

Lisiane Aguiar

## \*DESCOLONIZAR E TERRITORIALIZAR\* AS METODOLOGIAS:

micropolíticas  
críticas e problematização  
da experiência na investigação  
com comunicadores indígenas

## INTRODUÇÃO

*Se uma parte de nós acha que pode colonizar outro planeta, significa que ainda não aprenderam nada com a experiência aqui na Terra. (KRENAK, 2020)*

Neste capítulo, o objetivo é problematizar como é possível que investigadores e intelectuais possam reclamar propriedades sobre os modos de saber das comunidades indígenas a partir dos modelos de investigação institucionalizados, dos sistemas metodológicos coloniais, de sociedades científicas, muitas vezes, opressoras e imperialistas. Nesse sentido, se busca pensar a metodologia de pesquisa desde a experiência. Para isso, é necessário desterritorializar o pensamento metafísico e reterritorializar o saber da experiência de forma ética, estética e política. Logo, a experiência metodológica do pesquisar não é um caminho até um objetivo e uma meta que se conhece de um mesmo modo, mas uma abertura micropolítica à diferença.

Há alguns anos ministro as disciplinas de Metodologia de Pesquisa para a graduação e de Seminário de Pesquisa para a Pós-graduação na Universidade Federal de Roraima – UFRR (localizada no extremo norte do Brasil e pertencente ao território da Amazônia Legal). A partir dessa experiência, foi possível agenciar reflexões diárias de problemas sociais causados pelo colonialismo, xenofobia, racismo e sexismo que atravessam a experiência da vida acadêmica e cotidiana em Roraima para discutir as possibilidades de reinvenção e reflorestamento metodológico frente a contextos diversos e plurais de pesquisa.

Desde o curso de Comunicação Social temos vivenciado, principalmente nos últimos anos, inúmeras notícias falsas sobre o terraplanismo, o criacionismo, o negacionismo em relação ao aquecimento global, as vacinas e o descaso com os povos originários. Agora acrescentamos a esse cenário a presença de estudantes indígenas

cursando Jornalismo na academia que têm o desafio de problematizar a dimensão metodológica na pesquisa a partir das múltiplas disputas em torno do que deve – ou não – ser legitimado como conhecimento científico em meio a uma ecologia de saberes.

No painel de “Metodologias, obstáculos e rupturas” do Simpósio de Experiências Metodológicas na Comunicação (2021)<sup>76</sup>, do qual fui a última a falar no encerramento do evento, tive a oportunidade de acompanhar todas as mesas enquanto pensava sobre os questionamentos propostos pelo meu painel: Como olhares dissidentes, decoloniais e contra-hegemônicos instituem percursos metodológicos na pesquisa em Comunicação? De que forma a metodologia pode restringir ou potencializar a análise dos fenômenos no âmbito da Comunicação? Quais os desafios para a configuração de metodologias transformadoras? Quais são as rupturas possíveis dos saberes hegemônicos e como isso incide na configuração, delimitação e apresentação dos percursos metodológicos em nossos processos de pesquisa? Frente à pluralidade de visadas e objetos, é possível considerar que existem matizes metodológicos específicos ao nosso campo? Considerando o percurso histórico constituinte de nossas práticas investigativas, de que modo o fortalecimento da dimensão metodológica pode contribuir para o conhecimento comunicacional?

Conectei essas questões, ofertadas pelo meu painel, para iniciar o debate, a partir das minhas experiências em ensinar metodologia de pesquisa e do projeto de pesquisa que venho desenvolvendo, em parceria com estudantes indígenas e colegas da UFRR, sobre os(as) comunicadores(as) indígenas na Amazônia.

Tenho trabalhado muito, nas disciplinas de metodologias, com o livro: *Descolonizar as metodologias: pesquisa e povos indígenas*, da autora Linda Tuhiwai Smith (2017), que fala da importância de

76 Disponível em: <https://www.even3.com.br/simpexperienciasmetodologicas/>. Acesso em: 2 abr. 2022.

incorporar na investigação científica a crítica para a integração de interseccionalidades epistêmicas e resistências metodológicas contra-hegemônicas. Desse modo, produzir conhecimento aliado aos estudos decoloniais é fazer uma crítica das relações entre saber-poder, desigualdades e mudanças sociais.

Podemos pensar em, pelo menos, algumas formas de desterritorializações da colonialidade: do padrão de poder capitalístico que gera hierarquias e conduz a um saber que se pretende universal; da colonialidade eurocêntrica do ser com os binarismos racional/não racional (construídos por meio da ideia de superioridade patriarcal); racial, política e territorial (fornecedores de matérias-primas/seus processadores). É nesse aspecto que os estudos decoloniais oferecem reflexões epistêmicas críticas que permitem uma maior emancipação para resistir contra sistemas opressores ainda dominantes.

Nota-se que o texto está escrito – em realidade falado – a partir de uma certa proximidade que anula as diferenças intelectuais e busca aportar uma troca de experiências. Trata-se, portanto, de exercitar um pensamento (não metafísico) da experiência que enfrente a singularidade, a contingência e a interseccionalidade. Para isso, podemos pensar uma educação metodológica desde uma noção não arrogante de experiência, cuja figura arquetípica seria de um *expert*. Logo, faz-se necessário uma comunicação para a experiência, pois é nela onde tocamos a fronteira da nossa linguagem.

Como já anunciava Agamben (2001, p. 176), “[...] una posición rigurosa del problema de la experiencia debe por tanto fatalmente toparse con el problema del lenguaje”. Desse modo, num cenário de luta e resistência necessitamos de uma língua que permita uma conversação, ou seja, uma relação horizontal de oralidade para poder elaborar (com outros) o sentido da nossa experiência.

Para Larrosa, a experiência não é o que passa, mas o que nos passa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2002, p. 21). Desse modo, este trabalho propõe rearticular a pesquisa incluindo os saberes amazônicos, por meio de uma desterritorialização do modo de pesquisar e uma reterritorialização acadêmica de reforço à diversidade. Mas como fazer isso? Uma pista: por meio de micropolíticas críticas e da problematização da experiência.

## MICROPOLÍTICAS CRÍTICAS

No Brasil, dentro do universo acadêmico, para muitos, é recorrente ter como referência teórica os escritos do português Boaventura de Sousa Santos, ao pensar em “epistemologias do Sul”, a “descolonização do saber”, as “ecologias de saberes”, em oposição a um “pensamento abismal”. E isso nos faz refletir que estar acima ou abaixo da linha do Equador para pensar a descolonização do saber deve levar em conta a importância das integrações e colaborações para um desenvolvimento solidário e coletivo<sup>77</sup>. Boaventura de Sousa Santos (2002), no livro *Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*, questiona: Por que é um desafio produzir uma teoria crítica? E quero adicionar à pergunta, a partir de uma posição de professora-latina-periférica: Por que é tão desafiador produzir uma investigação metodológica crítica em comunicação?

Por meio dessa problematização, busco conectar a investigação crítica da comunicação por meio da micropolítica no diálogo com a boliviana Silvia Rivera Cusicanqui e a brasileira Suely Rolnik.

77 Por exemplo, o projeto chamado ALICE: *Leading Europe to a New Way of Sharing the World Experiences*, que reuniu uma equipe de investigadores de diferentes países e linhas de investigação para troca de experiências. Disponível em: <https://alice.ces.uc.pt/en/index.php/homepage-2/> Acesso em: 2 de mar. 2022.



Silvia Rivera Cusicanqui, no seu livro *Un mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis* (2018), apresenta um capítulo que se chama *Micropolítica andina. Formas elementales de insurgencia cotidiana*. A autora narra seu encontro com Suely Rolnik e a leitura do seu trabalho com Félix Guattari: *Micropolítica. Cartografias do desejo* (2006). Para Guattari e Rolnik (2006, p. 133), “[...] a questão da micropolítica é de como reproduzimos (ou não), os modos de subjetivação dominante [...]”, e para Silvia, “[...] la micropolítica es un escapar permanente a los mecanismos de la política. Es constituir espacios por fuera del Estado, mantener en ellos un modo de vida alternativo, en acción, sin proyecciones teleológicas ni aspiraciones al cambio de estructuras” (2018, p. 142).

Esse modo de vida alternativo é o que proponho para pensar a ‘problemática’ em uma investigação, que adota a proposta de construir o ‘problema de investigação’ de forma micropolítica por meio da contextualização da experiência; da investigação empírica e da práxis teórica como meio de trabalhar com os conceitos, problemas, objetos de forma ativista, crítica e renovadora. Assim, é possível pensar que essas dimensões, ao convergirem juntas, ajudam a estabelecer uma epistemologia *ch'ixi* (mesclada). É crítica para conjugar a práxis teórica e as estratégias metodológicas ao carácter multicontextual das investigações em comunicação.

Uma orientação metodológica que parte da crítica por meio da experiência ética e não de uma dicotomia moral entre teoria e prática. O sujeito revolucionário estará muito próximo da micropolítica em relação à crítica como uma produção de subjetividade ética. A ética inspira um caminhar crítico dos modelos teleológicos e permite pensar de maneira diferente sobre as práticas que influem nos fatos.

Foucault (1995), em seu ensaio questionador ‘*Que é a crítica?*’, apresenta uma resposta muito próxima da micropolítica ao olhar para os desafios da comunicação: um pensamento crítico que constitui o

esforço por reflexionar sobre o problema além do juízo moral universal. Neste sentido, a crítica se faz desde o ato de questionar os limites dos modos de conhecimento já estabelecidos e apresenta uma possibilidade para algo que ainda não se conhece ou que ainda não existe. Logo, a crítica é “[...] el arte de la inservidumbre voluntaria, el de la indocilidad reflexiva” (FOUCAULT, 1995, p. 8).

São esses processos que conectam a uma micropolítica como meio de exercitar a crítica para pensar outros mundos possíveis. Com um pensamento contrário à lógica metafísica se produzem diferentes modos de subjetivação: concebendo a vida como relato, o que significa que o sujeito humano é, como pensava Proust (1998), um novelista de si mesmo. O processo de autoconhecimento tem que ver com diferentes momentos da vida como um espaço de interlocução que educa ao compor o relato do próprio aprendizado, de como se configuram e ajudam a prestar cuidadosa atenção à experiência vivida e a de seus signos.

O bom escritor, dizia Deleuze (1998), nunca escreve para converter-se em escritor, mas sim para subverter-se fazendo da escritura mais que escrita, seriam “passagens de vida”. Também seria algo que Rimbaud (1995) sempre profanava: querer ser poeta e trabalhar para transformar-se em vidente. Para que escritores exerçam a liberdade se exigem constantes diálogos com seus modos de existência; é dizer, “[...] para que esa práctica de libertad tome forma en un *éthos* que sea bueno, bello, honroso, respetable, memorable y que pueda servir, es necesario todo un trabajo de sí sobre sí mismo” (FOUCAULT, 2010, p. 270). Em trabalho de si sobre si mesmo há que perguntar: Como posso constituir-me a mim mesmo como sujeito crítico?

Esta subversão instaura um problema político nas investigações que trabalham com a crítica: como regular relações entre indivíduos que pensam de modos divergentes? Se não há valores morais racionais comprovados e universalmente compartilhados, como assegurar que haja uma narrativa científica para o desenvolvimento metodológico

na academia? Sem macrodiscursos se poderia, então, pensar em discursos menores? Sabendo que o conhecimento científico só pode continuar na medida em que se investiga, se pode perguntar: como se cria metodologicamente um projeto de investigação na relação com os diferentes saberes das comunidades indígenas?

Assim é necessário desterritorializar o pensar e causar um estranhamento por meio da crítica. Para isso é preciso desnaturalizar as suposições que fazem buscar respostas encravadas nas próprias indagações. Nessa medida, é necessário ir mais além e considerar o presente contexto em que se insere o conjunto de problemas.

Pensando todos estes diferentes processos como uma problematização inspirada em *Theatrum Philosophicum*, Foucault (2005, p. 246) instiga: “¿Cuál es la respuesta a la pregunta? El problema. ¿Cómo resolver el problema? Desplazando la pregunta. El problema escapa a la lógica del tercer excluido, pues él es una multiplicidad dispersa [...]”. A problematização é assim um processo de produção que não se resolve pela ideia cartesiana nem pela negatividade hegeliana, pois é uma afirmação múltipla. “Es preciso pensar el problema, más que preguntar y responder dialécticamente” (FOUCAULT, 2005, p. 26).

Trata-se, então, de modos de perguntar a cada formação histórica, criando um campo de possibilidades de onde emergem as problemáticas. Nesta linha, a escritura do texto busca uma estética como configuração da experiência, em que coletiviza o apreendido por outros modos de interrogar. Este jogo de forças conduz a pensar em uma problematização dos deslocamentos, no lugar de encontrar nos precedentes uma origem como resposta.

No cenário da formação histórica amazônica, onde o incentivo à atividade garimpeira e ao extrativismo predatório se mostrou presente, ainda mais durante a pandemia, a criação de outras narrativas comunicacionais pela perspectiva indígena tornou-se uma ação urgente a

incitar pesquisas por meio de iniciativas como as que se propõem os(as) comunicadores(as) indígenas com a criação de conteúdos midiáticos como estratégias de resistências éticas, estéticas e políticas. Desse modo, a pesquisa favorece uma contribuição acadêmica de reforço à diversidade, por meio da coprodução de investigação com as cosmovisões indígenas na territorialidade dos saberes amazônicos.

## PROBLEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: REDE DE COMUNICADORES INDÍGENAS

De acordo com Tuhiwai Smith (2017, p. 391), o ativismo começa localmente e com a problematização da experiência: “[...] a lo largo de años de activismo indígena, la comunidad activista ha desarrollado sus propios protocolos o códigos de conducta y sus redes, puesto que los activistas locales son también globales, forman parte de una red global”. Em Roraima, as principais organizações indígenas que se articulam em um ativismo em rede são: Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos (APTISM); Hutukara Associação Yanomami (HAY); Conselho Indígena de Roraima (CIR), Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR); e, Organização dos Professores indígenas de Roraima (OPIRR).

Um desses trabalhos em rede de comunicadores indígenas, que quero destacar, é a rede Wakywai (“Nossa Notícia”, na língua Wapichana), vinculada ao Departamento de Comunicação do Conselho Indígena de Roraima (CIR), com sede na capital Boa Vista, idealizada no início de 2019. A ideia da rede<sup>78</sup>, ao ser criada, era de fomentar o uso

78 Disponível em: <https://cir.org.br/site/2020/12/22/rede-wakywai-encontro-reune-comunicadores-indigenas-na-raposa-serra-do-sol/>. Acesso em: 8 maio 2022. Disponível em: <https://cir.org.br/site/2022/02/18/encontro-leva-formacao-a-jovens-comunicadores-indigenas-da-t-i-sao-marcos/>. Acesso em: 8 maio 2022.

das “novas” tecnologias da informação para assegurar a conexão dos povos indígenas, visando à partilha de suas experiências, à criação de estratégias comunicacionais para o fortalecimento de suas demandas, à visibilidade de sua expressão identitária e cultural.

No contexto de pandemia, essa rede ganhou uma potencialidade ainda maior ao desenvolver uma campanha emergencial. Alguns dos(as) comunicadores(as) fizeram vídeos sobre o trabalho que realizaram nas comunidades para combater a covid-19, contribuindo para a distribuição de pastas e fazendo registros fotográficos, ao mesmo tempo em que denunciaram a mineração ilegal em seus territórios.

Desse modo, a compreensão do papel desempenhado pela rede de comunicadores indígenas, por meio da ampla produção de conteúdos informativos, faz-nos destacar o princípio da comunicação alternativa, que é o protagonismo indígena como uma expressão coletiva para a comunidade. De acordo com Tuhiwai Smith (2017, p. 392), uma das habilidades indígenas é a comunicação:

Una de las habilidades que abundan muchos activistas indígenas que trabajan en primera línea es la de comunicar. Los activistas indígenas poseen esa habilidad adicional de comunicación apesar de las brechas lingüísticas, culturales y de alfabetización. Otra habilidad que poseen es la de alentar a otros, la de movilizarlos para que pasen a la acción.

A comunicação pela resistência e coletividade se torna uma ferramenta de luta, ainda mais diante da atual conjuntura de ataque aos povos indígenas. Assim, a rede Wakywai tem como princípio “ser uma frente de ativismo indígena, articulando conteúdos para a defesa dos direitos dos povos indígenas por meio da comunicação” (LIMA, FERNANDES e MORAIS, 2022, p. 113).

Ao fazer uso de suas línguas, os(as) comunicadores(as) indígenas mostram atos de resistência em seus projetos de comunicação. Estes atos têm impactos dentro de suas comunidades de fala

(fortalecendo a solidariedade entre eles e outros povos indígenas), entre os(as) falantes e cidadãos(ãs) brasileiros(as) não indígenas, e em políticos(as) que têm demonstrado uma postura hostil em relação à causa indígena.

As articulações destes(as) comunicadores(as) indígenas em diferentes formatos, digitais ou não, são de grande importância para uma investigação comunitária. “Los enfoques de acción comunitaria asumen que la gente sabe y puede reflexionar sobre su propia vida, que tiene sus propias preguntas y prioridades [...]” (TUHIWAI SMITH, 2017, p. 392).

O modo de perguntar conectado a valores e protocolos culturais que são vivenciados de forma comunitária amplia as possibilidades metodológicas para a produção de conhecimento, pois busca na experiência suas próprias problematizações. É esse movimento que observamos no I Seminário de Comunicadores Indígenas de Roraima, com o tema: “Escrevendo as nossas próprias histórias”. O evento foi realizado nos dias 28 a 30 de janeiro de 2020, na comunidade Pium. Oficinas trataram sobre escrita, criação de conteúdos, gravação, edição de vídeos e *podcasts*.

A primeira atividade foi a de trocar experiências entre as diferentes comunidades participantes (mais de 30 comunicadores(as) das regiões Serra da Lua, Raposa, Surumu, Tabaió, Amajari, Murupu e Baixo Cotingo) para depois traçarem juntos estratégias de comunicação.

Figura 1 – CIR realiza I Seminário de Comunicadores Indígenas de Roraima



Fonte: cir.org.br<sup>79</sup>, 2020.

As políticas hostis, com as quais os povos indígenas no Brasil têm sido confrontados durante séculos, não deixam dúvidas sobre a necessidade de criar micropolíticas, como uma criação de possibilidades alternativas de determinação de luta existencial e compromisso político.

Logo, o processo diário e incerto de atravessamento desse momento histórico desterritorializa nossas produções de subjetividades já normatizadas.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se

79 Disponível em: <https://cir.org.br/site/2020/02/03/cir-realiza-i-seminario-de-comunicadores-indigenas-de-roraima/#>. Acesso em: 8 maio 2022.

desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquímicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI; ROLNIK, 2006, p. 323).

Propor desterritorializações metodológicas associadas a Saberes Amazônicos nos convida a problematizar normatizações do espaço acadêmico, as violências implícitas nestes padrões, assim como suas subversões. Pensamos o sujeito pesquisador enquanto imerso em um sistema social, cultural, político, econômico, geográfica e historicamente situado. Ele é detentor de conhecimentos e competências construídos em uma trajetória de vida que configura seu modo de sentir, pensar e se relacionar com o mundo.

O conhecimento científico é produto de um sujeito que no processo investigativo não caminha sozinho. Ele estabelece relações na construção de conhecimentos com outros sujeitos, relacionando-se com o mundo, seus pares e com os conhecimentos acumulados no campo científico. Por isso, é necessária uma perspectiva crítica neste processo investigativo e nas interações entre sujeito - mundo - campo científico.

Uma proposta que busca descolonizar as metodologias de investigação, nos convida a colocar em perspectiva também quais os saberes acumulados no campo científico da comunicação (TUHIWAI SMITH, 2017). Se a ciência é produto dos sujeitos pesquisadores, o conjunto científico é fruto das interações entre estes e os sistemas sociais, culturais, políticos, econômicos delimitados em um espaço e tempo. Um sujeito pesquisador indígena em processo de investigação, em 2022, no Brasil, interagirá com que campo científico acumulado? Em quais condições sociais, culturais, políticas e econômicas este se insere? Quantos(as) indígenas ocupam espaço acadêmico no Brasil e no mundo?

As interações entre sujeito pesquisador e sujeitos sociais de sua contemporaneidade são urgentes para práticas acadêmicas



decoloniais, para efetivar perspectivas de ciência no processo de emancipação dos povos, mas também para possibilitar uma própria atualização do campo científico e seus acúmulos.

A perspectiva indígena e as estratégias comunicacionais que os(as) comunicadores(as) indígenas vêm promovendo oferecem uma desterritorialização no modo de pesquisar as informações criando possibilidades de visibilidade e de protagonismo. Essas são estratégias de cidadania que raramente são praticadas no modelo hegemônico das mídias tradicionais. Todavia, as condições objetivas de acesso à internet e as tecnologias digitais nas comunidades indígenas de Roraima são entraves na produção, circulação e recepção dos conteúdos elaborados pelos(as) comunicadores(as). Isso sucinta a necessidade de complementação por outros formatos de pesquisa e ações de envolvimento comunitário, em defesa da comunicação como um direito elementar em sintonia e fortalecimento às causas coletivas.

Em 2016, segundo o caderno temático sobre indígenas do Atlas Nacional Digital do Brasil/IBGE, Roraima é o estado brasileiro que detém o maior percentual de indígenas em terras demarcadas (83,2%). Portanto, parte-se de uma relevância quantitativa para adentrar nos sentidos qualitativos de desenvolver estudos sobre essa parcela significativa da população regional.

Indígenas vivem em constante processo de resistência, num lastro que remete à contínua reinvenção dos modos coloniais, de ameaça às suas formas de vida, seus aspectos culturais, sociais e econômicos. Esses sinais mais problematizados pela literatura acadêmica são esporadicamente abordados nos meios convencionais de comunicação.

Neste momento, em que o contexto político e sociocultural brasileiro confronta os povos indígenas com sérios desafios, através de retrocessos de direitos garantidos pela Constituição depois de muitas lutas, a comunicação não hegemônica torna-se um instrumento de

apropriação coletiva na defesa de causas que historicamente foram alavancadas por esses povos, como sua territorialidade.

A continuidade dos programas prova que a necessidade de micropolítica persiste entre os povos indígenas brasileiros, mas igualmente mostra sua resiliência e sua determinação em resistir.

Após séculos de proibição e desprezo pelas línguas indígenas, o ato de sustentar uma língua é um ato político – quer se trate de povos indígenas dentro de suas redes de comunicação ou de apelos à sociedade brasileira para que se mostre solidária com a causa indígena; ou de pessoas não indígenas que tentam cumprimentar o público em uma língua indígena, antes de um discurso na universidade ou no rádio.

A rede Wakywai de comunicadores indígenas do CIR lançou no Dia Internacional dos Povos Indígenas, uma série de *web stories* sobre costumes dos povos de Roraima e assuntos relevantes da política indígena.

**Figura 2 – Comunicadores do CIR produzem *web stories***



Fonte: cir.org.br<sup>80</sup>, 2020.

80 Disponível em: [https://cir.org.br/site/2021/08/09/comunicadores-do-cir-produzem-web-stories-sobre-vida-nas-comunidades-e-movimento-indigena/?fbclid=IwAR3GrcRgf9M52vB-WrfUeHr4JR4-SCqDvhDPHAIS98Hwpf\\_v5cw1BD41BE60](https://cir.org.br/site/2021/08/09/comunicadores-do-cir-produzem-web-stories-sobre-vida-nas-comunidades-e-movimento-indigena/?fbclid=IwAR3GrcRgf9M52vB-WrfUeHr4JR4-SCqDvhDPHAIS98Hwpf_v5cw1BD41BE60). Acesso em: 8 maio 2022.

A produção ocorreu depois do último encontro de Comunicadores Indígenas da rede Wakywai realizado no Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol. Com pautas e roteiros construídos pelos(as) próprios(as) comunicadores(as) que são dos povos Macuxi, Wapichana e Sapará, os cinco *web stories* foram produzidos em equipes e têm como temas: “Pajuaru”, feito pelos comunicadores da região Amajari; “Marco Temporal”, região Serras; “Farinha”, região Tabaió; “Piscicultura Indígena”, região Surumu; e “Medicina Tradicional”, da região Raposa.

Assim, “os que compõem a rede Wakywai se dispõem a serem porta-vozes dos direitos e enunciadores de mudanças” (LIMA, FERNANDES e MORAIS, 2022, p. 113). Logo, a rede Wakywai de comunicadores indígenas promove uma micropolítica. Essas formas de resistir indicam possibilidades de transformação de práticas organizacionais em ação ética, estética e política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos desterritorializar as metodologias, não estamos desmerecendo o processo acadêmico de pesquisar cientificamente, mas reivindicamos novas possibilidades de descobrir, de conhecer, de pensar a investigação com as comunidades indígenas, conectando as práticas de produção de conhecimento científico com ativismo indígena.

Propõem-se rompimentos entre uma lógica “pesquisador-pesquisado”, sendo um deles ativo da ação pesquisar e um outro passivo na pesquisa, com uma relação entre sujeitos em posição de igualdade, pesquisador e seus colaboradores, todos atuantes no processo de constituição do objeto da pesquisa. Nesses casos, é a própria interação dos sujeitos e não condições sociais ou cotidianas de sujeitos marginalizados.

Observamos que a lógica colonialista “pesquisador-pesquisado” não torna o sujeito pesquisado passivo em suas relações sociais, mas sim passivo na produção da narrativa de suas experiências. É como se estes sujeitos não fossem letrados da possibilidade de se biografarem, de constituírem suas histórias em uma perspectiva acadêmica. A academia, por sua vez, reconhece suas ações, mas não reconhece suas reflexões autorais, ela apropria-se delas e torna a figura do “pesquisador” responsável pela narrativa do outro, inserido do lado de fora das práticas de construção de saber.

Desse modo, podemos perceber que a reflexão em torno das interações adquire seu sentido no processo da pesquisa quando pensadas juntamente ao polo da teoria, ganhando assim uma dimensão abstrato-concreta. Esta constatação demonstra uma urgência crescente em que o campo teórico se traduza e se materialize para fora das estéticas e estruturas da academia, para que esse campo teórico deixe de ser privilégio de uma elite intelectual e uma ferramenta de dominação a serviço de uma lógica colonial, e possa se efetivar por meio de micropolíticas críticas e problematizações das experiências.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infancia y historia**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2001.

BUTLER, J. **¿Qué es la crítica?** Un ensayo sobre la virtud de Foucault. *In*: Instituto Europeo para Políticas Culturales Progresivas, 2001. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0806/butler/es>. Acesso em: 8 maio 2022.

CASTRO ORELLANA, R. **Ética para un Rostro de Arena. Michel Foucault y el cuidado de la libertad**. Madrid: Universidad Complutense, 2004.

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA. [www.cir.org](http://www.cir.org)

CUSICANQUI, S. R. **Un mundo ch'ixi es posible**. Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

- CUSICANQUI, S. R. **Ch'ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escrita, 1998.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- FERRAZ, J. Desafios da comunicação nas Terras Indígenas do Rio Negro. *In*: Instituto Socioambiental, 2018. Disponível em: <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/desafios-da-comunicacao-nas-terras-indigenas-do-rio-negro> Acesso em: 20 maio 2022.
- FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política. Ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- FOUCAULT, M. ¿Qué es la crítica? [Crítica y *Aufklärung*]. **Daimon, Revista de Filosofía**, Universidad de Murcia, n. 11, 1995.
- FOUCAULT, M. **Vigilar y castigar: nacimiento de la prisión**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2012.
- FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *Theatrum Philosophicum*. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 230-254.
- FOUCAULT, M. Para uma moral do desconforto. *In*: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. Vol. VI: repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 279-284.
- FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. *In*: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LARROSA, J. Dar a palavra: notas para uma dialógica da transmissão. *In*: LARROSA, J.; SKLIAR, C. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

- LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & realidade**, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun, 2004.
- LIMA, A.; FERNANDES, M.; MORAIS, V.M.I. Um lugar de enunciação: a rede wakywai de comunicação indígena em Roraima e o garimpo ilegal no contexto de pandemia. *In*: MILHOMENS, L. **Comunicação, questão indígena e movimentos sociais**: reflexões necessárias. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2022.
- PROUST, M. **Em busca del tiempo perdido. El tiempo recobrado**. Madrid: Alianza, 1998.
- RIMBAUD, A. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- TUHIWAI SMITH, L. **A descolonizar las metodologias**: investigación y pueblos indígenas. Nova Zelândia: Txalaparta, 2017.

## SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

### Organizadoras

#### **Laura Wottrich**

Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFRGS). Coordena o Laboratório de Experiências Metodológicas na Comunicação (Leme/UFRGS) e integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Práticas Socioculturais (UFRGS) e Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção (PROCESSOCOM/Unisinos). É autora do livro *Publicidade em Xeque: práticas de contestação dos anúncios* (Sulina, 2019). Pesquisa a publicidade na interface com os estudos culturais e a área de metodologias da pesquisa na Comunicação.

*E-mail: lwottrich@gmail.com*

#### **Nísia Martins do Rosário**

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFRGS) e do Departamento de Comunicação da UFRGS. Bolsista PQ/CNPq, coordena o Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) e o Núcleo Corporalidades, vinculado ao GPESC. Participa do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção (PROCESSOCOM/UNISINOS); da Rede Amlat (Rede Temática Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina); da Red Iberoamericana de Investigación en Comunicación Y Feminismo para la Justicia Social (IBERFEMCOM). A ênfase de suas investigações é corporalidades, gênero, imagens, linguagens, semiótica da cultura e metodologias.

*E-mail: nisiamartins@gmail.com*

## Parte I

### **Dora Assumpção**

Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS).

*E-mail: dora.assumpcao@gmail.com*

### **Dulce Mazer**

Jornalista e doutora em Comunicação e Informação (UFRGS). Realizou pós-doutorado com pesquisa sobre fronteiras culturais nas cenas rap da capital gaúcha (PPGCOM/UFRGS/2018). É mestre em Comunicação (UEL/2013) e especialista em Marketing, Comunicação e Negócios (FECEA/2004). Atualmente é professora colaboradora no Centro Internacional de Idiomas da Universidade Estadual do Norte do Paraná (CII/UENP). Atua nos projetos de pesquisa do Unbral Fronteiras e do Laboratório de Experiências Metodológicas (LEME/UFRGS), bem como nos grupos GREFIT (Grupo de Pesquisa Espaço, Fronteira, Informação e Tecnologia), GEIST (Grupo de Estudos de Imagem, Sonoridades e Tecnologias) e no Ateliê de Sonoridades Urbanas (Depcom/UFES).

*E-mail: mazer.dulce@gmail.com*

### **Eloisa Beling Loose**

Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre e doutora em Comunicação pela UFRGS, e doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental.

*E-mail: eloisa.loose@gmail.com*

### **Everton Cardoso**

Jornalista e doutor em Comunicação e Informação (UFRGS). Atua como editor-chefe do Jornal da Universidade (Secom/UFRGS) e como professor no curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É crítico independente de ópera e espetáculos. Tem como principais interesses de investigação o jornalismo cultural, a história do jornalismo e a comunicação pública.

*E-mail: cardoso.everton@hotmail.com*



### **Isabelle do Pilar Mendes**

Estudante de Relações Públicas da Fabico/UFRGS. Integra o Laboratório de Experiências Metodológicas (LEME/UFRGS), além de integrar o Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica (GPESC), no qual desenvolve em equipe a pesquisa “Semiótica Crítica: A Comunicação como acontecimento”.

*E-mail: isa.pmendes2@gmail.com.*

### **Giovanna Parise**

Foi bolsista de iniciação científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no projeto de pesquisa “A análise metodológica no aprendizado e consolidação da prática de pesquisa no campo da comunicação” entre 2019 e 2021. Estudante de Jornalismo da Fabico/UFRGS e Letras do Centro Universitário Internacional (UNINTER).

*E-mail: gjparise.jornal@gmail.com.*

### **Maria Clara Sidou Monteiro**

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É publicitária, especialista em Teorias da Comunicação e Imagem e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará. É autora do livro *Crianças e consumo digital: a publicidade de experiência na era dos YouTubers* (Editora Appris, 2020) e coautora da obra *Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais* (EDUFBA, 2021). Pesquisadora dos grupos certificados pelo CNPq: ESC – Ética na Sociedade do Consumo (Universidade Federal Fluminense / UFF) e LabGrim – Laboratório de Estudos da Relação Infância, Juventude e Mídia (UFC). Pesquisa sobre experiência do usuário (UX), influenciadores, publicidade, infância e mídias sociais.

*E-mail: mclarasm@gmail.com*

### **Marcio Telles**

Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Doutor e mestre em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS, com estágio doutoral na Winchester School of Art, do Reino Unido. Recebeu Prêmio Compós de Melhor Dissertação em 2014, pelo trabalho “A Recriação dos Tempos Mortos do Futebol pela Televisão”. Foi vice-coordenador do GP Teorias da Comunicação da INTERCOM durante os anos de 2020 e 2021. É um dos fundadores do Palaestra - Sports Media Labs Network, rede internacional de observatório de mídia desportiva e sócio-fundador da consultoria científica e de comunicação Escola de Comunicação. Pesquisa as relações entre comunicação, tecnologia e sociedade, amparado pela Arqueologia das Mídias e as Materialidades da Comunicação.

*E-mail: marcio.telles@utp.br*

### **Pâmela Craveiro**

Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso e Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMT). Coordena o Laboratório de Estudos e Observação em Publicidade, Comunicação e Sociedade (UFMT/CNPq) e integra o Grupo de Pesquisa Ética na Sociedade de Consumo (ESC/UFF). É pesquisadora cofundadora da RECRIA - Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências. Pesquisa temáticas relacionadas a infâncias, adolescências, consumo e literacia publicitária.

*E-mail: pamela.craveiro@ufmt.br*

### **Paula Viegas**

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com bolsa Capes e período sanduíche na University of Toronto (UofT). É pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais (MIDIARS) e do Laboratório de Experiências Metodológicas (LEME). Interessa-se principalmente em temas como mídias digitais, metodologias, gênero e saúde.

*E-mail: paularviegas@gmail.com.*

### **Pedro Silva Marra**

Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordena o Grupo de Pesquisa Ateliê de Sonoridades Urbanas e é membro do grupo de pesquisa interinstitucional Geist – Grupo de Pesquisa em Imagem, Sonoridades e Tecnologias. É graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporâneas na mesma instituição e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Entre setembro de 2015 e fevereiro de 2016, realizou estágio de pesquisa na Universidade McGill, Montreal.

*E-mail: pedromarra@gmail.com*

### **Taiane Volcan**

Doutora e pós-doutoranda em Letras na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) e coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais (MIDIARS). Interessa-se principalmente por temas como discurso mediado por computador, análise de redes, política e humor na comunicação.

*E-mail: taianevolcan@gmail.com.*

### **Tatiana Vargas**

Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) e do Grupo de Investigadores em Comunicação, Ciência e Ambiente (GICCA) da Universidade do Minho, Portugal. Produtora Cultural, Relações Públicas, mestre em Cultura, Patrimônio e Ciência pela Universidade do Porto e doutora em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro e Minho.

*E-mail: tatianavargas.mail@gmail.com*

## **Parte II**

### **Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre**

Cientista na área de Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação. Professor Titular (Catedrático) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC-UNISINOS). Investigador/Consultor/Coordenador de Projetos (CAPES-CNPq-MECD-FAPESP-CIESPAL-SENESCYT-FAPERGS). Investigador Prometeo, Nível 1-SENESCYT-CIESPAL (2014-2015). Catedrático-Titular: Cátedra Armand Mattelart - CIESPAL (2016-2020). Membro do Colégio de Brasiliannistas - INTERCOM (2015-). Orientador de doutorado (PhD). Pós-Doutorado em Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona (2004-2005). Doutor em Ciências da Comunicação, USP (1999). Investigador de problemáticas epistemológicas, teóricas e metodológicas focadas na produção de conhecimento estratégico para a transformação da América Latina. Autor e organizador de obras de referência sobre investigação teórica e epistemológica em comunicação e em suas vertentes constitutivas. Fundamentador da vertente transmetodológica em ciências da comunicação. Coordenador e diretor de projetos de pesquisa empírica sobre a produção midiática em América Latina, Brasil e Europa.

*E-mail: efendymaldonado@gmail.com*

### **Erick Rolando Torrico Villanueva**

Boliviano, é doutor em Comunicação (Universidad Rey Juan Carlos, España), Mestrado em Sociedade da Informação e do Conhecimento (Universitat Oberta de Catalunya, Espanha), Mestrado em Ciências Sociais (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Bolívia) e licenciado em Ciências da Comunicação (Universidad Católica Boliviana, La Paz). Diretor acadêmico da área de Pós-Graduação em Comunicação e Jornalismo da Universidad Andina Simón Bolívar e docente no Curso de Ciências da Comunicação na Universidad Mayor de San Andrés, ambas em La Paz, Bolívia. Ex-presidente da Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação.

*E-mail: etorrico@uasb.edu.bo*

**Jiani Adriana Bonin**

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – UNISINOS – Universidade do Vale do Rio do Sinos. Realizou pós-doutorado junto ao Programa de Estudios en Comunicación y Ciudadanía, na Universidade Nacional de Córdoba; doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Foi professora visitante na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB – Espanha). É coordenadora do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM, pesquisadora membro da Rede AMLAT (Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina).

*E-mail: jianiab@gmail.com*

**José Luiz Braga**

Professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 2021, professor emérito da Unisinos. Foi pesquisador PQ 1A do CNPq até 2021. Doutor pela Université de Paris II, Institut Français de Presse. Mestre em Educação pela Florida State University (1972). Foi professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Universidade de Brasília (UnB). Presidente da Compós na gestão 1993-95. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (2002-2004). Áreas de interesse: métodos de pesquisa em comunicação; crítica midiática; midiaticização e processos sociais; e epistemologia da comunicação.

*E-mail: bragawarren@gmail.com*

**Lisiane Aguiar**

Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordena o Projeto de Cooperação Científica Internacional na Amazônia: Fronteiras, Territorialidades e Diversidades Socioambientais do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação do Amazônia Legal. Participa do Projeto Comunicadores Indígenas e Territorialidade Amazônica: o protagonismo na criação de conteúdos para as mídias digitais em Roraima. Coordena os projetos de extensão Somos Migrantes, Estórias Migrantes na UFRR e o Projeto do Edital Universal do CNPq: “Sofrimento psíquico, estratégias de produção de saúde e invenção do bem viver por mulheres imigrantes em tempos pandêmicos”. Membro do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção (PROCESSOCOM) da Unisinos, do grupo Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe (AMAZOOM) da UFRR e da Rede Temática de Cooperação, Comunicação, Cidadania, Educação e Integração da América Latina (Rede AmLat).

*E-mail: lisiaguiar@gmail.com*

### **Luís Mauro Sá Martino**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, foi pesquisador-bolsista na Universidade de East Anglia (Inglaterra). É autor, entre outros, dos livros *Métodos de Pesquisa em Comunicação* (Vozes, 2018), *Teoria da Comunicação* (Vozes, 2009) e *Ética, Mídia e Comunicação* (Summus, 2018), em coautoria com Angela C. S. Marques, além de artigos em periódicos acadêmicos do Brasil e do exterior.

*E-mail: lmsamartino@gmail.com*

### **Marialva Barbosa**

Professora titular da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do CNPq, doutora e mestre em História. Professora visitante na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, pelo projeto CAPES-PRINT. Estuda as correlações história e comunicação há algumas décadas, tendo publicado livros e artigos no Brasil e no exterior sobre o tema.

*E-mail: marialva153@gmail.com*

### **Nilda Jacks**

Professora titular da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma Universidade. Professora visitante no Doutorado em Comunicação da Universidad Católica del Uruguay e do Mestrado em Comunicação e Gênero da Universidad Andina Simon Bolívar – sede Equador. Bolsista PQ1 do CNPq.

*E-mail: jacksnilda@gmail.com*

### **Raúl Fuentes Navarro**

Mexicano, Doutor em Ciências Sociais (Universidad de Guadalajara). Professor Emérito do ITESO – Universidad Jesuíta de Guadalajara e Professor Investigador Titular do Departamento de Estudos da Comunicação Social da Universidad de Guadalajara. Membro regular da Academia Mexicana de Ciências. Investigador Nacional Emérito da Área de Ciências Sociais: Sistema Nacional de Investigadores do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Doutor Honoris Causa pela Universidad Autónoma de Baja California. Vice-presidente da Associação Iberoamericana de Investigadores da Comunicação.

*E-mail: raul@iteso.mx*

**Vera Veiga França**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora do GRIS-UFMG (Grupo de pesquisa em Imagem e Sociabilidade). Tem formação em Comunicação Social, doutorado e pós-doutorado em Ciências Sociais pela Université Paris 5 e École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, respectivamente. Publicou livros e artigos sobre Teorias da Comunicação, Metodologia de Pesquisa em Comunicação, análise de produtos midiáticos, acontecimentos e celebridades.

*E-mail: veravfranca@yahoo.com.br*

## Índice Remissivo

### A

AC 104, 105, 106, 107, 109, 112, 113,  
119, 120, 121  
Análise de Conteúdo 69, 70, 103, 104, 106,  
107, 108, 109, 111, 114, 115, 120

### B

bibliográfica 70, 112, 135, 137, 145, 146,  
147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154,  
155, 156, 173

### C

ciências sociais 89, 100, 124, 132, 167,  
173, 174, 181, 254, 309, 337  
Comunicação 12, 25, 26, 27, 28, 29, 30,  
31, 32, 36, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 49, 50,  
51, 53, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70,  
71, 72, 73, 74, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 86,  
90, 91, 92, 96, 98, 100, 101, 103, 104,  
105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 120,  
121, 126, 127, 130, 131, 133, 135, 137,  
139, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152,  
154, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165,  
167, 168, 170, 171, 172, 174, 176, 178,  
179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187,  
188, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 199,  
201, 202, 203, 206, 208, 209, 213, 214,  
215, 219, 224, 228, 231, 232, 241, 242,  
247, 250, 251, 252, 254, 257, 262, 263,  
264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 276,  
283, 297, 307, 316, 326, 328, 330, 331,  
332, 334, 335, 339, 344, 355, 372, 373,  
379, 389, 390, 391, 392, 393, 394,  
395, 396, 397  
conhecimento 25, 26, 29, 30, 31, 36, 37,  
38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 53,  
55, 56, 57, 63, 65, 67, 87, 89, 94, 99, 105,  
110, 119, 120, 124, 125, 131, 138, 139,  
141, 152, 154, 163, 168, 178, 180, 185,

186, 188, 190, 191, 192, 195, 196, 197,  
199, 201, 202, 208, 212, 214, 217, 220,  
221, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233,  
236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244,  
245, 246, 247, 248, 252, 255, 256, 257,  
260, 262, 264, 267, 272, 273, 274, 275,  
277, 282, 285, 286, 289, 291, 293, 294,  
296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304,  
305, 311, 312, 313, 314, 320, 322, 323,  
324, 328, 329, 336, 337, 373, 374, 377,  
378, 381, 383, 386, 394  
critério 145, 169, 235, 238, 243, 321

### D

diálogo 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 38, 40,  
42, 48, 49, 59, 61, 68, 70, 71, 72, 94, 120,  
167, 191, 192, 193, 197, 220, 253, 260,  
261, 262, 265, 300, 301, 302, 311, 314,  
336, 369, 370, 375

### E

empírico 56, 58, 61, 66, 111, 119, 120,  
175, 178, 192, 212, 214, 218, 237, 257,  
261, 264, 279, 300, 331, 359, 360  
entrevista 70, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82,  
83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95,  
96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 112, 135,  
137, 139, 172, 173, 269  
epistemológica 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61,  
67, 68, 89, 132, 175, 178, 196, 200, 236,  
291, 292, 294, 296, 301, 302, 304, 305,  
313, 314, 315, 317, 321, 323, 351, 352,  
358, 361, 366, 394  
epistemológico 25, 31, 35, 36, 50, 55, 62,  
83, 179, 222, 234, 252, 262, 286, 291,  
293, 307, 321, 325, 343, 344, 355, 369  
estudantes 27, 32, 36, 154, 186, 190, 191,  
201, 202, 294, 303, 372, 373  
etimologia 25, 31

## H

histórico 25, 29, 35, 37, 41, 55, 113, 162, 163, 166, 178, 186, 187, 198, 200, 207, 222, 239, 245, 276, 322, 329, 338, 351, 368, 373, 382

## M

metapesquisa 19, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 37, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 52, 53, 57, 59, 140, 312, 328, 332, 334, 336, 337, 355  
 método 20, 29, 35, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 89, 91, 93, 94, 98, 99, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 120, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 156, 171, 172, 177, 179, 180, 183, 185, 198, 199, 202, 205, 209, 218, 219, 223, 224, 225, 243, 246, 250, 251, 252, 253, 259, 263, 268, 269, 291, 337, 349, 361, 362, 368  
 metodologia 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 57, 58, 60, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 74, 97, 98, 104, 106, 121, 125, 126, 128, 130, 136, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 174, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 209, 214, 217, 219, 221, 227, 228, 229, 233, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 251, 252, 253, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 282, 283, 285, 286, 289, 292, 293, 312, 313, 314, 316, 321, 372, 373  
 Metodologias 31, 49, 51, 324, 325, 373  
 metodológica 25, 26, 27, 29, 30, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 76, 79, 80, 85, 89, 94, 105, 106, 109, 120, 129, 146, 149, 155, 162, 166, 177, 181,

185, 186, 187, 188, 191, 192, 193, 197, 200, 201, 202, 206, 207, 208, 215, 218, 223, 226, 237, 238, 239, 240, 243, 245, 247, 252, 257, 261, 266, 270, 279, 280, 287, 291, 292, 293, 299, 302, 304, 305, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 320, 321, 322, 325, 350, 353, 372, 373, 374, 375, 376, 392

metodológicas 21, 23, 24, 27, 32, 36, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 55, 57, 58, 59, 60, 63, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 80, 81, 101, 103, 104, 107, 124, 125, 126, 131, 139, 140, 158, 177, 178, 179, 182, 186, 187, 188, 189, 197, 209, 217, 227, 229, 233, 238, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 267, 285, 286, 292, 294, 296, 301, 302, 303, 305, 308, 316, 317, 321, 324, 325, 345, 349, 374, 376, 383, 394

## O

objetivação 25, 41, 57, 189, 197, 200  
 objetivos 36, 46, 55, 56, 60, 61, 62, 63, 74, 83, 84, 89, 93, 94, 104, 106, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 125, 141, 143, 154, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 183, 191, 216, 227, 230, 232, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 247, 248, 249, 267, 272, 280, 292, 295, 297, 299, 317, 318, 319, 321, 323, 331, 364

## P

Pesquisa em Comunicação 26, 38, 90, 263, 393, 396, 397  
 prática 26, 28, 29, 32, 36, 37, 42, 49, 55, 72, 74, 76, 83, 91, 98, 100, 101, 102, 106, 138, 166, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 200, 201, 202, 203, 223, 230, 238, 244, 245, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 262, 263, 264, 282, 308, 313, 322, 325, 376, 392  
 projeto 26, 27, 28, 37, 38, 47, 49, 54, 56, 57, 59, 72, 76, 77, 78, 89, 104, 111, 113,



117, 151, 154, 175, 185, 186, 188, 190,  
191, 192, 193, 195, 196, 200, 219, 253,  
260, 266, 268, 271, 281, 291, 292, 301,  
302, 324, 330, 334, 373, 375, 378, 392, 396

## Q

questões 28, 29, 30, 39, 40, 50, 58, 73,  
89, 97, 101, 104, 106, 120, 131, 139, 141,  
167, 170, 174, 175, 177, 178, 182, 188,  
189, 190, 193, 194, 200, 212, 214, 215,  
216, 221, 227, 228, 231, 232, 233, 234,  
238, 239, 240, 241, 244, 247, 252, 254,  
258, 259, 262, 266, 271, 273, 274, 275,  
279, 280, 281, 282, 335, 373

## S

social 12, 25, 31, 35, 40, 50, 55, 80, 81,  
85, 86, 87, 89, 93, 100, 120, 131, 135,  
142, 143, 147, 156, 161, 164, 165, 166,  
167, 168, 169, 173, 181, 182, 183, 185,  
186, 198, 200, 201, 222, 225, 232, 234,

242, 244, 250, 258, 274, 290, 294, 297,  
298, 306, 311, 316, 322, 323, 324, 332,  
333, 334, 337, 339, 343, 344, 345, 346,  
348, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 364,  
366, 368, 383

subjativação 25, 376, 377

## T

tensionamentos 35, 65, 145, 228, 235,  
237, 244, 252

teoria 29, 37, 45, 56, 61, 63, 81, 89, 91,  
100, 119, 121, 136, 138, 143, 153, 163,  
166, 177, 185, 186, 188, 190, 198, 220,  
221, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233,  
234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241,  
242, 243, 247, 249, 250, 251, 252, 253,  
254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262,  
263, 264, 266, 280, 282, 301, 375, 376, 387

[www.PIMENTACULTURAL.com](http://www.PIMENTACULTURAL.com)

# EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO

